



**CONFERÊNCIA BRASILEIRA
DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA**

Rio de Janeiro, 12 a 17 de setembro de 1976

ANAIS

v. 2

3)

ABDF



A CDU E O
CENTENÁRIO
DE DEWEY

025.4(81)(042.3)

C 748
v. 2
ser. 2

BIBLIOTECA
DO
I. B. I. C. T.

ANAIS DA
CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA
Rio de Janeiro, 12 a 17 de setembro de 1976

Comemorativa do Centenário da Primeira Edição de
Classificação Decimal de Dewey

Promovida pela Associação Profissional dos Bibliotecários
do Rio de Janeiro e Comissão Brasileira de Classificação
Decimal Universal (IBICT/CDU)

VOLUME 2

EMPÉSTIMO PROIBIDO

RIO DE JANEIRO

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal

1 9 7 9

ISBN 85-7013-002-3 IBICT

ISBN

ABDF

Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica,
Rio de Janeiro, 1976.

Anais da Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, Rio de Janeiro, 12 a 17 de setembro de 1976, comemorativa do centenário da primeira edição da Classificação Decimal de Dewey. Rio de Janeiro: IBICT; Brasília: ABDF, 1979.

2 v.

"Promovido pela Associação Profissional dos Bibliotecários do Rio de Janeiro e Comissão Brasileira de Classificação Decimal Universal (IBICT/CDU)"

ISBN 85-7013-002-3 IBICT

ISBN

ABDF

1. Classificação bibliográfica - Congressos. I. Associação Profissional dos Bibliotecários do Rio de Janeiro. II. IBICT. Comissão Brasileira de Classificação Decimal Universal.

CDD 025.406381

CDU 025.4:061.3(81).055.5

Presidente de Honra

**Dr. José Adolfo Vencovsky, ex-Diretor do Instituto Brasileiro de
Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)**

Coordenadores

**Pe. Astério Tavares Campos, SDB, Presidente da Comissão Brasilei
ra de Classificação Decimal Universal (IBICT/CDU)**

**Prof. Antonio Caetano Dias, Presidente da Associação Profissio-
nal dos Bibliotecários do Rio de Janeiro.**

Comissão Organizadora

Maria Beatriz Pontes de Carvalho, Presidente

Regina Maria Soares de Oliveira, Secretária Executiva

Lêa Tânia Albuquerque de Aquino, Tesoureira

Homenagens Especiais

- Benedicto Silva, Diretor do Instituto de Documentação da Fundação Getúlio Vargas
- Hagar Espanha Gomes, Superintendência de Planejamento do CNPq
- Irene de Menezes Dória, Membro da Comissão Brasileira da Classificação Decimal Universal (IBICT/CDU)
- Lydia de Queiroz Sambaquy, Membro Honorário da FID, Assessora de Biblioteconomia e Documentação da Presidência da Fundação Getúlio Vargas
- Noemia Lentino, Vice-Presidente da Comissão Brasileira da Classificação Decimal Universal (IBICT/CDU)
- Maria Luisa Monteiro da Cunha, Diretora da Divisão de Biblioteca e Documentação da USP
- Edson Nery da Fonseca, Diretor da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados da Universidade de Brasília.

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
BIBLIOTECA

Proc. 263/70
Livr. ABDF
C Preço Cr\$ 310,00
N.º registro 511/81 - 8/6/81

ISN=11.392

PHL 039647

Homenagens Póstumas

- Abner Lellis Correa Vicentini
Alice Príncipe Barbosa
Lia Manhães de Andrade Frota

S U M Á R I O

VOLUME 1

Apresentação	1-2
PAINEL 1: SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO	
Panorama de sistemas de classificação, <i>Cordélia R. Cavalcanti</i>	3-9
Evolucion de la internacionalizacion del Sistema Decimal de Clasificacion de Dewey, <i>Richard B. Sealock e Donald J. Lehnus</i>	10-19
A classificação da Library of Congress, <i>João Laurentino de Sousa</i>	20-35
Dewey 1876-1976: da 1ª. à 18ª. Edição, <i>Noêmia Lentino</i> ...	36-114
Apogeu e declínio das classificações bibliográficas, <i>Edson Nery da Fonseca</i>	115-123
As novas tarefas históricas da documentação, <i>Gentil Noronha</i>	124-167
Melvil Dewey: sua vida, sua obra, <i>Zenóbia Pereira da Silva de Moraes Bastos</i>	168-189F
PAINEL 2: HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA	
Considerações históricas acerca do valor das classificações bibliográficas, <i>Heloisa Benetti Schreiner</i>	190-207
Teoria da Classificação Decimal Universal, <i>Evangelina de Azevedo Veiga</i>	208-232
Classificação facetada: histórica e filosofia, <i>Malvina Vianna Rosa</i>	233-240
A classificação bibliográfica como instrumento de recuperação da informação, <i>Cordélia R. Cavalcanti</i>	241-253
Classificação - Um processo fundamental da natureza humana, <i>Rosali P. Fernandez</i>	254-268
Estudo comparativo das edições da Classificação Decimal de Dewey, <i>Marília Júnia de Almeida Gardini</i>	269-286
Das dificuldades encontradas na aplicação da CDU no Direito Penal Brasileiro, <i>Marieta Pestana Novack</i>	287-294

PAINEL 3: LINGUAGENS DE INDEXAÇÃO

Aspectos linguísticos de linguagem de indexação, <i>Ulf G. Baranow</i>	295-310
Classificação versus Thesaurus: um exemplo prático de aplicação na área agrícola, <i>Jaime Robredo e Yone S. Chastinet</i>	311-322
Futuro das linguagens de indexação, <i>Ingetraut Dahlberg</i> ..	323-334
Normas de extencion geografica de acuerdo a recientes principios y reglas generales de CDU, <i>Angel Fernandes e José Maria Martinez</i>	335-351
Teoria da Classificação, ontem e hoje, <i>Ingetraut Dahlberg</i>	352-370
Importância de uma terminologia padronizada e específica na área médica, <i>Ireda Conceição dos Santos Silva, Laura de Lira e Oliveira, Nitsea Gisela Barrantes Serrano</i>	371-381
Elaboração de um "thesaurus" experimental para o setor siderúrgico, <i>Gilda, Massari Coelho, Claudia Maria Luz Machado, Elizabete Kasan Schmidt</i>	382-393
Tentativa de estabelecimento de sistema para classificação de assuntos metroviários, <i>Alice Camargo Guarnieri</i> ...	394-407

PAINEL 4: ENSINO DA CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

- Situação atual do ensino da classificação - levantamento dos programas ora em desenvolvimento no Brasil, *Anna Helena Goulart A. Botelho Mesquita*..... ✓ 408-412
- Programas de ensino de classificação: teoria e filosofia, *Maria Lectícia de Andrade Lima e Milton Ferreira de Melo* ✓ 413-420
- Programa de ensino de classificação: filosofia e teoria, *Maria de Lourdes Tavares*..... ✓ 421-424
- A necessidade de se conhecer o assunto para classificar corretamente - especialização, *Jeannette Marguerite Kremer*..... ✓ 425-429
- Como ensinar: abordagem de programa, *Marysia Malheiros Fiuza*..... ✓ 430-436
- As premissas subjacentes aos sistemas de informação, *Victor Rosenberg*..... ✓ 437-444
- Metodologia e didática da Classificação Decimal de Dewey, *Rosina Alice A.P. Pazin*..... ✓ 445-469
- A classificação e a formação cultural do estudante de Biblioteconomia, *Maria Christina Girão Pirolla*..... ✓ 470-478
- A classificação da Administração Pública Brasileira, *Lêa Almeida Chaves*..... ✓ 479-482

PAINEL 5: AUTOMAÇÃO: PESQUISA, AVALIAÇÃO ATUALIZAÇÃO

Aplicação da Classificação Decimal Universal numa rede documentária, <i>Angela Maria Crespo Queiroz Neves</i>	✓ 483-505
Produção automática de índices a partir de tabelas: o caso da Classificação Decimal Universal, <i>Yukio Nakamura</i> ...	✓ 506-521
A Classificação Decimal Universal e o computador, <i>Lourdes de Mesquita Siqueira, Oscar Akio Nawa, Lucinda de Almeida, Maria Cristina Silveira da Mota, Maria do Carmo Nogueira, Marie Hirota, Rute Giacomo, Walquiria Regina Bertti</i>	✓ 522-534
Notas para processamento técnico automatizado em bibliotecas, <i>Deisi Loureiro Giacometti</i>	✓ 535-557
A classificação bibliográfica e o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, <i>Lourdes de Mesquita Siqueira</i>	✓ 558-588
Codificação dos cursos d'água brasileiros, <i>Maria do Carmo de Almeida, Silvana Lúcia R.S. de Matos, Cynthia Ines de Gentil Cabral</i>	✓ 589-663
COMUNICAÇÃO	
A atuação do Brasil no Sistema Internacional de Dados sobre Publicações Seriadas (ISDS) do UNISIST, <i>Philippe Daminian</i>	✓ 664-668
A linguagem de indexação do Sistema de Informações de Transportes, <i>Waldyr Camillo de Mattos</i>	669-671
Desarrollo del 312 del Dewey para demografia, <i>Mónica Ferrer J.</i>	✓ 672-681
Encabezamientos de materiais para una biblioteca de población, <i>Mónica Ferrer J.</i>	✓ 682-699
Lista de Participantes.....	700-745

A P R E S E N T A Ç Ã O

É bem possível que nenhum setor da biblioteconomia moderna tenha, até hoje, suscitado tantos problemas e tantas discussões quanto a Classificação Bibliográfica. Este fato é, em si, compreensível. É de tal relevo a função atribuída à Classificação no processo de recuperação da informação que nenhum esforço por aprimorá-la pode parecer superfluo. E as tentativas por fazer da Classificação Bibliográfica (ou das Classificações Bibliográficas) instrumento válido e eficaz têm sido numerosas e constantes. O que, porém, não parece muito fácil de entender é que, em meio a todo esse trabalho, não se tenha podido chegar a um acordo mínimo em relação a alguns problemas realmente básicos. Por exemplo, será utópico pensar num sistema de classificação universal, realmente aceitável, que funcione como linguagem internacional, ou deveremos conformar-nos com os dialetos hermeticamente fechados das classificações especiais e dos tesouros? Por outro lado, será o processo classificatório algo de imprescindível para a recuperação da informação em nível realmente satisfatório, ou poderá ser substituído por métodos alfabéticos mais simples? As opiniões variam ao extremo, desde a rejeição intransigente e mesmo radical de qualquer estrutura classificatória até o sonho (por enquanto ainda quimérico?) de um novo sistema universal altamente estruturado. O que é verdadeiramente lamentável é que não se tenha podido obter consentimento em questões realmente fundamentais. Se, como observa Grolier (1), o homem é, por essência, um animal classificador, parece conter não pequeno grau de violência aos fatos, certa recusa às estruturas básicas do pensamento mesmo quando elas subrepticamente reaparecem, como no caso das classificações "camufladas" que são os tesouros, cuja proliferação desordenada e anárquica parece triste sinal dos tempos. O multiplicar-se incontido desses dialetos da informação, agora favorecida pela miragem do computador, traz-nos a amarga certeza de que o que duas guerras mundiais não conseguiram realizar, está sorrateiramente sendo obtido pela atomização desvairada das linguagens de indexação, cujas consequências não podem deixar de ser a formação de monopólios ou de tecnocracias da documentação.

Esta problemática não poderia deixar de repercutir na biblioteconomia brasileira. De fato, os problemas mencionados tiveram e continuam a ter entre nós repercussão não muito boa. No momento em que o desenvolvimento do país está a exigir rigorosa e séria análise das questões fundamentais da comunicação da informação, assiste-se ao espetáculo lamentável dos sistemas de documentação herméticos que se multiplicam ao sabor das fantasias ou sob a pressão da compra de máquinas custosíssimas cuja eficiência, em muitos casos, é pelo menos duvidosa.

1 - GROLIER, E. de - Classification one hundred years after Dewey. Unesco Bulletin for Libraries 30 (6):320-29, nov./dez. 1976.

Pareceu, conseqüentemente, de extrema lucidez a iniciativa de convocar a Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, que se realizou de 12 a 17 de setembro do ano passado, no Rio de Janeiro, em comemoração do Centenário da Primeira Edição da Classificação Decimal de Dewey.

O resultado dessa iniciativa são os presentes Anais, cujo conteúdo reflete, em parte, os problemas mencionados. Poderá o leitor verificar facilmente que as questões examinadas vão desde problemas básicos da Classificação (Painel História e Filosofia da Classificação Bibliográfica) e função das linguagens de indexação (Painel Linguagens de Indexação) até questões relacionadas com o ensino da Classificação (Painel Ensino da Classificação Bibliográfica) e com a automação de informação (Painel Automação: Pesquisa, Avaliação e Atualização), além de palestras elucidativas da grande problemática da Classificação como instrumento de informação científica.

Além dos 620 participantes brasileiros, a Conferência contou com a contribuição de alguns especialistas estrangeiros de grande valor: Dr. Ingetraut Dahlberg, da Alemanha; Prof. Angel Fernandes, da Argentina; Prof. Victor Rosenberg, dos Estados Unidos; Prof. Y. Nakamura, do Japão; Prof. Donald Lehnus, de Porto Rico.

Pe. Astério Tavares Campos
Presidente
Comissão IBICT/CDU

SITUAÇÃO ATUAL DO ENSINO DA CLASSIFICAÇÃO - LEVANTAMENTO
DOS PROGRAMAS ORA EM DESENVOLVIMENTO NO BRASIL

Anna Helena Goulart A. Botelho Mesquita

Professora
Escola de Biblioteconomia da
Universidade Federal de Minas Gerais

1. APRESENTAÇÃO

Para as discussões deste painel, achamos que seria interessante sabermos, em primeiro lugar, a situação real do ensino da classificação nos nossos cursos.

Solicitamos, assim, a todas as escolas e cursos de biblioteconomia, dados sobre o número de disciplinas de classificação, seu conteúdo, número de créditos e carga horária.

Conseguimos reunir dados de 21 cursos, embora alguns incompletos, deixando de ser incluídos três, por não termos conseguido as informações pertinentes.*

Consideramos, no entanto, a amostra bastante representativa, pois nos permite uma visão global do ensino da classificação nos currículos de biblioteconomia, embora a diversidade de nomenclatura dos programas e ementas tenha interferido na interpretação integral do seu conteúdo.

Poderemos sentir melhor os problemas do ensino da classificação através da comparação dos diferentes dados apresentados a seguir.

* Fundação Universidade do Amazonas - Universidade Federal do Espírito Santo (o curso ainda não está estruturado) e Fundação Universidade do Maranhão.

2. A CLASSIFICAÇÃO NOS CURRÍCULOS

Existe uma significativa diferença entre as disciplinas que tratam da classificação nos diversos cursos, seja na seriação, terminologia, número de créditos ou na carga horária (fig.1).

A média do número de disciplinas por curso é 3, sendo a carga horária média de 229 h e 14,5 a média dos créditos.

Isso nos dá uma idéia aproximada das divergências entre os cursos, ora enfatizando ou não o ensino da classificação.

A comparação dos dados de carga horária e número de créditos correspondente, evidenciam também as diferenças na distribuição das aulas em teóricas e práticas.

Notamos que 2 cursos (Mococa e Campinas) ainda não adotaram a seriação por semestres, sendo as disciplinas anuais.

Para melhor visualizarmos a situação, apresentamos os dados de carga horária (em ordem decrescente) número de créditos e seriação dos 21 cursos num gráfico (fig.2).

3. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Fizemos um levantamento dos tópicos das disciplinas de classificação e, para melhor verificação da frequência de citação, agrupamos as matérias numa ordem que nos pareceu lógica, reunindo no final os itens que somente aparecem em 1, 2 ou 3 programas (fig.3).

Assim, sob "introdução à classificação", procuramos registrar conceito, finalidades, história, tendências da classificação, etc. Tentamos reunir, também, todos os tópicos que tratam da "teoria da classificação" e num grupo maior colocamos os itens que se referem aos sistemas de classificação bibliográfica, anotando sob o item "estrutura de sistemas" as entradas relativas à construção de sistemas, características, requisitos, etc. Entre os tópicos de menor frequência de citação encontramos alguns que, forçosamente, deveriam fazer parte de todos os programas de classificação (análise de assunto, por exemplo) e que provavelmente não apareceram discriminados nos dados que recebemos.

Observamos que, na maioria dos programas, não há uma nítida separação entre "introdução" e "teoria da classificação", que muitas vezes se misturam. Entre os sistemas, existe uma constância no ensino da CDD e CDU, recaindo também aí grande parte do peso da carga ho

rária na maioria dos cursos. Dos outros sistemas os mais citados são a L. C., a Colon e os sistemas especializados (N.L.M. em particular). Embora somente alguns cursos cite nominalmente os outros sistemas: Cutter, Brown e Bliss, colocamos estes tópicos, separadamente, para melhor podermos observar a frequência de abordagem dos mesmos. Alguns programas incluem o item "outros sistemas", que deve ser um estudo preliminar dos últimos sistemas mencionados.

Procuramos especificar todas as matérias incluídas nos programas, conservando a terminologia própria, para dar uma visão bem detalhada de todos os assuntos estudados atualmente, nas disciplinas de classificação.

4. COMENTÁRIOS

Do presente estudo podemos verificar que:

a) A diversidade da apresentação das disciplinas de classificação, principalmente no seu conteúdo programático, cria sérios problemas para uma análise mais detalhada.

b) A colocação da matéria nos diversos cursos é bastante desproporcional, variando de 15,3% a 5,9% se tomarmos por base as 2.025 horas aula do currículo mínimo de biblioteconomia.

c) Pelos programas verificamos que somente dois cursos (UFMG e FEFIERJ) adotam o ensino totalmente integrado de classificação e catalogação.

d) Os cursos de Pernambuco e Bahia incluem uma divisão especial para o estudo da classificação dos materiais especiais.

e) Os programas que estudam as classificações de Cutter, Brown e Bliss têm como objetivo a comparação de sistemas? Ou só erudição? Será válido ensinarmos classificações de pouco uso ou desatualizadas?

Não pretendemos apresentar conclusões, mas somente salientar o que nos chamou mais atenção durante esse estudo comparativo e assim levantarmos alguns pontos para discussão.

APÊNDICE

Durante a Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica recebemos algumas informações adicionais, de cursos que, por motivos vários, não nos enviaram os dados solicitados no tempo devido, e algumas retificações que julgamos conveniente anotarmos aqui para complementação do trabalho.

Não incluímos as informações no texto porque tínhamos que re fazer os quadros e o gráfico e verificamos que os dados adicionais não influiriam nas conclusões.

São os seguintes:

Universidade Federal do Espírito Santo

Curso de Biblioteconomia

Disciplinas: Classificação I e II

Carga horária: 120 horas

Nº de créditos: 8

ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA DE SÃO CARLOS

1º período	-	4	aulas p/semana	-	Introdução à classificação
2º	"	-	"	"	- C. D. U.
3º	"	-	"	"	- C. D. D.
4º	"	-	"	"	- C. D. D.
5º	"	-	2	"	- Bliss, Cutter, Brown, L. C. National Library of Medicine, Black, Colon
6º	"	-	2	"	- Teoria da Classificação

PROGRAMAS DE ENSINO DE CLASSIFICAÇÃO:
TEORIA E FILOSOFIA

Maria Lectícia de Andrade Lima

e

Milton Ferreira de Mello

Professores

Departamento de Biblioteconomia da
Universidade Federal de Pernambuco

1. CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: PRESSUPOSTOS FILOSÓFICO-CIENTÍFICOS

Todo trabalho de natureza intelectual deve-se basear numa auto-reflexão, sendo, em princípio, um trabalho filosófico. Essa auto-reflexão, quer se dirija a aspectos teóricos ou aspectos práticos, usa processos fenomenológicos ou psicológicos.

Exigindo o ato de classificar aplicações específicas do ato de conhecer, bibliotecários documentalistas podem dizer que os processos mentais envolvidos nessa atividade são cognitivos e caminham na direção de uma nova verdade. A formação de classes, a codificação, a elaboração de teorias levam ao estudo de coisas já sabidas ao campo das idéias novas ou, pelo menos, à reorganização de idéias antigas.

Como, apesar do extraordinário progresso científico, existem e sempre existirão "coisas não sabidas", é sempre possível dar um passo à frente, no campo do conhecimento e a classificação bibliográfica, para alcançar seus objetivos, deve, não só dar esse passo, mas muitas vezes antecipá-lo, facilitando o trabalho dos cientistas.

Broadfield, citado por Foskett, considera a classificação "como uma demonstração de nossa capacidade de erguer uma ponta do véu de segredo que encobre a "ordem da natureza".¹ Essa capacidade é tornada possível não apenas pelo uso freqüente da teoria das ciências ou

pelo recurso às concepções metafísicas, mas por se basear o trabalho classificatório nas funções mais elevadas do espírito: as do pensamento humano.

Reflexão e conhecimento são "experiências humanas" e toda experiência é algo real. Anísio Teixeira define a experiência como "relação que se processa entre dois elementos do cosmos, alterando-lhes até certo ponto a realidade".⁷

1.1. *Teoria do conhecimento e classificação*

O conhecimento é um fenômeno de consciência peculiar, em que a exata observação e descrição do objeto devem preceder qualquer explicação e interpretação. É axioma conhecido em classificação que "classificar é conhecer".

O conhecimento apresenta três elementos: o "sujeito", ligado à esferapsicológica, a "imagem", relacionada com a lógica e o "objeto", que se situa no campo ontológico.

A imagem do objeto que, na linguagem biblioteconômica, pode ser comparada à sua classificação, isto é, sua colocação numa determinada estrutura, criada para representar ontologicamente todos os objetos a classificar, não engloba todos os fatores do conhecimento, embora só existindo realmente em função desses fatores. Como nem o sujeito, nem o objeto, nem sua imagem resolvem isolados o problema epistemológico, pois não se alcança a verdade através unicamente de recursos psicológicos, lógicos ou ontológicos, também na classificação bibliográfica não têm sentido as idéias do classificador, a técnica utilizada ou o objeto a classificar, a não ser em conjunto, em seu relacionamento.

As idéias básicas do conhecimento devem, assim, preceder o estudo da classificação bibliográfica, quer como parte introdutória, quer como estudo em conjunto, associado a outra disciplina de caráter filosófico.

2. ASPECTOS TEÓRICOS DO ENSINO DA CLASSIFICAÇÃO

A classificação bibliográfica apresenta muitas complexidades. Como operação sobretudo intelectual, reflete o clima predominante na época em que cada esquema foi criado, embora tenha que encarar também os problemas práticos da organização de bibliotecas, assim como lida com signos convencionais, entrando no campo dos símbolos.

A ênfase dada aos fatores intelectuais predominou por muito tempo. Os sistemas de fins do século passado foram claramente baseados na evolução e na ordem da natureza, fazendo-se sentir, visivelmente, nessa abordagem, o consenso de cientistas e educadores.

Houve, é verdade, algumas fugas à predominância dos esquemas teóricos, como as idéias da garantia literária, que chamaram a atenção para a discrepância entre a produção bibliográfica e o conteúdo das tabelas de classificação, resultando na organização de sistemas utilitários.

Mills, com sua autoridade indiscutível no campo da classificação, acha desnecessárias as distinções entre classificação de conhecimentos e classificação bibliográfica. Chega a afirmar que "conhecimento é, virtualmente, sinônimo de conhecimento em literatura".⁴

Acompanhando essa idéia, é necessário adaptar as classificações bibliográficas às classificações de conhecimentos vigentes nos domínios científicos.

E o ensino da classificação deve não só acompanhar essas tendências como antecipá-las.

2.1. A "verdade" em classificação

É importante, na preparação sistemática dos estudantes para a classificação bibliográfica, conseguir que fiquem de fato convencidos de que "conhecimento falso" não é conhecimento, porém erro e ilusão, pois a verdade consiste na "concordância do conteúdo do pensamento com o objeto".³

Isso é certo tanto no conceito de verdade próprio da consciência ingênua como no da consciência científica.

Aplicando essa idéia à classificação bibliográfica verifica-se a importância do conteúdo filosófico-científico das estruturas apresentadas pelos diversos sistemas. E, logo de início, surge o problema: como preparar um programa bastante flexível, com ênfase nas operações da inteligência, que acompanhe o progresso científico e possa refletir as tendências dominantes do pensamento?

Há, ainda, a observar que o conhecimento muda, sua estrutura se altera e todo modelo largamente difundido corre o risco de se tornar logo desatualizado.

Como declarou Foskett, a finalidade do trabalho científico é "não só expandir, porém alterar a estrutura do conhecimento".²

Outros aspectos podem ser encarados, nesse problema geral tão amplo e complexo. Existe, por exemplo, forte tendência para confundir o pensamento filosófico com o pensamento científico.

Abraham Moles fala num "campo contínuo de conhecimento" em que "não só os nomes das ciências se misturam uns com os outros (psicofisiologia, biofísica, etc.), mas as interconexões entre ciências afastadas (psicologia e estatística, biologia e matemática, etc.) dispõem as diversas ciências não mais em um leque contínuo de conhecimentos... mas em uma representação polidimensional de núcleos de conhecimentos ou de técnicas mentais interconectadas por múltiplos links".⁵

2.1.1. A "verdade" do usuário

Como a classificação bibliográfica só tem sentido como parte integrante da recuperação da informação, surge um novo problema: classificador e usuário pensam dentro das mesmas linhas?

A identidade de linguagem, necessária à comunicação, existirá?

Por mais aperfeiçoados que sejam os códigos, depois das indispensáveis decodificações, o núcleo do problema persiste: estarão documentalista e usuário se referindo ao mesmo objeto?

Há, ainda, uma outra complexidade: o objeto não existe por si só, está geralmente inserido num sistema e a noção de "verdade" se altera a cada momento, com as variações incluídas no universo particular daquele tipo de fenômeno ou fato. Isso é observável em cada campo, tanto nas ciências físicas como nas sociais, sendo a variável tempo um elemento de força extraordinária.

O que era verdadeiro para uma determinada época, pode não o ser mais em outras circunstâncias. Descobertas e invenções modificam as condições ambientais, alterando, em consequência, aspectos muitas vezes essenciais do objeto a classificar.

E não se pode perder de vista que a classificação bibliográfica tem uma finalidade prática. A visão desenvolvimentista, por exemplo, exige às vezes o predomínio de determinados fatores. Fatos político-sociais podem ser encarados de modo diferente por pesquisado-

res de países industrializados e por técnicos de regiões subdesenvolvidas, que usam os mesmos processos de análise, porém com objetivos diferentes de trabalho.

Se a verdade é, assim, algo tão flutuante, será possível classificar? Será possível, sobretudo, ensinar a classificar?

2.1.2. Flexibilidade de abordagem

A classificação pode ser encarada como um meio de conhecer a realidade. Se a "verdade" consiste na concordância da imagem com o objeto e se é preciso reconhecer que esse objeto - o assunto a classificar - sofre múltiplas influências, a classificação tem que usar processos adaptáveis e sensíveis a mudanças. Processos que permitam análise multidimensional e que possam abranger trabalhos que se estendam além dos limites das disciplinas tradicionais.

Há um argumento que merece consideração: necessidades reais e potenciais de usuários são satisfeitas com informações registradas, isto é, com documentos. Esses documentos muitas vezes não encaram cada assunto isoladamente e os problemas são resolvidos em parte pelos esquemas multidimensionais, que embora possam refletir, como todo esquema geralmente reflete, princípios filosóficos, têm muitos dos seus aspectos baseados em circunstâncias práticas.

O ensino da classificação, como todo programa educativo, está inserido num contexto social, refletindo idéias dominantes e servindo geralmente como instrumento de adaptação ao ambiente.

Aspectos gerais da cultura determinam não só a formulação dos objetivos educacionais, como a escolha de técnicas educativas, que precisam ser adaptadas à realidade.

A rápida propagação da CDD, por exemplo, é explicada pelo desenvolvimento das bibliotecas públicas nos Estados Unidos, em fins do século passado, sendo esse desenvolvimento um reflexo das idéias dominantes de democratização da cultura e acessibilidade dos meios de educação.

Se as circunstâncias mudaram, se a ênfase é dada hoje a outros problemas, a classificação deve estar preparada para acompanhar as mudanças.

Nenhum professor quererá se arriscar a que seus alunos vejam apenas os aspectos formais dos esquemas de classificação estuda-

dos, sem olhar esses esquemas como parte de um contexto educacional.

3. ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA ORGANIZAÇÃO DOS PLANOS DE CURSOS

Embora existam maneiras diferentes de construir modelos pedagógicos, há algumas idéias mais ou menos constantes em quase todos: presença das mesmas variáveis e estabelecimento de relações entre os diversos elementos do currículo, entendendo-se currículo como "o conjunto de elementos que de uma ou outra forma ou medida pode ter influência sobre o aluno, no processo educativo. Assim os planos, programas, atividades, material didático, edifício e mobiliário escolar, ambiente, relações professor-aluno, horário, etc., constituem elementos desse conjunto".⁸

Os grandes problemas do processo educativo giram em torno de objetivos, atividades e experiências. Como processo dinâmico, a educação olha as atividades como experiências em gestação e os objetivos visam à realização de experiências. Para Ralph W. Tyler, em três fontes a escola vai buscar os seus objetivos: no próprio educando, na sociedade contemporânea e na cultura.

Ao professor, a quem compete o planejamento prévio do trabalho a ser realizado durante o ano letivo ou semestre, cabe subordinar os objetivos a circunstâncias que condicionam sua atuação docente: material didático existente, bibliografia ao alcance dos alunos, etc.

A complexidade e abundância dos objetivos que é possível formular tornam necessária uma seleção, que será feita através de duas filtragens: a primeira eliminando os objetivos que a filosofia social e educacional da comunidade considera contraditórios e a segunda desprezando aqueles que a psicologia da aprendizagem mostra serem impossíveis de atingir.

Se os objetivos propostos nem sempre são atingidos, a falha está muitas vezes nos processos utilizados. Tyler menciona pesquisas que mostraram ter havido esquecimento, por parte dos alunos, de 50% do que haviam aprendido em um ano. Com a aplicação direta e imediata desses conhecimentos, essa percentagem foi reduzida para 15%.

A Psicologia da Aprendizagem também mostra como conseguir resultados duplos e às vezes múltiplos com atividades didáticas: de-

envolver, por exemplo, paralelamente à obtenção de conhecimentos, formação de atitudes favoráveis para com certas técnicas ou operações.

Há uma tendência geral, nas escolas de biblioteconomia, no sentido de ampliar o conteúdo dos planos de cursos. Felizmente essa tendência tem sido seguida por uma busca por maior rigor científico.

Os problemas são, entretanto, numerosos e Josefa Sabor sintetiza o que julga indispensável - "uma base humanista, que dê à mentalidade do bibliotecário amplitude, flexibilidade, possibilidades de síntese e generalização".⁶

Daí poder-se concluir que:

3.1. É necessário usar, na formação dos classificadores, programas flexíveis, que devem partir de uma base teórica, abrangendo os princípios lógicos da classificação, de modo que o aluno possa conhecer os processos do raciocínio, antes de passar ao estudo dos esquemas bibliográficos em particular.

3.2. É preciso reconhecer que a realidade objetiva não se pode classificar, só o conhecimento que dela se tenha, ou pensamento expresso em termos. Da simplicidade dos termos usados, evitando erros subjetivos e do respeito aos modelos baseados na ordem natural resultará um trabalho mais correto, no campo da classificação bibliográfica.

3.3. Os cursos devem proporcionar aos alunos adequada compreensão das teorias e idéias básicas, tornando-os aptos a adotar os esquemas mais apropriados e mais compatíveis com as tendências dominantes nos diversos campos científicos, pois a classificação não é um processo abstrato, mas o aprimoramento de técnicas, todo aperfeiçoamento tendo que se fundamentar, obviamente, em experiências anteriores.

CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

1. BROADFIELD, Q. *The philosophy of classification*. London, Grafton, 1946. apud FOSKETT, D. J. *Classificação*. In: ASHWORTH, W. *Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos*. Lisboa, Gulbenkian, 1971.
2. FOSKETT, A. C. *The subject approach to information*. London, Bingley, 1970. p.116
3. HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. 6. ed. Coimbra, A. Amado, 1973. p. 30
4. MILLS, J. *A modern outline of library classification*. London, Chapman & Hall, 1968. p.6
5. MOLES, A. *A criação científica*. São Paulo, Ed. Univers. de São Paulo, 1971. p.25
6. SABOR, Josefa. *Métodos de enseñanza de la bibliotecologia*. Paris, UNESCO, 1968. p.83
7. TEIXEIRA, Anísio. *A pedagogia de Dewey*. In: DEWEY, John. *Vida e educação*. 5. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1965. p.14
8. TYLER, Ralph W. *Principios basicos del curriculum y del aprendizaje*. In: LEYTON SOTO, M. *Planeamento educacional*. Santiago, Editorial Universitaria, 1969. p.61

PROGRAMAS DE ENSINO DE CLASSIFICAÇÃO:
FILOSOFIA E TEORIA

Maria de Lourdes Tavares,
Professora Departamento de Biblioteconomia
Universidade Federal do Paraná

1. INTRODUÇÃO

Professora de classificação bibliográfica há vários anos, tive oportunidade de lecionar os sistemas de Dewey e CDU, bem como teoria de classificação bibliográfica. O Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Paraná foi criado com o fim de ensinar técnicas de serviço em bibliotecas, aproximadamente como os primeiros cursos de biblioteconomia nos Estados Unidos. O Estado do Paraná em 1952 não possuía bibliotecários ou pessoas que conhecessem os serviços técnicos em bibliotecas. O governador Bento Munhoz da Rocha Netto, engenheiro mas de formação humanista, entusiasta da idéia de criar uma biblioteca nos moldes mais avançados para época, programou entre os festejos comemorativos do 1º Centenário da Emancipação política do Paraná a inauguração da atual Biblioteca Pública. Faltavam elementos para reorganizar o antigo acervo que a Prefeitura Municipal tornara a entregar ao Estado, bem como de se encarregar dos serviços técnicos. Essa, a razão da criação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Paraná.

Tais circunstâncias marcaram o primeiro currículo do Curso que se limitou, nos primeiros anos, à Administração e Organização de Bibliotecas, Catalogação, Classificação, Referência e Bibliografia, História do Livro e das Bibliotecas. Ampliado esse currículo, o Curso passou mais tarde a adotar o Currículo Mínimo proposto pelo Conselho Nacional de Educação, o qual foi posteriormente ampliado por ocasião da Reforma Universitária, com o desdobramento de disciplinas e

incluindo-se outras no currículo pleno.

A classificação bibliográfica limitou-se no período pioneiro à CDD e aos Cabeçalhos de Assunto. A disciplina era dada separadamente da catalogação. Nessa época lecionava a mesma Profa. Maria José Theresa de Amorim, cuja formação básica era humanista.

Em 1962 a CDU foi incluída nos programas da disciplina, bem como teoria e história da classificação bibliográfica. Após 1964, a disciplina passou a ser lecionada por Maria de Lourdes Tavares e depois também por Rosina Pazin, ficando a cargo desta o ensino da CDD.

Durante esse período a falta de profissionais de biblioteconomia continuou a marcar o Curso de Biblioteconomia com o caráter de ensino profissional. A situação da biblioteconomia no Paraná era e é, ainda em grande parte, de tipo pioneiro. Os profissionais, apenas terminado o seu curso de formação, ou antes ainda de o terminar, já estão exercendo suas atividades no ramo. As bibliotecas são precárias em meios e materiais. A demanda de serviços é de nível baixo, em geral. O Estado do Paraná não é industrial, mas agrícola. A própria Universidade Federal, embora fundada há 63 anos, passou por várias fases de retrocesso e no momento tem dificuldade em adaptar-se às exigências da Reforma Universitária. Essa ambiência sócio-econômica marca naturalmente os profissionais de Biblioteconomia do Estado, entre as quais se encontra quem subscreve estas linhas. Tais são os motivos que orientaram o que a seguir se propõe.

2. PONTOS A CONSIDERAR NUM PROGRAMA DE ENSINO DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. *Classificação Bibliográfica e Indexação*

É ponto assente a associação de classificação e indexação, dois aspectos do mesmo assunto, do mesmo processo. Os cabeçalhos de assunto devem fazer parte do ensino de classificação bibliográfica, a correlação entre ambos é fácil de motivar e demonstrar. Os catálogos sistemáticos também devem ser estudados nesta disciplina, constituindo centro de interesse para aplicação de classificação analítico-sintéticas, como a CDU. A indexação de assuntos deste catálogo é campo para aplicação de análise de assuntos. A técnica de indexação em cadeia pode ser aplicada juntamente com a CDU ou a CDD. A partir desse tipo de indexação, os estudos sobre matéria podem ser amplia-

dos

2.2. *Teoria do Conhecimento e Teoria do Conhecimento em Bibliotecas*

Outro ponto a considerar num programa de ensino de classificação bibliográfica seria a teoria do conhecimento e a teoria do conhecimento em bibliotecas. Estudar-se-iam as teorias tradicionais e as teorias de análise de assunto introduzidas por Ranganathan, dando ênfase a estas. Como introdução ao estudo da teoria do conhecimento em bibliotecas, dar-se-iam os princípios lógicos de classificação do conhecimento. A classificação bibliográfica nas diferentes épocas da história cultural completaria o estudo da teoria da classificação.

2.3. *Construção de Sistemas de Classificação*

Apenas como aplicação dos princípios teóricos de classificação bibliográfica, e segundo um roteiro como o de Needham poderiam ser dados como trabalhos de classe construção de sistemas de classificação conforme as teorias tradicionais e principalmente sistemas facetados.

2.4. *Sistemas de Classificação a serem estudados*

2.4.1. *Classificação Decimal de Dewey e Classificação Decimal Universal*

Estes são os dois sistemas tradicionais em uso na generalidade das bibliotecas brasileiras. Muito se pode dizer sobre seu valor e utilidade, sobre os problemas que seu uso acarreta, mas também sobre aqueles que seriam levantados ao se propor seu abandono, e substituição por sistemas mais exatos e eficazes na análise de assuntos. Suas falhas podem ser compensadas com o uso da indexação, da análise verbal de assuntos, o que ocorre com qualquer sistema de classificação. Ambos podem ser utilizados na recuperação mecânica de informação. Ambos podem ainda prestar grandes serviços nas tarefas de informação.

2.4.2. *Colon Classification*

Este sistema não tem sido ainda destacado como merece ser no

ensino da classificação bibliográfica. A análise de sua estrutura, o estudo de suas bases não só permitem ao estudante compreender, por contraste, as falhas dos sistemas tradicionais, como permite sua introdução ao campo o estudo pormenorizado da teoria das classificações totalmente facetadas. Seria o caso de se estudar a maneira desse sistema ser incluído nos programas numa proporção igual aos sistemas decimais. O sistema da L C, também deve ser incluído, como exemplo de Sistemas Enumerativos.

3. COMPLEMENTAÇÃO AOS PROGRAMAS DE ENSINO DA CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Seja como disciplinas optativas, seja como cursos de extensão ou em nível de pós-graduação, o programa do curso de formação pode ser complementado com outros estudos com o de outros sistemas gerais, p. ex.: classificação bibliográfica de Bliss, cuja nova edição está sendo preparada por J. Mills, inteiramente facetada em classificação teoria do conhecimento, pesquisa em classificação bibliográfica, sistemas especializados, classificação de multi-meios (materiais especiais).

4. CONCLUSÃO

Ao propor os itens acima, levou-se em conta o programa resultante dos trabalhos do Segundo encontro de professoras de classificação, realizado em dezembro de 1974 em Salvador sob o patrocínio da ABEED. Os sistemas de classificação cujo estudo da evolução histórica e análise crítica foi indicada eram CDD, CDU, LC, Bliss, Brows, Cutter e Colon. A escolha dos dois sistemas decimais, os mais usados no Brasil e a Colon Classification como protótipo das classificações facetadas, teve como finalidade permitir a concentração da análise crítica desses sistemas, apoiada em exercícios e problemas de classificação. O ponto de vista histórico pode ser conseguido por trabalhos individuais ou em conjunto dos estudantes. Os demais sistemas gerais e especializados, seriam objeto de análise crítica, mas em cursos paralelos, disciplinas optativas ou cursos de nível de pós-graduação.

A NECESSIDADE DE SE CONHECER O ASSUNTO PARA
CLASSIFICAR CORRETAMENTE - ESPECIALIZAÇÃO

Jeannette Marguerite Kremer

Escola de Biblioteconomia da
Universidade Federal de Minas Gerais,
Biblioteca da USIMINAS

INTRODUÇÃO

Classificar corretamente sempre foi um desafio para o bibliotecário. Uma obra, por melhor que esteja catalogada ou referenciada, fica perdida se não estiver bem classificada. Isto se refere, principalmente, ao caso das bibliotecas especializadas, que atendem a profissionais de alto nível, pesquisadores, professores, cientistas, estudantes de pós-graduação, etc., que exigem muitas pesquisas bibliográficas. Geralmente, estes não pedem as obras pelo nome do autor ou pelo título, mas querem saber o que existe na biblioteca, ou centro de documentação, a respeito do assunto de seu interesse. Querem também ser informados, o mais rapidamente possível, a respeito das novidades que surgem no seu campo de estudos.

Nas bibliotecas empresariais a exatidão das informações prestadas e o fator tempo são extremamente importantes. Muitas vezes uma informação, contida em certo documento, é vital para que a chefia possa tomar uma decisão. Ou então, uma inovação vai ser implantada e os técnicos têm de estudá-la. O bibliotecário tem de ser um classificador minucioso, se quiser que tudo seja encontrado no tempo exigido, pois nem sempre terá tempo para achar informação folheando documentos.

Temos que reconhecer que estamos hoje enfrentando uma crise da informação. Apesar da crescente especialização em todos os campos e, por mais restrito que se torne cada campo de especialização científico ou técnico, o especialista não consegue mais acompanhar a evo

lução e manter-se atualizado por conta própria.

Cabe-nos portanto fazer a seguinte pergunta: como poderá o bibliotecário acompanhar esta evolução e, estará ele devidamente preparado para atender o especialista?

CONHECIMENTO DE ASSUNTO

Em alguns países o bibliotecário é também especialista, com curso superior no campo profissional ou científico em que atua. Isto, nós sabemos, muito raramente é o que acontece no Brasil.

Quase sempre, por força das circunstâncias, o bibliotecário tem de ser um autodidata. Com boa prática, ele pode tornar-se tão eficiente que os especialistas chegam a confundi-lo com um colega.

É bom esclarecer que, aquilo que chamamos de "bom conhecimento do assunto", não é necessariamente a mesma coisa para o profissional ou cientista e para o bibliotecário.

O profissional ou cientista tem de saber com minúcias tudo o que se refere a sua especialidade. Por exemplo: um engenheiro, especialista em estruturas de aço, tem de saber tudo sobre aço estrutural, como produzir os diversos tipos de aço estrutural, como se faz um projeto, como é calculada uma estrutura, como montá-la, etc.

O bibliotecário não precisa entrar em certos detalhes. No caso citado, ele tem de saber o que é aço estrutural, o que é um projeto de estrutura metálica e o que é uma montagem. Mas ninguém vai exigir que ele fabrique o aço, que calcule a estrutura, que faça o projeto e a montagem da estrutura. Para classificar corretamente, o bibliotecário não precisa, evidentemente, saber fazer os complicados cálculos de uma estrutura metálica, nem precisa fabricar aços estruturais.

Outro fato para o qual vale a pena chamar atenção é que, aquilo que chamamos de biblioteca especializada, não costuma ser tão especializada assim. Na mesma biblioteca onde estão as obras sobre estruturas metálicas, por exemplo, provavelmente existem também obras sobre administração, poluição, etc.

Isto vem complicar ainda mais os problemas do bibliotecário que, além de ter de se especializar no campo do conhecimento abrangido pela sua área de atuação, ainda tem de conhecer muitos outros campos relacionados ou não com o assunto principal.

O mais importante para o bibliotecário é dominar perfeitamente a linguagem técnico-científica dos campos em que atua. Sem isso, é impossível classificar corretamente e se comunicar com os usuários, dois pontos fundamentais para o bom funcionamento de um sistema de recuperação da informação.

COMO SE CONSEGUE CONHECER O ASSUNTO

O bibliotecário tem de ter, antes de tudo, uma boa cultura geral. Esta vai permitir-lhe adquirir noções suficientes a respeito de todos os assuntos com os quais venha a trabalhar.

É claro que, a princípio, tudo parece muito difícil. Algumas vezes o bibliotecário consegue um emprego numa biblioteca cuja especialidade ele nunca imaginou que viria a interessá-lo e que, por isso, negligenciou em seus estudos anteriores.

O primeiro passo a dar é estudar algum manual básico sobre o assunto, pedindo explicações complementares aos especialistas. Deve-se procurar a localização lógica da matéria no contexto global do conhecimento humano e, em seguida, ver quais são suas divisões, subdivisões, etc. Isto, sempre com a ajuda de manuais, enciclopédias e dicionários. Depois, é importante saber qual é o relacionamento das diversas subdivisões do assunto com outras áreas do conhecimento. Por exemplo, aço é um dos produtos da siderurgia, a qual é uma divisão da metalurgia. Aço estrutural é um dos muitos tipos de aço e uma das suas muitas aplicações é encontrada na construção de edifícios.

A organização lógica das tabelas de classificação ajuda muito a entender esta rede de divisões, subdivisões e interligações. É bom que o bibliotecário tente memorizar as principais divisões, o que poderá simplificar muito seu trabalho.

Depois, é importante procurar manter-se atualizado, principalmente através dos periódicos atualizados. Para cada inovação que for aparecendo, ele tem de agir da mesma maneira: defini-las, às vezes com a ajuda do especialista, e localizá-la no contexto global da ciência e da técnica.

PROBLEMAS DO CLASSIFICADOR

Além de cultura geral, o bibliotecário precisa ter conhecimento de línguas estrangeiras, principalmente de inglês. Mesmo se as tabelas de classificação são traduzidas, provavelmente a maioria das

obras que entram na biblioteca não estão na língua do classificador.

Não é possível classificar sem entender do que trata a obra e, ler somente seu título e classificar baseado nele, é um erro lamentável, que infelizmente é cometido por muitos bibliotecários.

O bibliotecário inexperiente, muitas vezes, tenta classificar através do índice da tabela de classificação. Isto é tão grave quanto classificar pelo título da obra. O índice deve ser encarado apenas como uma referência, um lembrete. Ele não é perfeito e não foi compilado para substituir as tabelas. O bibliotecário deve ter suficiente conhecimento do assunto para saber qual a sua localização lógica nas tabelas.

Outro problema é o ponto de vista da obra. O bibliotecário mal informado só consegue ver um ponto de vista, o dele próprio, não distinguindo as diversas facetas de um assunto. A obra deve ser classificada conforme o ponto de vista do autor e do uso que os especialistas vão fazer dela. Para isso existe uma certa flexibilidade de localização do assunto em muitos sistemas de classificação, como por exemplo na CDU, podendo o mesmo assunto ser classificado em diferentes lugares. O aço estrutural pode ser classificado em produto da siderurgia, em engenharia civil, ou material de construção. Ao bibliotecário cabe decidir onde classificá-lo, tarefa impossível sem um bom conhecimento do assunto.

Quanto às novas descobertas científicas ou inovações técnicas, o classificador às vezes é obrigado a criar novas subdivisões nas tabelas de classificação. Para tanto, ele tem de entender a que se refere a descoberta ou inovação e assim poderá julgar qual a sua localização na tabela.

CONCLUSÃO

Profissionais e cientistas estão cada vez se especializando mais e seus campos de especialização estão cada dia mais restritos. Assim, à primeira vista, somos quase obrigados a acreditar que o bibliotecário terá de se especializar também, forçado pela circunstância de que ninguém mais pode tentar entender de tudo.

Mas, as bibliotecas e os centros de documentação não costumam restringir o seu acervo a um único assunto. São, portanto, especializados até um certo ponto. Não basta ao bibliotecário se especializar no campo principal da instituição em que atua.

O bibliotecário não precisa se aprofundar tanto nos seus estudos quanto o especialista, pois ele vai organizar obras e recuperar informações, e não colocar em prática ou desenvolver os conhecimentos nelas contidos.

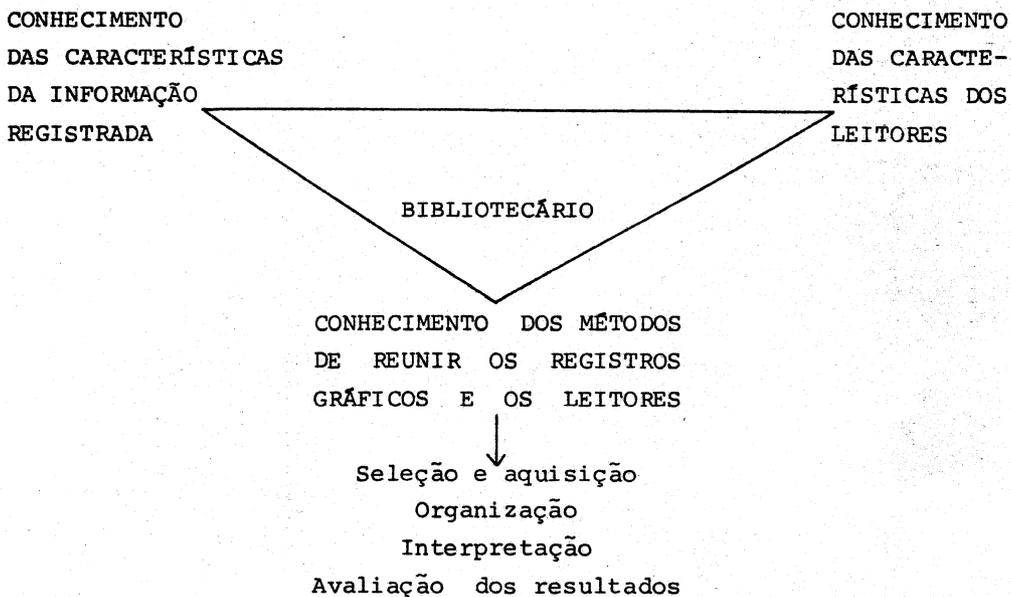
Mas precisa ter noções básicas dos assuntos, saber dominar a linguagem técnico-científica e estar sempre atento às inovações na sua área de atuação.

COMO ENSINAR: ABORDAGEM DE PROGRAMA

Marysia Malheiros Fiuza

Professora
Escola de Biblioteconomia da
Universidade Federal de Minas Gerais

O conhecimento fundamental do bibliotecário, ~~segundo Shera~~ (11)
pode ser resumido da seguinte maneira:



O item ORGANIZAÇÃO se refere ao conhecimento das diversas maneiras de organizar os registros gráficos, o que se traduz, em um currículo de Biblioteconomia, nas disciplinas Catalogação, Classificação e Indexação.

Em 1973, instalou-se, na Escola de Biblioteconomia da UFMG, um novo currículo, no qual se deu ênfase, entre outras modificações a:

1. reunião de disciplinas afins por áreas de conhecimento denominadas setores;

2. concentração de conceitos, fundamentos, princípios básicos aplicáveis em mais de uma área, em disciplina de caráter abrangente;

3. desenvolvimento dos programas de cada disciplina, visando:

- conhecimento global da matéria, ampliando os horizontes do aluno: educação
- desenvolvimento do raciocínio, através de teorias: habilidade intelectual
- desenvolvimento de técnicas específicas por meio de exercícios: habilidade prática.

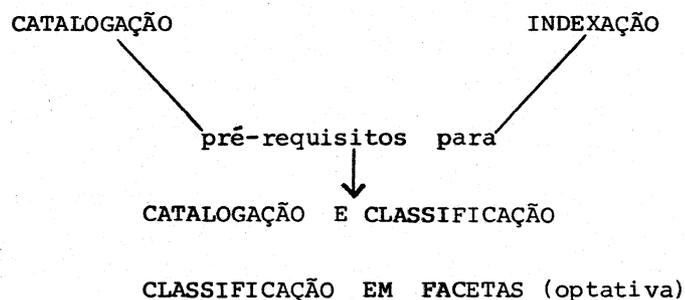
Os professores do Setor de Catalogação e Classificação, ao se reunirem para estudar o novo currículo, pensaram em organizar um programa global:

- que tratasse da organização de documentos em bibliotecas e centros de documentação;

- que incluísse princípios de catalogação descritiva, tipos de catálogos e sua organização, linguagens de indexação, com ênfase nos sistemas de classificação mais usados no Brasil (CDD e CDU)

- que proporcionasse ao aluno a imagem da biblioteca como um sistema dinâmico, intimamente ligado à transferência da informação (autor — usuário).

No currículo atual, o Setor de Catalogação e Classificação, está assim representado:



Os métodos mecanizados e automatizados de recuperação da informação, bem como tratamento de materiais especiais, são estudados em outras disciplinas do currículo.

Com este programa, pretende-se que os alunos desenvolvam uma atitude racional perante o problema de organização de documentos em bibliotecas e centros de documentação, escolhendo os meios mais e eficientes para recuperar a informação e atender as necessidades de seus usuários.

Assim, na disciplina Catalogação, ensinamos os princípios de Catalogação e sua aplicação, por meio de estudos de casos (abordagem por autor ou por título) e soluções alternativas para confecção de fichas ou entradas catalográficas, etc.

A indexação foi considerada como o processo de representar, por palavras ou símbolos, os itens de informação, com o propósito de serem recuperados. Esta representação pode ser feita por meio de cabeçalhos de assunto, símbolos de classificação, descritores, etc., e pode ser arranjada alfabética ou sistematicamente. Portanto, o mesmo processo de raciocínio que nos leva a determinar um símbolo de classificação nos levará a encontrar o respectivo cabeçalho de assunto. Uma lista de cabeçalho de assunto, um "thesaurus" e um sistema de unitermos são representações de assunto por meio de palavras.

De acordo com Tomam (12) cada sistema de organizar a informação é simplesmente a combinação de princípios fundamentais de organização e muitos desses princípios ocorrem tanto nos sistemas de classificação quanto nos sistemas de indexação.

Não se justifica, portanto, que estas linguagens de indexação fiquem espalhadas em diversas disciplinas, dando ensejo a que o aluno as coloque em compartimentos estanques e delas não saiba fazer uso apropriado.

Na disciplina Classificação e Catalogação, o aluno tem oportunidade de reunir os conceitos básicos e princípios fundamentais, aprendidos nas disciplinas Catalogação e Indexação e aplicá-los na elaboração e organização de catálogos e índices para a recuperação da informação em bibliotecas e centros de informação. São feitos estudos comparativos das estruturas dos catálogos dicionário e classificado, recuperação da informação por meio de cabeçalhos de assunto, índices de assunto e arranjo classificado na estante e no catálogo.

A necessidade de se integrar essas disciplinas é apontada por Sayers(7) "a catalogação e a classificação são instrumentos complementares para a organização do conhecimento nas bibliotecas e não instrumentos rivais, mas destinados a auxiliar um ao outro no arranjo e recuperação da informação". E por Mills(8) quando diz que "a razão de se rotular um documento como membro de uma certa classe de informação é possibilitar sua recuperação quando se procura aquela determinada classe de informação".

Esta operação de *indicar* ou *apontar* documentos presumivelmente relevantes é chamada *indexação* e seu instrumento básico é a *classificação*.

Esta abordagem do programa dará ao aluno uma visão global dos problemas de organização das coleções para recuperação da informação e permitirá o estudo de diversos problemas relativos ao funcionamento de catálogos e índices em bibliotecas, tais como:

1. Classificação reduzida para localização nas estantes e classificação detalhada para especificar os assuntos no catálogo classificado:

Dubuc(3) considera que o símbolo de classificação integrante do número de chamada poderá ser abreviado desde que permita uma busca fácil do documento. Nota-se, por experiência em bibliotecas, que os símbolos de classificação muito extensos nas lombadas apresentam os seguintes inconvenientes: o leitor tem dificuldade em localizar o documento desejado, devido à complexidade da notação; a classificação muito detalhada dificulta o "browsing"; a transcrição de símbolos extensos na lombada é, fisicamente, difícil e sua leitura, incômoda e pouco acessível; a recolocação nas estantes, feita por pessoal leigo, redundante, pelas dificuldades encontradas, em colocação errada, tornando difícil a nova recuperação do documento. Portanto, é interessante alertar os alunos para a possibilidade de redução do número de classificação para localização de documentos.

2. Coincidência entre símbolo de classificação e cabeçalho de assunto no catálogo dicionário:

Verifica-se, em muitos casos, que o símbolo de classificação dado a uma determinada obra não corresponde ao cabeçalho de assunto usado para representá-la no catálogo de assunto. Essa ocorrência preocupa os estudiosos da organização de coleções como se pode notar do artigo de Phyllis A. Richmond, (10) quando ela propõe como

tópico de pesquisa "o estudo de distribuição de frequência da coincidência entre o símbolo de classificação e o primeiro cabeçalho de assunto, isto é prática comum ou utopia?".

3. Vantagens e desvantagens dos sistemas pré e pós coordenados e critérios para escolha de um sistema de acordo com o tipo de material e com as necessidades dos usuários.

4. Relação entre o princípio sintético de Cutter e a estrutura do catálogo sistemático:

O catálogo classificado mostra as relações genéricas (gênero-espécie) pela justaposição no arranjo sistemático e as relações não genéricas (outras além de gênero-espécie) aparecem de duas maneiras: por justaposição no arranjo sistemático ou pela reunião dos "distributed relatives" no índice alfabético.

O catálogo dicionários, usando o princípio sintético de Cutter, mostra através de uma rede de referências e remissivas, as relações genéricas e as não genéricas que não aparecem na justaposição alfabética.

Para terminar, citamos Foskett, A. C. (4) para apoiar nossa concepção do programa:

"A abordagem convencional no ensino da classificação e da catalogação tem sido considerar estas duas atividades como bastantes separadas, tendo pouca coisa em comum. Além disso, a indexação coordenada e outros métodos como indexação KWIC e KWOC, que ganharam grande popularidade nos últimos anos, tendem a ser considerados mais como atribuição do "cientista da informação" do que do bibliotecário e, como consequência, têm sido ensinados separadamente dos cursos de classificação e catalogação. Há argumentos muito apropriados para mudar este estado de coisas e tratar todos estes métodos como variações do tema básico de recuperação da informação.

Se todos os sistemas de recuperação da informação são fundamentalmente similares, deve ser possível isolar os fatores comuns e ensiná-los como um núcleo, relacionando cada sistema em particular a este núcleo e mostrando como cada um funciona. Por este estudo, o aluno se torna ciente dos problemas envolvidos na abordagem intelectual da informação e menos preocupado com detalhes de sistemas particulares que ele pode ou não encontrar depois de formado".

B I B L I O G R A F I A

1. ASSUNÇÃO, J. B. & FIUZA, M. F. Reformulação do currículo da Escola de Biblioteconomia da UFMG. *R. Esc. Bibliotecon. UFMG*, 3(2) :218-33, set.1974.
2. BHATTACHARYYA, G. Cutter's procedure for specific subject indexing. *Lib.Sci.with a Slant to Doc.*, 11 (2) : 77-91, June, 1974
3. DUBUC, R. *La classifications décimale universelle; manuel pratique d'utilisation*. Paris, Gauthier-Villars, 1973.
4. FOSKETT, A. C. A new approach to teaching classification and subject cataloguing. *Journal of Education for Librarianship*, 10 (4) : 276-82, Spring 1970.
5. HARLOW, N. Changing the curriculum. *Journal of Education for Librarianship*, 10 (2) : 78-85, Fall 1969.
6. INTERNATIONAL STUDY CONFERENCE ON CLASSIFICATION FOR INFORMATION RETRIEVAL. Dorking, 13-17 May 1957. *Proceedings*.
7. MALTBY, A. *Sayers' manual of classification for librarians*. 5.ed. London, Duetsch, 1975.
8. MILLS, J. *Notes on information retrieval (IR)*. Rio de Janeiro IBBD, 1971.
9. RAMSDEN, M. J. Some basic considerations in subject heading. *The Australian Library Journal*, 10-16, Feb.1975.
10. RICHMOND, P. A. The future of classification. *Drexel Library Quarterly*, 10 (4) : 105-117. Oct.1974.
11. SHERA, J. H. *The foundations of education for librarianship*. New York, Becker and Hayes, 1972.

12. TOMAN, J. The influence of information retrieval on the structure of indexing and classification systems. In: FOSKETT, D. J. ed. *Library systems and information services*. London, Crosby Lockwood, 1970.

AS PREMISSAS SUBJACENTES AOS SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

Victor Rosenberg

Universidade da Califórnia, Berkeley, USA

A idéia básica subjacente à maioria dos sistemas de indexação e de classificação é que há uma ordem racional no universo do conhecimento. Isso não implica a afirmação de que essa ordem seja conhecida e única. A maioria dos sistemas de indexação e de classificação admite uma certa sobreposição de categorias (nem sempre intencionalmente). No entanto, o pressuposto básico é do da existência de uma ordem racional.

Jacob Bronowski (1) rotulou de "idéia de ordem" toda a ciência anterior a Isaac Newton. Sua designação, ainda que arbitrária, é útil para esta discussão. Antes das descobertas de Newton, supunha-se que existisse uma ordem divina no universo. A ciência tornava-se então um processo para descobrir e revelar essa ordem. Acredito não ser exagero afirmar que os fundamentos dos sistemas modernos de classificação surgiram a partir desse conceito de ordem. Linnaeus classificou plantas e animais, outros classificaram estrelas, partes anatômicas; por que não classificar livros e idéias?

Na medida em que se concebe o mundo como possuindo uma ordem racional e finita, não há como imaginar que os livros e as idéias a seu respeito se comportem de modo diferente. Tais pressupostos podem ser resumidos na crença de que o universo do conhecimento é ordenado; que um esquema de classificação bem feito reflete com exatidão essa ordem; e que a percepção do mundo dos usuários se organiza de maneira semelhante. O objetivo fundamental de um sistema de classificação seria, pois, a concordância entre o universo do conhecimento e a percepção do usuário a respeito deste universo. Problemas, en

tretanto, surgem quando as percepções diferem. A solução é modificar ou ampliar o sistema de classificação ou então educar o usuário. Em qualquer sistema há sempre inúmeras discrepâncias entre a ordenação do conhecimento, o sistema de classificação e o conceito do usuário. A questão que eu gostaria de levantar é se essas discrepâncias (ou anomalias) evidenciam imperfeições dos sistemas de classificação (falhas humanas, se preferirem) ou se elas nos devem levar a reexaminar as premissas básicas implícitas no desenvolvimento e uso dos sistemas de classificação. Estariam nossas concessões idealizadas nos levando a perder de vista a realidade?

Voltemo-nos para o campo da ciência da informação. Sempre achei difícil estabelecer onde acaba a biblioteconomia e onde começa a ciência da informação. Se me pedirem para explicar a diferença, diria que os cientistas da informação são mais bem pagos do que os bibliotecários.

Para fins desta discussão, diria que a ciência da informação é uma consequência do que Bronowski denomina "idéia de causa". A idéia de causa para Bronowski se refere à ciência posterior a Newton, quando os fundamentos da ciência mudaram de uma procura da ordem para uma procura das causas. Ou seja, do como para o porquê das coisas. O trabalho de Newton forneceu a base para esta mudança. Estendendo esse conceito à biblioteconomia e à ciência da informação, a primeira apresenta-se mais descritiva enquanto a segunda mostra-se mais inquisitiva. Certamente essa colocação não é totalmente verdadeira, porém a ligação dos referidos campos às suas raízes históricas é plausível. A ciência da informação se relaciona ao que chamo de visão determinística do universo. Dentro dessa perspectiva, o mundo é visto como uma máquina onde todas as partes se inter-relacionam de alguma forma, sendo o papel da ciência o de descrever as relações e prever os resultados. A investigação científica passa então da descoberta da ordem para a descoberta das causas. A atividade do cientista desloca-se da classificação dos elementos para a descrição das relações.

Até certo ponto, o campo da ciência da informação está fortemente ligado à ciência moderna. A visão determinística do universo constitui a base das ciências físicas modernas, das ciências sociais, da filosofia positivista e da ciência computação. A psicologia comportamentalista e experimental compartilha amplamente dessa visão determinística enquanto aplicada aos seres humanos. Ambas pres

supõem que o comportamento humano assemelha-se a uma máquina e pode ser previsto.

Como já disse antes, estou falando a respeito do desenvolvimento das concepções gerais do universo. Em alemão, "weltanschauung" é a palavra usada para designar tais concepções. Atualmente está na moda designá-las paradigmas, de acordo com Thomas Khum em seu livro *A estrutura das revoluções científicas* (3). Em minha opinião, esses paradigmas ultrapassam a ciência, influenciando a arte e a literatura. Num certo sentido, caracterizam a cultura ocidental. Não é sem razão que o século XX é chamado de era máquina.

Resumindo, estou usando a caracterização de Bronowski da visão do mundo do século XVIII, "a idéia de ordem" relacionando-a ao desenvolvimento dos sistemas de classificação e a "idéia de causa" ou determinismo, como a idéia subjacente à ciência da informação.

A ciência da informação é também em grande parte uma consequência do desenvolvimento do computador digital moderno. O computador é uma máquina complexa e determinística que transformou a sociedade moderna.

Meu interesse não está na eficácia do computador no desenvolvimento dos sistemas de informação, mas como ele influenciou nossa visão do mundo e particularmente como alterou nossa concepção dos sistemas de informação e dos usuários da informação. No campo da inteligência artificial podemos observar que o computador tornou-se mais do que uma máquina, muito mais do que um instrumento de trabalho do cientista, transformando-se numa maneira de perceber o homem e seu mundo. Em outras palavras, tornou-se o princípio organizador da ciência, mais especificamente, da ciência de informação. Até mesmo a terminologia do campo expressa esse fato. Os termos usados são num certo sentido antropomórficos. O computador é visto como se fosse um ser humano e vice-versa. Consideremos as palavras: inteligência artificial, reconhecimento de padrões, congnição de máquina. Todos esses termos sugerem a existência de uma analogia direta entre o pensamento humano e os processos de máquina. Esse tema está presente também na literatura e na arte, particularmente na ficção científica. Consideremos a título de exemplo o computador Hal no filme 2001, de Stanley Kubrick.

No início da ciência da informação havia a suposição tácita de que o computador poderia copiar ou pelo menos simular o comporta-

mento intelectual humano. Agora, que já temos uma distância de vários anos, podemos ver que as primeiras experiências não tiveram êxito, pelo menos em termos de seus objetivos expressos. Muito desse insucesso se explica pela "falácia do primeiro passo". Esse é um conceito criado pelo filósofo israelense Yoshua Bar Hillel, (3) para descrever o fenômeno onde o sucesso na fase inicial de um projeto estabelece uma firme crença no seu sucesso futuro total. O sucesso subsequente ao sucesso inicial mostrou-se muito mais ilusório do que imaginaram os experimentadores. O exemplo mais notável da falácia do primeiro passo ocorreu no campo da tradução mecânica. Trabalhei em atividade paralela a essa e, na época, a crença geral considerava a linguagem como um processo mecânico e que uma língua poderia ser traduzida para outra mecanicamente. Necessitava-se apenas das regras gramaticais das duas línguas e de um dicionário bilingüe. A primeira fase do projeto teve um êxito tão grande que as manchetes de jornais anunciaram o seu sucesso completo. As manchetes entretanto foram prematuras. Uma série de problemas surgiu em seguida. Uma sugestão para solucioná-los seria a preparação dos materiais por um lingüista especializado, seguida da revisão do material processado por pessoas habilitadas. Há muito tempo não se ouve falar em tradução mecânica. Gostaria de ser claro nesse ponto; não considero fracasso esses primeiros esforços. Em vez disso, acho que esse e outros projetos semelhantes, incluindo a indexação automática, nos mostram a complexidade desses problemas. Aprendemos a respeitar a complexidade dos processos intelectuais humanos.

Por mais difíceis que sejam os problemas, a maioria dos pesquisadores acredita na possibilidade de que o computador possa de fato ser programado para reproduzir o pensamento humano. Uma vez ouvi um cientista de computação dizer que todos os problemas da biblioteca seriam resolvidos se um bom programador se decidisse a tal. Afirmações temerárias desse tipo são comuns a despeito da crescente evidência de dificuldades.

Um dos aspectos mais interessantes desta linha de pesquisa foi o estudo do próprio usuário da informação. A maioria dos estudos o retrata como um cientista, trabalhando passo a passo num problema lógico, onde uma unidade específica de informação poderá determinar o fracasso ou o sucesso de seu projeto. Assim, considera que a busca da informação tem uma utilidade determinada e mensurável. Além disso, acreditava-se que era possível quantificar o grau de rele

vância de um documento para uma determinada busca. Lembro-me que vários pesquisadores propuseram um modelo linear do processo decisório, colocando em pontos bem definidos na seqüência de um trabalho, as unidades de informação que contribufram com uma certa quantidade de informação útil. Normalmente o usuário era um indivíduo encajado em atividades de pesquisa nas ciências físicas, onde tal lógica poderia ser suposta.

A pesquisa deu uma visão do usuário unidimensional que poderia ser uma analogia de um computador. Ao mesmo tempo, os estudos mostraram uma falta de uniformidade desconcertante entre os cientistas, mesmo entre os mais tradicionais. Eles usavam as fontes informais tanto quanto as fontes formais e tinham uma característica muito humana de preferirem as fontes mais acessíveis.

É possível interpretar o processo mencionado acima dentro da tradição da física, onde a partir de um certo momento os fatos não se encaixavam no modelo dominante, tendo o modelo newtoniano cedido lugar ao modelo de Einstein. As tendências na física moderna, no meu modo de ver, apontam para um universo cada vez mais complexo e incerto.

O modelo comportamentalista do automata humano também vem sendo substituído por modelos mais complexos que honram o caráter caprichoso do espírito humano. O universo claramente ordenado do século XVIII e a firme crença no triunfo final da relação de causa e efeito estão sendo substituídos por um novo conceito que inclui a incerteza, o instinto, o acaso, os verdadeiros parâmetros da condição humana.

Minha primeira experiência com a desordem dominante no campo dos sistemas de informação ocorreu em 1966, no Laboratório de Pesquisas da IBM. Pedimos então a um grupo de físicos para indexar um pequeno resumo. O resultado esperado era alguma espécie de consenso a respeito da indexação "correta". Nada disso ocorreu. Ao contrário, descobrimos que cada cientista tinha sua maneira particular de ver um determinado documento. O resultado foi um índice diferente para cada cientista. Como o objetivo da experiência era descobrir uma tendência comum, um certo grau de consistência, ela foi considerada um completo fracasso e nunca foi divulgada.

Hoje, passados dez anos, parece que talvez tenhamos aprendido alguma coisa. Talvez o caos descoberto por nós representasse a

situação real da indexação. Como os resultados não se encaixavam em nosso modelo, ignoramo-los.

Resultados semelhantes foram encontrados em outros experimentos de consistência de indexação. Diferentes indexadores produzem índices diferentes.

Em decorrência disso, tem-se procurado usar quaisquer meios para gerar consistência - Thesaurus, listas de vocabulário, etc. Nos sistemas de informação foram feitos para serem internamente consistentes e servirem eficazmente ao nosso usuário unidimensional.

Em resumo, criamos sistemas de acordo com a nossa visão do mundo, que pertence em grande parte ao século XIX.

Já que as tendências modernas da Ciência colocam em questão esse modelo determinístico e mecânico do homem e do universo, parece-nos oportuno começar a discutir também os nossos sistemas de informação. Será que eles não poderiam ser mais flexíveis e responderem melhor às demandas variadas dos usuários? Será que não poderiam ser menos rígidos e mais adaptáveis? E, finalmente, será que não poderíamos favorecer o único sistema capaz de lidar com a incerteza - o ser humano?

Acredito que o Brasil tem uma oportunidade única. Não dispondo de sistemas de informação enormes, custosos e monolíticos como nos países desenvolvidos, inicia sua experiência com o desenvolvimento de sistemas de informação menores e mais flexíveis, destinados a um número limitado de usuários e com serviços destinados a atender às necessidades individuais.

Nos EUA fala-se muito na individualização dos sistemas de informação, porém nossa visão tecnocrática do mundo não permite tal maleabilidade.

Devo esclarecer que não sou contra as máquinas. Vejo que as tendências atuais no desenvolvimento de equipamento de computador estão completamente de acordo com o meu argumento de que precisamos de sistemas mais diversificados. Na década de 60, pensava-se que a capacidade dos computadores deveria ser aumentada e que os usuários seriam atendidos por acesso remoto. Atualmente, a orientação é para equipamentos menores, mais baratos e mais específicos em seus objetivos.

Outra tendência tecnológica é o barateamento da comunicação.

Isso significa que será possível dentro de alguns anos o acesso a sistemas bibliográficos automáticos existentes em qualquer parte do mundo.

Sumarizando: penso que o contexto da biblioteconomia e da ciência da informação, combinado às necessidades da automação, criaram uma visão do mundo em conflito direto com a realidade. A aceitação desse modelo tem como consequência o desenvolvimento de sistemas grandes e rígidos e o conceito unidimensional do usuário da informação. Uma alternativa possível é o desenvolvimento de sistemas menores que respondam rapidamente às necessidades dos usuários individualmente. Seria necessário, também, desenvolver sistemas de classificação com objetivos especiais e avaliar os sistemas existentes no que se refere à situação individual. Certamente os sistemas menores devem se interligar e alguns sistemas maiores devem ser criados. O contexto do uso da informação é complexo, caótico mesmo. Os meios de acesso devem se adaptar aos usuários e se modificar com o tempo. Talvez seja preferível aceitar a desorganização à padronização forçada. A procura do sistema de classificação perfeito foi uma ilusão. Talvez tenha chegado a hora de desistir dessa procura e começar a considerar as vantagens da multiplicidade de técnicas de classificação e de indexação.

(1) BRONOWSKI

(2) HILLEL

(3) KHUM

BIBLIOGRAFIA

1. KHUM, Thomas. *The structure of scientific revolutions*. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1962.
_____. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva.
2. BRONOWSKI, Jacob. *The common sense of science*. Australia, Penguin Books, 1960.
3. BAR HILLEL, Yehoshua. *Language and information: selected essay on the theory and application*. Reading, Addison-Wesley, 1964.

Victor Rosenberg exerce atualmente o cargo de professor visitante no Curso de Pós-graduação em Administração de Bibliotecas - Escola de Biblioteconomia da UFMG. Este trabalho tem o suporte financeiro da Latin American Teaching Fellowship, CAPES/UFMG e Fulbright.

METODOLOGIA E DIDÁTICA DA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY

Rosina Alice A. P. Pazin

Professora Departamento de Biblioteconomia
da Universidade Federal do Paraná

1. APRESENTAÇÃO

A escolha do tema "Metodologia e Didática da Classificação Decimal de Dewey (CDD)" foi motivada em grande parte pelos nove anos dedicados ao ensino desse esquema de classificação na Universidade Federal do Paraná.

Sem maiores pretensões, nosso objetivo ao escrever o presente trabalho foi o de oferecer aos colegas que militam no magistério da biblioteconomia, um apanhado de experiências transcorridas nesses anos.

O aproveitamento dessas sugestões dependerá do professor. No ensino, a escolha da "melhor maneira" será específica em cada caso e estará a cargo da capacidade imaginativa do docente. Este, apoiando-se nos amplos e variados recursos da Didática moderna, organizará seu próprio método, de acordo com suas preferências e inclinações e atendendo às necessidades reais dos alunos.

A educação das novas gerações é um trabalho complexo. O papel do professor é de grande responsabilidade, tanto perante o aluno quanto perante a sociedade. Os efeitos da obra educativa não são só imediatos, mas também de longo alcance.

Os professores na área da biblioteconomia são quase todos autodidatas, mas cômicos de suas responsabilidades. Na vida moderna, toda e qualquer profissão que envolva uma dose de responsabilidade social supõe que os que a exercem tenham tido um cuidadoso prepa-

ro no seu ramo.

Gostaríamos de registrar aqui os nossos agradecimentos aos professores do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Paraná pelo estímulo e pelas valiosas sugestões na elaboração do presente trabalho.

2. EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA

A falta de funcionários adequadamente preparados é observada em grande parte nas bibliotecas. Lamentavelmente, não há escolas suficientes, especialmente no interior do Brasil, para responder às crescentes demandas de pessoal, a que se acrescenta o inconveniente da falta de professores nas escolas de biblioteconomia. Em geral, o corpo docente é formado por bibliotecários, que, apesar de sua experiência e capacidade, não têm na maioria das vezes uma preparação pedagógica adequada, o que limita a qualidade de ensino.

2.1. *A Crise do Ensino*

As escolas começam a preocupar-se seriamente com o aspecto qualitativo de seu ensino e tratam de melhorar tanto seus recursos didáticos (bibliotecas, laboratórios audiovisuais, etc.) como a orientação de seu currículo, o conteúdo programático das disciplinas e ainda a eficiência de seu corpo docente (cursos de aperfeiçoamento, especialização, pós-graduação, etc.)

O sucesso do professor está também no seu estilo próprio e senso de humor, que motivam o estudante e despertam o interesse para o assunto abordado. A tentação de relacionar bom ensino somente à pesquisa e aulas teóricas é fatal e mesmo desastrosa. Relações professor-alunos são bem-vindas e genuínas. Os estudantes são os primeiros a aproveitar uma atitude destituída de artifícios do professor.

O ensino, dentro de uma universidade moderna, é extremamente complexo. Sem dúvida o sistema de ensino com assistência de professores é ainda o melhor para a parte teórica e prática.

Os métodos de ensino em maior escala são ainda os tradicionais: seminários, demonstrações em laboratórios, exercícios práticos, excursões, pesquisas, leituras, meios audiovisuais.

As diversas situações de aprendizagem no emprego de tais métodos todos que irão definir a qualidade de ensino.

Nas universidades reina um sentimento de insatisfação. Os estudantes queixam-se do ensino medíocre e rotineiro, de cursos mal estruturados, de atmosfera impessoal das classes com numerosos alunos, de ausência de contacto maior entre professores e alunos. Por outro lado, os professores se queixam da falta de base por parte dos alunos, de um ensino médio fraco. Vê-se, por aí, que o problema de um bom ensino nas escolas e universidades é imenso.

Não é surpresa alguma o aparecimento, nos cursos de biblioteconomia, de alunos com preparação insuficiente e um hiato em seu embasamento cultural, sem falar na sua situação sócio-econômica. Algumas vezes procura-se remediar a situação inserindo no Currículo Pleno algumas disciplinas periféricas, ditas culturais, porém nas Universidades Federais essas se perdem pelos departamentos ofertantes e seu objetivo não é alcançado.

2.2. Nível e Tipos de Educação em Biblioteconomia

A educação em biblioteconomia é antes de tudo uma orientação profissional, com objetivos e conteúdos concretos e próprios. Na sua metodologia é combinado o ensino teórico e prático. A importância do livro na cultura contemporânea, no desenvolvimento da ciência, no âmbito sócio-econômico dos povos, tudo leva a colocar o ensino da biblioteconomia no nível superior. Todavia, com denominações distintas existem ainda cursos que formam técnicos de nível médio para serviços em bibliotecas.

A pedagogia deve penetrar na realidade universitária e dar instrumentos que permitam enfrentá-la com objetividade.

O professor universitário conhecedor das finalidades e funções da Universidade tem melhores possibilidades de estudar os sistemas de organização universitária, a coordenação dos programas, os meios para conhecer os alunos, os métodos específicos de ensino.

3. METODOLOGIA DO ENSINO

O professor se apoia nas capacidades e interesses do aluno e faz do método um poder ordenador do trabalho formativo. Não é possível empregar um só método perfeito, imutável, pois é ideal, mas im

praticável. Usando vários métodos, procedimentos e técnicas deve chegar ao seu objetivo preestabelecido, isto é, a metodologia educativa que conta com métodos não necessariamente didáticos ou de instrução, como os métodos orientadores, estimuladores, etc.

A didática é um aspecto da educação, o ensino que, juntamente com a aprendizagem, forma o processo da instrução. O campo da didática ampliou-se consideravelmente desde seu sentido clássico:

"ciência e arte do ensino, dos métodos de instrução". Hoje, prefere-se dizer que apesar de ser método de instrução, é também a direção da aprendizagem.

3.1. *Ensino e Aprendizagem*

A definição em termos amplos seria: ENSINO—atividade do professor; APRENDIZAGEM—atividade do aluno. Estas duas atividades não são isoladas, mas sim, se complementam e se correlacionam.

A instrução, porém, é um momento da educação e só atinge seu objetivo máximo, quando o transmitir tem como resposta o assimilar. É o elo de ligação entre o ensino e a aprendizagem.

A aprendizagem é o momento em que o aluno assimila elementos que são ensinados pelo professor.

No passado, aprendizagem se identificava com memorização, contudo, com o avanço das teorias e estudos psicológicos da aprendizagem, o critério mudou, e em nossos dias a aprendizagem não é só o ato de retenção e repetição, mas sim uma atividade mental que torna o aluno capaz em relação ao manejo e elaboração dos materiais formativos. Também se aprende através de experiências, observação direta ou indireta, consulta bibliográfica, discussão e solução de problemas, execução de trabalhos escritos, exercícios de aplicação, de correção e atividades práticas. Nas atividades mencionadas entra em jogo uma série de experiências mais válidas que a simples memorização, que passa a ser instrumento para se chegar a um fim.

Assim, há uma mudança completa no sentido da teoria e prática da aprendizagem em relação ao ensino. Há uma integração entre aprendizagem e ensino, há planificação, orientação e condução da experiência concreta dos alunos no sentido de formação. O ensino é apenas a direção da aprendizagem. O método didático não é só método de ensino, mas também método de aprendizagem. O método de ensino é to-

do o procedimento que logre uma aprendizagem eficiente e desenvolva no aluno hábitos mentais que permitam enfrentar situações de sua vida profissional e social. A matéria instrutiva por si só não produz a aprendizagem, é preciso o método, que permite descobrir elementos educativos, abrindo novos horizontes para o estudo.

O ensino superior amplia o método docente, no sentido de ser um instrumento intermutável e como elemento positivo da formação. Isto é importante destacar, pois o ensino superior deve levar em conta que através de conhecimentos adquiridos se chega ao domínio de instrumentos necessários a uma atividade profissional. Segundo Ricardo Nassif, devem ser consideradas básicas as seguintes características do método de ensino superior:

1. O método deve ser concebido com tal amplitude que permita considerá-lo como princípio de ordenamento, conjunto da atividade docente e aprendizagem.

2. O método universitário deve ser integral e apontar não só a instrução, como também a educação e formação dos alunos constituindo-se em meio de formação.

3. O método universitário deve ajustar-se à natureza e leis dos conteúdos de instrução e educação, segundo especialidade que corresponda a cada caso.

Sem respeitar estas condições o método será simplesmente uma transmissão e reprodução de conhecimentos.

Na Universidade o trabalho de professores e alunos logra maior rendimento se em conjunto e em comum. O ensino superior tem métodos peculiares de formação, com processos que configuram os valores e bens culturais. A docência, nesse sentido, perde sua característica de simples ensino para tornar-se quase uma autodocência. A multiplicidade de conhecimentos e especialidades é impossível de transmitir. E então o que se faz é preparar o aluno para que os adquira por si mesmo, desenvolvendo suas próprias capacidades, ganhando o método de ensino superior um aspecto de meio de formação.

3.2. *Métodos Didáticos (Pedagógicos)*

A análise das vantagens e desvantagens dos métodos didáticos é sempre consideravelmente comprometida pelas generalizações ex-

cessivas de se lecionar e avaliar.

Os métodos são os caminhos que o docente segue em distintas fases ou partes e nas quais desempenham papel importante os recursos, as técnicas e os procedimentos.

Os recursos são os textos, tratados, guias, manuais, aparelhos, mapas, ilustrações, etc. As técnicas são a motivação, avaliação, trabalho em equipe, etc. E os procedimentos são os métodos interrogativos, demonstrativos, expositivos, discursivos, etc.

4. METODOLOGIA EM BIBLIOTECONOMIA

Quanto aos métodos de ensino aplicáveis à biblioteconomia podemos dizer que há duas correntes:

1. Métodos empregados no ensino de matérias culturais, tais como história, filosofia, literatura, são outros que os usados nas matérias técnicas e que darão ao estudante um conhecimento geral, aplicável às matérias específicas.

O estudante deve ter conhecimentos gerais e aplicáveis à biblioteconomia e também aprender os grandes princípios e teorias que são básicas à administração, seleção de livros, classificação e catalogação, serviço de referência e ainda ser capaz de adaptar os conhecimentos adquiridos a situações apresentadas.

2. Métodos de ensino totalmente práticos onde o argumento a favor estabelece que o bibliotecário deve aprender através de experiência própria e prática dentro de uma biblioteca ou laboratório.

Conclui-se, no entanto, que o ensino na biblioteconomia não deve ser nem só teórico e nem completamente prático. Deve haver harmonia entre ambas as formas e as boas escolas devem reconhecer a necessidade de formar alunos verdadeiramente capazes de assumir os encargos profissionais (práticos), sem contudo esquecer os aspectos teóricos da biblioteconomia.

Lembrar sempre que a formação profissional necessita de um equilíbrio teórico-prático.

Sem a teoria, a prática seria caótica: seria apenas uma coleção de casos individuais. Por outro lado, a teoria sem a prática seria meramente especulativa. A prática age como um freio na especulação pura.

Há métodos de ensino aplicáveis à biblioteconomia em separado ou combinados, que devem fazer parte do programa: conferências, seminários, cursos especiais, visitas a bibliotecas, trabalhos práticos, estágios.

Antes de analisarmos os métodos de ensino aplicáveis à biblioteconomia, e em especial classificação, devemos estabelecer alguns princípios básicos no ensino de Classificação Decimal de Dewey (CDD).

1. A programação deve ser cuidadosamente planejada. Explicar aos alunos os objetivos que se pretende alcançar, a relação desta disciplina com as demais.

2. Deve-se conseguir um clima favorável à aprendizagem, através da participação e cooperação dos alunos. Fazer ver que a prática da classificação se compõe de descobertas e da abertura de novos horizontes do conhecimento.

O clima favorável é conseguido em cada situação de aprendizagem, por uma atmosfera informal e relaxada da sala de aula, envolvendo os alunos na identificação de problemas e encorajando-os a tomarem atitudes na solução dos mesmos.

3. Aspectos psicológicos do ensino envolvem a motivação da aprendizagem, pois as classes são heterogêneas, compondo-se de alunos com vivências diversas e também com características pessoais próprias.

Isto tudo implica um programa mais flexível, conhecimento aprofundado do assunto por parte do professor, maneira específica de abordar a matéria, reconhecimento de seu valor, e interesse em transmití-la.

4. O uso de modernos métodos de ensino e materiais apropriados a cada situação contribuem para a aprendizagem.

5. A avaliação periódica da aprendizagem comprovará a compreensão do sistema, o sucesso ou o fracasso do sistema de ensino e indicará a necessidade ou não de reconsiderações quanto aos aspectos de abordagem, métodos e materiais usados.

Na biblioteconomia os métodos de ensino têm características próprias e faremos uma exposição das aplicações relativas ao ensino da CDD, daqueles usados mais freqüentemente.

4.1. Método Expositivo

É o mais antigo método didático e se fundamenta no instrumento de comunicação mais acessível - a palavra. Há necessidade desse procedimento se levarmos em conta que a apresentação de um tema, a organização de um conteúdo só podem ser transmitidas pela exposição.

No ensino da CDD é o método aplicado na exposição das características desse sistema, sua descrição e mesmo na apresentação de cada uma das classes gerais. Os alunos não só devem ser guiados, como também enriquecidos com idéias que vão torná-los mais adiantados a decidirem por si mesmos.

Demonstração, interrogação, conversação e discussão.

O método expositivo tem formas derivadas que contribuem na dinamização do processo instrutivo. São formas não somente expositivas ou verbais e se caracterizam pelo papel ativo do docente; são elas a demonstração, a interrogação, a conversação e a discussão.

Na *demonstração* o professor não só se limita a mostrar um determinado assunto mas deve suscitar no aluno o desejo de captá-lo e apreendê-lo. O professor demonstra o que se deveria fazer em certas condições e conta com sua experiência.

Por exemplo: demonstrar como seria a maneira correta de determinar um assunto, fazendo uso da leitura técnica do livro.

A *interrogação* desperta e dirige a atividade reflexiva dos alunos tornando-os conscientes dos problemas e das possibilidades de solução. Por exemplo: apresentar um livro a ser classificado e considerar as hipóteses de situá-lo no esquema da CDD, de acordo com o enfoque dado ao assunto. Levantar, mediante perguntas, o interesse do aluno, colocá-lo na situação de leitor e fazer então com que saiba responder qual a classe mais adequada ao assunto, tentando ser imparcial no seu julgamento e baseando-se unicamente no que deduziu mediante a leitura técnica.

Certos assuntos são fáceis de se classificar, outros mais difíceis, geralmente pelo desconhecimento de uma determinada especialização (matemática, física, medicina, topografia, etc.). Dada a possibilidade de especializar-se em todos os ramos do conhecimento humano, o bibliotecário deve ter pelo menos conhecimento da terminologia científica básica dos assuntos, deixando para recorrer aos espe-

cialistas em último caso.

A *discussão* ou conferências informais em classe são exposições de idéias e de experiências, com indicação de leituras e comentários por parte do professor. Essas discussões são um componente importante para um período de interrogação e discussão. Tornam possível uma troca de idéias, sem inibição dos alunos, encorajando-os na apresentação de sugestões.

No caso de leituras programadas há apenas um senão: geralmente as publicações disponíveis são em língua estrangeira, exigindo por parte dos alunos uma tradução para melhor entendimento do texto.

Ocorre em certas ocasiões que o aluno, com dificuldades na tradução, pede que o texto seja traduzido por outras pessoas, muitas vezes sem o conhecimento de terminologia, o que torna deficiente a compreensão.

O perigo do não aproveitamento da discussão está no fato de que algumas vezes o aluno repete meramente idéias alheias ou o professor somente expõe as suas, resultando apenas num amontoado de idéias soltas.

No ensino da CDD aconselha-se esse método para classes avançadas, para que se possa estabelecer um paralelo entre as idéias expostas. Para classes iniciantes, o melhor seria a leitura recomendada seguida de comentários por parte do professor (leitura dirigida) o que dá resultados melhores. Por exemplo: indicar a leitura do prefácio e introdução da CDD, com tópicos a serem comentados.

O contato com bibliotecários experimentados (*Conversação*) é de grande valia, entretanto são poucos aqueles dispostos a atender, expor, conversar, trocar idéias com os alunos. Em parte o maior problema decorre do acúmulo de serviço em suas bibliotecas e, principalmente, da falta de funcionários qualificados.

4.2. Conferências

No campo biblioteconômico geralmente as conferências são patrocinadas por alguma associação profissional, algumas vezes de âmbito nacional e mesmo internacional. A conferência pode tratar de alguma atividade de bibliotecas (bibliometria, classificação, catalogação) ou estudar algum tipo particular (bibliotecas universitárias, es

colares) ou ainda alguma atualização (normalização das referências bibliográficas, descrição bibliográfica internacional normalizada).

As conferências, quando especializadas, têm um restrito número de interessados. Geralmente ao final da exposição do orador são pedidos pontos de vista e iniciam-se debates e trocas de idéias. Nas conferências podem ser comunicados enfoques novos, transmitidas algumas experiências ou os resultados de uma investigação, conclusões de um congresso, comentário crítico de alguma obra ou de revista especializada.

Algumas vezes as conferências fazem parte de cursos de curta ou longa duração. As características exteriores de uma conferência obedecem geralmente às seguintes condições:

1. Os assuntos apresentados devem ser de interesse geral e particularmente de interesse de um público específico.

2. A realização das conferências será condicionada àqueles que possam usufruir um benefício delas.

4.3. *Seminários*

O método de seminário consiste no exame de um assunto específico por um grupo limitado. Em cada reunião algum participante expõe o seu texto, que é submetido a rigorosa análise e discussão por parte do grupo. Esse método tem maior valor na parte teórica e introdutória da CDD, tal como princípios da CDD, usos, histórico, comparações entre edições. Já fizemos uso desse método, com resultados surpreendentemente bons, se bem que em classes iniciantes seja mais difícil. O sucesso depende da coordenação do líder e da sua habilidade em conduzir o grupo.

4.4. *Cursos Especiais*

Os cursos especiais diferem das conferências enquanto tratam de um só assunto ou gênero de atividades. Constituem recurso útil para o estudo de biblioteconomia, pois abordam certos assuntos especiais ou limitados, que não são tratados regularmente nas escolas. Ex.: preparação de bibliotecárias para um tipo de biblioteca especializada (jurídica, médica); o uso da CDD em bibliotecas infantis e escolares; a formação do bibliotecário; bibliotecas infantis; o problema da reclassificação.

4.5. A Observação e a Prática

4.5.1. Visitas a bibliotecas

A utilidade das visitas está na observação de serviços, características de edifícios, documentos, materiais e equipamentos que não são vistos nas escolas. Dão uma visão de conjunto, e mostram as limitações e as possibilidades de progresso no meio bibliotecário. Em classificação as visitas se limitam à observação de esquemas adotados ou a extensões de tabelas, como foi o caso de uma visita programada à Biblioteca do Instituto Adventista, que adotava uma extensão da CDD. Outro ítem que pode ser observado nestas visitas é o uso da CDD para materiais especiais: discos, filmes, diapositivos, mapas. O aproveitamento das visitas deve ser comprovado por meio de trocas de idéias e sugestões em classe ou ainda pela apresentação de relatório.

É justamente tema de uma pesquisa a ser apresentada como trabalho de conclusão de curso na Universidade Federal do Paraná a viabilidade do uso da CDD para materiais especializados em planejamento urbano, fazendo-se um estudo comparativo entre a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Universal (que é adotada na biblioteca). Na apresentação do tema a aluna se propõe a reclassificar parte do material existente na biblioteca (Biblioteca do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba - IPPUC) e comparar ambas as classificações.

4.5.2. Trabalhos práticos

A observação é uma experiência direta de uma determinada realidade, porém, quase que fora do processo de aprendizagem. Por outro lado, a prática é uma maneira de se introduzir na realidade e de experimentá-la.

Os trabalhos práticos dos alunos, com ou sem orientação imediata do professor, também são conhecidas como tarefas de laboratório. Em biblioteconomia, laboratório é um conjunto de obras ou materiais dispostos em um local de maneira que os alunos possam efetuar aí suas tarefas.

Tal atividade permite, mediante o uso direto dos recursos (textos, técnicas, processos, esquemas), complementar e compreender

melhor o conhecimento teórico. O trabalho prático provoca uma atitude para chegar a um resultado com a aplicação de princípios teóricos.

Para essas atividades práticas, contamos na Universidade Federal do Paraná com o auxílio das bibliotecas, especialmente a dos setores de Educação e de Ciências Humanas, que cedem seu material (livros e periódicos) e instalações, permitindo que os alunos trabalhem em suas dependências nas horas de menor movimento. O fato de trabalhar em ambiente real motiva o estudante. Nessas aulas práticas, uma turma com mais de 15 alunos tem o acompanhamento prejudicado, obrigando uma subdivisão. É possível atender bem até 10 alunos simultaneamente. Além do atendimento, outro fator limitante é a quantidade de material (tabelas, listas, etc.), quase sempre em número insuficiente. Utilizamos sete (7) tabelas da CDD (18. ed.), cinco (5) de propriedade do Diretório Acadêmico, uma do Departamento de Biblioteconomia e uma da própria biblioteca. Na preparação de uma aula o material correspondente é separado, casos são estudados *a priori* pelo professor, e concentrado no local previsto. Como nessa biblioteca estão representados quase todos os ramos do conhecimento humano, torna-se fácil separar casos típicos, conforme a classe a ser estudada.

Quando o número de livros sobre um assunto é insuficiente, temos a possibilidade de procurar bibliotecas especializadas como, por exemplo, engenharia, medicina.

Na impossibilidade de acesso a bibliotecas, outro recurso que pode ser adotado para as práticas é o de apresentar recortes de catálogos de livreiros, que tenham resumos e comentários, facilitando a determinação do número de classificação. A grande vantagem desse recurso está na duplicação do material, que facilita a discussão e os comentários posteriores.

Para os alunos é mais fácil classificar um assunto semideterminado do que classificar um livro ou artigo, onde o assunto deve ser pesquisado, se não for claramente expresso.

A maior dificuldade apresentada pelas práticas em bibliotecas é o transtorno que se causa ao pessoal e ao público, pois um grupo de estudantes e professores interfere no serviço.

Esperamos, para o futuro, poder contar com salas especialmente destinadas às práticas na própria biblioteca. O material sele

cionado estará próximo de elementos necessários para seu trabalho prático: catálogos, listas, dicionários, enciclopédias, etc. Sobretudo, seu treinamento não se reduzirá a umas poucas horas, fora das quais não pode ser prolongada sua atividade.

Sem dúvida, os gastos com o estabelecimento e manutenção desses laboratórios são elevados. Local apropriado, material bibliográfico, mobiliário e outros elementos são necessários às aulas práticas.

É um meio eficiente de resolver o problema de treinamento, com a vantagem de que o ambiente é excelente motivador.

Há maior interesse em manusear livros, folhetos e periódicos e classificá-los, do que resolver apenas exercícios em aula. Porém, tais listas de exercícios são úteis no início do estudo de cada uma das classes, ou quando os materiais são de difícil acesso, ou ainda considerá-los como tarefas extraclasse. Nesse caso, facilitar o empréstimo da CDD. Frisamos, porém, que os exercícios não devem ser, de maneira nenhuma, a forma principal de praticar.

4.5.3. Estágio em bibliotecas

No estágio em bibliotecas o aluno, supervisionado por um bibliotecário competente, vai desenvolver tarefas e atividades pertinentes ao serviço geral, tais como: seleção, aquisição, empréstimo, catalogação, classificação, registro, atendimento a leitores, etc. Terá, então, uma visão global dos serviços bibliotecários.

Este estágio supervisionado apresenta vantagens e desvantagens. As escolas recebem com frequência pedidos de estagiários para bibliotecas que estão mal organizadas e que propõem que as práticas dos alunos consistam em reestruturá-las e mesmo recatalogar e reclassificar, porém sem orientação de profissionais. Tais pedidos devem ser examinados com cuidado, pois o aluno, sem a assistência adequada de um profissional e a coordenação geral por parte de um professor de sua escola, pode vir a desaprender, em vez de aproveitar o seu estágio. Desse modo, o número de bibliotecas apropriadas para os estágios se reduz consideravelmente e poucas podem atender os alunos satisfatoriamente.

Faz parte do Currículo Pleno do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Paraná a disciplina *Estágio Supervisionado*.

Normalizando as atividades a serem desenvolvidas pelo estagiário temos um anteprojeto, o qual inclui também requisitos quanto ao credenciamento das bibliotecas junto do Departamento de Biblioteconomia. Ao final do Estágio, o aluno deve entregar seu relatório ao professor coordenador, anexando uma folha de conceitos emitidos pelo orientador.

Certas bibliotecas introduzem em seus procedimentos rotineiros, reformas e adaptações nas técnicas e serviços, muitas vezes impostas por características próprias e que levam o aluno a adaptar-seus conhecimentos, provocando alguma confusão e insegurança de sua parte, caso não seja bem orientado.

O fato de o bibliotecário orientador estar assoberbado de trabalho pode prejudicar a orientação do estágio e os alunos podem ser designados a fazerem trabalhos sem importância.

Como vantagens, podemos dizer que o aluno se familiariza com a biblioteca e ambiente de sua profissão.

Facilita sua compreensão nos estudos e percebe as diferenças que se impõem face aos problemas que surgem no dia-a-dia dos serviços bibliotecários.

A prática contribui para a formação do estudante, reforçando o que aprendeu em aula.

O problema de estágio obrigatório em bibliotecas é de difícil solução, pois o sentido de realidade se faz necessário, e ao término do curso é de se perguntar se de fato estarão os alunos aptos para o exercício da profissão.

5. MATERIAL DIDÁTICO

O material didático usado no ensino da biblioteconomia em geral e em particular da CDD pode ser dividido em dois grandes grupos:

1. Meios impressos convencionais.
2. Meios audiovisuais.

5.1. Meios Impressos Convencionais

5.1.1. Livros

A utilidade dos livros no ensino da classificação é óbvia.

Porém, a maior dificuldade está na falta de textos em língua portuguesa ou talvez em espanhol. Os estudantes dependem quase sempre da palavra dos professores e das "apostilas", que algumas vezes apresentam partes de pensamentos e idéias sobre um assunto, empobrecidas e deformadas.

Para superar tais deficiências, aconselhamos, na medida do possível, as leituras obrigatórias e comentadas e o incentivo da publicação de livros e trabalhos por parte dos professores ou mesmo de traduções de textos.

No ensino da CDD consideramos como leitura obrigatória a introdução da obra, escrita pelo editor, com discussões paralelas e seminários. Escrita, evidentemente em inglês, os estudantes encontram certa dificuldade na sua compreensão, porém, ao mesmo tempo, vão se familiarizando com os termos técnicos usados.

Os livros-textos são particularmente valiosos na parte introdutória ao estudo da disciplina, ou nos estudos comparativos entre as várias edições, ou mesmo na relação entre a CDD e outros sistemas de classificação.

5.1.2. Periódicos

Os alunos devem ser encorajados a consultar periódicos, particularmente aqueles que tratam de problemas de desenvolvimento e inovações no campo biblioteconômico. Ex.: *Journal of Documentation*, *Library Journal*, *The Indexer*, *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, etc.

5.1.3. Esquemas de classificação, listas de Cabeçalhos de assunto.

A escola de biblioteconomia poderia, na medida do possível, ter alguns textos, embora o ideal seja que cada estudante tenha seu próprio exemplar da CDD. O preço dos livros e a dificuldade em obtê-los (por importação) são os maiores impedimentos. Na Universidade Federal do Paraná, e mais especificamente, no Departamento de Biblioteconomia, contamos com sete exemplares da CDD, como já dissemos, motivando a subdivisão das turmas, que não ultrapassam de 15 alunos, facilitando o manuseio dos esquemas e permitindo atendimento individual ao aluno.

Fazem parte do acervo de nossa biblioteca manuais, textos de

conferências, guias, livros básicos e periódicos especializados. Esse tipo de material geralmente mostra outros procedimentos bibliotecnômicos, de grande utilidade nas práticas.

5.2. Meios Audiovisuais

Em contraste com a extensa literatura sobre a CDD (recursos impressos), há pouca variedade de recursos audiovisuais aplicáveis ao ensino da classificação. Praticamente, os filmes, diapositivos, transparências servem apenas para aspectos gerais, teóricos e introdutórios.

Hoje, com o enorme avanço da tecnologia audiovisual, são poucos os países que não podem explorar essas técnicas ou parte delas como estímulo didático.

Os diapositivos, transparências, filmes, instrução programada são usados com mais freqüência que outros, como televisão e computadores. Também se faz uso ainda de meios tradicionais como quadro-negro e cartazes. No uso dos meios audiovisuais o tempo necessário ao seu preparo, esforço e custos do material são levados em conta na sua escolha.

5.2.1. Diapositivos

Esses são particularmente úteis para ilustração, substituindo com vantagens o uso clássico dos cartazes. Excelente recurso para demonstrar quadros comparativos, histórico da classificação, características do sistema de Dewey e mesmo parte dos esquemas. Ainda em relação aos cartazes, são de mais fácil armazenagem.

5.2.2. Transparências

São usadas geralmente para substituir o quadro-negro e giz na maioria das escolas. São excelentes para o caso de turmas com numerosos alunos. Seu processo é simples. Definições, ilustrações, esquemas são preparados nas transparências e projetadas durante as explicações. Especialmente destinadas às classes iniciantes ao estudo da CDD.

5.2.3. Filmes

Os filmes são mais versáteis que os video-tapes e podem ser

revisados com maior facilidade. Porém, seu emprego no ensino da Classificação é mais restrito, a não ser se desejarmos mostrar aspectos de reclassificação, custos dos serviços técnicos. São mais bem empregados na área de planejamento e organização de bibliotecas.

5.2.4. Ensino programado

É uma técnica de auto-ensino que apresenta instruções em pequenos segmentos, cada qual seguido de tarefas que permitam ao estudante demonstrar sua compreensão e habilidade. Se ele acertar a tarefa, é-lhe apresentada outra seqüência de ensino-resposta-julgamento; se errar, deve reestudar o material ou item por meio de instruções adicionais antes de prosseguir.

O efeito do conhecimento imediato do sucesso ou fracasso, em tais casos, acreditamos ser o maior estímulo nesse processo de ensino.

O problema da instrução programada não está propriamente no seu uso, mas sim na sua formulação. Temos alguns textos programados usados em aula, de autoria de Maria Antonieta Requião Piedade e de C. D. Batty.

Esse recurso é valioso e mesmo ideal para classes iniciantes, pois mostram o panorama geral do sistema, graus de dificuldades que aparecem, tais como: números simples, subdivisões padrão, área, síntese da notação, uso das demais tabelas auxiliares da 18a. edição da CDD.

Desse modo, economizamos tempo e restam maior número de horas para explicação de casos mais complexos e para as práticas em bibliotecas.

5.2.5. Televisão

É um meio audiovisual usado, mas em países de grande desenvolvimento, como os EUA, porque o equipamento necessário é muito dispendioso.

A televisão educativa, no Brasil, ainda está sendo pouco difundida e tem seu uso adotado nos grandes centros educacionais.

É de se esperar que seu uso se generalize para o futuro, e que todas as instituições de ensino venham a ser convenientemente equipadas com sistema de TV de circuito fechado e instalações adequa-

das.

A televisão apresenta algumas vantagens: o professor tem oportunidade de se comunicar com maior número de estudantes (massificação do ensino) e sua apresentação pode vir a ser preservada para estudos posteriores através dos vídeo-tapes.

Por outro lado, traz como desvantagens o seu custo elevado e o ensino despersonalizado.

6. PROBLEMAS DE ENSINO DA CDD

No ensino da CDD deparamos com algumas questões a serem resolvidas: Que edição ocupar? Comparar as últimas edições? Usar a edição abreviada ou a completa?

A resposta a estas questões depende da escola e de seus programas.

6.1. Múltiplas Edições

Esta é uma questão importante a ser abordada. Podem os alunos usar simultaneamente diferentes edições nas práticas?

As inovações que surgem entre uma e outra edição dificultariam o aprendizado, especialmente quando se trata de esquemas renovados. Por exemplo, a 18. ed. em relação à 17. ed. apresenta dois esquemas completamente renovados (340: direito e 510: matemática) e cinco novas tabelas auxiliares. Os exercícios, compostos de itens relacionados com a classe que está sendo estudada, teriam diferenças quanto aos resultados.

E, o professor, na organização dos mesmos, cuidaria de não incluir tópicos focalizados em classe diferentes em seus exemplos.

Por outro lado, ainda comparando essas duas últimas edições, podemos mencionar a substituição das notas "divida como" pelas de acréscimo (Add notes), sendo que a aplicação dessas notas difere um pouco e os alunos teriam que estar a par das duas sistemáticas.

Contudo, se não fizermos pouca ou nenhuma menção às edições anteriores, os estudantes que mais tarde forem trabalhar em bibliotecas que usam outra edição encontrarão certas dificuldades de adaptação.

O recurso é desenvolver discussões a respeito da comparação

das diversas edições (a partir da 14. ed.), fazendo uso de meios audiovisuais, mostrando as características de cada uma delas, se possível com um exemplar em mãos. Também não devem ser deixadas de lado as edições abreviadas. Os alunos ficarão a par da estrutura do sistema, como usá-lo, saberão quantas e quais modificações ocorreram e os problemas relacionados à reclassificação.

6.2. *Edições Completas x Edições Abreviadas*

Como já dissemos, o ideal seria que cada aluno tivesse seu próprio exemplar da CDD. Já fizemos experiência nesse sentido, tendo os alunos adquirido a edição abreviada (que deve ser comprada com a antecedência de seis meses antes de iniciar seu estudo, pelo fato de ser importada) e com pouco sucesso e mesmo insatisfação por parte dos alunos.

Vantagens: cada aluno possuía seu exemplar, de menor preço. Foram programadas maior número de tarefas extraclasses, sem haver o problema de empréstimo dos esquemas.

Desvantagens: muitas das características da edição completa deixaram de ser mencionadas. O uso de edições completas nas práticas em bibliotecas dificultou a aprendizagem, gerando confusão.

A disponibilidade da edição completa da CDD como equipamento de laboratório, com direito a empréstimo a cada estudante, deu melhores resultados. Em classe são examinadas características do sistema, questões são levantadas e discutidas e exercícios são feitos. Em casa, pelo empréstimo dos esquemas da CDD, o aluno pode rever com mais vagar as suas dúvidas e as proposições levantadas.

A dificuldade está no número de exemplares de que se dispõe a que certamente varia de escola para escola.

Nos Estados Unidos, há um sistema de "aluguel" de exemplares nas Universidades de Berkeley e Rosary, variando o preço de local para local. Esse aluguel pode ser por parte das editoras ou pelas escolas, aumentando consideravelmente o número de exemplares disponíveis.

A grande desvantagem de a própria escola adquirir todos os exemplares está no evento de novas edições e o que fazer das mais antigas, se em grande número, resultando em problema de despesas e armazenagem.

Uma outra solução, diminuindo a importância do uso direto dos esquemas, exceto para um exame, é a reprodução de partes dos esquemas e tabelas. E, em última instância, mimeografar os sumários e outras seções importantes com o mesmo propósito. Entretanto, isto implica questões de direitos autorais.

6.3. O Ensino das Características

Em primeiro lugar, devemos especificar que tipo de biblioteca usará a CDD, seu tamanho e especialidade.

Esse problema pode ser aparente, contudo, na prática, é importante, pois diz respeito à expansão ou simplificação dos símbolos notacionais. É claro que os mesmos princípios governam o sistema todo, seja abordado de maneira completa, intermediária ou simplificada, entretanto torna-se mais fácil para o estudante saber interpretar todas as instruções completamente e nas práticas simplificar os números.

Em aulas teóricas ensinamos a interpretação de todos os tipos de notas que aparecem nos esquemas com exercícios de reconhecimento das mesmas. Ex.: Identifique que tipo de notas são mencionadas sob o número 553.65.

Também é muito importante o estudante saber manusear o índice da CDD, o que facilitará a procura dos assuntos dentro dos esquemas, especialmente pelo fato de ser um índice relativo. Ajudará também no caso de assuntos mais complexos e não familiares.

Dominando bem o uso das notas explicativas e do índice o aluno dificilmente encontrará problemas na aplicabilidade do esquema.

7. O ENSINO DA CDD POR COMPUTADORES

No artigo "Computer-assisted instruction in DDC" (programa CAI), de Louis M. Chan e Timothy A. Smith, ⁽³⁾ publicado no *Journal of Education for Librarianship*, é relatado um estudo sobre o uso de computadores, em fase experimental, no ensino da CDD, desenvolvido no College of Library Science, Universidade de Kentucky, desde 1974, como uma introdução ao estudo da classificação e da catalogação. O programa CAI foi usado anteriormente no início de 1967, nas Universidades de Illinois e de Pennsylvania. Seu objetivo é verificar a viabilidade de aplicação da tecnologia em áreas do ensino da biblioteconomia.

nomia.

Também foi aplicado ao ensino do uso de bibliotecas e em cursos de referência, porém sua aplicação na área de processamentos técnicos é bem mais limitada.

Foi escolhida a classificação nessa experiência, porque seus assuntos são expressos por símbolos notacionais, sendo a CDD uma notação pura de algarismos arábicos e de aplicação compatível aos computadores.

Foi usada a 10. ed. abreviada da CDD por se tratar de um curso introdutório que não pretendia ensinar a classificar materiais, mas sim a usar o sistema.

O programa consiste em 110 questões divididas em três graduações:

1. Grau elementar, consistindo em atribuir simplesmente números da CDD aos assuntos indicados.

2. Grau intermediário, consistindo em questões que requerem construções de números simples, apenas pelo acréscimo de tabelas auxiliares, como a de área.

3. Grau avançado, consistindo em questões que requerem construções numéricas mais complexas e uma análise mais sofisticada dos assuntos.

Vantagens: Tal como a instrução programada, há uma resposta imediata a cada questão, sem que o aluno precise chegar ao final do exercício para constatar seus erros.

A rapidez em obter resposta permite que o aluno não repita o mesmo erro.

Em relação aos textos escritos, apresenta a vantagem de dar a oportunidade de várias tentativas antes da resposta correta ser indicada.

O programa CAI provê também registro detalhado do comportamento do aluno em cada caso.

A prática individual também é o grande mérito do programa, pois as classes geralmente são heterogêneas e numerosas, resultando ser praticamente impossível ao professor atender cada aluno pessoalmente.

Desvantagens: O uso de computadores como instrumento de ensino é extremamente dispendioso.

Sua utilização implica o aprendizado de terminais.

O computador não é capaz de prover melhores explicações no caso de respostas completamente erradas. É só previsto que a resposta não está certa e a tarefa deve ser tentada novamente. Esse problema pode ser parcialmente superado se considerarmos que poderia haver um professor orientador.

Outro problema encontrado diz respeito aos aspectos mecânicos: a manipulação do computador deve ser exata e precisa. Se o estudante inadvertidamente deixa um espaço ao escrever um número, a resposta é rejeitada e considerada errada. Ex.: 9 81.05 (com um espaço entre o algarismo 9 e o 8).

Esse programa CAI será reformulado, como seus próprios autores o dizem, especialmente no acréscimo de respostas comentadas aos erros, o que não ocorre em sua versão original. Os autores esperam também que esse programa seja bastante difundido e que para o futuro seja efetivamente um método de instrução empregado em classe.

8. CONCLUSÕES

A educação consiste no desenvolvimento e valorização do aluno e na sua integração social. As técnicas e os recursos de ensino serão suficientemente ajustadas e flexíveis; o aluno será atendido em seus problemas e necessidades; será incentivado e orientado.

Dentro do quadro geral de recursos e meios, o professor organizará seu próprio método, conforme as circunstâncias e as possibilidades para atingir os objetivos previstos.

No ensino da CDD os meios que melhor se adaptam são os dispositivos, as transparências, o clássico quadro-negro e naturalmente os livros.

A possibilidade de os alunos de serem atendidos pessoalmente trarão maiores vantagens no seu aprendizado. Os exercícios, a prática em bibliotecas e o estágio são de máxima importância no ensino desse sistema.

Nosso objetivo será alcançado quando os resultados de nosso trabalho forem satisfatórios e o índice de rendimento dos alunos for

alto.

Esperamos aperfeiçoar cada vez mais, progredir e experimentar novos e melhores métodos, procurando obter resultados positivos com os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BATTY, C. D. Programmed instruction in classification and indexing. *ASLIB Processings*, 21 (3):127-35, Mar. 1969.
2. CHAN, Louis Mai. Dewey 18: another step in an evolutionary process. *Library Resources & Technical Services*. 16 (3):383-99, 1972.
3. CHAN, Louis Mai & SMITH, Timothy A. Computer-Assisted instruction in DDC. *Journal of Education for Librarianship*, 16 (1):33-40, Summer 1975.
4. DANTON, J. P. *La formation du bibliothécaire*. Paris, Unesco, 1950. 97 p.
5. DEAN, John. *Planning library education programmes...* London, A. Deutsch, 1972. 137 p.
6. FOSKETT, A. C. A new approach to teaching classification and subject cataloging. *Journal of Education for Librarianship*, 17 (4): 276-82, Spring 1970.
7. FOSKETT, D. J. Library education: the role of classification, indexing and subject analysis. In: SWANSON, Don R. *The intellectual foundations of library education...* Chicago, The University of Chicago Press, 1965. p. 74-85.
8. HAYES, Robert M. The development of a methodology for system design and its role in library education. In: SWANSON, Don R. *The Intellectual foundations of library education...* Chicago, The University of Chicago Press, 1965. p. 51-63.
9. LIEBERMAN, Irving. Relating instructional methodology to teaching in Library Schools. In: BORKO, Harold, ed. *Targets for Research in library education*. Chicago, ALA, 1973. p. 65-85.
10. NASSIF, Ricardo. *Docencia y investigación; basis para una metodología de la enseñanza superior*. Santa Fé, Universidad Nacio-

nal del Litoral, Departamento de Pedagogia Universitária, 1961.

11. NEEDHAM, C. D. *Organizing Knowledge in libraries*. 2. ed. London, A. Deutsch, 1964. 448 p.
12. SABOR, Josefa E. *Métodos de enseñanza de la bibliotecología*. Paris, Unesco, 1968. 146 p.
13. TAUBER, Maurice; FRAREY, Carlyle J.; BATTIS, Nathalie C. *The Dewey Decimal Classification; outlines and papers presented at a workshop on the teaching of classification*. Dec. 8-10, 1966. New York, Columbia University, School of Library Service, 1968. 121 p.
14. THORTON, James W. & BROWN, James ed. *New media and college teaching*. Washington, D. C., National Education Association, 1968.

A CLASSIFICAÇÃO E A FORMAÇÃO CULTURAL
DO ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA

Maria Christina Girão Pirolla,
Professora da Escola de Biblioteconomia
e Documentação da Fundação Educacional
de São Carlos, SP

1. INTRODUÇÃO

"INTEGRAÇÃO" - sinônimo de "totalidade", "inteireza", "completação", é um fator básico da vida. O pensamento de conjunto é anterior ao das partes que o compõem. Em todo ramo da atividade humana a integração é uma constante, não importam as especializações que o avanço da Ciência e da Tecnologia tenha exigido nos últimos tempos.

O homem, ser social por excelência, para sua sobrevivência, deve estar integrado ao meio em que vive.

Nada pode ser admitido em termos de fragmentação, de isolamento ou de desenvolvimento irregular.

Mais próximo à nossa especialidade junto ao magistério, verificamos que a defasagem entre escola e vida, acarretando inúmeros problemas de ordem material, científica, intelectual e espiritual, trouxe uma revisão na estrutura escolar, para que não mais dificultasse o desenvolvimento do educando, mas buscasse a sua formação integral, como uma satisfação às exigências da vida moderna.

Daí, a atual estrutura do ensino de 1ª e 2ª graus fundamentar-se na idéia de integração vertical e horizontal. A primeira, prendendo-se a motivos sócio-econômicos no tocante aos graus de escolarização que a sociedade pode oferecer e aceitar, e a segunda, em termos de terminalidade, em qualquer grau, dependendo das aptidões, meios e possibilidades do educando.

Uma educação integrada envolve, pois, os aspectos internos e externos da escola. Internamente, conjugando as atividades dos elementos que constituem a comunidade escolar numa coordenação de disciplinas, currículos, programas e demais atividades, visando atender às aptidões, interesses e necessidades do educando. Externamente, preocupando-se com as relações escola-comunidade, fazendo com que o educando não só conheça os problemas da sociedade em que vive, mas se torne capaz de sobre eles agir construtivamente, como um dos responsáveis pelo progresso e desenvolvimento do país e bem-estar da coletividade.

A integração escola-vida baseia-se, portanto, numa ação conjunta e coerente.

Como decorrência do fenômeno integração, o planejamento torna-se uma imperiosa necessidade em todos os setores da vida. Fundamental será em se tratando do problema EDUCAÇÃO.

Unidade, continuidade, flexibilidade, objetividade, precisão e clareza, sendo algumas das características essenciais para que os meios e fins da Educação possam ser plenamente atingidos.

2. A INTEGRAÇÃO DAS DISCIPLINAS DE CLASSIFICAÇÃO E DE CULTURA GERAL, NO CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA

Ninguém ignora que a faculdade de classificar é um dos processos mentais essenciais à vida humana. Pelo grau de semelhança ou diferença que apresenta, tudo na vida é agrupado, facilitando assim o raciocínio e a compreensão numa total economia de tempo e de energia.

Segundo Gaston Litton, "a classificação deve ser considerada como uma das chaves que abre as portas do saber humano, pois o agrupamento racional das coisas numa ordem predeterminada proporciona um roteiro ou guia que é essencial para se poder aproveitá-las ao máximo". (1)

A biblioteca, como repositório do conhecimento humano, não poderia privar-se de tarefa tão imprescindível como a da classificação, que num sistema preestabelecido visa à utilização constante de todo o seu acervo.

Na opinião de Richardson, bibliotecário norte-americano, "as bibliotecas não constituem um museu para exibir os fósseis do conhe-

cimento. Os livros são colecionados para o uso, arranjados para o uso e o uso é motivo único da classificação."(2)

Preocupação dos filósofos, passou a ser um objetivo de todos aqueles interessados em preservar e utilizar todo o saber da humanidade.

Conseqüentemente, a disciplina Classificação, se não a mais importante, é pelo menos uma grande contribuidora para a eficiência do desempenho do profissional bibliotecário, como agente social responsável pela seleção, reunião, recuperação e uso adequado das conquistas intelectuais, científicas, tecnológicas e artísticas de todos os tempos. Seu papel no currículo de uma Escola de Biblioteconomia é de importância ímpar, não só no seu aspecto técnico e funcional, mas principalmente no embasamento cultural que exige daquele que faz dela o seu instrumento de trabalho.

Se uma biblioteca encerra todo o vasto repertório do saber humano, o classificador deve ser acima de tudo um "culto" antes que um "técnico". Nada melhor do que a Classificação para testar o grau de conhecimento de um bibliotecário. Não que ele obrigatoriamente precise ser um sábio ou uma enciclopédia, mas que tenha condição para chegar ao assunto com mais rapidez e precisão do que qualquer outro profissional que se dedique a uma causa semelhante.

Mas, o que seria da Classificação sem as matérias chamadas culturais? Os alunos egressos das escolas de 2º grau, quase que em sua totalidade, não apresentam um embasamento cultural que os torne aptos a prosseguir os estudos. O hábito da leitura não se encontra entre os passatempos de nossos jovens. Daí, se não podemos admitir a exclusão de matérias culturais de qualquer currículo, o que devemos dizer do de uma Escola de Biblioteconomia? O que precisamos saber é se essas matérias culturais, ante o desmesurado avanço em todas as áreas do conhecimento, estão correspondendo efetivamente a todas as exigências. Será que seus conteúdos não se acham desatualizados, em completo desacordo com aquilo que deva ser realmente ensinado e que o profissional precise realmente conhecer?

A Classificação depende das matérias culturais, assim como as matérias culturais dependem da Classificação. Não podem ser concebidas isoladamente, mas numa perfeita integração de objetivos, de critérios e de graus de extensão. Necessário se faz um trabalho conjunto entre todas elas visando não apenas ao aprimoramento cultural

e técnico do especialista em Biblioteconomia, mas também sua eficiência na vida prática junto aos usuários.

O planejamento global da escola tem como uma de suas metas o fator integração, como elemento preponderante na obtenção dos objetivos. Mas, isso não é suficiente, sem uma tomada de consciência por parte do corpo docente e dos profissionais responsáveis pelo seu desenvolvimento nas várias áreas de habilitação.

Tomemos por base a nossa realidade. Dos vários sistemas de classificação em uso, a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Universal são amplamente divulgadas e utilizadas nos meios biblioteconômicos do país.

Ambas, abrangendo o conhecimento humano de forma ampla e global, poderiam oferecer subsídios para o roteiro dos vários programas de cultura geral. É apenas uma questão de esclarecimento sobre os objetivos do curso de Biblioteconomia. Para um tal curso, essas matérias culturais deveriam ter um caráter mais informativo do que formativo, pois para este último existem os cursos específicos. Não que os assuntos devessem primar pela superficialidade. Cada disciplina poderia chegar até o 3º sumário, das duas tabelas de classificação acima referidas, por exemplo, o que viria capacitar o estudante de biblioteconomia, principalmente nas aulas de Classificação, a determinar os assuntos com mais propriedade.

A Classificação poderia então contar com uma excelente retaguarda que fortalecesse o seu trabalho para chegar a resultados mais positivos. Ninguém ignora a dificuldade que uma aula de Classificação oferece quando os assuntos começam a ficar complexos. A falta de leitura e de interesse por assuntos que atingem apenas uma faixa, faz com que o jovem se sinta desajustado, deprimido e às vezes desestimulado a continuar o curso. O professor de Classificação, por sua vez, precisa atender a duas coisas ao mesmo tempo: dar um pouco de cultura geral quando a ocasião se faz necessária, aliada à parte teórica e técnica que a disciplina exige.

Se houvesse uma perfeita integração interdisciplinas, o problema estaria em grande parte resolvido. *Os estudantes poderiam mesmo compor glossários, nas matérias culturais, sob a orientação dos respectivos professores, fazendo até referências a outras áreas disciplinares que pudessem conter abordagens do mesmo assunto em outros aspectos e que naturalmente, pelo entrosamento entre as matérias, já*

fosse do conhecimento de todos. Isso viria comprovar a necessidade atual de acompanhar a interdisciplinaridade do conhecimento.

Teríamos desse modo a Classificação servindo de ponto de partida para as matérias culturais, e estas, colaborando objetivamente com os propósitos da primeira.

Não há dúvida de que as dificuldades persistiriam. O problema parece ser mais facilmente solucionado nos Institutos Isolados, onde os professores de cultura geral seriam contratados para um fim especial. As maiores dificuldades seriam encontradas nas Universidades onde essas disciplinas culturais são destinadas a cursos diferentes, com objetivos diferentes e oferecidas ao mesmo tempo numa heterogeneidade de interesses.

De qualquer maneira, a sugestão fica lançada. Esperamos contar com a compreensão e a colaboração de todos para que as possíveis falhas possam ser sanadas.

3. QUANTO AO PROFESSOR DE CLASSIFICAÇÃO

Como um dos elementos integradores no planejamento global da escola, o professor de Classificação tem um papel relevante. Sua atuação, porém, não se restringe a isso. Deve participar da coordenação das disciplinas culturais, orientando seus professores no preparo dos programas específicos, salientando os objetivos educacionais e profissionais, ajustando-os ao currículo de Biblioteconomia, que deve estar vinculado à estrutura educacional do país.

Mas para que essa integração possa ser definitivamente uma realidade, o professor de Classificação deve ser um dos responsáveis pela informação prévia e periódica aos professores de cultura geral, do que se espera de um curso de Biblioteconomia, quanto à formação dos profissionais que terão por função precípua recolher, organizar, recuperar e difundir todo o saber humano.

Solicitar como primeira atitude, a cooperação desses professores de cultura geral, levá-los a uma tomada de consciência de que o ensino, é um todo integrado e não áreas estanques.

Sem dúvida pensarão muitos que a autonomia sofrerá interferências; que o trabalho ficará na dependência de matérias consideradas técnicas; terão inclusive dificuldade em estabelecer mínimos e máximos e poderão se sentir frustrados em suas realizações. Entra aí

a tarefa do professor de Classificação em procurar se fazer compreender, sem impor, naquilo que considere mais premente para o bom andamento do ensino.

4. QUANTO AOS PROFESSORES DE CULTURA GERAL

Exigir formação específica em nível superior, seria "chover no molhado", como diz a expressão popular. Entretanto, a par de seus conhecimentos comprovados, o professor de cultura geral deve ser esclarecido sobre os objetivos das disciplinas culturais, no curso de Biblioteconomia, sobre a heterogeneidade da clientela, quase que em sua totalidade saída dos bancos de nível de 2º grau, sobre o desempenho do profissional bibliotecário na realidade brasileira, na demanda de seus serviços num país em franco desenvolvimento cultural, econômico e social.

O entrosamento das disciplinas de cultura geral com a área considerada técnica deve ser uma constante. Desse entrosamento haverá compreensão, atualização, intercâmbio e fixação de objetivos e de critério.

O intercâmbio cultural e didático entre os professores de cultura geral com outros professores da mesma escola e de outras instituições do gênero, viria completar o trabalho de forma dinâmica e atualizada.

As bibliografias gerais e especializadas poderiam constituir um roteiro básico de abordagem em cada disciplina cultural. Conhecê-las e utilizá-las, seria além do mais, uma contribuição do curso para a atualização e aprimoramento cultural dos responsáveis pelas várias disciplinas culturais.

Outra vantagem seria a de levar aos alunos, documentos relativos a sua disciplina e junto com eles, fazer uma análise técnica dos assuntos para que, em comum, possam chegar ao conteúdo com mais facilidade e sentir o porquê da disciplina cultural no currículo como auxiliar importante da Classificação.

A Classificação seria então mais valorizada. Levar o aluno a classificar não é apenas fazê-lo encontrar o número correspondente ao assunto em qualquer tabela de um sistema qualquer. É muito mais do que isso. É fazê-lo raciocinar, refletir sobre os fatos e consequentemente chegar à significação das coisas. É um processo mental

antes que técnico. Portanto, a atuação do professor de Classificação seria facilitada com uma bem estruturada retaguarda cultural.

5. QUANTO À ESTRUTURA DO CURRÍCULO DE UMA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA

Muito se tem falado sobre a necessidade de reformulação dos currículos mínimo e pleno quanto a conteúdo, métodos, níveis e técnicas, pois tem-se notado uma predominância do ensino prático em detrimento dos fundamentos teóricos; que não existe um todo orgânico; que até mesmo as matérias técnicas e as culturais já se acham um tanto desvinculadas da realidade.

A uniformização da estrutura curricular entre as Escolas Brasileiras de Biblioteconomia e Documentação seria fundamental. De um núcleo comum básico, partir-se para outras áreas e especializações segundo as necessidades regionais. Tendo em vista que a cultura é indispensável para a eficiência de toda e qualquer disciplina e em especial da Classificação, seria aconselhável que o 1º ano fosse totalmente dedicado às matérias culturais, o que viria facilitar os trabalhos e atividades posteriores.

6. AVALIAÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA

Fugindo às definições de sociólogos e de antropólogos para os quais a Cultura é um conjunto de crenças, conhecimento, arte, moral, lei, costumes, que o homem adquire como membro de uma sociedade, numa ânsia de ajustar-se ao seu ambiente e de melhorar seu modo de vida, fixemo-nos no sentido popular do termo. Cultura seria então sinônimo de conhecimento, de capacidade intelectual, científica e artística.

Se essa cultura popularmente definida é básica para toda e qualquer atividade que vise ao aperfeiçoamento do homem, imagine-se o que deva ser esperado de um bibliotecário, não só quando aluno, mas principalmente no exercício de sua profissão. Se a Biblioteca é o repositório de todo conhecimento humano, o bibliotecário é o responsável pela preservação e divulgação do mesmo. Ninguém mais do que ele deve estar a um passo à frente no campo das atualizações. Ele não precisa ser um sábio, nem um sábio precisa ser bibliotecário. Mas o trabalho conjugado de ambos, viria trazer melhores resultados.

Na opinião de Rubens Borba de Moraes, "o bibliotecário moderno é um intelectual e um técnico. A cultura, ele a adquire em primeiro lugar, antes de entrar para a escola técnica, na Universidade e fora dela, lendo e estudando os conhecimentos humanos em perpétua transformação. É por isso que julgo um erro colocar à frente das bibliotecas não só eruditos sem preparo técnico, mas também técnicos sem erudição. O meio de remediar esse mal é atrair para as Escolas de Biblioteconomia o intelectual, o universitário, e estudante que terminou seu curso superior. É dessa matéria-prima que são feitos os verdadeiros bibliotecários". (3)

Não sejamos tão radicais. Verdadeiros bibliotecários também saem das Escolas de Biblioteconomia. É só dinamizar o curso, reformular toda a sua estrutura, adaptando-o às condições e exigências da vida moderna e, acima de tudo, valorizando a profissão de Bibliotecário.

RECOMENDAÇÕES

Que sejam envidados esforços nas Escolas para:

1. Integração da Classificação com as matérias de cultura geral.
2. Adoção dos sistemas de Classificação como base para os conteúdos programáticos das Matérias Culturais.
3. Orientação das matérias culturais com caráter mais informativo do que formativo.
4. Que os professores de Cultura Geral sejam esclarecidos pelo professor de Classificação, sobre os objetivos do Curso, mediante reuniões prévias e periódicas.
5. Que nas matérias culturais sejam organizados glossários dos assuntos de seus conteúdos programáticos, orientados pelos sistemas de Classificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LITTON, Gaston. *Classificação e catalogação*; trad. de Abner Lellis Corrêa Vicentini. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1975. p. 2.
2. Apud LENTINO, Noemia. ...*Classificação bibliográfica*. São Paulo, Polígono, 1971. p.3.
3. Apud FOSKETT, D.J. *Serviços de informação em bibliotecas*; trad. de Antonio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo, Polígono, 1969. p. 7.

A CLASSIFICAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA

Lêa Almeida Chaves

Bibliotecária do Ministério da Fazenda
Rio de Janeiro, RJ

Quando fui convidada a participar desta Conferência, relutei muito, pois sou avessa a falar em público. Porém, ao aceitar, pedi que fosse com um público restrito, ou seja, em caráter fechado, a fim de me sentir mais à vontade para a explanação de meu trabalho: "A CLASSIFICAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA".

A classificação das publicações das repartições públicas brasileiras, tem sido uma preocupação constante dos bibliotecários, pois a classificação de Dewey, na classe de administração pública, 353.1, corresponde às repartições dos Estados Unidos, e não às repartições brasileiras, muito menos no que se refere às suas estruturas e subordinatórias. Assim sendo, tornou-se necessário a adaptação dessa classe às exigências nacionais.

A Classificação da Administração Pública Brasileira não é um trabalho pioneiro, pois ele foi baseado na obra de Lygia Noronha de Carvalho (de 1952), e posteriormente, em 1959, Liette Cravo de Mattos Rodrigues, que sentindo a necessidade de classificar as publicações oficiais das repartições públicas brasileiras e principalmente as fazendárias, resolveram adaptar as classes 353.1 a 353.7 da Classificação Decimal de Dewey, às realidades brasileiras.

Face ao Decreto-Lei nº 200/67, e posteriormente ao de nº... 900/69, aqueles trabalhos ficaram obsoletos.

Com o enclausuramento de Lygia Noronha de Carvalho, num convento de Beneditinas, em Minas Gerais, não se interessando mais pelas

coisas profanas e logo em seguida a aposentadoria de Liette Cravo de Mattos Rodrigues no serviço público, porque hoje ela está militando no IBICT, no cabeçalho de assunto e na Companhia Federal de Seguros, deixavam-me a incumbência de continuar esta obra, que tantos benefícios trará aos bibliotecários brasileiros, assim espero.

Este trabalho foi iniciado em 1968 e modificado quatro vezes, devido às constantes reestruturações das repartições públicas brasileiras, e baseado nos Decretos-Lei nºs 200/67 e 900/69, que dividiu a administração pública em setores.

Assim, temos:

Presidência da República

com seus subordinados diretos:

Conselho de Segurança Nacional

Conselho de Desenvolvimento Econômico

Conselho de Desenvolvimento Social

Secretaria do Planejamento

Serviço Nacional de Informações

Dasp

Consultoria Geral da República

Alto Comando das Forças Armadas

Órgãos extintos

SETOR POLÍTICO:

Ministério da Justiça

Ministério das Relações Exteriores

SETOR ECONÔMICO:

Ministérios: da Agricultura

dos Transportes

da Fazenda

de Minas e Energia

da Indústria e Comércio

do Interior

SETOR DE PLANEJAMENTO vaço

SETOR SOCIAL:

Ministérios: da Educação e Cultura

do Trabalho

da Saúde

das Comunicações

da Previdência Social

e o SETOR MILITAR:

Ministérios: da Marinha
do Exército
da Aeronáutica

e ainda um número para os Ministros Extraordinários.

Quanto às Autarquias, as Empresas Públicas, os órgãos colegiados ou vinculados, serão mencionados em cada ministério a que tenham ligação, porém com a classificação, que terão dentro da Decimal de Dewey, ou seja de acordo com seu assunto específico.

Ex: Serviço de Processamento de Dados - SERPRO
sua classificação será 001.642

Procurei na medida do possível aproveitar as classes já existentes do trabalho anterior, principalmente as do Ministério da Fazenda, onde o número de obras é volumoso, pois na Biblioteca do Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro, onde trabalho, possuímos três exemplares de cada obra e de cada coleção de periódicos das repartições fazendárias. Muitas vezes, porém, tive de reformular outras classes, como no caso do Ministério do Planejamento, que passou a ser Secretária do Planejamento, tendo sua estrutura inteiramente modificada, deixando, inclusive, a área de setores ministeriais para ser um órgão de assessoramento direto ao Presidente da República.

A Classificação da Administração Pública Brasileira, será publicada em folhas soltas com anexos numerados e, à medida que novas modificações ou novas estruturas sejam inseridas, serão distribuídas à clientela interessada.

O trabalho está em fase de revisão para publicação, estando pronto:

A Presidência da República, propriamente dita, o Estado-Maior das Forças Armadas, o Conselho Nacional de Informações, o Alto Comando das Forças Armadas, o DASP, a Consultoria-Geral da República, parte da Secretaria do Planejamento. Quanto aos ministérios, os mais adiantados são os da Fazenda, Justiça, Educação e Cultura, Agricultura, Trabalho, e os que estão em atraso são os do Interior, Comunicações, Saúde, Transportes e da Previdência Social, que é o mais novo. Quanto ao setor militar, ou seja as forças armadas: Marinha, Exército e Aeronáutica, deixei para o fim, pois vai ser mais trabalhoso.

lhosos na pesquisa: existem comandos, subcomandos, regiões e sub-regiões que têm de ser estudados minuciosamente e com cuidado para não sair com imperfeições.

O trabalho será dotado de um índice alfabético, remissivo, onde constarão também as siglas das repartições.

Gostaria que esse meu trabalho fosse tão perfeito quanto o de Doris Queiroz de Carvalho, pois o Direito tem suas variações, porém o seu todo não muda, o que não acontece com as estruturas das repartições que quando são mudadas o são radicalmente. Queria, inclusive, dar um voto de louvor, pela 3a. edição de sua obra *Classificação Decimal de Direito*, que foi totalmente revista e ampliada e que graças a Deus, já está sendo publicada e talvez até o fim do ano já possamos tê-la em mãos. Na Biblioteca do Ministério da Fazenda-RJ, as obras de Direito são classificadas por Doris, como é mais conhecida sua classificação.

Com esta palestra informal, espero ter contribuído com alguns esclarecimentos sobre o trabalho que tem sido solicitado por várias Bibliotecas, inclusive incentivando para que seja logo terminado e publicado.

Agradeço o incentivo de minha irmã Vera Almeida de Oliveira, chefe da Seção de Documentação do Conselho de Política Aduaneira, de minhas colegas de trabalho, de Luíza Prado Leite, chefe da Seção de Documentação e Informática do Ministério da Fazenda, que diariamente me envia o e mentário da legislação, facilitando a pesquisa na procura das estruturas das repartições publicadas nos Diários Oficiais, de Yone Maria Maia Ferreira, chefe da Seção de Documentação da Delegacia do Ministério da Fazenda no Estado do Rio de Janeiro, de Helena Soares Brandão de Oliveira, chefe da Biblioteca do Ministério da Fazenda no RJ, à qual pertença, a Elyanna de Niemeyer Mesquita, diretora da Divisão de Documentação do Ministério da Fazenda, que publicará a obra, a essa idealista e batalhadora incansável Nylma Thereza de Salles Velloso Amarante, que tornou meu trabalho conhecido, e especialmente a Regina Soares de Oliveira, do IBICT, que me proporcionou com essa oportunidade de falar sobre o trabalho que acabei de expor.

Qualquer informação sobre a Classificação da Administração Pública Brasileira, pode ser enviada à Léa Almeida Chaves, na Biblioteca do Ministério da Fazenda-RJ, à Av. Antônio Carlos, 375, 12º and. ou ainda pelos telefones 222-6126 ou 222-5060 PABX 3265.

APLICAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL NUMA REDE DOCUMENTÁRIA

Angela Maria Crespo Queiroz Neves
Coordenadoria de Documentação e Biblioteca
Ministério do Interior, Brasília, DF

1. ASPECTOS CONCEITUAIS

1.1. Introdução

O que nos leva à adoção de um Sistema de Classificação é o grau de homogeneidade ou heterogeneidade, o tipo e volume de documentos, além da generalidade e especificidade da informação.

O Ministério do Interior (MINTER), possuidor de uma estrutura heterogênea, que se percebe através de sua competência:

Desenvolvimento Regional:

- Radicação de populações, ocupação do território, migrações internas; Territórios Federais;

Desenvolvimento Local:

- Saneamento básico, Assistência aos Municípios, Programa Nacional de Habitação, Assistência às populações atingidas pelas calamidades públicas; Beneficiamento de áreas e obras de proteção contra as secas e inundações; Irrigação, Assistência ao Índio; Integração dos Universitários no Desenvolvimento;

é uma entidade cuja documentação é bastante complexa, volumosa e generalizada, requerendo portanto um tratamento disciplinado e com normas preestabelecidas.

Para tanto, associado ao processo de análise documental, adotou-se um processo de indexação compatível às necessidades desta Entidade:

- a - Um Sistema Alfabético, através de um vocabulário controlado, utilizando-se listas de descritores autorizados, com vistas a um futuro Thesaurus;
- b - Um Sistema Numérico, sistemático, hierárquico, um Sistema de classificação geral, flexível, reversível, abrangendo todos os campos do conhecimento com diversos níveis de detalhamento, características estas, atendidas pela Classificação Decimal Universal - CDU.

"Para Meadow, (1) o valor principal do sistema hierárquico é que, se o usuário está incerto sobre a descrição de sua pesquisa (descrição de termos ou tópicos de interesse) ou um indexador do seu descritor, é fácil generalizar ou particularizar, e partir de um ponto e fácil aprender a linguagem para transcrever a mensagem".

A opção CDU foi oficializada no II Seminário de Informática do MINTER, na Subcomissão de Documentação, em maio de 1973, durante o qual foi apresentado às Entidades vinculadas o PROJETO SIPLAN - Sistema de Informações para o Planejamento, Coordenação e Controle. O SIPLAN é um Sistema modular, dividido em oito Subsistemas, dentre eles o SRD - Subsistema de Referência Documentária.

Como um módulo do SRD, encontramos o "Sistematização da Informação", para disciplinar as atividades de indexação (como controle), tanto alfabética (Thesaurus), como numérica (CDU), visando à recuperação da informação.

A utilização de um sistema já internacionalmente aceito vem de encontro a uma peculiaridade do Sistema, que é a de não criar novos Sistemas, nem duplicar esforços e sim adaptar os já existentes às suas necessidades.

(1) MEADOW, Charles T. *The analysis of information systems a programmer's introduction retrieval*. New York, J. Wiley & Sons, 1967.

1.2. Pré-requisitos para utilização CDU na rede MINTER

Para se colocar à disposição do usuário, no momento certo, toda a literatura existente na rede o Sistema fornece bibliografias seletivas, correntes, retrospectivas e incrementa o empréstimo entre bibliotecas. A fim de permitir o acesso às coleções, fornece catálogo sistemático individual ou coletivo aos nódulos da rede.

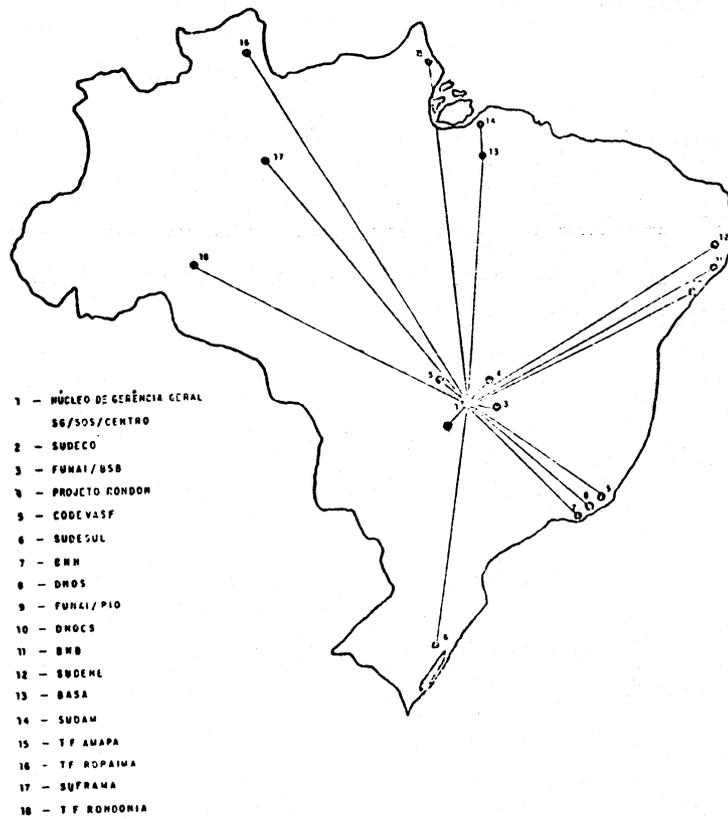
Para atingir a estes objetivos necessitamos de pré-requisitos essenciais, demonstrados a seguir.

PRÉ-REQUISITO	ESTRATÉGIA
Desenvolver uma metodologia para uniformizar a utilização da CDU.	<ul style="list-style-type: none"> - Reuniões com os nódulos da rede, para criticar as notações, observando a maior seletividade e eficiência do Sistema; - Grupos de consultoria, para análise e desenvolvimento do Sistema.
<p>-----</p> Normatizar o uso da CDU, como auxílio ao indexador, no momento de análise documental.	<ul style="list-style-type: none"> - Distribuir índices CDU em utilização na rede, após análise e aprovação das notações; - Utilização do Sistema KWIC; - Manuais de operação do Sistema, onde estão definidas as normas.

1.3. Estrutura Lógica do SRD

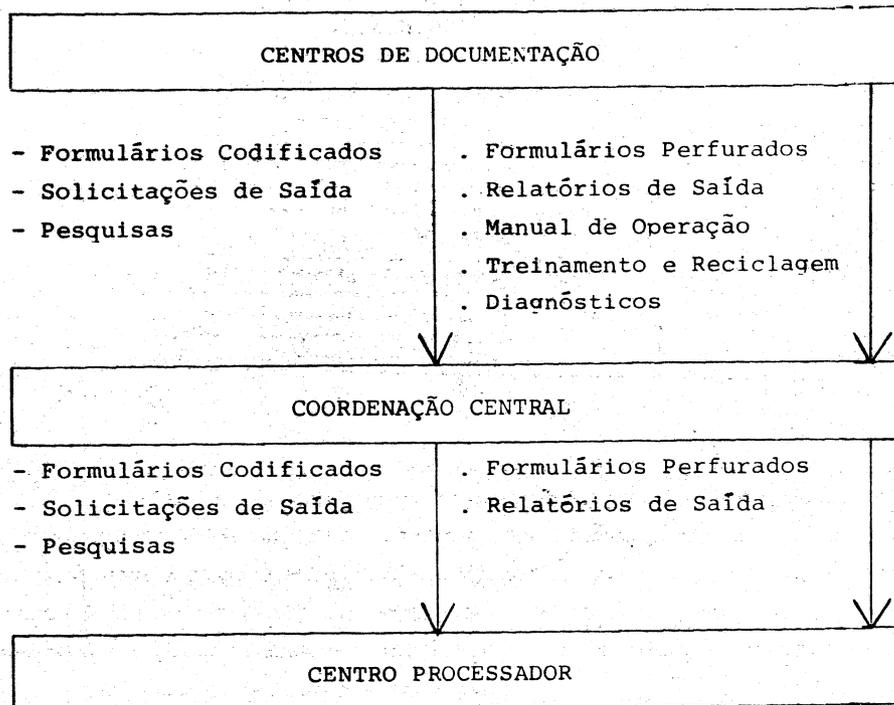
Como estrutura lógica do SRD, possuímos uma rede informal, uma vez que o compromisso existe na própria vinculação das Entidades componentes ao Ministério.

COMPONENTES DA REDE DOCUMENTÁRIA DO MINTER



1.4. Estrutura Operacional

O Fluxo de informações corre nos canais que comunicam os Centros de Documentação, com a Coordenação Central, com a Central de Processamento. Portanto, o nosso Sistema possui como suporte instrumental o processamento eletrônico de dados.



Os órgãos executivos são os Centros de Documentação existentes na rede MINTER. O órgão normativo, a Coordenação Central é exercida pela Coordenadoria de Documentação e Biblioteca (CDB) da Secretaria de Organização e Sistemas (SOS) da Secretaria Geral (SG) do MINTER.

O Centro Processador está dividido entre a Coordenadoria de Processamento de Dados/SOS/SG e a Coordenação de Processamento de Dados do Banco Nacional da Habitação (CPD/BNH), onde são realizadas as atividades de preparo de dados e produção respectivamente.

2. ASPECTOS OPERACIONAIS

2.1. Coleta

A CDU é utilizada na análise documental, como um elemento indexador e também para formar o índice CDU das notações utilizadas no Sistema, que é um instrumento de apoio do indexador.

O Sistema identifica duas categorias principais de documentos:

- Fonte - FT - F - Representa um documento no seu todo;
- Item - IF - I - Representa parte de um documento, ou de uma fonte.

Para maior clareza das operações tomamos por base as publicações e suas respectivas classificações:

- A - Doutrina Cooperativista e Desenvolvimento Econômico, de Diva Benevides Pinho.
Classificação: 334:338.92
- B - Formar Homens Novos, de Maurice Colobain.
Classificação: 334:37
- C - A Função Intermediária da Comercialização, de José Roberto Rodrigues.
Classificação: 334:38(811.5) (045)

Ao analisarmos estes documentos faríamos:

Verificar no Índice de classificação - ICLA, as notações em Uso:

Cooperativa: 334
Desenvolvimento econômico: 338.92
Educação: 37
Comércio: 38
Estado do Pará: (811.5)

Artigos em publicações periódicas, enciclopédias, ou capítulos de livros: não consta do índice.

CATALOGO INDICES. COOPERAT
 CATALOGO INDICES E CLASSIFICACAO

- 733 - COOPERATIVA AGRICOLA 334.61631
- 433 - COOPERATIVA/COOPERACAO SOCIEDADE 334
- 434 - COOPERATIVA/FINANCAS DE SOCIEDADE 334.62
- 874 - COOPERATIVAS DE PESCA 334.61839.2
- 91 - DESENVOLVIMENTO/SUBDESENVOLVIMENTO 338.92
- 72 - DESINFECACAO/LIVRO RESTAURACAO CONSERVACAO ENCADERNACAO 025.7
- 849 - DESLOCAMENTOS OBRAS DE SUPERFICIE FENDAS/TECTONICA GEOLOGIA OSCILACOES 381.24
- 911 - DESOCUPACAO/DESEMPREGO 331.6
- 697 - DESOVA/DESENVOLVIMENTO DOS PESQUEIROS 639.2.03
- 93 - ENUCACAO 37
- 426 - ENUCACAO/APRECIACAO JULGAMENTO NOTAS EM 371.279.7
- 7 - ENUCACAO/ESTATISTICA DA 311.37
- 949 - ENUCACAO/FINANCIAMENTO DA 37.014.543
- 119 - ENUCACAO/IMPORTANCIA DA 37.001.8
- 3332 - ENUCACAO/INVESTIMENTO NA 330.322.3:37
- 70 - EG-NU/ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE USA 1731
- 464 - EFICIENCIA NO SERVICO/TECNICA COMERCIAL 658.6
- 316 - PARA/ESTADO DO (811.5)
- 410 - PARA/GEOGRAFIA DO 918.115
- 1303 - PARA/MUNICIPIOS DO (811.52)
- 372 - PARA/BA/ESTADO DA (813.3)
- 1009 - PARA/BA/MUNICIPIOS DA (813.32)
- 1215 - PARA/IS DO NORTE (60) (817.324419)

Codificaríamos a seguir o Formulário de Descrição de Fontes ou Itens de Informação, no campo classificação. O sinal * (asterisco) determina onde a notação CDU terá reversão, evitando assim a repetição dos números. O processamento eletrônico executa a rotina de reversão das notações. A primeira classificação é sempre a principal, a de localização nas estantes.

M I N T E R		SRD - SUBSISTEMA REFERÊNCIA DOCUMENTÁRIA		DATA: 19/01/76	ENT. 000160
S I P L A N		XXFT	DESCRICAO DE FONTES OU ITENS DE INFORMACAO	5<F7	826
AUTORIA (S i s t e m a)					
TITULO (S i s t e m a)					
CLASSIFICACAO (S i s t e m a)					

MINTER SIPLAN		SRD - SUBSISTEMA REFERÊNCIA DOCUMENTÁRIA		DATA: 19.01.76	IDENT. CÓDIGO
		XXFT XXIF		DESCRIÇÃO DE FONTES OU ITENS DE INFORMAÇÃO	SIPLAN SIPLAN
AUTORIA (S...)					
TÍTULO (S...)					
CLASSIFICAÇÃO (S...)					

MINTER SIPLAN		SRD - SUBSISTEMA REFERÊNCIA DOCUMENTÁRIA		DATA: 19.01.76	IDENT. CÓDIGO
		XXFT XXIF		DESCRIÇÃO DE FONTES OU ITENS DE INFORMAÇÃO	SIPLAN SIPLAN
AUTORIA (S...)					
TÍTULO (S...)					
CLASSIFICAÇÃO (S...)					

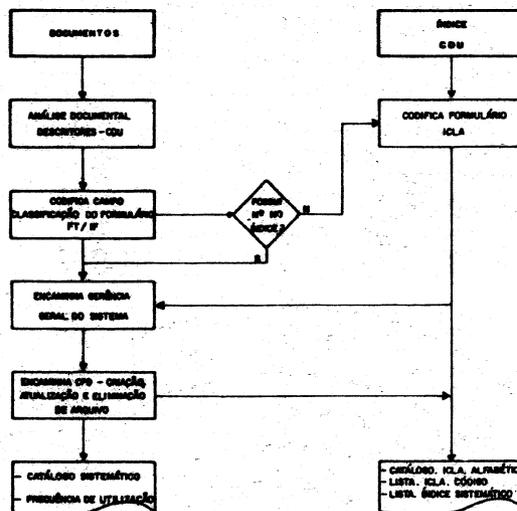
Os dados alimentados neste formulário vão gerar o catálogo sistemático e a freqüência de utilização das notações.

Para se alterar, ou apenas incluir uma nova classificação, preenchemos o formulário de alteração, indicando o campo que se está alterando:

MINTER SIPLAN		DADOS PARA PERFURAÇÃO		
		SUB-SISTEMA SRD	FASE / SERVIÇO ATUALIZAÇÃO DE ARQUIVOS	IDENTIFICAÇÃO ALTR
IDENT. CÓDIGO	SEQ. ALTERAÇÃO	alteração de 338.92 para 338.1		
SIPLAN	82610334*338.1			
Número do cartão				

↙ Número do código que identifica a obra a ser alterada

FLUXO



Número não consta do índice. Consulta-se então as tabelas em uso: Edição média Francesa e a Desenvolvida Inglesa atualizada até a extensão 9.2. Em seguida, preenche-se o formulário Índice de Classificação.

Este formulário gera uma saída Sistemática e Alfabética das notações utilizadas no Sistema, que serve de apoio ao trabalho do indexador.

A codificação deste formulário alimenta o arquivo ICLA, que é um arquivo único, seu controle é todo feito pelo Órgão da Coordenação Central, para evitar choques, distorções e duplicidades no índice, além de analisar a notação, antes de autorizá-la.

M I N T E R		SRD-SUBSISTEMA REFERÊNCIA DOCUMENTÁRIA		DATA 07/10/76
S I P L A N		ICLA - ÍNDICE DE CLASSIFICAÇÃO		PÁGINA 111
ICLA	01	01	01	01
CONTINUAÇÃO				CLASSIFICAÇÃO
ICLA	01	01	01	01
CONTINUAÇÃO				CLASSIFICAÇÃO

2.2. Processamento *

Para fazer face às necessidades operacionais do SRD, foi desenvolvido um sistema computarizado através de processamento eletrônico.

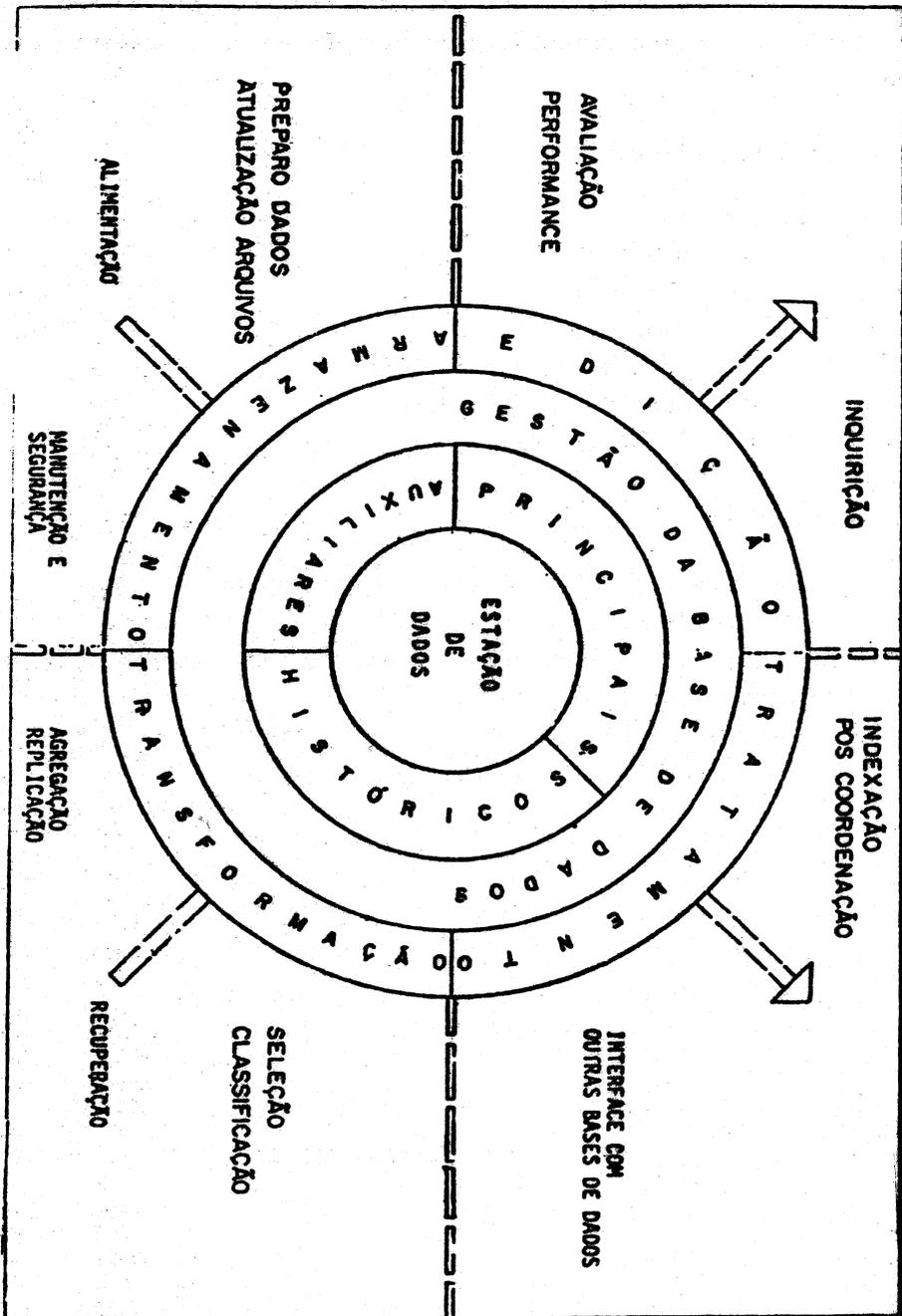
2.2.1. Características

Sistema aberto,
modular,
flexível,
evolutivo,
voltado para o usuário,
dados em acesso direto,
interface ao sistema total.

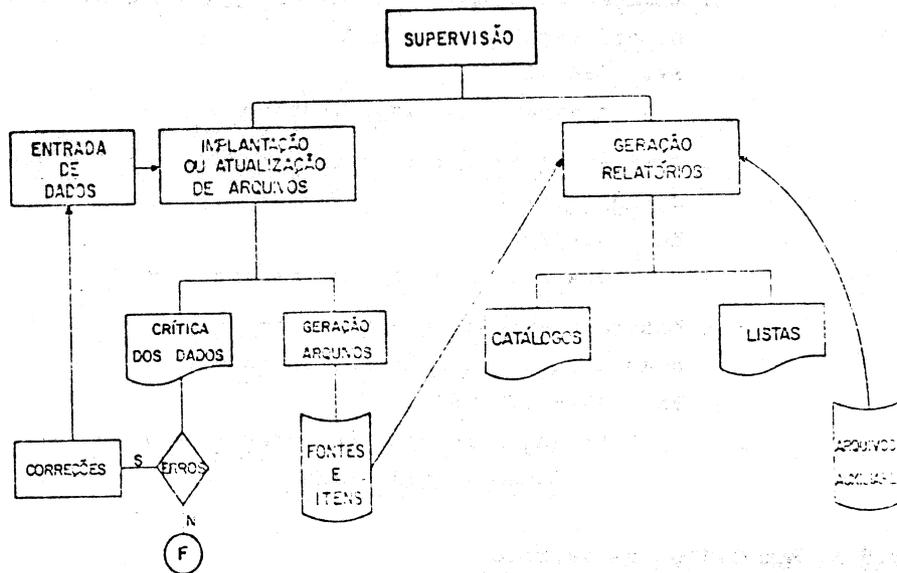
2.2.2. Estrutura funcional

Supervisão geral do Sistema operacional;
Rotinas de Apoio;
Supervisão do Subsistema (classificação, recuperação, aplicações, edição);
Funções de recuperação;
Funções de geração de relatórios.

* Estas informações de processamento foram obtidas através do Analista do Sistema, Osmar Araújo dos Santos, que forneceu-nos o material de uma palestra. É Analista de Sistemas do BNH, Av. Chile, 230, 5º andar - Rio de Janeiro, RJ.



2.2.4. Fluxo de Operações do Sistema



2.2.5. Requisitos de Processamento

2.2.5.1. Operadores funcionais

- . Eliminação de parte do texto: separar as notações u tilizadas (principal, secundárias);
- . Chaves de rotação: analisar os sinais de sintaxe usados na codificação (<>, @, *, #);
- . Indicação da rotação: indicar onde a notação foi iniciada
 Ex.: 334:37
 37 # 334
 O sinal # indica que a notação iniciou em 334:37.
- . Separação de números CDU sem gerar rotação: Indicar as classificações sem reversão, como foram classifii cadas.

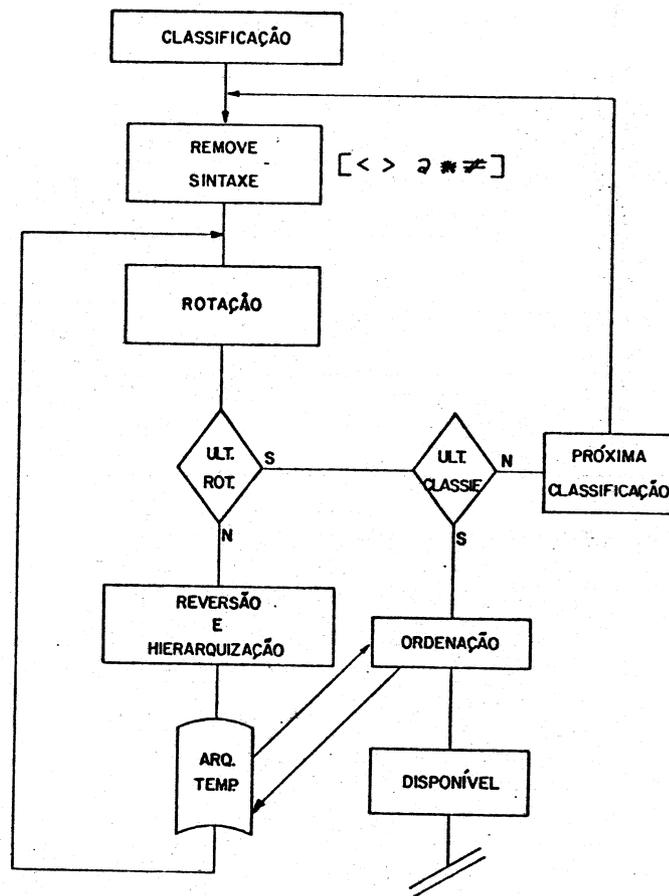
2.2.5.2. Requisitos da CDU:

- . Remoção de símbolos externos KWIC ou CDU: Sinais não significativos para a CDU
Ex.: 334*:37
* sinal não significativo
- . Rotação no texto: identificar cada notação que sofrerá reversão
Ex.: 334*37
O sinal * indica uma reversão em 37.
- . Rotações sucessivas: observar quais e quantas reversões a classificação deverá sofrer
Ex.: 334*:37* (81)
** quais as rotações (reversões) da notação que foram identificadas.

2.2.5.3. Requisitos de varredura:

- . Inicialização de notação:
Ex.: 334*:37 \triangle 334*:38* (811.5)*(045)
Onde inicia uma notação. O \triangle indica onde acaba uma e inicia outra.
- . Inicialização com zero;
- . Comparação de caracteres - tanto os significativos como os não significativos CDU
- . Conversão de caracteres - retirar e transformar os sinais não significativos da CDU
- . Movimento de caracteres - notação para notação para efeito de reversão e hierarquização.

2.2.5.4. Fluxo de reversão e hierarquização



2.2.5.5. Procedimento de Reversão

1- ENTRADA (Nº CDU E Nº PALAVRAS)

NÚMERO CDU	LIVRE
------------	-------

2- COMPACTAÇÃO DO NÚMERO

PESQUISA CARACTERES BRANCOS	NÚMERO COMPACTADO
--------------------------------	-------------------

3- TESTE SINAIS INICIAIS

NÚMERO CDU SEM CARACTERES + : OU /	TESTE 1º CARATER + : OU /
---------------------------------------	------------------------------

4- DECODIFICAÇÃO E CARACTERES CDU

PESQUISA CARACTERES DE ORDENAÇÃO	CARACTERES DECCODIFICADOS
CAMPO DE UTILIZAÇÃO	CAMPO DE ORDENAÇÃO

5- RETORNA

Ex.: Tomemos as classificações

334*:37; 334*:38* (811.5)* (045)

1. Entrada:

334*:37 \triangle 334*:38* (811.5)* (045)

2. Compactação do número:

. caracteres brancos = espaço em branco de uma classificação para outra = \triangle

334*:37 \triangle 334*: (811.5)* (045)

. número compactado (classificação por classificação)

334*:37

3. Teste sinais iniciais:

- 1º caráter +, / ou : - testar porque não temos número CDU que inicie com estes sinais.

- Número CDU sem caracteres

334*:37

4. Decodificação de caracteres CDU

- Pesquisa caracteres de ordenação
334*:37 O * indica uma reversão.

- Caracteres decodificados

334:37

37 ≠ 334

5. Retorna

2.2.5.6. Reversão e Decodificação

334 * : 338.92	A
----------------	---

334 : 338.92	3	
338.92 ≠ 334	6	

334 * : 37	B
------------	---

334 : 37	4	
37 ≠ 334	7	

334 * : 38 * (811.5) * (045)	C
------------------------------	---

334 : 38 (811.5) (045)	5	
38 (811.5) (045) ≠ 334	8	
(811.5) (045) ≠ 334 : 38	2	
(045) ≠ 334 : 38 (811.5)	1	

2.2.5.7. Hierarquização

(045) # 334:38 (011.5)	1	C
(011.5) (045) # 334:38	2	C
334:338.92	3	A
334:37	4	B
334:38(011.5) (045)	5	C
338.92 # 334	6	A
37 # 334	7	B
38(011.5) (045) # 334	8	C

DOCUMENTOS

A
B
C

ENTRADAS

2
2
4

2.3. Saída

O SRD possui três tipos principais de saídas: Catálogo, Dicionário e Lista.

- . Catálogo - fornece apenas os dados essenciais de um documento, utilizando o sistema KWIC, na recuperação.

Catálogo FT e/ou IF	{ autor título assunto sistemático }	alfabético CDU	} Coletivo ou individual

Ex.: Catálogo Coletivo Sistemático:

BIBLIOTECAS DO INTERIOR - SECRETARIA CENTRAL/SECRETARIA DE ORGANIZACAO E SISTEMAS - S I P L A A		P A D / C F E
DATA 20/01/76	SAC - CATALOGO COLETIVO DAS ENTIDADES DO SISTEMA	RELATÓRIO PERIÓDICO
CCP 10.54.28		PÁGINA 001
CATALOGO CL. FONTE-ITEM. SISTEMÁTICO.		394330.
22-0026	DOCTRINA COOPERATIVISTA E DESENVOLVIMENTO ECONOMICO	F = FONTE
	PIANO D'ATA REUNIOES	I = ITENS DE INFORMACAO
	COOPERATIVISMO	SG = SECRETARIA GERAL
22-0027	RESOLUCAO COOPERATIVISTA ECONOMICAS N.05 7 CCP DE 7 12 49	SN = SUBENIG
	COOPERATIVISMO LEGISLACAO CAPAOE ORIENTAL	SO = SUBAM
	COOPERATIVISMO LEGISLACAO CAPAOE ORIENTAL	BC = BNB
	102-COOPERATIVISMO E ACRESCE	
22-0028	EDUCACAO COOPERATIVA	
	EDUCACAO COOPERATIVA PARA	
	COOPERATIVISMO ECONOMIC	
22-0029	PROGRAMA DE PLANEJAMENTO	
	COOPERATIVISMO ECONOMIC	
	COOPERATIVISMO ECONOMIC	
22-0030	DOCTRINA COOPERATIVISTA E DESENVOLVIMENTO ECONOMICO	
	COOPERATIVISMO	
22-0031	ORGANIZACAO DE EDUCACAO E ASSOCIACAO COOPERATIVAS	
	EDUCACAO COOPERATIVA	
22-0032	TRATADO DE UNIC DESCRIPCION DA BELGICA	
	TRATADO DE UNIC DESCRIPCION DA BELGICA	
22-0033	EDUCACAO COOPERATIVA	
	EDUCACAO COOPERATIVA PARA	
	COOPERATIVISMO ECONOMIC	
22-0034	PROGRAMA DE PLANEJAMENTO	
	COOPERATIVISMO ECONOMIC	
	COOPERATIVISMO ECONOMIC	
22-0035	PLANO DE INTERMEDIACAO DA COMERCIALIZACAO	
	PLANO DE INTERMEDIACAO DA COMERCIALIZACAO	
	PLANO DE INTERMEDIACAO DA COMERCIALIZACAO	
	PLANO DE INTERMEDIACAO DA COMERCIALIZACAO	
22-0036	HISTORIA DO COMERCIO DE PARANAO	
	HISTORIA DO COMERCIO DE PARANAO	
22-0037	ORGANIZACAO DE UNIC DESCRIPCION DA BELGICA	
	ORGANIZACAO DE UNIC DESCRIPCION DA BELGICA	
	ORGANIZACAO DE UNIC DESCRIPCION DA BELGICA	
	ORGANIZACAO DE UNIC DESCRIPCION DA BELGICA	

Ex.: Catálogo Individual

MINISTERIO DE INTERIO - SECRETARIA GERAL/SECRETARIA DE ORGANIZACAO E SISTEMAS - S I P L A N
 SAU-CATALOGOS E DICCIONARIOS DO ACEPVO DA SECRETARIA GERAL
 RELATÓRIO PRELIMINAR
 PÁGINA 71

CATALOGO, SG, FONTE-ITEM, TITULO.	FORMAC
FORMACAO PROFISSIONAL NA INDUSTRIA SEME P 311 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31-1170 FOLHETO 2049P	
FORMACAO QUATERNARIAS EM AREAS DE P 312 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31 FOLHETO 2049P	
FORMAS NOBRES VARIAS P 312 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31 FOLHETO 2049P	
FORMAS PRIMITIVAS COOPERACAO DE OS PRECURSORES P 312 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31 FOLHETO 2049P	
FOTOGRAFIAS AERIAS VERTICAIS NA CLASSIFICACAO DE TERRAS AGRICULTAVEIS P 312 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31 FOLHETO 2049P	
FOURTH REPORT P 312 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31 FOLHETO 2049P	
FRANCE RECHERCHE ET INDUSTRIE P 312 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31 FOLHETO 2049P	
FRANCOIS E INGLESE/DICCIONARIO TRILINGUE PORTUGUES P 312 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31 FOLHETO 2049P	
FRONTE PLAR ATLANTICA E AS COMARCAS DO INTERIO NA PACHADA SUL ORIENTAL DO BRASIL/A P 312 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31 FOLHETO 2049P	
FRONTEIRA SISTEMATIZACAO OPERACIONAL P 312 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31 FOLHETO 2049P	
FUNDACAO GETULIO VARGAS 3 ANOS COMO FUNCIONA P 312 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31 FOLHETO 2049P	
FUNDACAO GETULIO VARGAS 30 ANOS A SERVICO DO BRASIL 1946 1974 P 312 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31 FOLHETO 2049P	
FUNDAMENTOS DA ADMINISTRACAO SANITARIA P 312 - FOLHETO 2049P INDUSTRIALIZACAO DO CAFE 31.1327.0-1019.31 FOLHETO 2049P	

Dicionário - fornece todos os dados de um documento, inclusive complementares, tais como, forma de acesso do usuário ao documento. Pode-se obter ainda dicionários por parágrafos específicos, permitindo cortes no texto.

Dicionário FT e/ou IF	autor	alfabético	coletivo ou individual
	título		
	assunto		
	sistemático		
	CDU		
	código		

Normalmente utilizamos o dicionário por código, em ordem sequencial numérica de alimentação. Já encontra-se testada a saída do Catálogo Coletivo pelo Sistema COM-Computer Output Microfilm.

Ex.: Dicionário. Fontes. Código.

MINISTERIO DO INTERIOR - SECRETARIA GERAL/SECRETARIA DE ORGANIZACAO E SISTEMAS - S I P L A N B N M / C P D
 RELAT. RESENHAS - SER-CATALOGOS E DICIONARIOS DO ACERVO DA SECRETARIA GERAL
 DATA 18/05/75 MORA 23.57.54 PG-1285

SG - SECRETARIA GERAL

DICIONARIO, SG, FONTES, CODIGO.

827 A VISSAO ECONOMICA E SOCIAL DAS COOPERATIVAS DE CONSUMO

AUTJR-SCHAR J. F.

336-5
 53114 R. 741358

SÃO PAULO, 1971, LIVRO EDUCACAO OS, PORTUGUES
 F. ACESSO - EMPRESTIMO, N. EX. 01, CIRC. LIVRE

ASSUNTOS- COOPERATIVA CONSUMO

SUMARIO - ORGANIZACAO DOS CONSUMIDORES E REFORMA SOCIAL-COMERCIO SOCIAL PE
 LAS SOCIEDADES DE CONSUMO-ATIVIDADES PARA ATINGIR MELHOR RENDIMENTO

NOTAS-13p. 9741858

828 EDUCACAO COOPERATIVA

AUTJR-GAYOTTO ADELAIDE MARIA

336-37
 6293E R. 741956

SÃO PAULO, 1971, LIVRO, PORTUGUES
 F. ACESSO - EMPRESTIMO, N. EX. 01, CIRC. LIVRE

ASSUNTOS- COOPERATIVISMO EDUCACAO

SUMARIO - CONCEITOS-METODOS DE ENSINO-DISCIPLINA-LIDERANCA-

NOTAS-32p. 9741356

829 FORMAS HOMENS NOVOS

AUTJR-CJL BAIN MAURICE

336-37
 6293F R. 741364

SÃO PAULO, 1971, LIVRO EDUCACAO OS, PORTUGUES
 F. ACESSO - EMPRESTIMO, N. EX. 01, CIRC. LIVRE

ASSUNTOS- COOPERATIVISMO EDUCACAO

SUMARIO - EDUCACAO-COOPERACAO-IGUALDADE DE DIREITOS E OBRIGACOES

NOTAS-15p. 9741364

830 OS DEZ PEQUENOS LAVRARES

AUTJR-ARTIZ MARI

336-1097-51
 3770 R. 742476

SÃO PAULO, 1971, LIVRO EDUCACAO OS, PORTUGUES
 F. ACESSO - EMPRESTIMO, N. EX. 01, CIRC. LIVRE

ASSUNTOS- COOPERATIVISMO EDUCACAO

SUMARIO - NOCES DE COOPERATIVISMO-CRIACAO DE UMA CONSCIENCIA COOPERATIVIS
 TA NAS CRIANCAS, ATRAVES DAS ESCOLAS PRIMARIAS

NOTAS-58p. 9742476

- . Lista - fornece listagens que servem de apoio ao Sub-sistema ou informações rápidas sobre os documentos. Saem da mesma forma como foi dada a entrada, sem KWIC, ou qualquer outro artifício.

Lista	{	Série. Alfabética. Fontes
		Série. Código. Fontes
		ICLA. Alfabética
		ICLA. Código
		Fonte. Cronológica

Ex.:

MINISTERIO DO INTERIOR - SECRETARIA GERAL/SECRETARIA DE ORGANIZACAO
 CAIXA DE SISTEMAS - S I P L A M B M H / C P D
 RELAT. RESOLUCAO SAJ-CATALOGO E LISTAS DE INDICES DE CLASSIFICACAO (ICLA)
 DATA 17/30/76 MJRA 22.35.58 PG. 104

LISTA. INDICES, SISTEMATICOS.

CLASSIFICACAO	INDICES
336.77	249 - CREDITO
336.77:631	250 - CREDITO AGRICOLA
336.77:66/69	256 - CREDITO INDUSTRIAL
338	318 - PRODUCAO SITUACAO ECONOMICA
338:631	107 - PRODUCAO AGRICOLA
338:636	108 - PRODUCAO PECUARIA
338.4	373 - PRODUCAO DOMESTICA E INDUSTRIAL
338.42:1639.2	1147 - ARTESANATO DE PESCA
338.45	69 - PRODUCAO INDUSTRIAL
338.5	251 - CUSTOS FIXACAO DE PRECOS
338.52	481 - PRECOS ESPECIES
338.523	581 - PRECO DO PRODUTO PRECO DE CUSTO
338.53	482 - INFLUENCIA DO ESTADO NA FORMACAO DOS PRECOS
338.532.1/.2	942 - PRECOS (MAXIMO-E-MINIMO)
338.532.2	677 - PRECOS MINIMOS
338.58	149 - CUSTOS DE PRODUCAO
338.58:65	150 - CUSTOS DE PRODUCAO INDUSTRIAL
338.58:66/68	1244 - CUSTOS DE PRODUCAO INDUSTRIAL
338.58:69	885 - CUSTO DE VIDA
338.8	153 - TRUSTES CARTEIS MONOPOLIOS CONTROLE DA VENDA COM CONTROLE DOS PRECOS
338.91	32 - FATORES DA PRODUCAO
338.92	91 - SUBDESENVOLVIMENTO DESENVOLVIMENTO
338.92(1)-221	875 - DESENVOLVIMENTO RURAL
338.92(81):331.162.1	1054 - INTEGRACAO NACIONAL
338.922/.324(81)	474 - DESENVOLVIMENTO AGROINDUSTRIAL NO BRASIL
338.922	100 - AGRONOMIZACAO DESENVOLVIMENTO AGRARIO PASSAGEM P ARA ESTRUTURA AGRARIA
338.924	190 - INDUSTRIALIZACAO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL
338.952	428 - EMPRESA PRIVADA
338.963/.966	1080 - PEQUENA E MEDIA EMPRESA
338.963	972 - EMPRESAS MEDIAS INDUSTRIAS MEDIAS
338.964	985 - PEQUENAS EMPRESAS PEQUENAS INDUSTRIAS

Saída auxiliar:

- . Frequência - Fornece a frequência de utilização das notações CDU na rede, para efeito de análise, estudo e desenvolvimento do Sistema.

Ex.:

B N H - COORDENAÇÃO DE PROCESSAMENTO DE DADOS - C. P. O.
 (SISTEMA DE INFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO URBANO E LOCAL)
 RELAT.

DATA 17/06/76 MIRA 22.17.28

PG. 298

PESQUISA FREQUENCIA CLASSIFICACAO CDU.

14 - 334
 1 - 334.325.11
 1 - 334.332.3
 1 - 334.333.013.6
 1 - 334.333.013.6(012/014)
 1 - 334.333.013.6(013.4)
 1 - 334.333.32(017)
 1 - 334.336.327.8
 1 - 334.336.28(011)
 2 - 334.338.92
 1 - 334.338.92(014.1)(083.9)
 1 - 334.34(071.1)
 2 - 334.37
 1 - 334.37(012.2)
 1 - 334.38(011.5)(045)
 1 - 334.621.31(01-22)
 1 - 334.639.2(015.1242461)
 1 - 334.639.2(016.1243325)
 1 - 334.639.2(016.41)
 1 - 334.657.1
 1 - 334.657.6(01)
 1 - 334.60
 1 - 334(042)
 1 - 334(083.96)
 1 - 334(067.5)
 2 - 334(09)
 1 - 334(094)
 1 - 334(294.1034)
 1 - 334(094.7)
 1 - 334(282.201.5)
 1 - 334(44+469)
 1 - 334(6)
 3 - 334(7/8-6)

B N H - COORDENAÇÃO DE PROCESSAMENTO DE DADOS

B N H - COORDENAÇÃO DE PROCESSAMENTO DE DADOS

3. FATORES QUE INFLUENCIARAM NA PRODUTIVIDADE DA
 OPERAÇÃO DA CDU NA REDE DOCUMENTÁRIA DO MINTER

- . As entidades vinculadas estão em fase de reorganização;
- . Entidades em fase de organização;
- . Motivação dos Recursos Humanos disponíveis;
- . Boa receptividade das entidades, colaborando efetivamente para os testes e operação;
- . O interesse dos dirigentes do Ministério pelo Projeto SI-PLAN;
- . Canais de comunicação e transmissão do Sistema;
- . Rapidez nas respostas;
- . Racionalização das atividades, evitando a dispersão e duplicidade.

4. CONCLUSÃO

O Sistema de classificação adotado está atendendo perfeitamente às nossas necessidades. Em franca operação, o SRD está atualmente se preparando, para a médio prazo, entrar na rede de teleprocessamento eletrônico de dados, onde efetivamente conseguiremos a eficiência por nós almejada no alcance dos nossos resultados.

Colocamos pois à disposição a metodologia por nós adotada, para críticas e sugestões.

PRODUÇÃO AUTOMÁTICA DE ÍNDICES A PARTIR DE TABELAS:
O CASO DA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL (*) (**)

Yukio Nakamura

The Nippon Telecommunications Consulting Co., Ltd.
Japan Documentation Society
Japão

1. INTRODUÇÃO

Do ponto de vista prático, um dos importantes problemas relacionados com as linguagens de indexação é que a compilação e a impressão de thesauri e de tabelas de classificação são muito demoradas. No caso das tabelas de classificação, as tabelas e os índices são preparados consecutivamente, e modificações nessas etapas podem ser altamente inconvenientes para os usuários.

Atualmente, a impressão está estreitamente relacionada com o processamento por computador, no caso de se utilizar a fotocomposição (Fig.1). Para a fotocomposição de uma tabela, a produção de um arquivo em fita magnética - contendo o que vai ser impresso - é essencial e é dispendiosa. Entretanto, no momento em que os registros na fita foram feitos e que a produção do índice a partir da fita da tabela pode ser realizada, são eliminadas as despesas com as atividades de entrada de dados, o que acarreta uma grande redução nos custos e uma produção rápida. Em outras palavras, se a produção da tabela e do índice for feita conjuntamente em uma única etapa de entra

(*) Nota do autor: este trabalho é uma adaptação, com poucas - modificações, do artigo publicado na revista *International Classification*, vol.2, nº 2, p. 81-88, 1974.

(**) Traduzido do inglês por H.B. Cox.

Obviamente, esta apresentação é melhor do que estruturar a tabela com

642.14 Almoço

642.16 Jantar

642.17 Ceia

porque a definição dos termos "jantar", "ceia", etc. não é internacionalmente clara e difere consideravelmente de um país ou região para outros (*).

Podemos, portanto, concluir que a "definição" é necessária a uma entrada.

Em outros casos, as delimitações são evidenciadas por "i. e." ou "e.g."

Exemplo: Edição abreviada em inglês, 1961

621.315.617.5 Silicone contendo compostos, e.g. silicato de sódio, silício (material isolante líquido)

621.224.7 Turbinas reversíveis, i.e. que podem também ser usadas como bombas.

Neste caso, o que vem após "i.e." fornece a definição.

2.2 - Definição dispersa

Em muitas entradas nas tabelas da CDU, a frase definidora é dividida em duas ou mais entradas. Na maioria das vezes, a dispersão ocorre entre uma determinada entrada e outra que lhe deu origem, ou mais genérica (CG - conceito genérico), e cujo número tem um algarismo a menos. Em alguns casos, entretanto, o usuário deve procurar várias entradas distantes para compreender o significado real de uma determinada entrada.

Por exemplo, tomemos a entrada

351.811 Estradas. Pontes (1^t)

Se fizermos uma inversão, teremos

Estradas. Pontes 351.811 (1i)

(*) Ver, por exemplo, as mesmas entradas na edição alemã. O termo associado a 642.14 é *dîner*, e o associado a 642.16 é *dinner*. O primeiro termo é de origem francesa, e o segundo de origem inglesa.

ou, separando os dois termos,

Estradas 351.811 (1-1i)

e

Pontes 351.811 (1-2i)

Entretanto, 351.811 não indica "Estradas e Pontes" propriamente. Para evitar ambigüidade, a entrada de origem ou genérica 351 deveria ser acrescentada às entradas (1i), (1-1i) e (1-2i), para termos, portanto,

Estradas. Pontes 351.811 (2-1i)

CG 351 Legislação governamental. Serviços públicos. Inspeção. Regulamentos

O primeiro passo para transferir e adicionar uma entrada de origem pode ser feito facilmente por um processo homem-máquina, desde que se disponha de um console de vídeo com teclado. Este método é útil, mas o texto do índice obtido ainda estaria longe de ser satisfatório, e necessitaria maior aperfeiçoamento.

A segunda medida para esse aperfeiçoamento seria a de acrescentar "frases suplementares" (FS) à entrada 351, após a frase definidora, se não na tabela pelo menos numa fita-mestre.

351 Legislação governamental. Serviços (3-1t)

públicos. Inspeção. Regulamentos

FS1 Ação do governo, FS2 Política do

governo, FS3 Medidas governamentais,

FS4 Leis e regulamentos.

Assim, combinando-se (1i), (1-1i) ou (1-2i) com (3-1t), ambas entradas aparecem na unidade de vídeo do computador, e pode-se selecionar uma FS adequada (atribuindo-se seu número) através de um lápis luminoso ou de um teclado. O resultado obtido será uma melhor combinação

Estradas (Ação do governo) 351.811 (4-1i)

utilizando-se a FS1, ou

Pontes (Leis e regulamentos) 351.811 (4-2i)

utilizando-se a FS4

A repetição deste processo leva a um maior aperfeiçoamento,

embora deva ser lembrado que a criação e inserção de frases suplementares, necessárias a cada entrada principal, devem ser feitas antes de uma inversão automática (por exemplo, através de uma fita-mestre).

2.3 - *Expressão mais exata dos termos exemplificadores*

Em alguns casos, os termos exemplificadores não podem ser manuseados independentemente da frase definidora que os precede. Por exemplo, os textos existentes para 621.039.8 e suas subdivisões 621.039.83/84 são

621.039.8	Aplicações e usos de isótopos	(5 ^t)
621.039.83	Efeitos da radiação na matéria: terapêutica, esterilização de alimentos, polimerização, etc.	

Os termos exemplificadores foram escolhidos em função da frase definidora. O termo exemplificador "terapêutica" foi escolhido para significar "terapêutica por irradiação de isótopos". Neste caso, o termo exemplificador foi expresso menos especificamente porque presume-se que o usuário humano da tabela seja capaz de associar facilmente o termo à frase definidora.

Com relação à produção automática do índice, que as medidas resolverão esse problema são:

- a) modificar o fraseado completamente; isto pode ser feito, mas requer um grande número de horas/homem para toda a tabela;
- b) extrair uma determinada palavra da frase definidora e acrescentá-la aos termos exemplificadores existentes; por exemplo

Terapêutica	Terapêutica (irradiação de isótopos)
Esterilização de alimentos	Esterilização de alimentos (irradiação de isótopos)

Polimerização modificação do fraseado Polimerização
 por radiação Polimerização por radiação (isó-
 topos) (*).

Isto significa que, se um termo for longo e possibilitar - que dele seja separada uma parte (subtermo transferível), é melhor facilitar esse processo de transferência através de um código adequado (neste caso, colchetes).

De acordo com as considerações acima, a fita-mestre conterá o texto seguinte referente à tabela:

621.039.8	Aplicação e usos dos isótopos FS1 Aplicação dos isótopos FS2 Isótopos	
621.039.83	Aplicação dos efeitos da irradiação de isótopos na matéria: terapêutica, esterilização de alimentos, polimerização por radiação	(5-1 ^t)

Esse texto permite a produção das seguintes entradas nos índices, após inversão, transferência das partes entre colchetes, e combinação:

Terapêutica	irradiação de isótopos	621.039.83	(5-1i)
Polimerização por radiação	isótopos	621.039.83	(5-2i)
Esterilização de alimentos	irradiação de isótopos	621.039.83	(5-3i)

2.4 - Enumeração de exemplos

Uma entrada na tabela pode ser expressa sob diversas formas, mesmo quando o respectivo conceito for claro. Assim, o texto da tabela (pelo menos na fita-mestre) deveria conter tantas expressões -

(*) A modificação desse fraseado foi feita em função do termo já estabelecido "polimerização por radiação".

quanto possível, desde que praticamente importantes.

Exemplo:

A entrada 678.743 Polimerizados de haleto (6^t)
CG Monolênicos polimerizados

é clara e correta, do ponto de vista da Química. Entretanto, a maioria dos usuários necessitará um texto mais longo, como:

678.743 Polimerizados de haleto. PVF. PVC (6-1^t)
(Edição média alemã, 1967)

ou

678.743 Polimerizados de haleto (vinil, vinilideno, (6-2^t)
alil): PVF, PVC, etc. Polímeros tetra-halo-olefínicos
(Edição abreviada em inglês, 1961)

Um índice satisfatório deverá conter todas as entradas seguintes:

Polimerizados de haleto 678.743

Haleto de polivinil 678.743

Haleto de polivinilideno 678.743

Cloreto de polivinil 678.743

Fluoreto de polivinil 678.743

PVC 678.743

PVF 678.743

(6i)

Polímeros tetra-halo-olefínicos 678.743

Teflon 678.743

Haleto de polialil 678.743

Portanto, o texto na fita-mestre deverá ser:

678.743 Polimerizados de haleto
CG Monolênicos polimerizados. Haleto de polivinil, Haleto de polivinilideno, Cloreto de polivinil, PVC, Fluoreto de polivinil, (6-3^t)
PVF, Polímeros tetra-halo-olefínicos, Teflon, Haleto de polialil

Para o não especialista em Química, a enumeração de nomes - importantes é muito mais útil do que uma frase definidora exata.

Não é possível atribuir um termo único a certas entradas na tabela da CDU, porque o conceito em questão é a soma lófica *ad hoc* de conceitos elementares concebidos pelo classificacionista

pelo fato da notação ser decimal.

Exemplo:

645.42	Camas. Berços. Divãs. Sofás	
645.421	Camas	
645.422	Berços	(7 ^t)
645.423	Divãs, Sofás, Canapés.	

Não há necessidade de inverter o texto "Camas. Berços. Divãs. Sofás" porque cada um desses termos, no índice, já estará associado a 645.421, 645.422, etc.

2.5 - Introdução de novos termos

Quando um novo termo corresponder a um número da CDU ou a número composto, e se termo não estiver mencionado na tabela, é importante acrescentá-lo à fita-mestre na primeira oportunidade de atualização.

Exemplo:

O termo "desemprego disfarçado" não se encontra nas tabelas da CDU; se for necessário acrescentá-lo à tabela como um sub-conceito de 331.6.063, algumas medidas devem ser tomadas. Neste caso, o texto já existente

331.6 Desemprego. Falta de trabalho, etc.

.

.

.

331.6.063 Tipos e causas

(Edição abreviada em inglês, 1961)

será modificado, na fita-mestre, para

331.6	Desemprego. Falta de trabalho	(8-1 ^t)
.	FS1 Desemprego	

.

.

331.6.063 Tipos e causas (Desemprego)

incl. Desemprego disfarçado

Portanto, uma entrada no índice será produzida da seguinte forma:

Desemprego disfarçado 331.6.063 (8-11)
além de

Tipos e causas (Desemprego) 331.6.063 (8-21)

3. PROCESSAMENTO

No caso do tratamento automático de um sistema de CDU, as entradas da tabela e do índice são armazenadas, evidentemente, em fitas separadas. Como já foi sugerido, estas duas fitas não são suficientes para preparar satisfatoriamente uma tabela ou um índice.

A simples inversão do número da CDU e do texto de uma entrada pode ser feita facilmente, sem intervenção do homem. Entretanto, se o acréscimo de palavras não existentes no texto da tabela é necessário à preparação do índice, ele só poderá ser feito através de uma unidade de vídeo combinada com um teclado que trabalha a baixa velocidade. Ora, uma grande quantidade de operações no teclado contradiz a idéia original de uma produção automática do índice. Portanto, uma terceira fita (fita-mestre) pode ser usada, com grandes vantagens, como fonte de muitas palavras, termos e códigos funcionais suplementares, e ainda contendo o texto completo da tabela.

Mesmo utilizando-se um teclado para aperfeiçoar o texto do índice ou para eliminar palavras supérfluas da tabela a ser impressa, a manipulação do teclado pode ser minimizada ao se transferir, por um simples comando, uma parte do conteúdo da fita-mestre para a fita do índice ou da tabela. A relação entre a fita-mestre e as fitas da tabela e do índice é dupla. Ver macrofluxo na Fig. 3.

A transformação fita-mestre-para-fita da tabela inclui a omissão de palavras supérfluas e/ou de termos e códigos funcionais - na fita-mestre (cuja impressão na listagem da tabela não é necessária), ao passo que a transformação fita-mestre-para-fita do índice consiste nos processos de inversão e de aperfeiçoamento necessários à produção do índice.

3.2 - Apresentação dos textos na fita-mestre

Para realizar um processamento eficiente, as seguintes modificações na apresentação dos textos contidos na fita-mestre são ne-

cessárias:

- a) A frase definidora deve ser separada dos respectivos exemplos por um ponto e vírgula, uma vez que os dois pontos são usados para a codificação de produtos lógicos em números da CDU.

Exemplo:

CDU-nº N Frase defin. ; Termo exempl.1
 Termo exempl.2

- b) Na fita-mestre, frases suplementares devem ser acrescentadas, como já foi visto, sempre que necessário.

Exemplo:

CDU-nº N Frase defin. : Termo exempl.1
 Termo exempl.2

FS1 Termo 3 , FS2 Termo 4

- c) A menção de exemplos incluindo aqueles combinados por dois pontos, expressos por termos concisos e práticos, é recomendável, mesmo se parecerem estranhos do ponto de vista convencional;
- d) A combinação de números por dois pontos deve ser mencionada se esta combinação corresponder a termos concisos e práticos. As combinações (por exemplo CDU-nº N : CDU-nº N') devem aparecer na tabela, como N:N' na entrada N, e N':N na entrada N'. Numa entrada, as combinações com dois pontos aparecem após os termos exemplificadores;
- e) Um texto deve terminar com um ponto (.), ao passo que cada termo no texto deve ser separado dos outros por uma vírgula (,). Em consequência, o primeiro termo exemplificador é precedido por ponto e vírgula, e seguido de uma vírgula ou de um ponto;
- f) As palavras que aparecem entre colchetes podem ser incluídas num termo para mostrar que são transferíveis;
- g) Existem ainda outros problemas de codificação, de menor monta, tais como a atribuição de códigos para os números e para o texto da CDU, para indicação de fim de mensagem,

etc.; mas esses problemas podem ser facilmente resolvidos pelos programadores.

3.3 - Transformação fita-mestre-para-fita do índice

Esta transformação contém os processos de inversão e de aperfeiçoamento.

3.3.1 - Processo de inversão

Faz-se a inversão para cada termo da entrada da tabela. Um caso típico é dado a seguir.

A entrada na tabela

CDU-nº N Termo 1 ; Termo 2 , Termo 3 .

CDU-nº N : CDU-nº N' Termo 4 .

Após a inversão, procede-se à classificação e intercalação para obter-se uma ordem alfabética.

3.2.2 - Processo de aperfeiçoamento

O processo de aperfeiçoamento para a produção do índice contém uma ou mais das ações abaixo, que dependerão das decisões do revisor-operador diante da unidade vídeo-teclado, próxima ao computador ou a um terminal:

- acréscimo de um conceito de origem, ou mais genérico (CG) , ao texto de um conceito subordinado;
- acréscimo de frases suplementares (FS) de um conceito mais genérico ao texto de um conceito subordinado;
- transferência de palavras entre colchetes da frase definida de uma entrada aos termos exemplificadores da mesma entrada.

3.4 - Transformação fita-mestre-para-fita da tabela

Esta transformação não inclui a inversão, mas apenas o aperfeiçoamento. Um termo na fita-mestre deve ser independente dos outros termos; portanto, deve existir alguma duplicação na expressão de termos.

Em contraste, as entradas da tabela que aparecem numa pági-

na são estreitamente relacionadas entre si, e podem portanto formar uma "expressão associada". As definições dispersas mencionadas anteriormente são um exemplo de expressão associada.

Isto significa que o texto da fita-mestre deve ser simplificado para gerar o texto da fita da tabela. Além disso, alguns códigos funcionais não são necessários à fita da tabela. Algumas vezes, dois ou mais exemplos podem ser fundidos em um único, acrescentando-se a palavra "e (logicamente OU)". Essas omissões e acréscimos constituem o "aperfeiçoamento" do texto da tabela.

3.5 - *Processo de atualização*

Os textos de atualização da CDU fornecidos pelas "Extensions and Corrections to the UDC", publicadas semestralmente, são registrados regularmente na fita-mestre para atualizar seu conteúdo, através de uma técnica rotineira. Em seguida, as entradas atualizadas da fita-mestre sofrem um processo de transformação, a partir do qual é feita a atualização final das fitas da tabela e do índice. Uma das vantagens dessa rotina é que a consulta à tabela da CDU permanentemente atualizada é possível, assim como a publicação de edições revistas a qualquer momento.

4. *CONCLUSÃO*

Como foi visto, a inversão automática da tabela para o índice exige certas modificações no texto tanto da tabela como do índice. Várias técnicas básicas foram elaboradas para manter os textos o mais próximo possível às edições existentes da CDU. Se for permitida uma modificação válida na expressão dos conceitos, as horas/homem requeridas para a transformação serão consideravelmente reduzidas. Isto significa que, num novo sistema de classificação sem limitações históricas, o problema será facilmente solucionado, desde que o estilo da tabela, como ela é hoje, seja alterado.

O autor está tentando resolver o problema desta maneira, o que será divulgado em outra publicação.

A Japan Documentation Society, entidade que publica as edições japonesas da CDU, está agora pensando em estudar e desenvolver

uma solução prática para rever e imprimir, de forma rápida, as tabelas e índices da CDU em japonês, utilizando caracteres (fonéticos) - chineses e kana, através de fotocomposição automática. As considerações necessárias ao início dessa atividade são condicionadas pelas edições da CDU em inglês (ou em outras línguas ocidentais), visando a demonstrar os elementos básicos implicados. Obviamente, a Japan Documentation Society e o autor não são responsáveis pela compilação das edições em inglês da CDU. Este trabalho deve ser considerado como uma proposta dos elementos básicos necessários à solução do problema da produção automática de índices.

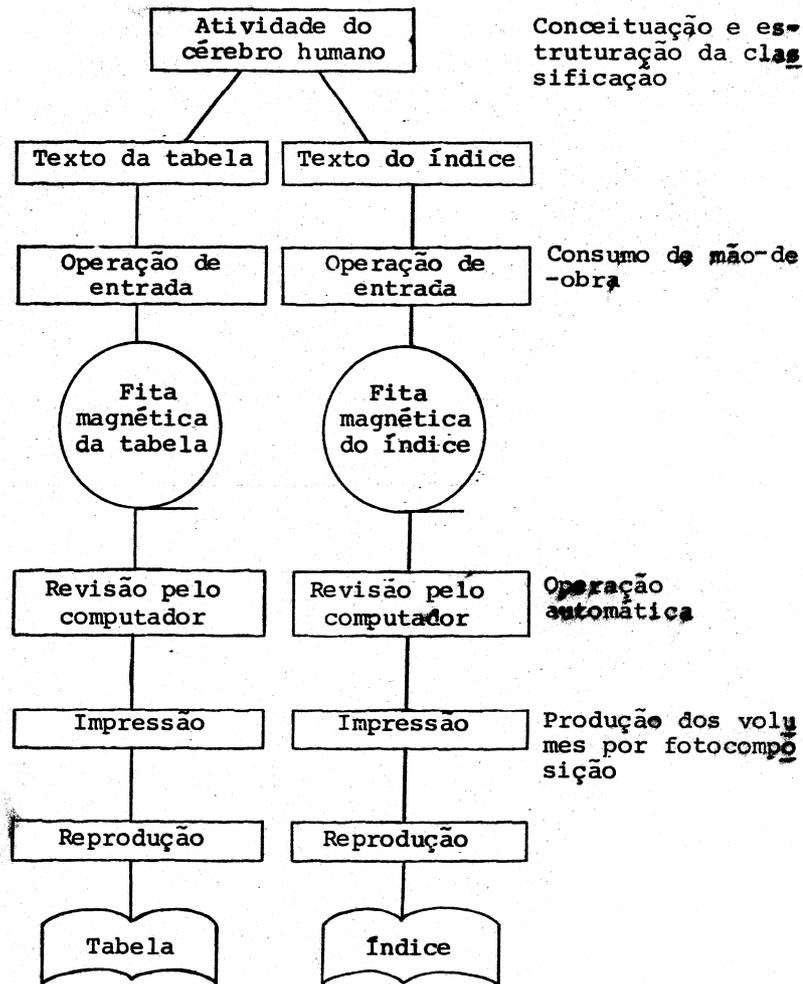


Fig. 1

Maneira convencional de produzir a tabela e o índice por fotocomposição.

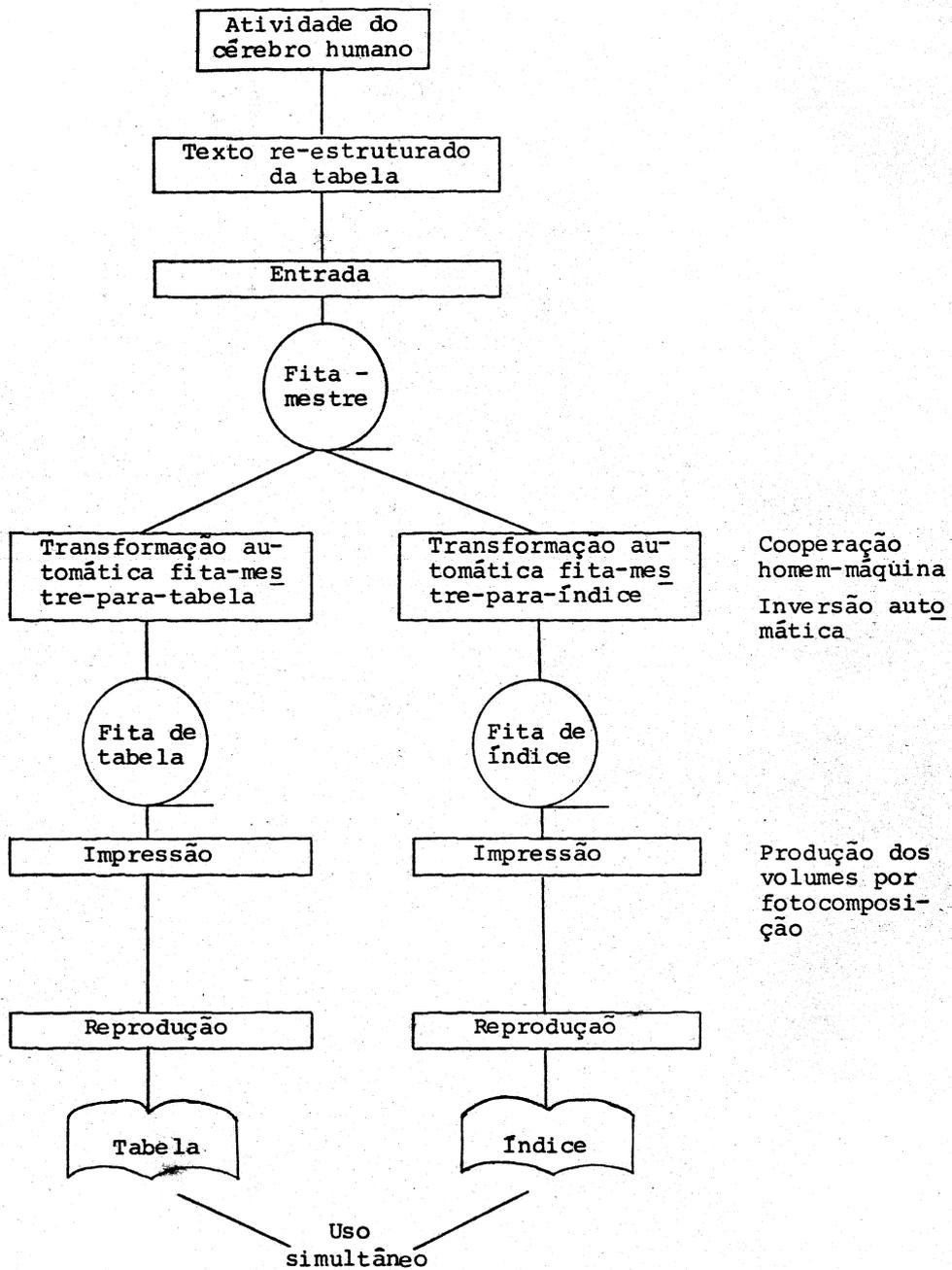


Fig. 2 - Nova maneira proposta de produzir a tabela e o índice por fotocomposição.

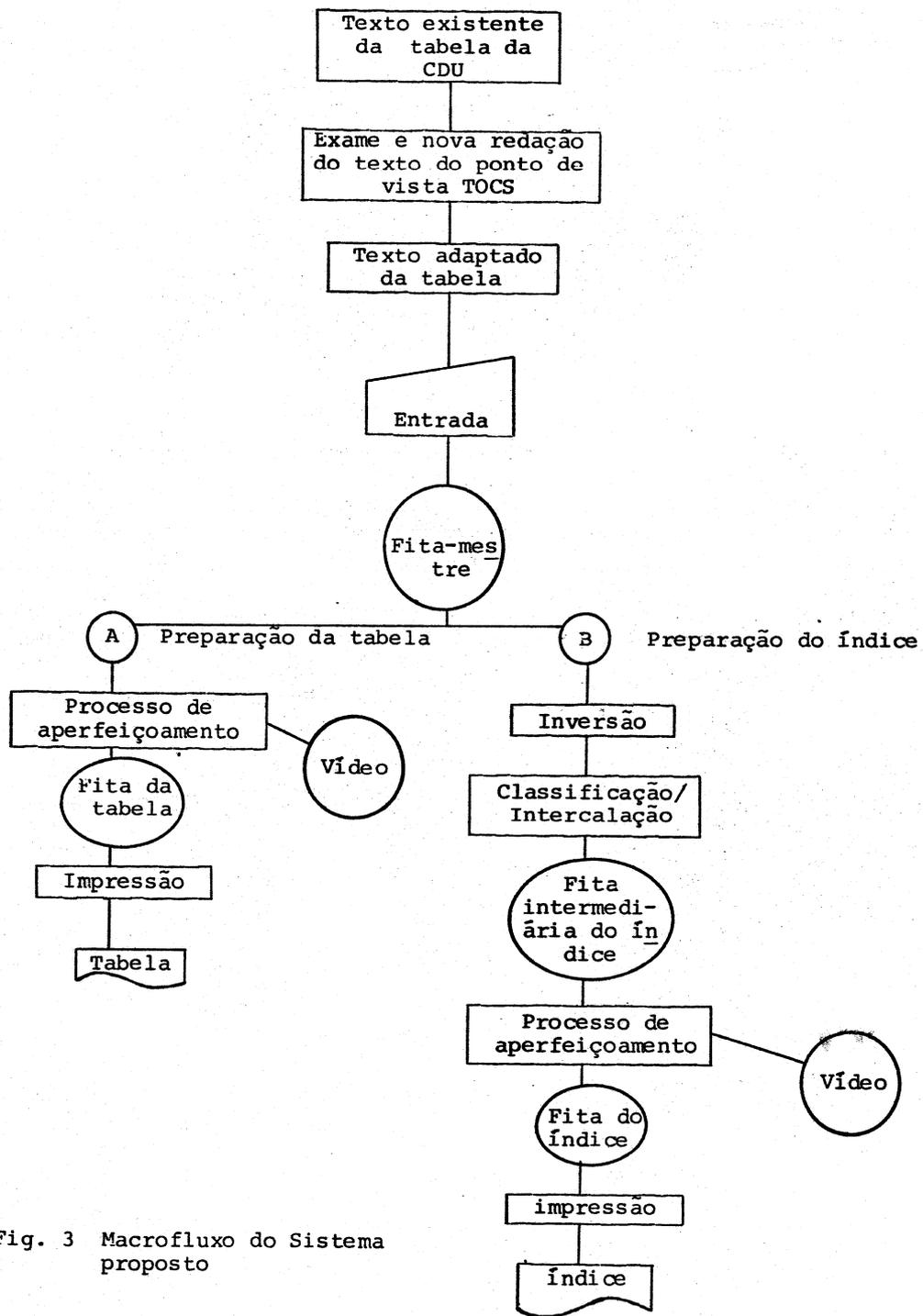


Fig. 3 Macrofluxo do Sistema proposto

A CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL E O COMPUTADOR

Profa. Lourdes Mesquita Siqueira

*Chefe da Biblioteca Central do
Centro Técnico Aeroespacial*

Dr. Oscar Akio Nawa

*Chefe do Departamento de Eletrônica Aplicada do
Instituto Tecnológico de Aeronáutica*

*Bibliotecárias: Lucinda de Almeida, Maria Cristina
Silveira da Mota, Maria do Carmo Nogueira,
Marie Hirota, Rute Giacomio, Walquiria Regina Bertti.*

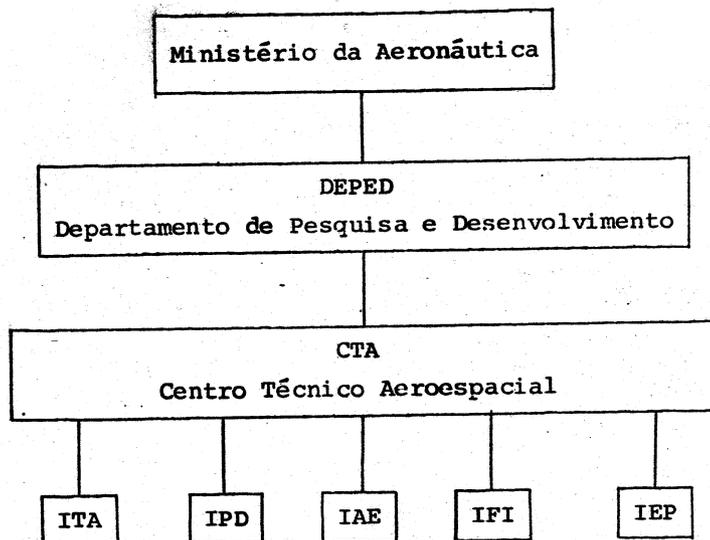
1. O CENTRO TÉCNICO AEROESPACIAL

O Centro Técnico Aeroespacial está intimamente empenhado no contexto dos Programas de Ciência e Tecnologia do País.

Localizado em região estratégica do Vale do Paraíba, vem mantendo pela sua natureza, intercâmbio científico e tecnológico com as instituições da região, tais como: escolas, indústrias, centros de pesquisa, etc., além da sua natural abertura voltada para o âmbito nacional e internacional.

1.1 *Estrutura Organizacional do CTA*

O CTA é um Órgão do Ministério da Aeronáutica, com a seguinte subordinação:



O Centro Técnico Aeroespacial (CTA), nos termos do artigo 16 do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 65.450, de 17 de outubro de 1969, é o Órgão que tem por finalidade realizar diretamente mediante convênios contratos e/ou outras formas de cooperação e intercâmbio:

1. Pesquisas, desenvolvimento e outras atividades ligadas aos assuntos aeronáuticos e espaciais nos setores da Ciência e Tecnologia.
2. Fomento, coordenação e apoio às atividades industriais dos setores aeronáuticos e espaciais no País, bem como exercer atividades de homologação nos referidos setores;
3. Promoção e estímulo para qualificação profissional, visando o fortalecimento do Poder Aeroespacial.

* Subordinado ao Ministério. Órgão de Direção Setorial de Alto Escalão do Ministério da Aeronáutica, incumbido de assegurar a consecução dos objetivos de política aeroespacial nacional, nos setores da Ciência e da Tecnologia e da Indústria.

1.2 Área do CTA

Área residencial	-	111.250 m ²
Área de Pesquisa	-	58.550 "
Área Administrativa	-	31.800 "
Área de Apoio	-	21.200 "
Total de área coberta....		220.000 m ²

2. O INSTITUTO TECNOLÓGICO DE AERONÁUTICA (ITA)

Entre os Institutos que compõem o CTA está o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), que é dirigido pelo Reitor.

O ITA possui dois órgãos de direção diretamente subordinados ao Reitor: 1. Direção de Ensino (IE); 2. Direção de Administração e Apoio (IA).

Subordinados à Direção de Ensino, estão as Divisões: Fundamental (IEF), de Pós-Graduação (IEP), de Processamento de Dados (IED) e as Divisões Profissionais: (IEA, IEE, IEI e IEM).

Subordinadas à Direção de Administração e Apoio (IA) e no mesmo nível das Divisões de Ensino, estão as Divisões: Administrativa (IAA), de Alunos (IAD) e a Biblioteca (IAB).

3. A BIBLIOTECA CENTRAL DO CTA

A Biblioteca, embora localizada no ITA, é considerada como a Biblioteca Central do CTA e tem atuado como um Centro de Informações para toda a organização.

Entre outras atividades, promove cursos de Pesquisa Bibliográfica, oferece diariamente a professores e pesquisadores cópias Xerox dos sumários das revistas recebidas, publica um Boletim Informativo de periodicidade trimestral e faz o levantamento periódico de bibliografias especializadas. Para este trabalho, conta com a colaboração do Laboratório de Processamento de Dados da Instituição, pois a mecanização possibilita a periódica atualização dessas bibliografias.

Estuda-se, ainda, a criação de um Corpo de Tradutores, constituído de alunos do ITA, e a instalação de um equipamento de microfilmagem para economia de espaço e maior atendimento das solicitações recebidas do País e do exterior.

O desenvolvimento do Centro Técnico Aeroespacial, a multiplicidade de seus programas de pesquisa e a distância existente entre seus vários institutos, trouxeram como consequência a criação de pequenas bibliotecas, muito especializadas neste ou naquele Órgão, com orientação e tratamento diferentes.

Tendo em vista a aquisição planejada, a padronização dos processos técnicos e a já cogitada implantação de um Núcleo de Informação e Documentação Aeroespacial no CTA, foi em 1972 criada pela Direção do CTA a Comissão Central da Biblioteca, para estudo destes problemas, promover a centralização de informações, indispensável à implantação de qualquer sistema de informação e estudar o fluxo de informações dentro do próprio Centro.

3.1 *O Catálogo de Publicações do CTA*

Uma das primeiras propostas apresentadas à Comissão Central foi a elaboração do Catálogo de Livros e Folhetos do CTA, e numa segunda etapa a de periódicos e outras publicações especializadas.

Determinaram a elaboração do Catálogo:

1. A existência nos vários institutos do CTA, de pequenas coleções muito especializadas, como: catálogos de indústrias, manuais de homologação, relatórios curtos e longos, informes de indústria, normas, especificações, material considerado de interesse imediato para os vários grupos de trabalho da instituição.

2. A distância existente entre os vários institutos, impossibilitando o conhecimento do material bibliográfico existente neste ou naquele órgão e acarretando muitas vezes duplicata de aquisição. Tal fato deve ser considerado com seriedade, levando em conta o alto preço das publicações especializadas.

Com este catálogo pretendíamos:

1. Possibilitar uma aquisição planejada para todo o CTA;
2. Facilitar o intercâmbio de informações entre o pessoal dos vários institutos do CTA;
3. Oferecer maiores possibilidades aos pesquisadores de outras instituições, considerando que a Biblioteca Central do CTA, não atende somente às solicitações do próprio Centro, como também as da EMBRAER (localizada no campus

do CTA), do INPE e de indústrias e universidades que mantêm convênio com a Instituição;

4. Ampliar a colaboração da Biblioteca com os Catálogos de Livros e Periódicos do País, com a inclusão de novas publicações;
5. Apresentar maiores possibilidades ao empréstimo entre bibliotecas, contribuindo portanto para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa, nas áreas de atuação do CTA.

3.1.1 A CDU e o Computador

O primeiro passo para a elaboração desse catálogo foi o início do tratamento de todo o material bibliográfico existente nos vários institutos do "campus", assegurando a uniformidade do preparo técnico desses documentos.

Considerando que todo o acervo da Biblioteca já se encontrava classificado pela CDU, resolveu-se adotar este sistema para os demais institutos e adaptá-los ao computador.

As primeiras experiências de adaptação da CDU ao computador, foram realizadas no ITA, em 1970, com a colaboração do Prof. Jean Cleaud Marie Gustave Schotte, do CPD, e apresentada à 22a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Salvador, em julho do mesmo ano.

Naquela ocasião, surgiram alguns problemas relativos à sinais auxiliares, à extensão dos números da CDU e à morosidade na atualização do sistema.

Estes problemas foram no entanto, em parte, contornados.

O catálogo planejado, incluirá todas as publicações existentes no "campus" do CTA e já devidamente catalogadas e classificadas.

Terá um arranjo sistemático - ordem numérica decimal de acordo com a CDU.

A obra incluirá índices de autores e assuntos remetendo às páginas, para facilitar a consulta.

Para cada publicação serão incluídos os seguintes dados:

- a) "Número de chamada" completo antecedido de um r quando obra de referência e de um F, no caso de folheto

- b) Referência bibliográfica
- c) Número de volumes
- d) Número de exemplares
- e) Número(s) de tomo do documento em cada Instituto ou Departamento considerando o caso das duplicatas
- f) Indicação do(s) Instituto(s) e Departamento(s) que possuem a mesma publicação. Serão usadas para essa indicação, as siglas oficiais desses Institutos e Departamentos.

No início do catálogo virão as indicações necessárias à identificação desses órgãos.

O processamento no computador possibilitará a periódica atualização dessas listas.

O Programa CAT foi codificado em Fortran Comercial (Fortran Monitor com processamento de dados alfanuméricos feito pelas sub-rotinas comerciais da IBM), conseguindo ler e imprimir à velocidade máxima dos equipamentos de entrada e saída dos dados.

3.1.2 Equipamento

O equipamento usado na época, foi o Computador
IBM 1130

Impressora IBM 1132

Leitora IBM 1442

3.1.3 Dados

Cada obra terá as suas informações bibliográficas perfuradas em um "deck" de cartões. Esses "decks" e mais os cartões com rubrica de assunto principal e cartões com rubrica de assunto secundário constituem o que chamamos arquivo de referências bibliográficas:

1. Cartão com "*" na coluna 1 - contém título (rubrica de assunto principal). Este título pode ocupar até 78 colunas e deve ser perfurado nas colunas centrais do cartão.
2. Cartão com "+" na coluna 1 - contém subtítulo (rubrica de assunto secundário). O subtítulo pode ocupar até 40 colunas e deve ser perfurado a partir da coluna 2.
3. "Deck" de cartões com informações bibliográficas:

Cartão zero - é o primeiro do "deck" e contém

1..... 0
 13-32..... número CDU da obra
 35-40..... código de autor
 41-46..... número de exemplares
 52-57..... outras informações do número de chamada
 59-65..... volume
 67-76..... bibliotecas
 77-78..... número de linhas que serão ocupadas pelas referências bibliográficas
 79-80..... número total de linhas que serão ocupadas pela obra.

Cartões com referências bibliográficas - seguem ao cartão zero e são numerados na coluna 1, a partir de 1.

Cada cartão pode conter até 2 linhas de referências uma nas colunas 11-44 e outra nas colunas 46-79.

Cartões com número de tomo - seguem a sua numeração continua a dos cartões com referências.

Pode também conter até duas linhas nas colunas 11-44 e 46-79.

4. *Cartão em branco* - para encerramento do programa. Deve ser colocado no final dos dados.

3.1.4 Exemplo de cartões

4. A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Chegou-se à conclusão de que, com uma pequena adaptação do Programa CAT, seria possível oferecer em tempo relativamente curto, listagens isoladas das publicações existentes em todo o CTA, sobre este ou aquele assunto, com a utilização do mesmo arquivo de informações usado para o Catálogo de Livros e Folhetos.

As rubricas de assunto ou descritores, entrariam no programa, somente para serem impressos ao alto de cada folha de listagem. A pesquisa seria sempre feita pelo nº CDU.

As experiências foram coroadas de êxito, apresentando excelentes resultados. Este trabalho executado por bibliotecários, com a colaboração do Cel. Eng. Geraldo da Silva Paranhos, Chefe do Centro de Processamento de Dados do ITA e do então aluno Roberto Nunes, abriu novos horizontes no setor de processamento da informação no CTA e foi apresentado ao 3º Congresso Regional sobre Documentação e 11ª Reunião da FID/CLA, realizada em Lima, de 20 a 24 de setembro de 1971.

O programa, listagens, diagramas, exemplo de cartões, amostra do catálogo e toda a rotina de operação, estão publicados no Boletim Informativo da Biblioteca Central do CTA, no v.3, n.3, de jul. set., de 1971, p.421-489. Esta publicação está esgotada e o atendimento às solicitações tanto do Brasil como do Exterior, tem sido feito com o envio de cópias Xerox do referido trabalho.

4.1 *Equipamento utilizado para o Programa PBBG*

Computador IBM 1130
Impressora IBM 1132
Impressora de Console
Teclado de Console
Leitora IBM 1442
Quadro de chaves

5. SITUAÇÃO ATUAL DO TRABALHO

O prosseguimento deste trabalho, com resultados já considerados ótimos, está na dependência da solução de vários problemas, entre eles:

5.1 - A cogitada implantação no Brasil do Sistema de Informações Bibliográficas e Documentárias, o que será possível, com a padro

nização de determinadas técnicas, relativas não só à catalogação, como também ao programa a ser adotado.

Durante a reunião do Grupo de Trabalho para Estabelecimento de Normas de Catalogação em Âmbito Nacional, foram fixadas normas e critérios para todo o sistema.

Foi recomendado o Manual de prática de catalogação, baseado no Código anglo-americano de catalogação, utilizado pelo MARC II (base de um formato internacional), que deverá ser adotado pelas bibliotecas que formarão uma rede em programas nacionais e internacionais de informação, em seus diversos projetos.

5.2 - A existência de alguns Projetos do CTA, no CNPq, a espera de a aprovação e financiamento da FINEP.

- O Plano Piloto de Implantação, do NIDAE (Projeto prioritário do II PBDCT) que tem por objetivo reforçar o sistema de processamento da informação no CTA, como apoio ao ensino, à pesquisa e ao desenvolvimento no Setor Aeroespacial e campos correlatos e consubstanciar uma estrutura de alto nível tanto de pessoal como de equipamento, capaz de colocar o CTA em condições de promover o intercâmbio de informação científica e tecnológica indispensável ao fomento, à coordenação e ao apoio das atividades industriais e de homologação no domínio aeroespacial.

Se este projeto for aprovado, estarão resolvidos os problemas relativos a pessoal, serviços e equipamentos.

- O Projeto de Implantação do Núcleo de Computação e Informática do CTA (Projeto prioritário do II PBDCT) que se encontra também em estudo e aguardando aprovação na FINEP.

Uma vez aprovado este projeto, o CPD terá uma nova configuração, o que tornará possível maior utilização de seus serviços.

CONFIGURAÇÃO FUTURA:

- 1 CPU com 1.500.000 bytes
- 6 Unidades de Fita Magnética
- 4 Unidades de Disco Magnético

- 2 Impressoras de 2000 linhas por minuto
- 1 Leitora de 800 cartões por minuto
- Terminais remotos, teleprocessamento, etc.

UTILIDADE FUTURA:

1. Maior apoio a programas de grande porte na área de pesquisas
2. Criação da Engenharia de Computação no ITA
3. Automação da Biblioteca
4. Implantação do Núcleo de Computação e Informática (Projeto prioritário do II PBDCT)
5. Ampliação da pesquisa em computação

- 5.3 - A Tese de Mestrado em Computação Aplicada, que estava sendo desenvolvida no INPE, sobre "Uma Sistemática de Armazenamento e Recuperação de Informações Bibliográficas" pelos engenheiros Newton Marcos Vasconcellos e Miguel José Bersano.

Este trabalho agora terminado, aborda o problema da recuperação de informações bibliográficas por parte dos usuários da Biblioteca do INPE. É desenvolvido um sistema para o armazenamento e a recuperação destas informações, em dois níveis:

- *Semi-automático e automático*
- *Uma listagem de consulta é proposta para a recuperação automática. O sistema desenvolvido, segundo os autores, seria o primeiro passo para a implantação em controle global, da biblioteca, pelo Computador.*

O sistema descrito nesta tese, não foi ainda implantado na Biblioteca do INPE, não sendo pois, possível a avaliação dos resultados.

6. NOVAS EXPERIÊNCIAS NA BIBLIOTECA CENTRAL DO CTA

Enquanto está sendo aguardada a definição das questões citadas, outras experiências vêm sendo programadas na Biblioteca Central do CTA, entre elas:

- A listagem do Catálogo de Publicações do CTA, também em formulários picotados, possibilitando o destacamento das fi

chas que irão compor o Catálogo Geral, localizado na Biblioteca Central e os Catálogos Específicos, dos diversos Institutos do "campus".

- Automatização do Setor de Circulação da Biblioteca Central, com o uso do minicomputador e desenvolvimento de um terminal constituído de "display", a ser construído no Departamento de Eletrônica Aplicada do ITA, sob a orientação do Dr. Oscar Akio Nawa, PhD pelo Instituto de Tecnologia de Tóquio.

Uma vez implantado este sistema, o leitor terá um cartão com os dados codificados em perfuração. Ao ser atendido no Setor de Circulação, bastará que o funcionário do Setor aperte duas ou três teclas e o "display" dará informações relativas a multas, atrasos, reservas, etc.

Por ocasião da formatura dos alunos, ou no caso do afastamento de determinado usuário, já estará registrada a possibilidade da sua liberação quanto à Biblioteca.

Uma das grandes vantagens é que o computador não erra, enquanto que o permanente manuseio das fichas (no caso do ITA em número elevado), traz constantes erros.

O programa uma vez elaborado, facilitará o trabalho, pois o computador passará a perguntar o que está armazenado.

7. CONCLUSÕES

1. A CDU é aplicável com êxito ao computador. O maior problema reside, sem dúvida, na sua atualização e na padronização da terminologia técnico-científica.

2. Não é mais possível o desenvolvimento de trabalhos isolados de automatização de Bibliotecas em nosso País, sem uma coordenação geral, que permita a integração dessas bibliotecas, no Sistema de Informações Bibliográficas e Documentárias.

3. É necessária maior comunicação entre aqueles que, no Brasil, desenvolvem trabalhos neste setor, tendo em vista a padronização dos processos, sem o que será impossível a implantação do referido Sistema em nosso País.

8. RECOMENDAÇÕES

1. Que o GT-ENCAN (Grupo de Trabalho para Estabelecimento de Normas de Catalogação em Âmbito Nacional) divulgue o mais rapidamente possível o seu *Manual de prática de catalogação*.

2. Que o IBICT promova maior entrosamento entre aqueles que no Brasil estão empenhados em programas de automatização de bibliotecas e centros de informação.

3. Que haja uma coordenação de todos esses trabalhos, evitando dispersão de tempo, duplicação de atividades e sobretudo desperdício de verbas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SIQUEIRA, L. M. & SCHOTTE, J. C. M. G. - Experiências de Automação na Biblioteca Central do CTA. *S.Inf.Bibl.C.CTA.* São José dos Campos, 2(3):350-362, jul./set., 1971.
2. SIQUEIRA, L. M.; PARANHOS, G. S.; NUNES MOREIRA, GARCIA, C.; SIQUEIRA, H. F.; QUAST, M.G.P.; GODDI, W.R. - Automação do Catálogo de Livros e Folhetos do CTA. *S.Inf.Bibl.C.CTA.* São José dos Campos, 3(3):421-487, jul./set., 1971.
3. VASCONCELLOS, N. M. & BERSANO, M. J. - Uma sistemática de armazenamento e recuperação de informações bibliográficas. São José dos Campos, INPE, 1976. (Tese de Mestrado em Computação Aplicada).

NOTAS PARA PROCESSAMENTO TÉCNICO AUTOMATIZADO EM BIBLIOTECAS

Deisi Loureiro Giacometti.

Divisão de Informação e Documentação
Científicas do Instituto de Energia Atômica
São Paulo, SP

1. INTRODUÇÃO

1.1 A Divisão de Documentação e Informação Científicas do Instituto de Energia Atômica carecia de definições, planejamento e execução rápida para o sistema de automação integrada, que já havia sido escolhido para sua biblioteca em 1972.

1.2 A presente exposição sucinta - elaborada em poucos dias - não é resultado de demoradas pesquisas teóricas, ou debates gerais em torno do tema escolhido.

Ela é um relato dos trabalhos práticos desenvolvidos, que têm sido provados fundamentalmente válidos e que tem permitido facilidade de acesso à informação pelo usuário, de modo satisfatório.

1.3 O propósito do trabalho é tornar útil aos interessados algumas das nossas experiências.

1.4 As inovações técnicas introduzidas foram estruturadas pela Diretoria Geral e Equipe Técnica de Processamento da Divisão de Informação e Documentação Científica; pela Coordenadoria e Agrupamento de Automação e Documentação de Informações Nucleares, do Centro de Processamento de Dados, representados respectivamente por Terezine Arantes Ferraz, Deisi Loureiro Giacometti, Cibár Cáceres Aguilera e Odete Guedes.

2. O SISTEMA ADOTADO

A mecanização utilizada na DIDC baseou-se num sistema, cujos estudos foram efetuados pelo Centro Europeu de Tratamento de Informação Científica (CETIS) e pelo Serviço de Bibliotecária e Documentação, ambos do Centro Comum de Pesquisa da EURATOM, situado em Ispra (Itália).

A base do sistema - que é denominada Integrated Library System (ILS) - como diz o próprio nome, é a integração num conjunto único automatizado, de todas as funções que compõem a organização de uma biblioteca científica.

O ILS procura aproveitar os dados bibliográficos de cada documento - que são sempre os mesmos - para as diversas operações interdependentes, que vão desde a aquisição e processamento dos vários tipos de publicação, até a circulação, combinados num sistema totalmente automatizado.

2.1 No Centro de Processamento de Dados (CPD) do IEA

A DIDC conta - para esse processamento automatizado - com os trabalhos do Centro de Processamento de Dados (CPD), do IEA, cujo setor digital dispõe de um computador com a seguinte configuração:

IBM/370 - modelo 155 2 Mega Byte de memória
 4 impressoras 1403
 2 leitoras de cartões 3505 e 2501
 1 perfuradora de cartões 3525
 6 unidades de disco 3330
 6 unidades de fitas magnéticas 3420
 11 unidades de video 3277
 TCU 3704
 Leitora de fita de papel 2671
 1 leitora gravadora de diskette IBM 3540

As extensões e adaptações dos programas originais são feitos através da ADIN (Automação e Documentação de Informações Nucleares), um agrupamento do CPD.

O CPD conta para perfuração de fita de papel, com 4 unidades de perfuradoras Flexowriter, sendo 3 delas combinadas com Selectadata.

O processamento mecanizado começa pela perfuração dos dados em fita de papel.

Em seguida, é feita a conversão do conteúdo da fita de papel, para a fita magnética.

3. QUADRO GERAL DO SISTEMA ADOADO

O sistema Integrated Library System resume as principais atividades de uma biblioteca nos seguintes aspectos:

3.1 Aquisição e controle administrativo das publicações

3.2 Catalogação, classificação e indexação

3.3 Circulação envolvendo (empréstimos e devoluções)

3.4 Informações

Esses aspectos - que são trabalhados normalmente por grupos de pessoas diferentes - passam a ser, no sistema ILS, ligados pelo processamento unificado, a partir de uma única folha de entrada de dados.

4. ENTRADAS

4.1 Em razão das diferentes características das diversas formas de publicação e dos problemas administrativos conseqüentes, o ILS subdividiu o conjunto de documentos, nos seguintes tipos de publicação:

M Monografias
MS Séries monográficas
P Periódicos
PS Séries periódicas
OP Opus
R Relatórios
T Teses
PT Patentes
PM Panfletos
(A Analíticas)

4.2 No momento desenvolve-se no IEA o processamento da coleção de livros e folhetos já existentes, chamada no sistema, de BACKLOG.

Essa coleção envolve, de acordo com a lista no item 4.1: M, MS, OP, T, PM, (A).

4.3 Os dados bibliográficos são distribuídos nas folhas de entrada (data input sheets) dentro das seguintes categorias:

- Categ. 1 Identificação
- Categ. 2 Descritores
- Categ. 3 Autor(es)
- Categ. 4 Título(s)
- Categ. 5 Imprensa
- Categ. 6 Outros dados bibliográficos
- Categ. 7 Número de chamada (CDU + Cutter)
- Categ. 8 (Reserva)
- Categ. 9 Dados administrativos

Em cada categoria, os dados são divididos em subcategorias, e grupos, de modo que as diferentes características de qualquer parte da informação fornecida ao sistema, possam ser especificadas e automaticamente identificadas pelo programa.

Lista completa das categorias e subcategorias pode ser vista no ANEXO 1.

4.4 Para as disposições dessas informações nas Folhas de Entrada IIS, o sistema dispõe das seguintes apostilas instrutivas (Input Back Rules):

- Instruções p/M
- Instruções p/MS
- Instruções p/P
- Instruções p/PS
- Instruções p/R
- Instruções p/OP
- Anexos (tabelas aplicáveis)
- Instruções para a Flexowriter
- Código de erros
- Regras de atualização

O sistema adota para a catalogação - com pequenas adaptações - as regras do Anglo American Cataloging Rules.

542.

5. SAÍDAS

Como produtos do ILS podem ser obtidos os seguintes catálogos e listas:

- 5.1 Catálogo topográfico
 - 5.1.1 Catálogo topográfico de analíticas
 - 5.2 Catálogo principal ou Catálogo Alfabético
 - 5.3 Catálogo de assuntos. Índice de assuntos
 - 5.4 Catálogo de periódicos
 - 5.5 Catálogo de congressos: por título, local e data
 - 5.6 Catálogos especiais
 - 5.6.1 Catálogo de autores corporativos
 - 5.6.2 Catálogo de patentes
 - 5.6.3 Catálogo de folhetos
 - 5.6.4 Catálogo de séries
- Posteriormente
- 5.7 Lista de controle das reclamações
 - 5.8 Lista de controle das faturas
 - 5.9 Lista dos empréstimos
 - 5.10 Listas estatísticas

Não entro em detalhes das características próprias de cada catálogo, porque eles não constituem inteira prioridade dentro dos limites deste trabalho.

6. PROCESSAMENTOS AUTOMATIZADOS

Esses processamentos envolvem uma série de detalhes técnicos da automatização, como: perfuração, utilização de linguagens, de arquivos, da memória principal e das auxiliares, métodos de arranjo de arquivos, modo de gravar os primeiros exemplares de uma unidade bibliográfica, etc. Essas informações estão bem explicadas nas fontes citadas nas Referências Bibliográficas deste trabalho.

É importante destacar que: todas as informações bibliográficas são registradas num único ARQUIVO GERAL, ordenado de acordo com o código de identificação, a partir das quais podemos obter todos os elementos necessários para as diferentes rotinas do sistema.

Há programas cujos processos técnicos de preenchimento de dados ainda não foram completados. São eles:

<i>tipo de publicação</i>	<i>programas</i>
Monografias -.....	"Order", "arrival" (fase de testes) auxiliares e "on line"
Periódicos e Séries periódicas	BACKLOG (fase de testes)
Periódicos e Séries periódicas	"order" "arrival", auxiliares e "on line"
Monografias	empréstimos ("on line")

7. INOVAÇÕES INTRODUZIDAS NO SISTEMA ORIGINAL

Na adaptação do ILS, algumas modificações básicas foram feitas - como se descreve nos itens seguintes - em certas categorias:

- Categoria 1 - Identificação
- Categoria 2 - Códigos dos descritores
- Categoria 2KL - Descritores
- Categoria 7 - Número de chamada

Depois de muitos testes e análises, tornaram-se necessárias algumas extensões e esclarecimentos, nas apostilas ILS, a respeito destas categorias. Os acertos finais atingem os seguintes assuntos:

- a) CLASSIFICAÇÃO CDU
- b) CATÁLOGO DE ASSUNTOS. Índice de assuntos. Remissivas
- c) INDEXAÇÃO. Descritores
- d) CATÁLOGO TOPOGRÁFICO. Ordenação CDU. Catálogo topográfico de analíticas
- e) OPUS e MONOGRAFIAS EM VÁRIOS VOLUMES
- f) "PROCEEDINGS" de CONFERÊNCIA

Os assuntos de maior interesse serão objeto de exposições mais extensas. Os demais serão descritos de maneira sucinta.

Além dessas mudanças - de maior vulto - foram trabalhados alguns acertos de importância relativa e que não serão descritos neste trabalho.

7.1 Classificação CDU

Após estudos de vários sistemas de classificação bibliogrâ-

fica, visando encontrar o mais conveniente, optou-se pela CDU. As vantagens já sobejamente conhecidas desse sistema, reforçaram essa escolha.

Principalmente porque a CDU, nos últimos anos vem sendo desenvolvida pelas autoridades responsáveis, no sentido de facilitar os processamentos automatizados para todos os tipos de documentos.

7.1.1 A única objeção encontrada foi o elevado número de dígitos que a CDU acarreta.

O comprimento excessivo dos números de classificação ligados pelo relacionamento - caracterizado pelo sinal ":" - constituía problema vital nos dígitos que seriam introduzidos na memória do computador. Implicava inclusive aumento de custos em todo o processamento.

Foi aventada a hipótese de se estabelecer uma simbologia representativa da notação CDU para economizar dígitos.

Esse trabalho seria de enormes proporções, comprometendo boa parte de horas de serviço.

A solução encontrada foi deixar de usar o relacionamento de assuntos indicado pelo sistema CDU.

O relacionamento de números, é uma das aplicações dos sinais da CDU, que faz com que o número de chamada se torne mais longo.

Justifica-se a alternativa da não adoção do relacionamento de assuntos, pelos seguintes pontos:

7.1.1.1 No caso do IEA, o relacionamento de assuntos não apresenta interesse primordial para o acervo.

7.1.1.2 Sabe-se que a extensão dos números CDU dá impressão de complicação a grande parte dos usuários.

A supressão do relacionamento torna cômodo o comprimento da notação de classificação, e não compromete a especificidade no armazenamento dos livros.

7.1.1.3 Os livros estarão agrupados pelo assunto real específico que constitui a essência do conteúdo.

7.1.1.4 Permanece a indicação de que há relacionamento, pelo uso do sinal ":", sem no entanto aparecer a parte da notação de classificação que representa esse relacionamento. Ex: Mineral studies with isotopes in domestic animals, cuja notação completa seria 636.08:621.039.8|P191m, ficará 636.08:|P191m.

7.1.1.5 As notações seguidas do sinal ":" são colocadas após as que não o apresentam.

7.1.1.6 Além disso, na maioria dos livros, esse relacionamento se repetia com o número 621.039... (mais de 7 dígitos) dado para o assunto energia atômica.

O acervo do I.E.A. é selecionado estritamente dentro do assunto energia nuclear e correlatos. Compreende-se que, se o I.E. A. inclui livros de agricultura (por ex.) no acervo, forçosamente estarão relacionados com aplicações da energia nuclear na agricultura, sem o que não teriam sido adquiridos.

É evidente que existem assuntos correlatos além daqueles que podem ser técnica e cientificamente influenciados pela energia nuclear.

Os usuários tem conhecimento de que se trata de uma biblioteca sumamente especializada em energia nuclear, o que faz com que o relacionamento, no caso, se torne uma redundância desnecessária.

7.1.1.7 Fica claro, que dos sinais adotados pela CDU, expostos nas introduções das tabelas, apenas o de relacionamento ":" envolve alterações. Os demais são adotados na íntegra.

7.1.1.8 O campo (linear) reservado para a notação CDU/Cutter é de 20 dígitos na categoria 7 das Folhas de Entrada do ILS.

7.2 *Catálogo de Assuntos*

Esse catálogo segue a hierarquia das palavras ou conjunto de palavras, de acordo com o relacionamento dado pelo Thesaurus INIS (International Nuclear Information Service) e aplicado em código nas categorias 2 e 2KL. Essas categorias constituem a chave de seleção para o Catálogo de Assunto.

Temos na estrutura do "data set" de assuntos - com base no

Terminology Charts codificado - três graus hierárquicos:

- a) Descritores principais numerados
- b) Descritores subordinados numerados
- c) Descritores específicos não numerados

Em consequência, observa-se no "out put": a) a ordem alfabética dos descritores gerais; b) dentro desses os descritores subordinados em ordem alfabética; c) dentro dos subordinados, os específicos em ordem alfabética.

A apresentação gráfica é feita de maneira a facilitar a visualização da subordinação dos assuntos, tanto em termos de distribuição dos dados, como do tamanho dos tipos.

7.2.1 Índice de assuntos

7.2.1.1 A disposição do "Subject Catalogue" em grandes assuntos fez surgir a necessidade de completar o catálogo com um índice alfabético de assuntos. Nesse índice, aparecem todos os descritores adotados, à medida que são inseridos no sistema.

Eles são diferenciados pela impressão em caixa alta/negrito, para a 1a. hierarquia; caixa alta para a 2a. hierarquia; e caixa alta/baixa para a 3a. hierarquia de assuntos.

Dessa maneira, o usuário ao procurar um termo específico, poderá localizá-lo no índice de assuntos, que o remeterá ao grande assunto do catálogo.

7.2.1.2 Remissivas

O índice inclui as remissivas necessárias, calcadas nas indicações dadas pelo Thesaurus INIS.

O arquivo usado na automatização dos descritores tem limitações, o que constitui desvantagens na atualização dos assuntos.

Há dificuldades em incluir no sistema novos descritores adotados nas edições subsequentes do Thesaurus. Essa desvantagem seria contornada pelo uso dos "Tapes INIS do Thesaurus", que vêm sendo atualizados quase que anualmente pela I.A.E.A. Mas esses "tapes" ficam reservados para um futuro sistema brasileiro de informação em energia nuclear.

7.3 *Indexação. Descritores*

7.3.1 Foi analisada a possibilidade de aplicação direta dos números do sistema CDU na indexação dos assuntos (categorias 2 e 2KL das Folhas de Entrada ILS), já adotado por entidades mundiais. Mas em vista da especificidade dos números CDU, o programa teria que permitir um número quase infinito de notações CDU - (como é o caso do Projeto LEMME do Ministério de Minas e Energia, cujo sistema permite que se incluam 9.999.999 números da CDU); ou teríamos que suprimir em grande escala as notações, para conseguir números suficientes sem comprometer a programação ILS, montada em estilo totalmente diferente. Em decorrência, teríamos um atraso considerável na automação da biblioteca.

7.3.2 No entanto - no ILS - a recuperação da informação não é feita através da CDU isolada (categoria 7 das Folhas de Entrada), mas combinada com os descritores relacionados no Thesaurus INIS (International Nuclear Information Service) IAEA-INIS-13-Rev.0.

A terminologia compilada nesse documento resulta da indexação coordenada de mais ou menos 987,000 resumos, no campo da ciência e tecnologia nucleares.

Por meio de um código numérico, colocado ao lado do descritor subordinado, o programa procura o descritor específico não numerado (categoria 2KL).

7.3.3 É usada ainda - conjugada ao Thesaurus INIS, - a Terminology Charts INIS (IAEA-INIS-13A-Rev.0).

Trata-se do mapeamento dos conjuntos de descritores do Thesaurus no contexto dos seus relacionamentos hierárquicos e semânticos.

Os descritores da Terminology Charts foram devidamente codificados na DIDC e gravados num arquivo pelo CPD que adaptou os programas do ILS para que se pudesse recuperar os documentos através dos assuntos. Os programas utilizam as categorias 2 e 2KL para selecionar os dados que compõem o "Subject Catalogue".

A partir do código atribuído ao descritor (cat.2), o programa de elaboração dos dados de entrada pesquisa no arquivo que contém o código e o descritor correspondente:

19) o descritor principal numerado;

29) descritor subordinado numerado

7.4 Catálogo Topográfico - Ordenação CDU

7.4.1 A categoria 7 nas Folhas de Entrada ILS surgiu, decorrente da necessidade de mudança da classificação EURATOM prevista pelo programa de Ispra (colocado na cat.1 - "Material Code") para o sistema CDU introduzido na DIDC.

A mudança visa localização mais racional dos livros nas prateleiras e conseqüentemente melhor aproveitamento das informações por parte dos usuários, uma vez que se trata de biblioteca de livre acesso. A localização adotada em Ispra era fixa.

Não se pôde usar o mesmo campo da categoria 1 reservado para a classificação EURATOM, porque os dígitos necessários para a CDU são em maior número. Aproveitou-se então a categoria 7 que estava vaga. Reservou-se 20 dígitos para o conjunto de notação CDU mais notação Cutter, que somados aos demais dados da categoria 1, formam o número de chamada dos volumes. Os campos da categoria 1 - de identificação - são agregados aos da categoria 7 pelo sistema, para formação do nº de chamada. A categoria 1 se compõe de:

IN = Identification number

L = language

E = edition

V = volume

P = part

N = number

S = supplement

C = copy

M = material code

Este último foi substituído no sistema pela categoria 7. O CPD fez as adaptações necessárias no programa, quanto à troca na situação: categoria 1, campo 9 e categoria 7. No entanto se fez necessário uma adaptação da simbologia IBM utilizada no computador (vertical) e simbologia usada pela CDU (horizontal e vertical) para que se imprimisse decimamente certas, as coordenadas e subordinadas da CDU no Catálogo Topográfico.

7.4.1.1 Como primeiro passo foi estudado de maneira geral o entrosamento das simbologias IBM (CPD)-CDU (DIDC), a serem usadas nas F.E. ILS, categoria 7.

A segunda simbologia deveria ser encaixada à primeira para que houvesse um "out-put" lógico no Catálogo Topográfico do ILS, isto é, sendo um topográfico, a notação CDU usada para localização dos livros deve aparecer na mesma ordem que aparece nas prateleiras.

7.4.1.2 Para a obtenção de um resultado eficiente foram observadas de acordo com os princípios ditados pela própria CDU:

- a) a ordem interna do número composto (sentido horizontal)
- b) a seqüência vertical, quando listados
- c) a notação Cutter
- d) a ordenação vertical dos símbolos da IBM

7.4.1.3 As adaptações feitas resultaram na Tabela para codificação dos símbolos CDU, de acordo com a seqüência dos símbolos da IBM. Essa inversão foi bastante difícil devido as características horizontais e verticais dos parâmetros a serem acertados.

7.4.1.3.1 A tabela de conversão IBM-CDU, introduzida no ILS para ordenação da CDU no Catálogo Topográfico, cuja codificação vinha sendo transcrita nas F.E., categoria 7, foi dispensada do uso após reprogramação pelo CPD. O objetivo foi facilitar o trabalho na elaboração dos formulários "INPUT" das unidades bibliográficas e de evitar um futuro trabalho de revisão de todas as cat. 7 já gravadas, se for necessária qualquer modificação na tabela de classificação, agora utilizada para o Topográfico.

É usada somente pelo CPD. A transformação é feita apenas pelo computador, somente para o Catálogo Topográfico.

A impressão do nº CDU sai normalmente, tanto no Topográfico como nos demais catálogos.

No processamento automático não se trata de decodificação simplesmente, mas sim de 2 programas: transformação e impressão.

7.4.1.3.2 Shelf List - Ordenação CDU - Tabela de Conversão

IBM		CDU	SIGNIFICADO
b	=		limite CDU Cutter
d	=	+	adição
f	=	/	extensão
h	=	:	relação
j	=	=	língua
l	=	(local e forma (quando precede caráter numérico)
m	=	(raça e nacionalidade (quando precede caráter não numérico)
n	=	*	detalhe e local
p	=)	local e forma, raça e nacionalidade
r	=	"	tempo
s	=	b	que deverá preceder as subdivisões A/Z
t	=	.	ponto do ponto de vista
v	=	-	hífen
x	=	.	ponto
y	=	'	número composto sintético
A			
.			
.	=	Cutter	(autor e título)
.			
Z			

NOTA: O sinal ":", indicação de reversibilidade do número, surgiu na CDU, depois de estudada e programada esta tabela. A indexação suprirá as diversas focalizações de assunto que ca da unidade merece.

7.4.1.3.3 Os seguintes raciocínios para a codificação não estão mais em uso para o preenchimento das Folhas de Entrada. São aqui relatados porque serviram de base e ainda são utilizados pelos programas que preparam os números da CDU para serem ordenados na emissão do Catálogo Topográfico:

- a) Os sinais CDU iguais têm codificações IBM diferentes, de acordo com as diferentes conceituações dadas pela CDU.

- b) Para ordenar no "Shelf List" as coordenadas ou subordinadas CDU que precisam ser subdivididas de A-Z, pode-se escrever normalmente essa maiúscula logo após o número CDU.

No entanto, só 19 dígitos podem ser usados na notação de chamada, porque um dos dígitos é ocupado com um código de mudança, necessário na programação do computador, nas trocas de um subconjunto de números para um subconjunto de letras.

7.4.1.4 Impressão do catálogo topográfico

No catálogo topográfico também chamado no sistema, de "Working Catalogue" ou "Shelf List" as obras de referência, panfletos e livros, aparecem respectivamente nessa ordem:

- a) REFERÊNCIA, com notação formada pelo número CDU anteposto da letra r minúscula, mais o número de Cutter e elementos da categoria 1.
- b) PAM de "pamphlets", com notação formada pelo ano da entrada, mais o número seqüencial para cada publicação. No caso de panfletos "normas": ano, número seqüencial, tipo de proposição e número da mesma.
- c) LIVROS, com notação formada pelo número CDU, mais número de Cutter, mais elementos da categoria 1:

7.4.1.4.1 A notação de classificação mais o número de Cutter, embora transformados pelo computador nos códigos, serão impressos sem codificação na forma normal.

7.4.1.4.2 Para efeito de adaptação, algumas regras na apresentação dos dados da notação no "Catálogo Topográfico" foram mudadas do tradicional e são impressas de maneira diferente:

- a) Quando houver tradução, o símbolo representativo da língua traduzida, indicado pelas apostilas ILS é impresso automaticamente.
Ex: 621.38(02) |D433o (E) /62. A mesma forma é conservada nas etiquetas.
- b) Para a inicial do título, após o número de Cutter, conserva-se a forma tradicional nas Folhas de Entrada e nas etiquetas.
- c) A barra divisória entre o nº CDU e nº de Cutter é escrita na Folha de Entrada, em código, representado pelo sinal \$ (cifrão), co

mo símbolo a ser perfurado no lugar da barra perpendicular. A medida foi tomada porque as máquinas Flexowriter usadas na perfuração das fitas de papel não possuem o tipo "|"

- d) O número da edição é impresso automaticamente, entre parênteses, após as iniciais do título. Ex: 631.28(02)|D433d(4).
- e) O catálogo topográfico traz como complementação um catálogo topográfico das analíticas. Elas aparecem ordenadas pelo número de chamada do livro.

7.5 *Opus e Monografias em vários volumes*

Esse tipo de publicação recebe do sistema um tratamento especial, que não tinha ainda sido colocado em bases práticas pela biblioteca de Ispra. Isto demandou novo alinhamento de idéias, programas e definições.

Os preparos de testes, perfurações, gravações extras, montagens, análises gerais, análises específicas, trabalhadas para esse tipo de publicação, decorreu de:

- a) falta de esclarecimentos nas apostilas ILS;
- b) diferentes interpretações das apostilas;
- c) falhas observadas nos catálogos impressos em consequência dos itens *a* e *b*;
- d) necessidade de melhor disposição dos dados

7.5.1 Documentos a serem tratados como tipo de publicação OP (OPUS) são edições em vários volumes, com término previsto (Monografias), colocadas no sistema sob o mesmo número de chamada. Essas publicações podem ter três tipos de títulos:

7.5.1.1 Um título geral para todos os volumes - (títulos de 1a. hierarquia).

7.5.1.2 Dois títulos: a) o geral para a obra e b) os especiais para os volumes - (os títulos especiais são títulos de 2a. hierarquia).

7.5.1.3 Três títulos: a) o geral para a obra; b) o especial para os volumes; c) o específico para as partes dos volumes - (os específicos são títulos de 3a. hierarquia).

Atenção para não interpretar conteúdo citado na página de rosto, como título específico.

7.5.1.4 As diferenciações são necessárias, porque o sistema ILS pede uma folha de entrada de dados para cada unidade bibliográfica.

7.5.2 Todas as publicações e catálogos que podem apresentar três tipos de títulos (OP, MS, CONFES, SUBJ.CAT., INDEX., CDU) exigem do computador seleções e interlições bastante complexas. Estas são verdadeiras obras de arte mecânica, impossíveis de serem descritas nestas poucas linhas.

7.5.3 As grandes enciclopédias são consideradas OPUS, mas recebem um tratamento especial.

7.6 "Proceedings" de Conferências

Existem características do ILS para os diversos tipos de publicação. Estas características associadas às peculiaridades dos "proceedings" de conferências, que são editados dentro de quase todos os "tipos" definidos pelo ILS (M, OP, P, PS, MS, PAM, (A)), demonstraram a necessidade de se estudar e analisar mais profundamente suas diversas formas de apresentação.

Os "proceedings" são um tipo de publicação que cada vez mais domina a apresentação bibliográfica de estudos e pesquisas.

7.7 Forma de publicação "Normas"

A palavra "norma" neste caso é sempre extensiva a todas as modalidades de trabalhos das associações normalizadoras. Ex: projetos, métodos, estudos, etc.

O tratamento é dado para quando se apresentam em forma de panfletos, (não em coletâneas). Não adotam CDU na categoria 7, mas uma codificação baseada em tipo de publicação, mais o número seqüencial,

mais a data, mais o número da proposição.

7.7.1 No sistema ILS não há previsão especial para esse tipo de publicação, o que determinou sua caracterização como MS, embora não se ja uma série de publicações e sim uma série de proposições e disposições.

7.7.2 Para cada proposição ou disposição que recebeu um símbolo da entidade padronizadora oficial e não para cada unidade bibliográfica (como é o usual), faz-se uma Folha de Entrada ILS. Teremos assim reunidas por ordem numérica: Normas, Projetos, Métodos, Estudos, etc.

8. EMISSÕES: ENTRADAS, PROCESSAMENTO E CUMULAÇÕES

8.1 Como observações práticas gerais num serviço de processamento técnico automatizado - em termos de rotinas necessárias para otimização dos trabalhos - o Fluxograma das Emissões ILS dá uma idéia da diferença das etapas seguidas num sistema tradicional e num sistema automatizado (embora o primeiro não conste do fluxograma).

8.1.1 O estudo desse fluxograma ajudará os interessados a chegarem às suas próprias conclusões sobre as vantagens e desvantagens da automação nas bibliotecas, tanto no que diz respeito a quantidade e qualidade de pessoal, como a custos, etc.

8.1.2 Esse fluxograma associado ao detalhamento que foi dado a alguns itens do texto, servirá também de subsídio para um desenvolvimento inicial de metodologia do trabalho de processamento técnico automatizado em bibliotecas.

8.1.3 Quanto aos custos das emissões, como idéia geral temos o seguinte quadro:

ESPECIFICAÇÃO DO SERVIÇO	TEMPO DE C.P.U.	PREÇO ESTIMADO EM Cr\$
1. Gravação dos dados de entrada na fita magnética (Obs: Fita D062 50 unidades bibliogr.)	2,46 Segs.	22,68
2. Tratamento de entrada	44,93 Segs.	829,04
3. Elaboração de todos os catálogos	1m.20,32 Segs.	484,57
4. Elaboração de todos os catálogos cumulados contínuos das unidades gravadas em 1976 até a fita D062 em número de + ou - 600 unidades	3m.27,55 Segs.	1.188,18
5. Elaboração do "Subject Index"	15,93 Segs.	155,85
6. Gravação das remissivas	1,53 Segs.	30,66
7. Processamento das remissivas	7,41 Segs.	141,25
		<u>2.852,23</u>

Nota: Os gastos enumerados na tabela não incluem horas-homem, horas-máquina, preparo dos programas, etc.

Eles se repetem a cada introdução de novos conjuntos de dados na CPU (Central Processing Unit).

8.2 As etapas do trabalho com as Emissões ILS, de maneira geral, são as seguintes:

8.2.1 Gráfico-cronograma prevendo a produção no processamento técnico.

8.2.2 Preparo de cronograma do envio de Folhas de Entrada e chegada das respectivas emissões do CPD.

8.2.3 Registro das Folhas de Entrada enviadas ao CPD, com aproveitamento para baixas no CPD e DIDC.

8.2.4 Registro da chegada das emissões dos vários tipos de catálogos da CPD.

8.2.5 Preparo físico das emissões:

- a) arranjo em pastas adequadas;
- b) separações com espelhos e guias;
- c) rotulações;
- d) etiquetagens;
- e) seleção dos catálogos para o público;
- f) exposição dos catálogos;
- g) localização especial diferente da tradicional;
- h) armazenagem quando necessário.

8.2.6 Deve-se dar um destaque especial às análises. É um serviço - geralmente pouco avaliado quando se fala em automação - e numeroso face ao grande número de catálogos emitidos, que são interligados. Um erro repercute em todos.

8.2.7 Relatórios das análises.

São necessários para avaliação e reavaliação dos problemas após as soluções propostas.

A finalidade é solucionar as questões visando a retroalimentação do sistema.

8.2.8 Correções após análises.

8.2.9 Novo envio de dados, correções e atualizações, ao CPD.

8.2.10 Reinício das operações a cada nova remessa de dados.

8.2.11 Estudo da regularidade das emissões. Cumulações contínuas se manais, mensais e anuais. Série de catálogos de trabalho.

8.2.12 Emissões para alimentação da colaboração aos Catálogos Coletivos Gerais.

8.2.13 As emissões ILS - uma vez processado o acervo BACKLOG - terão sua impressão reduzida, serão propriamente encadernadas e distribuídas aos interessados.

9. FINAL

O que está relatado neste trabalho, de maneira tão sucinta, sobre as novas introduções da DIDC no sistema ILS, deveria, constituir talvez (quando desenvolvido) obra volumosa que contivesse toda criação, estudo, desenvolvimento, programas, rotinas, sub-rotinas, regras de preenchimento, regras de catalogação, regras de indexação, e missões, apresentações, análises e toda a complexidade de etapas que envolvem o ILS.

Fica aqui pois a tentativa de dar uma idéia geral da automação da Divisão de Informação e Documentação Científicas do I.E.A.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CÁCERES AGUILERA, Cibar. *Processamento automático integrado da Biblioteca do I.E.A.* São Paulo, Instituto de Energia Atômica, 1969. 33p., 11. (Informações I.E.A., 13).

GIACOMETTI, Deisi Loureiro. *Resoluções tomadas no decorrer dos trabalhos práticos com o "Integrated Library System" adotado na DIDC do IEA.* São Paulo, abril-1973/junho 1976. 294 p. [Documento Interno da DIDC].

Integrated Library System input back rules. Ispra, CETIS, 1970. 91 p.

INTERNATIONAL ATOMIC ENERGY AGENCY. *INIS; Thesaurus.* Vienna, IAEA, 1970. 439 p. (IAEA-INIS-13(Rev.0))

_____. *INIS; Terminology Charts.* Vienna, IAEA, 1970. 102 p. (IAEA-INIS-13A(Rev.0))

_____. *INIS; Manual for Indexing.* Vienna, IAEA, 1970. 70 p. (IAEA-INIS-12(Rev.0))

PETRUCI, A. *Système de gestion intégrée d'une bibliothèque a usage scientifique utilisant les possibilités du teletraitement.* Ispra, European Scientific Data Processing Center. [1970] (IAEA-SM-128/56) 22 p.

_____. *The integrated library system. Programming considerations.* In: *1968 Meeting of European librarians working in the nuclear field...* (EUR 4256 e) Luxemburg, EURATOM, 1969. p.45-59.

RIGBY, Malcolm. *Computer and the UDC; a decade of progress 1963-1973* The Hague, International Federation for Documentation (FID), 1974. (FID-523).

RITTBERGER, W. *The Integrated Library System of the Ispra Library.* In: *1968 Meeting of European Librarians working in the nuclear field...* (EUR 4256 e) Luxemburg, EURATOM, 1969. p.15-36.

VICENTINI, Abner L. C. *Mecanização da Classificação Decimal Universal. O Projeto LEMME*. Brasília, D.F., Ministério de Minas e Energia, 1969. 12p.

CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DOS DADOS BIBLIOGRÁFICOS
NAS FOLHAS DE ENTRADA DE DADOS

1	IDENTIFICAÇÃO PARA ORDENS OU MODIFICAÇÃO (no momento do pedido)
1A	IDENTIFICAÇÃO PARA RECEBIMENTO (chegada)
1AU	IDENTIFICAÇÃO PARA RECEBIMENTO DE ADENDOS DE ATUALIZAÇÃO
1B	IDENTIFICAÇÃO PARA AVISOS DE INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA
1C	IDENTIFICAÇÃO PARA NOTAS DE RECLAMAÇÃO AO FORNECEDOR
11L	LIGAÇÃO PARA SÉRIES NÃO NUMERADAS
11R	REFERÊNCIAS CRUZADAS
13	NÚMERO DE REFERÊNCIA EXTERNA: RELATÓRIOS, PATENTES
2	DESCRITORES GERAIS E SUBORDINADOS CODIFICADOS
2KL	DESCRITORES ESPECÍFICOS NÃO CODIFICADOS
3N	AUTOR(ES) NOMINATIVO(S)
3C	AUTOR(ES) CORPORATIVO(S)
4L	TÍTULO
4IS	SUBTÍTULO (não aparece no catálogo)
4LC	SUBTÍTULO (aparece no catálogo)
4LN	NOVO TÍTULO (MUDANÇA DE TÍTULO PARA P E PS)
5I	IMPRESSÃO
5I1	IMPRESSÃO (PAGINAÇÃO)
6B	DADOS BIBLIOGRÁFICOS
6C	DADOS DE CONFERÊNCIA
6H	COLEÇÕES DE P E PS
7	NÚMERO DE CHAMADA (CDU/CUTTER)
91	ORDEM
911	Nº DE ORDEM PARA SER REFERIDA P/ORDEM COMPACTA
92	FREQÜÊNCIA DAS EDIÇÕES
931/4	CÓDIGO DO USUÁRIO, NÚMERO DA CÓPIA
94	NOTIFICAÇÃO PARA "TABELA DE CONTEÚDO"
9A	RECEBIMENTO DE PUBLICAÇÃO (INFORMAÇÕES SUPLEMENTARES)
9I	DATA DA FATURA
AD1/3	DESCRIÇÃO DO FORNECEDOR
ADP	DESCRIÇÃO DE DEPARTAMENTO/SERVIÇO
AU	DESCRIÇÃO DO USUÁRIO
AS/P	DESCRIÇÃO DE ASSUNTO
ARN/E	REMISSIVAS DE AUTORES E TÍTULOS
SRN/E	REMISSIVAS DE DESCRITORES

A CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA E O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

Lourdes Mesquita Siqueira
Chefe da Biblioteca Central do
Centro Técnico Aeroespacial
Rio de Janeiro, RJ

1. O DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

O desenvolvimento científico tem sido extremamente rápido, trazendo modificações profundas no modo de viver da Humanidade.

Segundo Foskett, "a experimentação científica, no sentido do estudo, ainda que superficial dos fenômenos naturais, é muito mais antiga do que as Bibliotecas, porém o que caracteriza os tempos recentes, é o aumento extraordinário do volume de pesquisas e especialmente sua aplicação à indústria".

A revolução industrial ou econômica, que foi a mudança social e financeira das condições e dos negócios humanos, foi precedida e acompanhada pelo que se pode chamar de revolução mecânica, iniciada na Inglaterra, com o aparecimento da máquina a vapor.

Desde a época da utilização desse equipamento na indústria, desenvolveram-se processos que substituíram a força muscular pela máquina, tornando possível uma mudança total nos critérios da produção.

Foi a revolução industrial um período, onde as invenções se sucederam rapidamente. O aperfeiçoamento das máquinas operatrizes (toros, frezadoras, plainas, etc.), a evolução da ciência metalúrgica, fornecendo metais aperfeiçoados e ligas para a construção das máquinas, constituíram verdadeiros "marcos" do progresso da indústria mecânica: produtos cerâmicos e têxteis, e derivados de todas as ramificações da tecnologia moderna, começaram a ser fabricados.

Apesar de não serem ainda utilizados métodos científicos re

lativos à contabilidade e controle da administração, nesse período de desenvolvimento da manufatura, a necessidade de artífices puros declinava, procurando-se desenvolver mais, a habilidade dos operadores de equipamentos altamente especializados.

O progresso industrial fez-se, principalmente, num sentido que acarretava, em escala crescente, a normalização e produção em massa. As operações industriais eram feitas de maneira mais uniforme e reduzidas à rotina; eram subdivididas o mais possível, em operações elementares, sendo cada uma delas, entregues aos cuidados de máquinas cada vez mais aperfeiçoadas.

A revolução mecânica permitiu a época do grande capitalismo e a organização da indústria em grande escala, sendo o resultado do desenvolvimento organizado e da ciência aplicada.

Iniciou-se desta forma o processo do desenvolvimento industrial que continua em evolução nos tempos modernos.

As distâncias cada vez mais curtas, com o aparecimento de sofisticados, eficientes e mais rápidos meios de transporte, o mundo alterado em seu tamanho e feitio pela técnica aprimorada dos engenheiros de comunicação, têm propiciado ao homem locomover-se, comunicar-se com seus semelhantes com maior rapidez, estabelecendo contatos nacionais e internacionais, trocando idéias, experiências e informações, facilitando enfim, tremendamente, as decisões empresariais e o maior desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

O fabuloso e crescente progresso da indústria aeronáutica, tem ressaltado a capacidade intelectual do homem e o esforço na consagração de melhores padrões de eficiência.

A corrida aeroespacial é uma realidade indiscutível e as pesquisas efetuadas neste setor, pesquisas cada vez mais profundas, têm possibilitado inacreditáveis conquistas, permitindo ao pesquisador, ao cientista, satisfazer a sua inesgotável curiosidade, que não mais se limita à Terra, mas também é dirigida a outros Planetas.

A Lua, há muito, já deixou de ser a musa inspiradora de poetas e trovadores e se tornou alvo de audaciosas explorações. O homem já caminhou pela sua superfície cinzenta e repleta de enormes crateras, sentindo todo o impacto emocional desta extraordinária aventura. Marte é agora, também objeto destas explorações controladas da Terra.

No campo da medicina, engenheiros e médicos têm trabalhado

juntos, resolvendo sérios problemas, entre eles: o coração artificial, a utilização do Laser, a bomba de cobalto, procurando num esforço comum salvar a vida de tantos seres humanos.

O computador com as suas mais espantosas sofisticacões ai está nos hospitais, nas universidades, na indústria, nos institutos de pesquisas, nos centros de informações especializados, processando toda a gama de dados conseqüentes desse fabuloso avanço científico e tecnológico.

O crescimento notável das sociedades cultas no campo da ciência e da tecnologia, crescimento que se desenvolveu a partir do Séc. 19 tem trazido como conseqüência, a realização de reuniões com a finalidade de possibilitar a seus associados, usufruirm da experiência recíproca. Os congressos, as conferências, simpósios nacionais e internacionais, cada vez mais frequentes, nas várias especialidades, têm demonstrado por onde caminham as preocupações científicas das instituições, procurando romper as barreiras do injustificável sigilo científico e estabelecendo maior comunicação entre os pesquisadores.

Como vimos, à medida que os frutos do labor científico têm sido aplicados à melhoria material da humanidade, campos de interesse especializado passaram a ser cultivados e as experiências se sucederam de maneira espantosa.

Como conseqüência de tudo isto, as pesquisas e experiências passaram a ser registradas sob as mais variadas formas, com a finalidade de mostrar ao mundo científico os esforços despendidos nos vários setores do conhecimento, como estímulo e orientação àqueles que desenvolvem trabalhos nas mesmas áreas.

São as normas, as especificações, os periódicos especializados, informes de indústrias, relatórios técnicos, teses, trabalhos de Congressos, manuais de homologação, catálogos de equipamentos, projetos de pesquisas, documentos de acompanhamento de projetos e tantos outros, que contém dados e informações que precisam ser processados e divulgados, com a rapidez que a demanda exige.

As bibliotecas e centros de documentação especializados, completamente aturcidos com o aumento e diversificação desses documentos e com o volume crescente de dados a serem processados e divulgados, sentiram o impacto da situação e tem procurado adotar novas técnicas, sacudindo uma estrutura já ultrapassada e deficiente.

Um dos maiores entraves ao processamento da informação nessas bibliotecas e centros de documentação, têm sido os sistemas de classificação bibliográfica, sistemas esses que não têm acompanhado, no mesmo ritmo, o vertiginoso desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Com terminologia superada e extensões que muito deixam a desejar em determinados campos, os sistemas de classificação bibliográfica precisam ser cuidadosamente revistos e atualizados, pois do contrário serão substituídos por soluções mais modernas e eficientes.

2. ANÁLISE DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO MAIS USADOS

2.1 *A Classificação da Biblioteca do Congresso*

A Classificação da Biblioteca do Congresso, tendo por base a Expansiva de Cutter, foi elaborada sem que se cogitasse, pelo menos inicialmente, de sua aplicação a outras bibliotecas e tendo por objetivo, grupos de livros, muito mais que grupos de assuntos.

Sayers afirmava, que o sistema era mais arbitrário do que propriamente histórico ou evolucionista e de nenhum modo científico.

Os esquemas, em nº de 25, são apresentados em volumes separados e com notação mista - *Letras e Números*. São usados somente letras maiúsculas, isto é, duas letras maiúsculas - uma para indicar as classes e subclasses e outra para as seções, seguidas de algarismos arábicos, na seqüência consecutiva de 1 a 9.999, para indicação das divisões e subdivisões.

2.1.1 Classificação da Biblioteca do Congresso

CLASSES

- A - Obras gerais
- B - Filosofia e Religião
- C - História - Ciências Auxiliares
- D - História Universal
- E-F- História da América
- G - Geografia, Antropologia, Folclore
- H - Ciências Sociais
- J - Ciência Política
- K - Direito
- L - Educação
- M - Música

- N - Belas Artes
- P - Língua e Literatura
- Q - Ciência
- R - Medicina
- T - Tecnologia
- U - Ciência Militar
- V - Ciência Naval
- Z - Bibliografia e Biblioteconomia

2.1.2 Notação

Na notação da Classificação do Congresso, o nº de Cutter, vem após o de Classificação, em sentido horizontal e separado por um ponto.

HD 31.S32 - Organização industrial

Trata-se de um livro de organização industrial, escrito por um autor cujo sobrenome, começa por S. Em seguida, vem o nº do Autor, tirado de uma tabela, que nada mais é do que a Tabela de Cutter simplificada.

2.1.3 Divisões de Forma

As Divisões de Forma não são mnemônicas nem constantes para todos os assuntos, encabeçando sempre um novo assunto:

1. Periódicos
2. Anuários
3. Congressos
4. Coleções
5. História
6. Local
7. Guias. Diretórios
8. Sociedades individuais

Aplicando-se esta tabela à Classe H - Ciências Sociais - te remos a coluna:

- H 1 Periódicos de Ciências Sociais
- H 2 Anuário de Ciências
- H 3
- H 4
- H 5
- H 6
- H 7
- H 8 - A / Z

2.1.4 Tabelas Geográficas

As Tabelas Geográficas ou "Tabelas Flutuantes", são muito variáveis. As de países em um só alfabeto são encontradas em quatro esquemas. Nelas os países são arranjados em ordem alfabética e designados por um número tirado da Tabela de Cutter. Nas tabelas de assuntos vem a nota: divididas "por países de A/Z".

Em geral a expansão dos números abrange o máximo de duas letras maiúsculas e quatro algarismos, com algumas variações.

Os especialistas continuam trabalhando no sistema em livros de sua área e esses livros são arranjados no grupo que julgam mais importante, isto é, naquele em que os leitores mais os solicitam.

É um sistema muito usado nas bibliotecas norte-americanas pois a Biblioteca do Congresso imprime suas fichas e as vende, o que facilita os trabalhos técnicos.

Tratando-se de uma das maiores bibliotecas do mundo, a Biblioteca do Congresso recebe doações de todos os países, e funcionando como Biblioteca Nacional, recebe depósito legal de toda a produção livreira dos Estados Unidos, quer em livros, periódicos ou material áudio visual.

As fichas da Biblioteca do Congresso, a partir de 1930, passaram também a incluir o nº da classificação de Dewey.

2.1.5 FICHA DA BIBLIOTECA DO CONGRESSO

HD31	Schreiber, Normal B	1905-
.S32	Philosophy of organization, fundamental principles and concepts in business organization... Chicago, A. Kroch, 1942.	
	xip. 11. 113p. diagrs. 204cm.	
	1. Industrial organization 2. Title	
	HD31.S34	658.01

(LENTINO, Noemia - Guia teórico e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica. São Paulo, Poligono. 1971. p.41)

2.1.6 Conclusões

1. Trata-se de um sistema que tem a preocupação de reunir grupos de livros ao invés de grupos de assuntos.
2. Os esquemas apresentados em volumes separados dificultam o trabalho de classificação.
3. É destinado a uma biblioteca de milhares de livros e não a uma biblioteca especializada.
4. A notação é mista e não é flexível.
5. O sistema é aplicado a livros, periódicos e materiais áudio-visuais e não à documentação especializada, que se caracteriza, entre outras coisas, pela diversificação da forma. Vimos que as divisões de forma não são constantes em todos os assuntos.
6. Apesar de ter a vantagem de economia de tempo e da mão-de-obra especializada, com a aquisição de fichas já impressas, o Sistema não seria aplicável em outros países, além dos EE.UU., pois a aquisição dessas fichas seria dispendiosa e principalmente demorada.

3. CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY

O Sistema Decimal do bibliotecário americano Dewey (CDD), por ele idealizado quando ainda estudante em Massachussets, em 1873, é um sistema muito em uso nas Bibliotecas Públicas, com acervo mais geral.

Dewey tomou por base o Sistema de Harris, lançando mão do ponto, na seqüência decimal dos números.

Admitindo que a totalidade dos conhecimentos possa ser apresentado pela unidade, esta pode comportar 10 divisões chamadas classes.

3.1 *Classificação Decimal de Dewey*

CLASSES

- 0,000 Obras gerais
- 0,100 Filosofia
- 0,200 Religião
- 0,300 Sociologia
- 0,400 Filosofia ou Linguística
- 0,500 Ciências Puras

0,600 Ciências Aplicadas
 0,700 Belas Artes
 0,800 Literatura
 0,900 História - Geografia

Despreza-se o zero e a vírgula iniciais e cada classe pode ser dividida em outras 10, e assim sucessivamente.

São empregados 3 algarismos e após estes, o ponto decimal que possibilita uma classificação mais minuciosa.

2º SUMÁRIO

600 Ciências Aplicadas
 610 Medicina
 620 Engenharia
 630 Agricultura
 640 Economia doméstica
 650 Comércio e Comunicações
 660 Indústrias químicas
 670 Indústrias manufatureiras
 680 Ofícios e profissões
 690 Construção.

As Divisões são formadas por Seções e as Seções podem ser divididas em Subseções que vem após o ponto e assim por diante, o que caracteriza a flexibilidade do sistema, permitindo a inserção de novos algarismos representando novos aspectos do assunto.

3.2 *Expansão dos Números*

Para que se tenha uma idéia da expansão dos números, é tomada como exemplo a classe 600:

600 Ciências aplicadas
 620 Engenharia
 621 Mecânica
 621.3 Eletrotécnica
 621.38 Comunicações elétricas
 621.382 Telégrafo
 621.384 Telégrafo sem fio
 621.384.1 Radar

3.3 *Divisões de Forma*

Uma das grandes vantagens da CDD está nas Divisões de Forma, que são constantes para todas as classes e portanto mnemônicas.

- 01 - Filosofia - Teoria - Metodologia
- 02 - Compêndio - Manuais
- 03 - Dicionários - Enciclopédias
- 04 - Ensaio - Palestras - Dissertações
- 05 - Periódicos
- 06 - Sociedades
- 07 - Estudo e Ensino
- 08 - Poligrafia - Coleções - Miscelânea
- 09 - História e tratamento local
- 092 - Biografia

3.4 *Divisões Geográficas*

Os assuntos podem ser divididos geograficamente, exceto nas classes 400 e 800 onde predominam as divisões de língua, muito embora na classe 400, alguns tópicos possam ser assim divididos.

- 4 - Europa
- 5 - Ásia
- 6 - África
- 7 - América do Norte
- 8 - América do Sul
- 9 - Oceania - Austrália

3.5 *Divisão Filológica* (aplicável às classes 400 e 800)

- 2 - Inglês
- 3 - Alemão
- 4 - Francês
- 5 - Italiano
- 6 - Espanhol
- 69 - Português
- 7 - Latim
- 8 - Grego
- 9 - Outras línguas

3.6 *Divisão Gramatical* (na classe 400)

- 1. Ortografia

2. Etmologia
3. Lexicologia - Dicionários
4. Sinônimos, Homônimos, Antônimos
5. Gramática
6. Prosódia
7. Dialeto, "slang", gíria
8. Textos para o ensino da língua
9. Outras línguas pertencentes a cada grupo

3.7 *Divisões de Forma Literária*

(Na classe 800 é aplicável a qualquer literatura, exceto à grega e latina).

1. Poesia
2. Teatro
3. Romance
4. Ensaio
5. Oratória
6. Epistemologia - Cartas
7. Sátira - Humor
8. Miscelânea
9. História

3.8 *Índice*

O sistema possui Índice Relativo, o que é de grande importância.

3.9 *Edições*

Já foram publicadas 18 edições, possuindo também o Sistema, edições abreviadas e tabelas suplementares.

3.10 *Vantagens do Sistema*

1. Simplicidade da notação (os números são universais)
2. Caráter decimal que permite maior flexibilidade dos números.
3. Existência de índices, relativos bem extensos.

3.11 *Desvantagens*

1. A demora na publicação das edições, não acompanhando pois

o sistema, no mesmo ritmo, o fabuloso e rápido desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

2. As divisões de forma, não são mais suficientes para o atendimento da classificação de determinados documentos especializados.
3. A responsabilidade da publicação do sistema cabe a um Comitê Misto, o que dificulta a sua atualização, pela inexistência de colaboração internacional nas diversas áreas.
4. Os números são demasiadamente extensos em determinados campos. Os editores recomendam para sanar este inconveniente (18a.ed.), o uso de letras em substituição aos números principais.

Exemplo:

Aeronáutica	629.13
Helicóptero	A616

O uso desse recurso faria com que o Sistema passasse a ter uma notação mista (como a do Sistema da Biblioteca do Congresso), impondo ao bibliotecário uma grande responsabilidade no uso dessas letras.

O Sistema de Dewey teve uma penetração muito grande nas bibliotecas de todo o mundo e pode ser considerado como uma das maiores contribuições ao desenvolvimento da biblioteconomia, sendo fruto de uma inteligência altamente privilegiada e de um marcante idealismo.

4. A CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL - (CDU)

A CDU tem por base a classificação Decimal de Dewey, considerada por Otlet e La Fontaine, a mais adequada para o arranjo de uma bibliografia universal abrangendo todos os assuntos, em todos os lugares e em todos os períodos da História da Humanidade.

Derivado da CDD, o sistema tem sido desenvolvido e modificado tentando prover ao desenvolvimento, cada vez maior, do registro do conhecimento, em todos os seus ramos e formas, especialmente no campo da ciência e da técnica.

Foi aceito internacionalmente como Sistema padrão e deveria ser usado, não só em bibliotecas e centros de documentação, como tam

bêm em revistas (na classificação de artigos ou análises bibliográficas), em bibliografias, "abstracts", índices e listas de referência (para agrupar por assuntos as referências individuais) e até mesmo na classificação e ordenação de arquivo administrativo ou simples correspondência.

Na CDU, como na CDD, o conjunto dos conhecimentos humanos, considerado como uma unidade, está dividido em 10 grandes classes de signadas por frações decimais.

4.1 Classes

- 0,0 Generalidades
- 0,1 Filosofia, Metafísica, Lógica, Ética, Psicologia
- 0,2 Religião, Teologia
- 0,3 Ciências Sociais
- 0,4 Filologia
- 0,5 Ciências Puras
- 0,6 Ciências Aplicadas
- 0,7 Arte
- 0,8 Literatura
- 0,9 História, Biografia, Geografia

Por comodidade, como na CDD, omite-se o zero e a vírgula iniciais apesar de os números da CDU serem frações decimais inferiores à unidade, o que determina a seqüência da numeração, que de outra forma pareceria caótica.

- 0. Obras Gerais
- 1. Filosofia
- 2. Religião
- 3. Ciências Sociais
- 4. -
- 5. Ciências Puras
- 6. Ciências Aplicadas
- 7. Belas Artes
- 8. Literatura - Filologia
- 9. História, Geografia

A classe 4 vaga há 10 anos, talvez seja ocupada pelo assunto Meio-Ambiente, onde entrarão elementos de muitas outras classes, como: arqueologia, antropologia, biologia, zoologia, etc.

4.2 Flexibilidade do Sistema

A estrutura decimal da CDU, permite como na CDD, a inserção de números que representam novos campos ou suas subdivisões com a finalidade de possibilitar ao sistema acompanhar a evolução da ciência e da tecnologia e classificar os aspectos mais específicos do assunto.

- 6 Ciências aplicadas
- 62 Engenharia
- 620.1 Ensaio de materiais
- 620.19 Defeitos dos materiais e seus ensaios
- 620.193 Influências físicas e químicas. Corrosão. Resistência à corrosão.
- 620.193.1 Ação mecânica. Erosão
- 620.193.2 Corrosão atmosférica
- 620.193.4 Corrosão química
- 620.193.41 Ação dos ácidos inorgânicos alcalinos
- 620.193.423 Ação dos alcalinos

Embora com todas essas subdivisões existentes em cada classe, nem sempre o classificador consegue classificar o assunto ou seus aspectos, somente com número simples.

Há necessidade, freqüentemente, de lançar mão dos números compostos, empregando sinais que constituem as Tabelas Auxiliares.

4.3 Tabelas Auxiliares

- a) Sinais de adição e de extensão consecutiva + e /.
- b) Sinais de relação:
- c) Auxiliares comuns de língua = ...
- d) Auxiliares comuns de forma (O...)
- e) Auxiliares comuns de lugar (1/9)
- f) Auxiliares comuns de raça e nacionalidade
- g) Auxiliares comuns de tempo ("...")
- h) Subdivisão alfabética ou numérica (não decimal)
A/Z, I, II, etc.
- i) Auxiliares comuns de ponto de vista .00...
- j) Subdivisões analíticas especiais -0/-0 ou 01/.09

Atualmente têm aparecido novos sinais ou antigos sinais com novos usos.

1. O apóstrofo, antigamente empregado apenas na Química, é usado agora para indicar novas facetas e para diminuir a extensão dos números.

792.028.61 : 028.52 329.12 : 329.23
 792.028.61 ' 52 329.12 ' 23

2. O uso dos dois pontos duplos :: para fixar a ordem de dois ou mais números e para indicar os casos onde não pode haver reversibilidade.

744.044 :: Fotografias de guerra

Uma das grandes vantagens de sistema era a reversibilidade de seus números, permitindo a elaboração dos índices em cadeia e as próprias listagens pelo computador.

Precisamos considerar que o volume de documentos que chegam às bibliotecas e centros de documentação especializados é muito grande. O bibliotecário já sente dificuldade em classificar os assuntos, cada vez mais específicos e agora, terá também de verificar os números passíveis ou não de reversibilidade, analisando ainda o grau dessa reversibilidade !!!

É muita sofisticação com sinais auxiliares quando temos pela frente problemas muito mais importantes, tais como a atualização dos assuntos e da terminologia das tabelas.

Consta das Atas e Resoluções da 31a. Reunião do IBICT/CDU, no Relatório do representante do IBICT/CDU, na FID, o saudoso Abner Lellis Vicentini, que um autor americano, em seu livro *Towards a theory for UDC*, publicado em Londres, em 1969, nas páginas 119-148, procurou motivar a CCC para o problema da Relação, deixando claro não ser mais possível o simples uso dos 2 pontos, pois segundo o autor, eles nada dizem na classificação dos assuntos de bibliotecas e centros de documentação especializados.*

Uma das maiores dificuldades encontradas pelos Bibliotecários, na maioria das vezes auxiliados por especialistas, tem sido a localização dos assuntos nas classes da ciência e da tecnologia (temos a matemática aplicada à eletrônica) e mesmo dentro de cada uma dessas classes, dar aos assuntos, um lugar específico, tal o entrelaçamento existente entre as ciências.

* O grifo é nosso.

O uso dos dois pontos tem auxiliado a classificação, principalmente nas bibliotecas, onde é adotado o catálogo sistemático e elaborado o índice em cadeia.

Além da sua utilidade, não saberíamos como mudar toda a classificação tirando os dois pontos dos catálogos e da lombada dos livros e folhetos.

4.4 Números Compostos da CDU

A construção dos números compostos da CDU deve seguir a determinada ordem:

Número principal	Subdivisões	Analíticas especiais		
1/9	01/.09	-0/-9		
<i>Auxiliares comuns</i>				
Ponto de vista	Lugar	Tempo	Forma	Língua
.0...	(1/9)	"..."	(0...)	=....

4.5 Ordenação de uma Série de Números Compostos da CDU

Esta ordenação é importante, pois do seu entendimento depende a localização das fichas nos catálogos e do material bibliográfico nas estantes.

	Simples	675	Indústria do couro
Número principal	Ligado pelo sinal de adição ou de extensão consecutiva	675+677 ou 675/677	
	Ligado pelo sinal de relação	675:37 ou 675/37/	
	Língua	675=20	Trabalho sobre a indústria do couro, em inglês
	Forma	675(02)	Manual sobre a indústria do couro
	Lugar	675(469)	Indústria do couro em Portugal
	Tempo	675"18"	Indústria do couro no Século 18
	Ponto de vista	675.007	Pessoal da indústria do couro
Divisões analíticas especiais	675-78	Dispositivo de segurança e de proteção	
	675.02	Processos de preparação e de trabalho	
	Divisões decimais diretas	675.3	Marroquim etc.

Verifica-se, nesta seqüência, a ordem dos números compostos do sistema. Assim, as subdivisões decimais de 675, como por exemplo, o 675.3 Couro Marroquim, vêm depois dos auxiliares de extensão consecutiva, de relação, de língua, de forma, de lugar, de tempo, de ponto de vista e das divisões analíticas especiais aplicadas ao 675.

Isto dificulta muitas vezes ao consulente, a localização da publicação desejada, pois a seqüência dos livros nas estantes obedece a essa ordem.

4.6 *Edições da CDU*

A CDU é divulgada por meio de edições.

1. Desenvolvidas (publicadas em diversas línguas)
2. Especiais
3. Abreviadas
4. Médias
5. Parciais
6. Trilíngues

4.7 *Extensões e Correções*

A FID publica Extensões e Correções, onde divulga os P-Notas relativos a novos projetos de revisão, desenvolvimento e correções do sistema.

Essas Extensões e Correções saem duas vezes ao ano e nos PE aparecem números que são cancelados. O aproveitamento desses números com outro significado, só poderá ser feito após 10 anos (Classe 4).

Está saindo agora a Edição Média também em língua portuguesa, com um índice já processado no computador pela colega Elvia Andrade de Oliveira.

4.8 *Cumulated UDC Supplement - 1965-1975*

Já foram publicados:

- v. 1 - Tabelas Auxiliares + Classes 0/3
- v. 2 - Classe 5
- v. 3 - Classes 6/62
- v. 4 - Classes 63/676
- v. 5 - Classes 677/9

4.9 Preocupação da FID/CCC

Apesar de todos os esforços o sistema não tem conseguido acompanhar no mesmo ritmo o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, dificultando a classificação de assuntos específicos que aparecem sob as mais variadas formas.

Preocupada com o problema a CCC da FID, vem tomando algumas providências, com a finalidade de evitar que a CDU seja substituída por soluções mais rápidas e eficientes. Entre essas providências podemos citar:

- vários países já completaram a edição desenvolvida;
- durante a reunião realizada em Roma, de 22 a 26 de setembro de 1975, o ponto alto foi o programa a longo prazo 1975/1979, da reforma da CDU, sendo também apresentada proposta dos Estados Unidos, para uma mudança nos objetivos da FID, interesses e atividades e suas possíveis implicações na CDU;
- tem sido ressaltada a necessidade de um centro de mecanização da CDU, associado a FID e a importância da criação de um arquivo mestre, legível por computador das edições desenvolvidas e das edições médias e abreviadas, tendo em vista a sua utilização anual pelas Extensões e Correções;
- a cooperação entre centros interessados de Zurique, Frankfurt, Dinamarca, Copenhague, considerando a eventual fundação de um centro mecanizado da CDU associado a FID, tem sido incentivada.

Seramente preocupada com o problema de revisão e atualização da CDU a FID/CCC criou dois subcomitês:

- FID/CCC/DD - Subcomité de Desenvolvimento Drástico
- FID/CC/RG - Subcomité de Orientação e Regras

Os principais pontos de concordância dos dois Subcomitês, são:

1. Facetação (cada classe reformulada será apresentada em forma de facetas)
2. Thesaurificação dos Índices (a grande recomendação da CCC é publicar os índices em forma de thesaurus, com a respectiva concordância numérica.

A CCC tem procurado incentivar os trabalhos de seus diversos Comitês.

Severas críticas lhe tem sido feitas na demora da aprovação de números novos. Tendo em vista esta demora e o acúmulo de material a ser classificado, ficou decidido o emprego de números provisórios para os assuntos mais novos, aparecidos na Biblioteca, o que não resolve, em absoluto, o problema da biblioteca especializada (foi recomendado o uso de 000 para os novos assuntos).

Tivemos também o aprimoramento da Subclasse 681.3 - Processamento de Dados, que foi uma colaboração dos americanos. No Brasil, já se cogita da reformulação do Regimento da Comissão IBICT/CDU, tomando como itens principais:

1. Tornar a IBICT/CDU uma Comissão da FID
2. Nova composição da Comissão: instituições e indivíduos.
3. Autonomia da Comissão.

Vários estudos, traduções e adaptações vêm sendo realizados por membros da Comissão, considerando que a conceituação dada pela CDU em determinadas áreas, não vêm de encontro à realidade brasileira, sendo necessária uma reformulação.

5. A CDU NA BIBLIOTECA CENTRAL DO CTA

Quando iniciamos nossas atividades na Biblioteca Central do CTA em 1960, naquela época sob a direção de Vicentini, já encontramos todo o acervo de livros e periódicos classificados pela CDU.

Filiada à FID, a Biblioteca recebe todas as Extensões e Correções, Suplementos, Tabelas, permitindo-lhe acompanhar o cancelamento e inserção de novos números, enfim todo o desenvolvimento da CDU.

Com o decorrer do tempo e devido principalmente ao progresso cada vez mais acentuado das ciências aplicadas, as dificuldades foram aparecendo.

Na classificação de livros e folhetos, a primeira dificuldade encontrada surgiu com a necessidade de separar a física da tecnologia nuclear, pois a maior parte dos livros se encontrava no 539.1 e em suas respectivas subdivisões.

Com o auxílio do Prof. Brandão, conseguimos fazer uma análise do conteúdo dos documentos, passando para o 621.039, as publicações antes indevidamente classificadas dentro da Física Nuclear, por inexistência de números na Tecnologia Nuclear.

Em 1964, foi publicada a Tabela Especial de Ciência e Tecnologia Nuclear, facilitando a classificação nesta área.

O trabalho de transposição foi moroso, difícil e a seu término, não ficamos totalmente satisfeitos, pois a tabela ainda não conseguira incluir todos os nossos assuntos, principalmente no campo da Tecnologia Nuclear.

Com o tempo outras dificuldades foram aparecendo, com reclamações constantes dos especialistas que, no ITA, auxiliam a classificação do material bibliográfico.

Na opinião dos físicos, a expressão Física do estado sólido já está ultrapassada, devendo ser substituída por Física da matéria condensada.

não	e	sim
<u>FÍSICA DO ESTADO SÓLIDO</u>	—	<u>FÍSICA DA MATÉRIA CONDENSADA</u>
		Compreendendo:
		a) Sólidos cristalinos
		b) Sólidos amorfos e líquidos
		c) Polímeros
		(Estas subdivisões não constam da tabela).

Além da terminologia ultrapassada, esse campo da Física cresceu muito, e a tabela não acompanhou o seu desenvolvimento. Assim, subdivisões de assunto não são possíveis nesta área, o que torna a classificação muito geral, trazendo um acúmulo de assuntos sob o mesmo número.

Um exemplo disto, é o problema da Estrutura e propriedades dos líquidos, parte da Física do estado sólido, não existindo, porém na tabela, um número específico para o assunto. Existe um nº em Mecânica dos Fluidos-Hidrodinâmica, mas não satisfaz, sendo portanto necessária uma subdivisão, em Física do Estado Sólido, para o referido assunto. Um outro problema encontrado na Tabela, é a falta de números para novos assuntos. É o caso do Laser e Holografia, que não constam da Tabela de Física e sim na Tabela de Eletrônica (621.375.9). Porém, como no caso do Raio X, o Laser deveria aparecer também nas duas Tabelas (Física e Eletrônica).

Foram aqui focalizados a título de exemplo, somente alguns problemas relativos à terminologia e à desatualização em determinadas áreas da Física.

São considerações feitas "a priori", sendo necessária no entanto, uma análise mais profunda da Tabela, sem o que qualquer modificação poderia quebrar toda a estrutura do sistema.

5.1 *Sugestões dos Especialistas e Bibliotecários do ITA, no Campo da Aeronáutica*

Especialistas e bibliotecários do ITA, apresentam sugestões para inclusão de assuntos na Tabela de Aeronáutica.

5.1.1 Números a serem incluídos na Tabela de Aeronáutica

- 533.6.011.72 ONDAS DE CHOQUE E CONFIGURAÇÕES DE ONDAS
Nota: *Faz parte dos efeitos da compressibilidade. Seria o caso de aparecer antes ou depois de 629.7.016.5, dentro da mesma área.*
- 533.6.013 DINÂMICA DAS MÁQUINAS AERONÁUTICAS
- 533.6.013.11 FORÇAS EM GERAL
- 533.6.013.12 RESFRIAMENTO, ARRASTO INDUZIDO DE PRESSÃO E DE PERFIL; ARRASTO COM ATRITO DE SUPERFÍCIE.
- 533.6.013.122 ARRASTO DE FORMA E PRESSÃO. Também Escoamento descolado.
- 533.6.013.124 ARRASTO DEVIDO AO ATRITO DE SUPERFÍCIE
- 533.6.013.125 REDUÇÃO DO ARRASTO. Manutenção do escoamento laminar. Regra de área
- 533.6.013.127 ARRASTO INDUZIDO
- 533.6.013.128 RESISTÊNCIA DE ONDA
- 533.6.013.14 FORÇA LATERAL OU DE LADO
- 533.6.013.152 ARFAGEM
- 533.6.013.153 ROLAMENTO
- 533.6.013.154 GUINADA
- 533.6.013.155 ARTICULAÇÃO
- 533.6.013.16 TRAÇÃO
- 533.6.013.2 MOVIMENTO NÃO PERMANENTE
- 533.6.013.21 MOVIMENTO VORTICOSO REGULAR
- 533.6.013.3 MOVIMENTO ESTÁVEL
Nota: *De 533.6.013.11 a 533.6.013.3 os números deveriam constar na Tabela de Aeronáutica.*
- 533.6.013.685 VÔO REBOCADO

- 533.6.013.686 VÔO PARASITA
 533.6.013.7 VÔO EM FORMA DE PARAFUSO
Nota: Não constam na Tabela de Aeronáutica e deveriam entrar na área do 629.7.07
- 533.6.015 PERFORMANCE
 a a
 533.6.015.8 PREDIÇÃO DA PERFORMANCE
Nota: Embora PERFORMANCE conste na Tabela de Aeronáutica em 629.7.07, sugere-se entrar os itens referentes a PERFORMANCE com mais detalhes na respectiva tabela.
- 533.6.071 LIMITES DA VELOCIDADE
 a a
 533.6.078.5 LIMITES DA ALTA VELOCIDADE
Nota: Embora estes assuntos estejam em 629.7.078.5 sugere-se entrar os itens referentes a LIMITES DA VELOCIDADE com mais detalhes na Tabela de Aeronáutica.

Os especialistas sugerem, além destas modificações feitas "a priori", a publicação da Tabela de Aerodinâmica, para facilitar a classificação, como é o caso da Ciência e Tecnologia Nuclear.

6. A CDU E OS DOCUMENTOS NÃO CONVENCIONAIS

Até agora focalizamos problemas da CDU, relativos à classificação de livros e folhetos na Biblioteca do ITA.

Deve ser considerado, no entanto, que a Biblioteca do ITA é realmente a Biblioteca Central do CTA, e é constantemente consultada pelos demais Institutos do "campus", sobre a organização de seu acervo especializado.

Entre outros documentos, os relatórios curtos, com apenas uma folha, chegam com uma frequência assustadora aos departamentos de documentação especializada desses Institutos, dando conta do desenvolvimento dos vários projetos em andamento no "campus".

Bibliotecários e especialistas estudaram todos os meios, tentando usar a CDU na organização desse material. Após várias reuniões, foi escolhido o sistema "unitermo" que, pela sua simplicidade, permite o tratamento desses documentos de maneira rápida e racional.

6.1 O Sistema Unitermo

Segundo este sistema, ao receber o documento, dá-se-lhe um número seqüencial de ordem de entrada; para tal finalidade, é conveniente o uso de um caderno onde se anotarã uma série de números que vão sendo riscados, à medida que forem utilizados.

Cada assunto tem uma única ficha, onde se registram os números dos documentos que dizem respeito àquele assunto.

Registra-se o número do documento em tantas fichas quantos forem os assuntos nele contidos. Isto quer dizer, que o número de um mesmo documento pode, se for o caso, aparecer em mais de uma ficha, dependendo dos assuntos ou aspectos do assunto nele contidos.

A ficha é dividida em 10 colunas de 0 a 9, registrando-se o nº do reporte na coluna cujo número coincide com a unidade do número da entrada do documento. Na coluna 5, registra-se o nº 125; na coluna 8, o 328 e assim por diante.

As fichas são organizadas em ordem alfabética de assuntos.

Os assuntos são representados por unitermos, que nada mais são do que palavras selecionadas diretamente do documento: podem ser palavras simples, frases, nomes próprios, números de projetos, números de contratos, etc.

TURBINA IND. 831-800									
Partes da Turbina Ind. 831-800									
Passíveis de Nacionalização - Caixa de Engrenagens - 1º estudo									
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9

TURBINA IND. 831-800									
Nacionalização de Partes									
Nº do Desenho - Parte Número - Nomenclatura									
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9

OBSERVAÇÃO: No exemplo dado, os assuntos foram apenas transcritos dos documentos. A escolha das palavras-chaves ou unitermos cabe aos especialistas, tendo sempre em vista a rápida recuperação da informação.

Neste catálogo, recupera-se um número e para se saber qual o reporte designado pelo mesmo, é preciso ir ao arquivo e pelo número, localizar o documento; o sistema exige que os reportes sejam rigorosamente colocados no arquivo, em ordem numérica crescente.

6.1.4 Catálogo Cronológico

Neste catálogo, as fichas são colocadas em ordem cronológica trazendo ao alto a data de entrada do documento.

São, desta forma, reunidos por data, os relatórios recebidos pela Biblioteca.

A anotação dos números nas colunas, segue o mesmo critério adotado para o Catálogo de Assuntos.

Tendo em vista que os relatórios são colocados nos arquivos em ordem cronológica, este catálogo tem a vantagem de possibilitar a conferência periódica desses documentos, além de dar uma visão geral da produção do pesquisador, nas diferentes épocas do ano.

EXEMPLO:

24.11.75									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	
					6				

Data do documento →

→ Nº do documento

21.11.75									
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
			3.						

20.11.75									
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
		2							

6.1.5 Catálogo de Pesquisadores

As fichas neste catálogo são colocadas em ordem alfabética de sobrenome dos pesquisadores. O nome do pesquisador é seguido da a breviatura codificada pelo PMO para identificá-lo.

Poderá também ser colocada em primeiro lugar a abreviatura e depois o nome por extenso do pesquisador.

Este catálogo tem a vantagem de dar uma visão da produção de cada pesquisador.

EXEMPLO

Abreviatura

Nome do pesquisador	Zappoli, Paolo (ZP)									
Numeração de 0 a 9 da ficha unitermo	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
		1	2	3	4	5	6	7	8	9
	10									
Nº do documento										

ou

ZP - Zappoli, Paolo										
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	

6.1.6 Padronização das Palavras-Chaves ou Unitermos Selecionados

As palavras-chaves ou unitermos escolhidos para os vários assuntos deverão ser padronizados no PMO e até mesmo no CTA, para evitar a escolha de novos termos para representação dos mesmos assuntos.

A elaboração de uma lista de palavras-chaves, já selecionadas e utilizadas, seria o ideal. Isto evitaria perda de tempo e prepararia o terreno para uma futura armazenagem e recuperação da informação pelo Computador.

6.2 O Unitermo na Indústria

A ENGESA e outras indústrias localizadas no Vale do Paraíba, também resolveram aplicar o Unitermo, na organização de sua documen-

tação especializada, após um exame minucioso da possibilidade do uso da CDU para este serviço.

7. A NUMERAÇÃO PROGRESSIVA NA CLASSIFICAÇÃO DE ARQUIVOS

Várias agências internacionais de propaganda adotam a numeração progressiva para classificação de seus arquivos, considerando a facilidade do processamento dos números no computador.

Os assuntos são divididos em 10 classes numerados de 0/9

CLASSES

0	Reference Sources
1	Markets
2	Marketing
3	Trade
4	(Reserve for use by) *
5	Advertising
6	Economics/Politics/Culture
7	Business Administration
8	(Reserve for local use)
9	Miscellaneous

Para que se tenha uma idéia dessa tabela, é transcrito abaixo, o desdobramento da Classe 2 relativo a MARKETING.

2	<u>MARKETING</u>
20	<u>LAWS, STATUTORY REGULATIONS, DECISIONS</u>
22	<u>BRANDS</u>
22.00	GENERAL
22.01	MANUFACTURER-OWNED BRANDS
22.02	DISTRIBUTOR-OWNED BRANDS
22.03	TRADE MARKS
23	<u>PACKAGING</u>
23.00	GENERAL
23.01	GLASS
23.02	METAL
23.03	CARDBOARD

* Deve figurar aqui o nome da entidade

23.04	AEROSOLS
23.05	PLASTICS
24	<u>SELLING METHODS</u>
24.00	GENERAL
24.01	DIRECT SELLING
24.02	HOUSE-DOOR SELLING
24.03	TELEPHONE SELLING
25	<u>PRICE MAINTENANCE / RECOMMENDED PRICES</u>
26	<u>CONSUMERS</u>
26.00	GENERAL
26.01	CONSUMER GROUPING
26.02	CONSUMER ATTITUDES
26.03	CONSUMER ASSOCIATIONS
26.04	CONSUMER FORECASTS AND TRENDS

e assim por diante...

8. CONCLUSÕES

1. Os Sistemas de Classificação Bibliográfica não têm acompanhado no mesmo ritmo, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, dificultando a classificação de novos assuntos registrados sob as mais variadas formas.

2. A CDU, sistema recomendado para bibliotecas e centros de documentação especializados, precisa ser atualizada quanto a assunto e terminologia, pois do contrário será substituída por soluções mais modernas e eficientes.

3. O uso da CDU não será possível na classificação de documentos não convencionais, documentos esses que contêm informações que precisam ser tratadas e liberadas com a urgência que a demanda exige.

9. RECOMENDAÇÕES

1. Aos responsáveis pela CDU, para que apressem a atualização do Sistema.

2. Aos professores de Biblioteconomia para que não procurem convencer *demasiadamente* seus alunos, de que a CDD ou CDU são indispensáveis e que podem resolver *todos* os problemas de classificação

de uma biblioteca especializada.

3. Aos bibliotecários em geral, para que desenvolvam a sua capacidade criativa, procurando resolver com os especialistas, o problema de tratamento de documentos não convencionais, partindo para soluções satisfatórias e eficientes.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHERRY, Colin - A comunicação humana
São Paulo, Cultrix, 1966
2. FEDERATION INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO - Classificação Decimal
Universal. Edição abreviada portuguesa.
Lisboa, Centro de Documentação Científica, 1961 p.5.
3. FOSKETT, D. J. - Serviço de informação em bibliotecas; tradução de
Antonio A. Briquet. S. Paulo, Polígono, 1969.
4. IBBD/CDU - Informativo
5. JAÇQUEMIN, E. - A classificação decimal universal. Rio de Janeiro,
IBBD, 1960.
6. LENTINO, Noemia - Guia teórico, prático e comparado dos sistemas
de classificação bibliográfica. São Paulo, Polígono, 1971.
7. PESCE, M.C. - Normalização: apostila. São José dos Campos, CTA/IPD
/PEA, 1976.

CODIFICAÇÃO DOS CURSOS D'ÁGUA BRASILEIROS

*Maria do Carmo de Almeida, Silvana Lúcia R.S. de Matos,
Cynthia Ines de Gentil Cabral*

Eletrobrás - Núcleo de Documentação Técnica,
Rio de Janeiro, RJ

1. INTRODUÇÃO

A codificação dos cursos d'água brasileiros foi baseada no Projeto Hidrologia do DNAEE, tendo sido efetuadas entretanto certas adaptações e incluídos novos cursos d'água, a fim de atender necessidades específicas.

Foram consideradas 8 (oito) Bacias Hidrográficas, propostas pelo "Projeto Hidrologia", cobrindo todo território nacional (Anexo I), relacionadas abaixo com seus respectivos limites.

2. BACIAS HIDROGRÁFICAS

BACIA 1 - BACIA DO AMAZONAS

Área de drenagem compreendida pela Bacia Hidrográfica do Rio Amazonas.

BACIA 2 - BACIA DO TOCANTINS

Área de drenagem compreendida pela bacia do Rio Tocantins.

BACIA 3 - BACIAS DO ATLÂNTICO NORTE-NORDESTE

Áreas de drenagem dos rios que desaguam no Atlântico Norte-Nordeste compostas por dois trechos, a saber:

1º trecho - Norte:

Correspondente às áreas de drenagem dos rios que desaguam no Atlântico ao Norte da Bacia Amazônica, incluindo a Bacia do Oiapoque.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHERRY, Colin - A comunicação humana
São Paulo, Cultrix, 1966
2. FEDERATION INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO - Classificação Decimal
Universal. Edição abreviada portuguesa.
Lisboa, Centro de Documentação Científica, 1961 p.5.
3. FOSKETT, D. J. - Serviço de informação em bibliotecas; tradução de
Antonio A. Briquet. S. Paulo, Polígono, 1969.
4. IBBD/CDU - Informativo
5. JACQUEMIN, E. - A classificação decimal universal. Rio de Janeiro,
IBBD, 1960.
6. LENTINO, Noemia - Guia teórico, prático e comparado dos sistemas
de classificação bibliográfica. São Paulo, Polígono, 1971.
7. PESCE, M.C. - Normalização: apostila. São José dos Campos, CTA/IPD
/PEA, 1976.

CODIFICAÇÃO DOS CURSOS D'ÁGUA BRASILEIROS

*Maria do Carmo de Almeida, Silvana Lúcia R.S. de Matos,
Cynthia Ines de Gentil Cabral*

Eletrobrás - Núcleo de Documentação Técnica,
Rio de Janeiro, RJ

1. INTRODUÇÃO

A codificação dos cursos d'água brasileiros foi baseada no Projeto Hidrologia do DNAEE, tendo sido efetuadas entretanto certas adaptações e incluídos novos cursos d'água, a fim de atender necessidades específicas.

Foram consideradas 8 (oito) Bacias Hidrográficas, propostas pelo "Projeto Hidrologia", cobrindo todo território nacional (Anexo I), relacionadas abaixo com seus respectivos limites.

2. BACIAS HIDROGRÁFICAS

BACIA 1 - BACIA DO AMAZONAS

Área de drenagem compreendida pela Bacia Hidrográfica do Rio Amazonas.

BACIA 2 - BACIA DO TOCANTINS

Área de drenagem compreendida pela bacia do Rio Tocantins.

BACIA 3 - BACIAS DO ATLÂNTICO NORTE-NORDESTE

Áreas de drenagem dos rios que desaguardam no Atlântico Norte-Nordeste compostas por dois trechos, a saber:

1º trecho - Norte:

Correspondente às áreas de drenagem dos rios que desaguardam no Atlântico ao Norte da Bacia Amazônica, incluindo a Bacia do Oiapoque.

2º trecho - Nordeste:

Correspondente às áreas de drenagem dos rios que desaguam no Atlântico, entre a foz do Tocantins e a do São Francisco.

BACIA 4 - BACIA DO SÃO FRANCISCO

Área de drenagem compreendida pela Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco.

BACIA 5 - BACIAS DO ATLÂNTICO - LESTE

Áreas de drenagem dos rios que desaguam no Atlântico, compreendidas entre a foz do São Francisco ao Norte e a divisa entre os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, ao Sul.

BACIA 6 - BACIA DO PARANÁ

Áreas de drenagem compreendida pela bacia hidrográfica do Rio Paraná. Recorde-se que neste caso existe entre outros, seu importante afluente pela margem direita, o Rio Paraguai.

BACIA 7 - BACIA DO URUGUAI

Área de drenagem compreendida pela bacia hidrográfica do Rio Uruguai, até sua afluência ao Rio da Prata.

BACIA 8 - BACIAS DO ATLÂNTICO - SUDESTE

Áreas de drenagem dos rios que desaguam no Atlântico, entre a divisa dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro e o Arroio Xuí ao Sul, incluindo as áreas de drenagem dos rios que desaguam na Lagoa Mirim.

A Bacia 9 não foi considerada, tendo em vista que a mesma corresponde à área de drenagem de qualquer Bacia Hidrográfica da América do Sul.

Cada Bacia foi subdividida em 10 Sub-bacias, enumeradas de 0 a 9. Não foram consideradas as seguintes Sub-bacias, por estarem também fora do território brasileiro:

SUB-BACIAS 68 - Área de drenagem do Rio Paraná, compreendida entre a confluência do Rio Paraguai, e a confluência do Rio Terceiro, exclusive;

SUB-BACIAS 69 - Área de drenagem inferior do Rio Paraná, compreendida entre a confluência do Rio Terceiro e a barra do Rio Paraná, no Rio de la Plata;

SUB-BACIAS 78 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Rio Arapey Grande, e a confluência do Rio Negro, exclusive;

SUB-BACIAS 89 - Área de drenagem situada em território uruguaio que drena para a Lagoa Mirim, incluindo a bacia do Arroio Xuí.

3. ESTRUTURA DO CÓDIGO

O código de identificação do rio é formado por 4 (quatro) dígitos discriminados:

- 1º dígito - representa a Bacia (valores de 1 a 8);
- 2º dígito - representa uma das Sub-bacias que compõem a Bacia identificada pelo 1º dígito (valores de 0 a 9);
- 3º e 4º dígitos - representam o Curso d'água, de montante para jusante, em ordem crescente tomando como referência o rio principal.

3.1 Exemplo

RIO CHOPIM - 6519

1º dígito 6 - Bacia do Paraná

2º dígito 5 - Sub-bacias - Área de drenagem do Rio Paraná, compreendida entre a confluência do Rio Iguaçu inclusive, e a confluência do Paraguai, exclusive.

3º e 4º dígitos - representam o 19º (décimo nono) rio de montante para jusante, tomando como referência o Rio Paraná.

(ver o gráfico das Sub-bacias 65)

3.2 Rios considerados no todo

Os rios que constituem o curso d'água principal de uma Bacia ou Sub-bacia, terão códigos especiais que serão suficientes para a sua caracterização como um todo. Esta codificação genérica, não exclui a codificação relativa aos vários trechos dos rios em questão, pertencentes às várias Sub-bacias.

3.2.1 Bacias

Amazonas	1000
Tocantins	2000
São Francisco	4000

Paraná	6000
Uruguai	7000

O dígito inicial representa o número da Bacia que seguido de 3 (três) zeros indica o curso d'água principal, codificado em toda a sua extensão.

3.2.2 Sub-bacias

Araguaia	2400
Paraguai	6600
Jacui	8500

3.3 Rios Homônimos

Os rios homônimos poderão ser identificados ou discriminados pelo código correspondente, ou mediante consultas aos gráficos, de acordo com sua posição nas Bacias e Sub-bacias.

4. USO DO CÓDIGO NA CDU

Os códigos dos cursos d'água poderão ser usados como codificação independente ou como extensão da CDU (Classificação Decimal Universal).

Os números da CDU 556.51 (BACIAS HIDROGRÁFICAS), 556.53 (RIOS) e 556.55 (LAGOAS), deverão estar seguidos da letra *N*. A letra *N* ou o * são usados para indicar as extensões não oficiais à Classificação Decimal Universal - CDU, exemplos:

556.51N1000	- Bacia Rio Amazonas
556.51N2000	- Bacia Rio Tocantins
556.53N2613	- Rio Xavante
556.53N5800	- Rio Paraíba do Sul
556.55N8700	- Lagoa dos Patos
556.55N8801	- Lagoa Mirim

5. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS BACIAS

5.1 Bacia 1 - Bacia do Rio Amazonas

5.1.1 Descrição

O Anexo II se refere ao desenho, que apresentado em escala

gráfica, indica os limites determinados para esta Bacia e suas Sub-bacias, assim discriminados:

SUB-BACIAS 10 - Área de drenagem compreendida da nascente do Amazonas, até a confluência do Javari com o Amazonas. Inclui a Bacia do Rio Javari;

SUB-BACIAS 11 - Área de drenagem do Rio Amazonas, compreendida entre a confluência do Javari com o Amazonas e o Auati-Paraná;

SUB-BACIAS 12 - Área de drenagem compreendida entre o Auati-Paraná inclusive e a montante do Lago Coari;

SUB-BACIAS 13 - Área de drenagem do Rio Amazonas, compreendida pelo Lago Coari a montante e a jusante pela confluência do Rio Purus. Inclui a Bacia do Rio Purus;

SUB-BACIAS 14 - Área de drenagem do Rio Amazonas, compreendida entre a confluência com o Purus a montante e a confluência com o Negro a jusante;

SUB-BACIAS 15 - Área de drenagem do Rio Amazonas, compreendida entre a confluência com o Rio Negro a montante e a confluência com o Rio Madeira a jusante, inclusive;

SUB-BACIAS 16 - Área de drenagem do Rio Amazonas, compreendida entre a foz do Madeira a montante, e a foz do Trombetas, a jusante. Inclui a Bacia do Rio Trombetas;

SUB-BACIAS 17 - Área de drenagem do Rio Amazonas, compreendida entre o estreito dos Óbidos a montante inclusive, e a confluência com o Tapajós a jusante, inclusive;

SUB-BACIAS 18 - Área de drenagem do Rio Amazonas, compreendida entre a confluência do Tapajós a montante, e a foz do Xingu a jusante, inclusive;

SUB-BACIAS 19 - Área de drenagem do Rio Amazonas, a jusante do Rio Xingu. Inclui os rios da Ilha de Marajó.

5.2 Bacia 2 - Bacia do Rio Tocantins

5.2.1 Descrição

O Anexo III se refere ao desenho, que apresentado em escala gráfica, indica os limites determinados para esta Bacia e suas Sub-

bacias, assim discriminados:

SUB-BACIAS 20 - Área de drenagem do Alto Tocantins, até a confluência do Rio Preto, inclusive;

SUB-BACIAS 21 - Área de drenagem do Rio Tocantins, compreendida entre a confluência do Rio Preto e a confluência do Rio Paraná, inclusive;

SUB-BACIAS 22 - Área de drenagem do Rio Tocantins, compreendida entre a confluência do Rio Paraná e a confluência do Rio Sono, inclusive;

SUB-BACIAS 23 - Área de drenagem do Rio Tocantins, compreendida entre a confluência do Rio Sono e a confluência do Rio Araguaia, exclusive;

SUB-BACIAS 24 - Área de drenagem do Alto Araguaia, até a confluência do Rio Claro, inclusive;

SUB-BACIAS 25 - Área de drenagem do Rio Araguaia, compreendida entre a confluência do Rio Claro e a seção a montante da bifurcação do Araguaia, em seus 2 (dois) braços maior e menor;

SUB-BACIAS 26 - Área de drenagem do Rio Araguaia, compreendida entre sua bifurcação e a confluência dos seus dois braços, incluindo a Ilha do Bananal;

SUB-BACIAS 27 - Área de drenagem do Rio Araguaia, compreendida entre a confluência dos seus dois braços e a confluência do Rio Santa Maria, inclusive;

SUB-BACIAS 28 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Rio Santa Maria, e a confluência do Tocantins-Araguaia;

SUB-BACIAS 29 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Araguaia e a confluência do Tocantins;

5.3 *Bacia 3 - Bacias do Atlântico Norte - Nordeste*

5.3.1 Descrição

O Anexo IV se refere ao desenho, que apresentado em escala gráfica, indica os limites determinados para esta Bacia e suas Sub-bacias, assim discriminados:

SUB-BACIAS 30 - Área de drenagem limitada ao norte, pelo Rio Oiapoque, e ao sul pelo Rio Araguaia, incluindo ambos;

SUB-BACIAS 31 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Tocantins e a confluência do Guamã, inclusive;

SUB-BACIAS 32 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Guamã e a foz do Pindaré exclusive;

SUB-BACIAS 33 - Área de drenagem compreendida entre o Rio Pindaré inclusive, bem como pequenas bacias litorâneas. É limitada, à leste, pela bacia do Rio Parnaíba;

SUB-BACIA 34 - Bacia do Rio Parnaíba;

SUB-BACIAS 35 - Área de drenagem compreendida entre a foz do Parnaíba e a foz do Jaguaribe exclusive;

SUB-BACIA 36 - Bacia do Rio Jaguaribe;

SUB-BACIAS 37 - Área de drenagem compreendida entre a foz do Jaguaribe e a foz do Açu exclusive;

SUB-BACIAS 38 - Área de drenagem compreendida entre a foz do Rio Açu e a foz do Paraíba, exclusive;

SUB-BACIAS 39 - Área de drenagem compreendida entre a foz do Paraíba e a foz do São Francisco, exclusive;

5.4 *Bacia 4 - Bacia do Rio São Francisco*

5.4.1 *Descrição*

O Anexo V se refere ao desenho, que apresentado em escala gráfica, indica os limites determinados para esta Bacia e suas Sub-bacias, assim discriminados:

SUB-BACIAS 40 - Área de drenagem do Alto São Francisco até a confluência do Banhado, inclusive (Barragem de Três Marias);

SUB-BACIAS 41 - Área de drenagem compreendida entre a barragem de Três Marias e a confluência do Rio das Velhas inclusive;

SUB-BACIAS 42 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Rio das Velhas e a confluência do Rio Paracatú, inclusive;

SUB-BACIAS 43 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Rio Paracatu e a confluência do Rio Urucuia, inclusive;

SUB-BACIAS 44 - Área de drenagem entre a foz do Rio Urucuia e a confluência do Rio Verde Grande, inclusive;

SUB-BACIAS 45 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Rio Verde Grande e a confluência do Rio Corrente, inclusive;

SUB-BACIAS 46 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Rio Corrente e a confluência do Rio Grande, inclusive;

SUB-BACIAS 47 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Rio Grande e a confluência do Rio Salitre, inclusive;

SUB-BACIAS 48 - Área de drenagem compreendida entre a foz do Rio Salitre e a confluência do Rio Pajeú, inclusive;

SUB-BACIAS 49 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Rio Pajeú e a confluência do São Francisco.

5.5 *Bacia 5 - Bacias do Atlântico-Leste*

5.5.1 Descrição

O Anexo VI se refere ao desenho, que apresentado em escala gráfica, indica os limites determinados para estas Bacias e suas Sub-bacias, assim discriminados:

SUB-BACIA 50 - Área de drenagem, limitada ao norte, pela bacia do Rio São Francisco e limitada ao sul, pela Baía de Todos os Santos, exclusive;

SUB-BACIAS 51 - Área de drenagem compreendida entre a Baía de Todos os Santos inclusive, e a foz do Rio das Contas, exclusive;

SUB-BACIA 52 - Bacia do Rio das Contas;

SUB-BACIAS 53 - Área de drenagem compreendida entre a foz do Rio das Contas e a foz do Jequitinhonha, exclusive;

SUB-BACIA 54 - Bacia do Rio Jequitinhonha;

SUB-BACIAS 55 - Área de drenagem compreendida entre a foz do Rio Doce, exclusive;

SUB-BACIA 56 - Bacia do Rio Doce;

SUB-BACIAS 57 - Área de drenagem compreendida entre a foz do Rio Doce e a foz do Paraíba do Sul, exclusive;

SUB-BACIA 58 - Bacia do Rio Paraíba do Sul;

SUB-BACIAS 59 - Área de drenagem compreendida entre a foz do Rio Paraíba do Sul ao norte, e a divisa entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, ao sul.

5.6 Bacia 6 - Bacia do Rio Paraná

5.6.1 Descrição

O Anexo VII se refere ao desenho, que apresentado em escala gráfica, indica os limites determinados para esta Bacia e suas Sub-bacias, assim discriminados:

SUB-BACIA 60 - Bacia do Rio Paranaíba;

SUB-BACIA 61 - Bacia do Rio Grande;

SUB-BACIAS 62 - Área de drenagem do Rio Paraná, compreendida entre a confluência do Rio Grande e a confluência do Tietê, inclusive;

SUB-BACIAS 63 - Área de drenagem do Rio Paraná, compreendida entre a confluência do Rio Tietê e a do Rio Paranapanema, exclusive;

SUB-BACIAS 64 - Área de drenagem do Rio Paraná, compreendida entre a confluência do Rio Paranapanema inclusive, e o ponto imediatamente a montante da confluência do Rio Iguçu, exclusive;

SUB-BACIAS 65 - Área de drenagem do Rio Paraná, compreendida entre a confluência do Rio Iguçu inclusive, e a confluência do Paraguai, exclusive;

SUB-BACIAS 66 - Área de drenagem do Rio Paraguai, até a confluência do Rio Bamburral;

SUB-BACIAS 67 - Área de drenagem do Rio Paraguai, compreendida entre a confluência do Rio Bamburral (Otuquis) e a confluência do Rio Paraguai, ao sul.

fluência do Rio Paraguai no Rio Paraná;

OBS.: O Rio Paraguai foi considerado como afluente do Rio Paraná, pela margem direita.

5.7 *Bacia 7 - Bacia do Rio Uruguai*

5.7.1 Descrição

O Anexo VIII se refere ao desenho, que apresentado em escala gráfica, indica os limites determinados para esta Bacia e suas Sub-bacias, assim discriminados:

SUB-BACIA 70 - Bacia do Rio Pelotas;

SUB-BACIA 71 - Bacia do Rio Canoas;

SUB-BACIAS 72 - Área de drenagem compreendida entre a confluência dos Rios Pelotas e Canoas, até a confluência do Rio Peixe, inclusive;

SUB-BACIAS 73 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Rio Peixe, e a confluência do Rio Chapecô, inclusive;

SUB-BACIAS 74 - Área de drenagem compreendida entre a foz do Rio Chapecô, e a confluência do Rio Ijuí, exclusive;

SUB-BACIAS 75 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Rio Ijuí, e a confluência do Rio Ibicuí, exclusive;

SUB-BACIA 76 - Bacia do Rio Ibicuí;

SUB-BACIAS 77 - Área de drenagem compreendida entre a confluência do Rio Ibicuí, e a confluência do Rio Arapey Grande, inclusive;

SUB-BACIA 79 - Bacia do Rio Negro. Inclui, também, pequena área de drenagem situada no Uruguai, até sua confluência no Rio Paraná.

5.8 *Bacia 8 - Bacias do Atlântico-Sudeste*

5.8.1 Descrição

O Anexo IX se refere ao desenho, que apresentado em escala

gráfica, indica os limites determinados para estas Bacias e suas Sub-bacias, assim discriminados:

SUB-BACIAS 80 - Área de drenagem limitada, ao norte, pela divisa dos estados do Rio de Janeiro, e São Paulo, e ao Sul, pela bacia do Rio Ribeira do Iguape, exclusive;

SUB-BACIA 81 - Bacia do Rio Ribeira do Iguape;

SUB-BACIAS 82 - Área de drenagem compreendida entre a foz do Rio Ribeira do Iguape, e a foz do Rio Itajaí, exclusive;

SUB-BACIA 83 - Bacia do Rio Itajaí;

SUB-BACIAS 84 - Área de drenagem compreendida entre a foz do Rio Itajaí, ao norte e ao sul pela foz do Rio Mampituba, inclusive;

SUB-BACIA 85 - Bacia do Rio Jacuí, até a foz do Rio Taquari, exclusive;

SUB-BACIA 86 - Bacia do Rio Taquari;

SUB-BACIAS 87 - Área de drenagem dos rios que drenam para a Lagoa dos Patos e Oceano Atlântico, entre a foz do Mampituba e a saída da Lagoa dos Patos. Inclui o Rio Jacuí a jusante da confluência com o Taquari;

SUB-BACIAS 88 - Correspondente à área de drenagem situada em território nacional, que drena para a Lagoa Mirim e para o Canal de São Gonçalo. Inclui a bacia do Rio Jaguarão e as áreas que drenam para o Atlântico, entre a saída da Lagoa dos Patos e o Arroio Xuí.

6. ESTADÍSTICA DOS CURSOS D'ÁGUA

B A C I A	SUB - BACIAS											TOTAL DE CURSOS D'ÁGUA
	* NÚMERO DE CURSOS D'ÁGUA											
1	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19		380
	*7	9	48	51	63	48	28	43	52	31		
2	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29		157
	*14	22	21	14	14	13	29	14	7	9		
3	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39		181
	*12	13	15	30	49	18	10	10	12	12		
4	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49		115
	*14	11	13	6	11	16	20	7	8	9		
5	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59		162
	*22	14	10	8	16	21	34	12	21	4		
6	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69		344
	*59	50	26	32	96	30	44	7	-	-		
7	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79		77
	*6	5	7	9	17	11	16	4	-	2		
8	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89		102
	*10	11	6	7	8	18	14	19	9	-		
TOTAL											1522	

7. ÍNDICE ALFABÉTICO

ABACAXIS	1602
ABAETE	4101
ABRANIO	8715
ABRIGO (RIBEIRAO)	6309
ABUNA	1513
ACANGUPA	8510
ACARA	1527
ACARA	3105
ACARA-MIRIM	3104
ACARAI	1850
ACARAU	3504
ACARI	1547
ACARI	4401
ACAUA	3709
ACRF	1315
ACU	1741
ACU/USAR/PIRANHAS	
CUA	1340
ACUMGUI	8102
ADELAIDE	6524
AFUA	1925
AGUA BOA	3306
AGUA BOA DO UNIVINI	1443
AGUA FRIA	2620
AGUA FRIA	2801
AGUA LIMPA	2501
AGUA PRETA	1452
AGUA QUENTE	2108
AGUA VERDE	1720
AGUAPEI	6310
AGUAPEI	6609
AGUDO (RIBEIRAO)	6137
AIARI	1405
AIUROCA	6101
AJUANA	1417
ALALAU	1449
ALEGRE	1504
ALEGRE	3326
ALEGRE	5710
ALEGRE	6046
ALIANCA	5614
ALMAS	2005
ALMAS	2113
ALMAS	5113
ALMAS	6426
ALONSO	6461
ALPERCATAS	3313
ALTO ANAPU	1910
ALTO BRACO	8401
ALTO PACAJA	1915
AMAMBAI	6454
AMANA	1607
AMANDAU	7415
AMANDA	7506
AMAPARI	3012
AMARGOSO	3801
AMAUFRAPUCO/USAR/VILA NOVA	
AMAZONAS	1400
AMAZONAS	1500
AMAZONAS	1600

AMAZONAS	1700
AMAZONAS	1800
AMAZONAS	1900
AMAZONAS (BACIA)	1000
AMERICANA	5511
AMIUTE	2711
AMONEO	1213
ANAJAS	1927
ANAMU	1620
ANANA	1441
ANANINA/USAR/JURUENA	
ANAXIGUAL	1233
ANDIRA	1317
ANDIRA	1613
ANDRADA	6526
ANTU	3513
ANNOS NOVOS	1719
ANOTATE	3004
ANTAS	2509
ANTAS	6476
ANTAS	7404
ANTAS	8601
ANTIMARI	1318
APA	6704
APEDIA	1524
APIACA	1732
APIAI-GUACU	6403
APIAI-MIRIM	6404
APIAU	1440
APODI	3702
APOFE	6056
APUAE	7202
APUAE-MIRIM	7204
APUCARANA	6433
APUCARANINHA	6434
AQUIDABA	6702
AQUIDAUANA	6643
ARABE	3446
ARACA	1425
ARACATIACU	3508
ARACATIMIRIM	3507
ARACUAI	5405
ARAGUAIA	2500
ARAGUAIA	2600
ARAGUAIA	2700
ARAGUAIA	2800
ARAGUAIA (SUB-BACIA)	2400
ABAGUARI	3009
ARAGUARI	6014
ARAPTUNS	1742
ARARA	1453
ARARANDEUA	3110
ARARI	1924
ARARIRA	1421
ARATAU	1917
ARATICU	1920
ARAU	1301
ARAU	1534
ARUAN	1336
ARFIA	6512

AREIAS	2209
AREIAS	2304
ARICA-MIRIM	6627
ARINOS	1718
ARIPUANA	1535
ARIRANHA	6050
AROPOIN	4408
ARRAIAL	8202
ARRAIAS	1823
ARRAIAS	2121
ARROIOS DO ARAGUAIA	2712
ARROJADO	4512
ATIACU	7402
ATIBAIA	6212
ATININGA	1533
ATLANTICO LESTE (BACIAS)	5000
ATLANTICO NORTE-NORDESTE (BACIAS)	3000
ATLANTICO SUDESTE (BACIAS)	8000
ATUCATIQUINI	1326
AUATA-MICU	1825
AUATI PARANA	1202
AUTTA	1815
AZUL	1220
AZUL	6224
BABILONIA	2401
BABONA	1344
BACARA	1104
BACAJA	1848
BACAXA	5905
BACURI	3440
BAEPENDI	6113
BAGAGEM	2012
BAGAGEM	6010
BAGRE	5811
BALSAS	2215
BALSAS	3406
BALSEIROS	3315
BALSINHAS	3410
BAMPUI	4005
BANABUTU	3609
BANANAL	2707
BANDEIRA	6126
BANDEIRANTES DO NORTE	6441
BARACAJU	2611
BARRA	5521
BARREIRAS	6057
BARREIRO	2406
BARRO DURO	3329
BASILIO (ARROJO)	8804
BASTIDES	3605
BATALHA	6221
BATОВI	1816
BAU	1844
BELEZA	2617
BENEDITO	8305
BENTO GOMES	6611
BERIENGAS	3439
BERNARDO JOSE	7006
BEZERRA	2115
BIA	1208

BICUDO	4110
BITUMIRIM	6428
BOA ESPERANÇA (RIBEIRAO)	6319
BOA SORTE	4809
BOA VISTA	6408
BOA VISTA	8612
BOICI	8713
BOIS	2510
BOIS	6032
BOIS (RIBEIRAO)	6316
BOM	6463
BOM SEJUS	6039
BONFIM	6048
BONITO	2010
BONITO	2408
BORRACHUDO	4014
BOTUCARAI	8512
BRACO	6013
BRACO DO JUCURUCU	5506
BRACO DO NORTE	8405
BRACO MENOR DO ARAGUAIA	2618
BRACO NORTE DO SAO MATEUS	5519
BRACO SUL DO SAO MATEUS	5520
BRANCO	1343
BRANCO	1429
BRANCO	1537
BRANCO	4613
BRANCO	6703
BRANCO	8009
BRANCO/USAR/CABRAL	
BREVES	1930
BIRIGIDA	4803
BRILHANTE	6447
BRIOSO (RIBEIRAO)	6308
BRUMADO	5201
BUGRE (RIBEIRAO)	6608
BULHA	6464
BURANHEM	5502
BURICA	7412
BURITI	1712
BURITI	8604
BURITICUPU	3302
BURRO BRANCO	7308
BUTUI	7510
CAA-IARI	7411
CABACAL	6606
CABELEIRA	6038
CABO VERDE	6122
CABRAL	1507
CABUCU	5015
CACEQUI	7606
CACHOEIRA	3409
CACHOEIRA	5301
CACHOEIRINHA	6145
CACHORRO	1621
CADEIA	8704
CAETE	1313
CAETE	3203
CAFUINU	1619
CAI	8705

CAIAPO	2407
CAIAPO	2705
CAICARA	1235
CAINGANG	6312
CAIRARI	3103
CAIS	3435
CAIUA (RIBEIRAO)	6443
CAJARI	1905
CAJU	3101
CAJUAPARA	3206
CALCOENE	3006
CALDAS	6031
CALINDO	4501
CAMAIU	1546
CAMANAU	1458
CAMAOL	3112
CAMAQUA	8710
CAMARA	1923
CAMARAUPI	1918
CAMARAJIBE	3908
CAMARARE	1706
CAMBORIU	8002
CAMISAS	8602
CAMPINAS	1210
CAMURUGIPE	5019
CANA BRAVA	2101
CANA BRAVA	2203
CANAL DE SAO GONCALO	8800
CANASTRA	2624
CANDEIAS	1518
CANDIOTA (ARROJO)	8807
CANCIRUACU	3113
CANGALHA	6305
CANGATI	3517
CANINDE	3422
CANINDE	3512
CANOAS	6131
CANOAS	7100
CANONINHA	6506
CANTU	6480
CANUMA	1544
CAPANEMA	6527
CAPIA	4904
CAPIBARIBE	3902
CAPIM	3107
CAPIM	3307
CAPITAO	1346
CAPIVARA	2303
CAPIVARA	3433
CAPIVARA (RIBEIRAO)	6422
CAPIVARI	5105
CAPIVARI	6034
CAPIVARI	6208
CAPIVARI	6429
CAPIVARI	6637
CAPIVARI	8105
CAPUCAPU	1612
CARABINANI	1457
CARACOL	2214
CARACOL	6485

CARACOL	6705
CARAIVA	5504
CARAJARI	1846
CARANGOLA	5820
CARATINGA	5626
CARINHANHA	4502
CARMO	5605
CARMO	6125
CARRAPATOS (RIBEIRAO)	6407
CARREIRO	8608
CARU	3303
CASA VELHA	4505
CASCA	5608
CASCA	6624
CASCABEL	6303
CASSANGE	6612
CASSIPORE	3005
CASTANHAL	1413
CASTELO	5708
CATARINA	3447
CATETE	1841
CATOLE GRANDE	5308
CATRIMANI	1444
CATU	5020
CAUABURI	1412
CAUAXI	3111
CAURES	1427
CAUTARIO	1509
CAVALO	2505
CAVAS	4515
CAVEIRAS	7104
CAVERA	7613
CAVERNOSO	6518
CAVO	6515
CAXIAS	3213
CEARA	3514
CEARA-MIRIM	3802
CENTRAL	6493
CERQUINHAS	7002
CERVO	6106
CHAGU	6519
CHANDLESS	1309
CHAPECO	7305
CHAPECOZINHO	7306
CHIBARRO	6218
CHICHE	1839
CHOPIM	6520
CHOPOTO	5603
CHORO	3518
CHUI/USAR/XUI	
CINZAS	6419
CIPO	4106
CIRIQUIRI	1335
CITARE	1806
CLARO	2410
CLARO	3403
CLARO	6047
CLARO	6414
CLARO	6508
COARI	1303

COBRE	6479
COCAL	3408
COCO	2703
CODOZINHO	3319
COJIBOPO RORUREU/USAR/BARREIRO	
COLONIA	5302
COMANDAI	7416
COMEMORACAO	1523
COMPRIDO	8010
CONCORDIA	6513
CONGONHAS	6437
CONTAS	5200
CONTRATO	3413
CORACI PARANA	3209
CORCA	2804
CORDA/USAR/CAPIM	
CORFAU	3503
CORRENTE	2105
CORRENTE	3419
CORRENTE	4508
CORRENTE	6053
CORRENTE GRANDE	5616
CORRENTES	3314
CORRENTES	6633
CORRENTINA	4511
CORUMBA	6020
CORUMBATAI	6214
CORUMBATAI	6465
CORURIFE	3912
COTEJIPE	6525
COTI	1333
COTIA	1514
COTINGO	1437
COUTO DE MAGALHAES	1810
COXA	4504
COXIM	6636
CRASTO	8008
CRAVARI	1717
CREPORI	1737
CRISOSTOMO	2616
CRISTAIS	6006
CRISTALINO	1731
CRISTALINO	2601
CRIXAS	2103
CRIXAS	2208
CRIXAS ACU	2508
CRIXAS MIRIM	2512
CRUXATI	3509
CUBATAO	8003
CUBATAO	8201
CUC	1902
CUIABA	6622
CUIABA-MIRIM	6629
CUIFIRAS	1461
CUITE	5625
CUIUNI	1422
CUIUENE	1809
CUMINA	1625
CUMINAPANEMA	1702
CUMUETE	2702

CUNHAS	2708
CUPARI	1740
CURACA	4802
CURICURIARI	1409
CURIMATA	3416
CURIMATAI	4109
CURIMATAU	3808
CURISEVO	1813
CURITUBA	4903
CURIUAU	1459
CURTUS	3604
CURU	3511
CURUA	1701
CURUA	1842
CURUA	2609
CURUA DO SUL	1803
CUPUA-UNA	1802
CURUAES	1843
CURUCA	1002
CURUDURI	1426
CURUENA	1205
CURUPAI	6452
CURUQUETE	1334
CURURU	1735
CURURU	1926
CURURU/USAR/CURUA	
DARAA	1418
DEMENI	1423
DESCOBERTO	6021
DIABO (RIBEIRAO)	6442
DIAMANTINA	2402
DIAMANTINO	2404
DIREITA	2908
DIVISA	8502
DJI	1410
DOCE	5600
DOCE	6051
DOIS RIOS	5815
DOURADINHO	6042
DOURADO	6120
DOURADO	6222
DOURADOS	6008
DOURADOS	6324
DOURADOS	6448
DOZE DE OUTUBRO	1707
DR. CORREIA	6620
DUFRE	2625
EGUAS/USAR/CORRENTINA	
EIRU	1224
ELEUTERIO	6135
ELVAS	6105
EMBARACAI	6456
EMBARI	1416
EMBIRA	1227
ENDIMARI	1332
ERECHIM	7304
ESCURINHO	4208
ESCURO/USAR/FORMOSO	
ESFOLADO	3418
ESMERIL	6116

ESPINHARAS	3707
ESPIRITO SANTO	6002
ESQUERDA	2906
ESTRAGADO	1834
FAGUNDES	5808
FALSINO	3011
FANADO	5407
FAO	8611
FARINHA	2311
FAROL	6486
FARTURA	2413
FEIJAO PRETO	6613
FEIO	2302
FEIO	6140
FEI/USAR/AGUAPEI	
FEMEAS	4606
FERRO	1820
FIDALGO	3428
FIGUEIRAS	2606
FIGUEIREDO	3608
FLORES	3308
FLORES	7409
FORMOSO	1516
FORMOSO	2622
FORMOSO	4513
FORMOSO	6055
FORMOSO	6467
FORMOSO	6641
FORQUETA	8610
FORTALEZA	6431
FRADE	5503
FRANCISQUINHO	8517
FRESCO	1829
FUMAÇA	2216
FUNDO	3415
FURADO/USAR/FEIJAO PRETO	
GALERA	1505
GALHEIRAO	4605
GARCAS	1519
GARCAS	2405
GARCIA	8403
GARUPA	7703
GAVIAO	5204
GLORIA	4901
GLORIA	5819
GOIABEIRA	3803
GOIANA	3901
GOIO-ERE	6487
GONÇALVES DIAS	6528
GONGOJI	5207
GRAJAU	3310
GRANDE	2312
GRANDE	3108
GRANDE	4603
GRANDE	5816
GRANDE	6100
GRANDE (ARROIO)	8805
GRAVATA	3705
GRAVATA	4804
GRAVATA	5409

GREGORIO	1223
GREGORIO	2511
GROAIRAS	3506
GUACU	6491
GUIABA	8701
GUALAXO	5607
GUAMA	3106
GUANDU	3810
GUANDU	5631
GUANDU	5908
GUANDU MIRIM	5907
GUANHAES	5615
GUAPORE	1503
GUAPORE	8609
GUARA	4509
GUARANI	6522
GUARATUBA	8004
GUARAUNA	6424
GUAREI	6451
GUARIBAS	3424
GUARIBAS	4301
GUARITA	7406
GUARITIRE	1506
GUAVINIPA	4203
GURGUEIA	3412
GURUPI	3205
GURUTUBA	4409
HERCILIO/USAR/ITAJAI DO NORTE	
HILARIO	8711
HUATA-MICU	1824
HUMAITA	1215
HUMAITA	8606
IACO	1311
IAPO	6430
IAUINI	1319
IBICUI	7600
IBICUI DA ARMADA	7605
IBICUI-MIRIM	7601
IBIRAPUITA	7611
IBIROCAI	7615
IBIRITIRIA	7005
ICA	1105
ICAMAQUA	7507
ICANA	1404
ICATU	4701
IGUACU	6501
IGUARA	3323
IGUARIACA	7509
IGUATEMI	6457
IJUI	7501
IJUIZINHO	7505
IMABU	1622
IMBAIACAIA	4202
IMBASSAI	5016
IMPAU	6432
IMBITUVA	6425
INA	1238
INAJA	2704
INDAIA	4013
INDAIA GRANDE (RIBEIRAO)	6304

INDIOS	6473
INFERNO	2120
INGA	8507
INGAI	6103
INHACAPETUM	7505
INHAMBUPE	5014
INHANDAVA	7201
INHANDUI	7614
INHANDUI-GUACU	6325
INHOBÍ	6458
IPANEMA	4906
IPIRANGA	1837
IPIRANGA	8200
IPIXUNA	1221
IPIXUNA	1349
IPIXUNA	1528
IPIXUNA	1835
IPIXUNA	3905
IPOJUCA	7302
IRANI	8511
IRAPUA	1442
IRAQUE	1904
IRATAPURU	6514
IRATIM	1836
IRIRI	1838
IRIRI NOVO	8514
IRUI	5711
ITABAPOANA	2901
ITACAIUNA	5402
ITACAMBIRUCU	1003
ITACUAI	7508
ITACURUBI	5906
ITAGUAI	3423
ITAIM	8304
ITAJAI DO NORTE	8301
ITAJAI DO OESTE	8303
ITAJAI DO SUL	8300
ITAJAI-ACU	8306
ITAJAI-MIRIM	5406
ITAMARANDIBA	5622
ITAMBACURI	5507
ITANHEM	1304
ITANHUA	8005
ITAPANHAU	1348
ITAPARANA	4009
ITAPECERICA	5707
ITAPEMIRIM	6402
ITAPETININGA	3312
ITAPICURU	5007
ITAPICURU	5008
ITAPICURUACU	5009
ITAPICURUMIRIM	3317
ITAPICURUZINHO	8204
ITAPOCU	4503
ITAQUARI	6409
ITARARE	8007
ITARIRU	3420
ITAUEIRA	5516
ITAUNAS	5517
ITAUNINHAS	3207
ITINGA	

ITINGA	5410
ITIQUEIRA	6630
ITOUPAVA	8407
ITU	7610
ITUCUMA	1228
ITUI	1004
ITUXI	1331
IVAI	6459
IVAI	8503
IVINHEIMA	6445
JABOTICATUBAS	4104
JACARE	1347
JACARE	4704
JACARE	5206
JACARE	6107
JACARE-GUACU	6217
JACARE-PEPIRA	6215
JACAREGUEAU/USAR/GARCAS	
JACAREI	3448
JACAREZINHO	6420
JACIPARANA	1515
JACU	3807
JACUBA	6054
JACUI	8702
JACUI (SUB-BACIA)	8500
JACUI-MIRIM	8501
JACUIPE	3907
JACUIPE	5109
JACUIZINHO	8504
JACUNCA	1521
JACUNCA	1919
JACUPIRANGA	8110
JACURICI	5010
JACUTINGA	5629
JACUTINGA	7301
JAGUARAO	8806
JAGUARI	5802
JAGUARI	6213
JAGUARI	7607
JAGUARIAIVA	6411
JAGUARIBE	3602
JAGUARIBE	5110
JAGUARICATU	6410
JAGUARIZINHO	7608
JAMANARI	1107
JAMANXIM	1738
JAMARI	1511
JANDIATUBA	1101
JANEIRO	4614
JANGADA	6510
JANGADA	6625
JAPARATUBA	5001
JAPORE	4405
JAPURA	1236
JARACOTIA	6523
JARAUCU	1851
JARI	1350
JARI	1901
JARU	1526
JATAPU	1611

JATOBA	1818
JATOBA	3505
JAU	1456
JAUAPERI	1447
JAUNA	1540
JAURU	6607
JAVAES/USAR/BRACO MENOR DO ARAGUAIA	
JAVARI	1001
JENIPAPO	2709
JENIPAPO	3443
JENIPAPO	3706
JEQUIE/USAR/ALMAS	
JEQUITAI	4201
JEQUITIBA	4105
JEQUITINHONHA	5400
JESUITAS	6488
JIBOIA	4705
JIPARANA	1522
JIQUIRICA	5111
JOAO DE TIBA	5501
JOAO PEDRO	5630
JORDAO	6011
JORDAO	6516
JORGE GRANDE	4007
JOUQUARA	6603
JUAMI	1241
JUBA	6605
JUCU	5704
JUCU BRACO NORTE	5705
JUCU BRACO SUL	5706
JUCURUCU	5505
JUINA	1708
JUINA-MIRIM	1713
JUMA	1305
JUNDIAI	3805
JUNDIAI	6207
JUQUERI	6206
JUQUIA	8108
JUQUITA-GUACU	8109
JURIQUE	6619
JURUA	1211
JURUA-MIRIM	1216
JURUAZINHO	1204
JURUENA	1705
JUTAI	1203
JUTAI ZINHO	1103
LAGOA DOS PATOS	8700
LAGOA MIRIM	8801
LAJEADO	2313
LAJES	2309
LAJES (RIBEIRAO)	5909
LALES DO ARENITO	2310
LAMBARI	4010
LAMBARI	6130
LARANJA DOCE	6438
LARANJAL	6453
LARANJINHA	6421
LAVA-TUDO	7003
LEAO	7206
LEVER	6228

LIBERDADE	1222
LIBERDADE	1826
LIGEIRO	6471
LONGA	3441
LONTRA	2803
LONTRA (RIBEIRAO)	6326
LONTRAS	6468
LONTRINHA (RIBEIRAO)	6327
LOURENCO VELHO	6118
LUNA	1542
MACABU	5901
MACAE	5902
MACABI	3008
MACAU	1312
MACAUBAS	6225
MACHADINHO	1538
MACHADO	6121
MACURURE	4805
MADEIRA	1501
MAE LUZIA	8408
MAGU	3330
MAICI	1531
MAICURU	1801
MAINARI	5606
MAIUARI	1237
MAJARI	1433
MALOCA VELHA	1845
MAMANGUAPE	3809
MAMIA	1703
MAMORE	1502
MAMORI	1231
MAMORIA	1328
MAMORIAZINHO	1330
MAMORITANAS	1242
MAMURU	1614
MANACAPURU	1401
MANGAI	4404
MANGERONA	5307
MANGUES	2210
MANPUACU	5628
MANICORE	1532
MANISSAUA-MICU	1822
MANOEL ALVES DA NATIVIDADE	2206
MANOEL ALVES GRANDE	2306
MANOEL ALVES PEQUENO	2305
MANSO	6623
MANO/USAR/MORTES	
MAPARI	1903
MAPUA	1929
MAPUFRA	1623
MAPULAU	1424
MARACA	1906
MARACACUME	3210
MARACAJU/USAR/BARACAJU	
MARACANA	3202
MARANHAO	2001
MARAPANIM	3201
MARAPI	1626
MARAUJA	1414
MARAVILHA	3407

MARI	1338
MARIALVA	6470
MARIAQUA	1615
MARIE	1411
MARIMARI	1601
MARIMBONDO	6108
MARMELADA	4011
MARMELOS	1530
MAROIM	5303
MAROMBAS	7101
MARTINHO	2806
MARURE	1830
MASSACARA	5013
MATAS	3444
MATIAS	2507
MATIPO	5609
MAUES	1604
MEARIM	3305
MEIA-PONTE	6030
MEIO	2907
MEIO	4510
MELISSA	6632
MESTRE FALCAO	1722
MEUAU	1245
MIMOSO (RIBEIRAO)	6323
MIRACATU	7609
MIRANDA	6640
MIRAPUXI	2610
MIRIM PIRAJAUANA	1243
MISERICORDIA	6016
MOA	1219
MOACO	1324
MOCO	1244
MOCOES	1928
MOCORO	3701
MOJI-GUACU	6133
MOJU	3102
MONJOLINHO	6146
MONTE ALEGRE	6036
MONTEIRO	2003
MORANGAS (RIBEIRAO)	6306
MORTES	2602
MORTES	6104
MOSQUITO	2118
MOTUCA (RIBEIRAO)	6314
MOURA	1218
MOURAO (RIBEIRAO)	6489
MOXOTO	4902
MUCAITA	3429
MUCAJAI	1439
MUCUCUAU	1450
MUCUIM	1339
MUCURI	5510
MUNDAU	3510
MUNDAU	3909
MUNIM	3322
MUQUILAO	6466
MURAUAU	1448
MURERE	2621
MURIAE	5018

MURICIZAL	2802
MURU	1226
MUTAQUERE	3002
MUTUM	1206
MUTUM	5509
MUTUM	6317
MUTURA	3003
MUZAMBO	6123
NABILEQUE	6701
NAVIO	4807
NEGRINHO	6639
NEGRO	1005
NEGRO	1402
NEGRO	2219
NEGRO	3327
NEGRO	5817
NEGRO	6503
NEGRO	6638
NEGRO	7900
NEVES	3411
NHAMUNDA	1616
NOVO	1006
NOVO	1511
NOVO	1847
NOVO	5209
NOVO	5812
NOVO	6415
OCOI	6495
OEIRAS	1921
OGARANTIM	7407
OIAPOQUE	3001
ONCA	6143
ONDAS	4611
OURO	2202
OURO	4619
OURO	7307
OURO PRETO	1214
OURO PRETO	1512
PACAAS NOVOS	1510
PACAJA	1914
PACIA	1337
PACIENCIA	1102
PACOTI	3515
PACUI	4205
PACUNEIRO	1814
PADAURI	1420
PADUARI	1460
PAI PASSO	7612
PAJEU	4507
PAJEU	4806
PALHANO	3601
PALMA	2116
PALMEIRAS	2119
PALMEIRAS	2503
PALMITAL	6511
PAMPA	5515
PANCAS	5632
PANDEIROS	4403
PANTANO	6136
PANTANO	6203

PANTANOSO	8714
PAPAGAIO	1455
PAPAGAIO	1709
PAPURI	1407
PARA	1909
PARA	4008
PARACARI	1606
PARACATU	4206
PARACUTI	1922
PARADO	1727
PARAFUSO	3434
PARAGUACU	5101
PARAGUAI	6700
PARAGUAI (SUB-BACIA)	6600
PARAGUAIZINHO	6602
PARAIBA	3811
PARAIBA	3910
PARAIBA DO SUL	5800
PARAIBUNA	5804
PARAIM	2104
PARAIM	3414
PARAISO	6049
PARAITINGA	5801
PARAMIRIM	4602
PARANA	3212
PARANA	6200
PARANA	6300
PARANA	6400
PARANA	6500
PARANA (BACIA)	6000
PARANA DE JACURAPA	1108
PARANAIBA	6001
PARANAITA	1729
PARANAN	2102
PARANAPANEMA	6401
PARANAPIXUNA/USAR/IPIXUNA	
PARANAVAI (RIBEIRAO)	6474
PARANOA	6024
PARANHOS (RIBEIRAO)	6472
PARAOPEBA	4012
PARATIJI	5108
PARAUPEBAS	2903
PARAUARI	1605
PARAUNA	4107
PARDINHO	8516
PARDO	1833
PARDO	4108
PARDO	4402
PARDO	5305
PARDO	6129
PARDO	6322
PARDO	6413
PARDO	8106
PARDO	8515
PARECIS	1721
PARI	6626
PARIME	1434
PARNAIBA	3400
PARNAIBINHA	3402
PARU	1805

PARU DE OESTE	1627
PASSO FUNDO	7303
PATAXOS	3710
PATI	1207
PATOS	2004
PAU D'ARCOS	2710
PAUINI	1322
PAUINI	1454
PAVAO	5512
PAZ	1827
PEDRA FURADA	3404
PEDRAS	2110
PEDRAS	4612
PEDRAS	7102
PEDREIRA	1908
PEIXE	1723
PEIXE	2403
PEIXE	2504
PEIXE	5011
PEIXE	5107
PEIXE	5613
PEIXE	5805
PEIXE	6027
PEIXE	6114
PEIXE	6210
PEIXE	6320
PEIXE	7205
PEIXE DE COURO	6634
PEIXES	2008
PEIXES	2608
PEIXOTO DE AZEVEDO	1728
PELOTAS	7001
PELOTAS	7200
PELOTAS (ARROIO)	8802
PELOTINHAS	7004
PEPERI-GUACU	7408
PEPITA	1828
PEQUIRI	6631
PERDIDA	2220
PERDIDO	6706
PERDIZES	6009
PEREIRA	6462
PERIA	3325
PERICUMA	3215
PERUACU	4406
PERUIPE	5508
PETINGUA	8513
PIABANHA	5807
PIANCO	3704
PIAUI	3427
PIAUI	4908
PIAUI	5005
PIAUS	2623
PIEIDADE	6029
PILAO	1230
PILAO ARCADE	4703
PILOES	2411
PIMENTA/USAR/APEDIA	
PIMENTEIRA/USAR/PILAO ARCADE	
PINDAIBA	2607

PINDARE	3301
PINHAO	6517
PINHEIRO	3432
PINHO	5813
PINHUA	1345
PIORINI	1306
PIPIRIPAU	6023
PIQUIRI	6478
PIRACANJUBA	6025
PIRACICABA	5611
PIRACICABA	6211
PIRACUCE	7203
PIRACURUCA	3445
PIRAI	5803
PIRAI	6418
PIRAI	7901
PIRAI	8205
PIRAIM	6628
PIRANGA	5601
PIRANHAS	2409
PIRANHAS	2706
PIRANHAS	2805
PIRANHAS	3703
PIRANJI	3518
PIRAPETINGA	5809
PIRAPITINGA	6028
PIRAPO	6440
PIRAQUE	5702
PIRATINGA	4304
PIRATINI	6455
PIRATINI	8803
PIRATINIM	7504
PIRATUCU	1617
PIRIA	3204
PIRITORO	3320
PIRITUBA	6406
PITANGA	6460
PITANGUI	6427
PIUM	2627
POGUBA-XOREU	6621
POJUBA	6615
POJUCA	5018
POMBA	5810
POMBAL/USAR/MASSACARA	
POMBAS	1539
POMBO	6318
PONTA	1831
PONTAL	4801
PONTE ALTA	2217
PONTE DE PEDRA/USAR/DR. CORREIA	
PONTE DE PEDRAS/USAR/SACURIUINA	
PONTE PENSA	6201
POQUIM	5623
PORCOS	4604
PORCOS (RIBEIRAO)	6220
POTENJI	3804
POTI	3430
POTINGA	6507
POTIRIBU	7502
POUSO ALEGRE	6110

POXOREU	6616
PRACUI	1912
PRACUPI	1913
PRATA	2218
PRATA	4209
PRATA	6041
PRATA	8605
PRATA (RIBEIRAO)	6307
PRATUDAO	4514
PREGUICAS	3328
PRETO	1428
PRETO	1520
PRETO	2014
PRETO	3324
PRETO	4210
PRETO	4616
PRETO	5114
PRETO	5627
PRETO	5806
PRETO	6045
PRETO	6148
PRETO	6504
PRETO	8006
PRETO DA EVA	1462
PRETO DO IGAPO-ACU	1541
PROVIDENCIA	2211
PUCUMA	3316
PURETE DE PURATA	1106
PURUBA	8001
PURUE	1240
PURUS	1307
QUARAI	7702
QUERRA-ANZOL	6015
QUEBRADO	6330
QUI	1007
QUIJINGUE	5012
QUILOMBO	6147
QUIRICO GRANDE	5022
QUIRICO PEQUENO	5021
QUITAUAU	1438
QUITERIA	6202
QUIXERAMOBIM	3610
RAS	4506
RATOS	8703
REAL	5006
REBOUCAS	6484
REPARTIMENTO	2902
RIBEIRA	8103
RIBEIRA DO IGUAPE	8100
RIBEIRAO	5701
RIBEIRINHA	8101
RIOZINHO	1209
RODA VELHA	4607
ROLANTE	8707
RONURO	1817
ROOSEVELT	1536
ROSARIO (RIBEIRAO)	6138
RUBIM DO SUL	5415
SACRAMENTO	5610
SACRE	1711

SACURIUINA	1715
SALGADO	3607
SALGADO	5004
SALINAS	3426
SALINAS	5404
SALITRE	4706
SALITRE	6018
SALOBRA	6642
SAMAMBAIA	6005
SAMAMBAIA	6444
SAMBAMBAIA	2605
SAMBURA	4003
SANGRADOURO GRANDE	2604
SANGRADOURO GRANDE	6610
SANGRADOUROZINHO	2603
SANGUE	1714
SANTA BARBARA	6223
SANTA CATARINA	4207
SANTA CATARINA	8508
SANTA CLARA	5709
SANTA CRUZ	8708
SANTA MARIA	2107
SANTA MARIA	2713
SANTA MARIA	6112
SANTA MARIA	6446
SANTA MARIA	7603
SANTA MARIA DA VITORIA	5703
SANTA RITA (RIBEIRAO)	6149
SANTA ROSA	1310
SANTA ROSA	1734
SANTA ROSA	7413
SANTA TEREZA	2201
SANTANA	2701
SANTANA	3311
SANTANA	3417
SANTANA	6058
SANTANA	6109
SANTANA	6521
SANTANA	6601
SANTANA	8104
SANTANA (RIBEIRAO)	2114
SANTO	4617
SANTO ANASTACIO	6329
SANTO ANTONIO	1610
SANTO ANTONIO	2204
SANTO ANTONIO	4002
SANTO ANTONIO	4212
SANTO ANTONIO	5102
SANTO ANTONIO	5203
SANTO ANTONIO	5612
SANTO ANTONIO	6127
SANTO ANTONIO	6529
SANTO CRISTO	7414
SANTO ONOFRE	4601
SAO BARTOLOMEU	6022
SAO BENEDITO	1730
SAO BENTO	3309
SAO BENTO	6007
SAO BERNARDO	5802
SAO DESIDERIO	4608

SAO DOMINGOS	2111
SAO DOMINGOS	2412
SAO DOMINGOS	4303
SAO DOMINGOS	6052
SAO DOMINGOS	6144
SAO DOMINGOS	6315
SAO DOMINGOS	7403
SAO FELIX	5620
SAO FRANCISCO	1320
SAO FRANCISCO	4001
SAO FRANCISCO	4100
SAO FRANCISCO	4200
SAO FRANCISCO	4300
SAO FRANCISCO	4400
SAO FRANCISCO	4500
SAO FRANCISCO	4600
SAO FRANCISCO	4700
SAO FRANCISCO	4800
SAO FRANCISCO	4900
SAO FRANCISCO	5414
SAO FRANCISCO	6044
SAO FRANCISCO	6139
SAO FRANCISCO	6492
SAO FRANCISCO (BACIA)	4000
SAO FRANCISCO BRACO NORTE	6494
SAO JERONIMO	6043
SAO JOAO	2612
SAO JOAO	5202
SAO JOAO	5411
SAO JOAO	5904
SAO JOAO	6017
SAO JOAO	6124
SAO JOAO	6417
SAO JOAO	6505
SAO JOAO	8203
SAO JOAO DO PARAISO	5306
SAO JOSE	5633
SAO JOSE DOS DOURADOS	6204
SAO LAMBERTO	4204
SAO LOURENCO	6219
SAO LOURENCO	6614
SAO LOURENCO	8107
SAO LUIZ (RIBEIRAO)	6302
SAO MARCOS	6004
SAO MATEUS	2109
SAO MATEUS	4006
SAO MATEUS	5518
SAO MIGUEL	1508
SAO MIGUEL	3911
SAO MIGUEL	4004
SAO MIGUEL	4305
SAO MIGUEL	5413
SAO NICOLAU	3436
SAO PATRICIO	2009
SAO PAULO	6134
SAO PEDRO	1314
SAO PEDRO	5304
SAO PEDRO	5412
SÃO PEDRO	5903
SÃO SEPE	8509

SAO VALERIO	2205
SAO VICENTE	1323
SAO VICENTE	2112
SAO VICENTE	3437
SAPAO	4618
SAPATA	8717
SAPUCAI	6115
SAPUCAI-GUACU	6119
SAPUCAI-MIRIM	6117
SARACURA	5106
SARGENTO	7405
SAUERUINA/USAR/PAPAGAIO	
SAUIPE	5017
SECO	3318
SEM PEIXE	5814
SEPATINI	1329
SEPOTI	1529
SERENO	2308
SERGIPE	5002
SERIDO	3708
SERIUNI	1327
SERROTE	6450
SETE DE SETEMBRO	1811
SETUBAL	5408
SILVESTRE	6489
SINCORA	5205
SINDRICHAL	1308
SINOS	8706
SIRINHAEM	3904
SOBRADO	2117
SOL	1342
SOL	1840
SOLIMOES	1100
SOLIMOES	1200
SOLIMOES	1300
SONINHO	2213
SONINHO	3438
SONO	2212
SONO	4211
SOROCABA	6209
SORORO	2905
STEINEM	1819
SUACUI GRANDE	5619
SUACUI PEQUENO	5617
SUCUNDURI	1545
SUCURI	2006
SUCURIU	6301
SUTA-MICU	1821
SUNUNU	6483
SURUBIM	2207
SURUBIM	3442
SURUBIU	3109
SURUMU	1436
SUTIL	8716
TABATINGA	5401
TABOCO	6644
TABOQUINHA	1246
TACUTU	1435
TADARIMANA	6618
TAINHAS	8603

TAIO	8302
TAJAUÍ	3010
TAMANDUA	4610
TAMANDUA	6132
TAMITATOALA/USAR/BATÓVI	
TANGURO	1812
TAPACURA	3903
TAPAIUNA	1726
TAPAJOS	1704
TAPAUÁ	1341
TAPERÁ	1445
TAPERGA	3812
TAPIRACUI	6475
TAPIRAPE	2614
TAPUIO	3321
TAQUARA	1325
TAQUARA	6435
TAQUARACU	4103
TAQUAREMBO	7604
TAQUARI	6405
TAQUARI	6635
TAQUARI	8600
TAQUARIMIRIM	8613
TAQUARUCU	6321
TARAUACA	1225
TARTARUGAL	3007
TAUINI	1321
TAUINI	1624
TAURIUINA	1710
TEA	1415
TEFF	1247
TEJO	1212
TELES PIRES	1724
TELHA	8607
TENENTE LIRA	6604
TESOURAS	2506
TIBAJI	6423
TIBIRICA	6311
TIETE	6205
TIJUCAS	8402
TIJUCO	6040
TIJUCUCU	4615
TIMBO	6509
TIMBO	7103
TIMONHA	3502
TIQUIE	1408
TOCANTINS	1739
TOCANTINS	2100
TOCANTINS	2200
TOCANTINS	2300
TOCANTINS	2900
TOCANTINS (BACIA)	2000
TOCANTIZINHO	2013
TODOS OS SANTOS	5513
TOMBADOR	6617
TONANTINS	1201
TOQUIA	1239
TOROPI	7602
TORRINHA	6218
TORRINHA	8712

TOURAO	3431
TOURINHO	6481
TOURO PASSO	7701
TRAIPI	4907
TRAIRAS	2011
TRAIRAS	5624
TRAIRI	3806
TRANQUEIRA	3425
TRES BARRAS	6331
TRES BOCAS	1229
TRES BOCAS (RIBEIRAO)	6436
TREZE DE MAIO	1716
TRICI	3603
TRICOLOR	6482
TRIUNFO	1832
TROMBETAS	1618
TRONQUEIRAS	5618
TROPAS	1736
TRUCU	3606
TUBARAO	8404
TUCURUI	1849
TUFRE	1911
TUPANA	1543
TURIACU	3211
TURUCU	8718
TURVO	6033
TURVO	6142
TURVO	6416
TURVO	7410
TURVO (RIBEIRAO)	5604
TURVO GRANDE	6102
UAPI	1432
UAPINI	1234
UATAS	1431
UATUMA	1609
UAUPES	1406
UBATUBA	3501
UBERABA	6128
UBERABINHA	6019
UEPE	6328
UICA	3421
UNA	3906
UNA	5104
UNA DO PRELADO/USAR/COMPRIDO	
UNINI	1451
UPAIM	3208
UPAPICOFRA	1430
UPIUANA	1916
UPU	2007
UPU	3214
UPUARA PURUS	1804
UPUBA	5208
UPUFAXI	1419
URUBU	1608
URUBU GRANDE	2628
URUCANGA	6406
URUCU	1302
URUCU	5514
URUCUI-PRETO	3405
URUCUI-VERMELHO	3401

URUCUIA	4302
URUCUITUBA	1807
URUGUAI	7300
URUGUAI	7400
URUGUAI	7500
URUGUAI	7700
URUGUAI (BACIA)	7000
URUPA	1525
URUPADI	1608
URUPUCA	5621
UTINGA	5103
VACACAI	8506
VACACAI-MIRIM	8505
VACARIA	5403
VACARIA	6449
VAI E VEM (RIBEIRAO)	6026
VALPARAISO	1217
VARZEA	6502
VARZEA	7401
VAZA-BARRIS	5003
VEADO	5712
VEADO (RIBEIRAO)	6477
VELHACO	8709
VELHAS	4102
VELHAS/USAR/ARAGUARI	
VERDAO	6035
VERDE	1725
VERDE	2002
VERDE	2619
VERDE	4702
VERDE	5112
VERDE	6003
VERDE	6111
VERDE	6141
VERDE	6313
VERDE	6412
VERDE GRANDE	4407
VERDE PEQUENO	4410
VERDINHO	6037
VERISSIMO	6012
VERMELHO	2106
VERMELHO	2307
VERMELHO	2502
VERMELHO	2904
VERMELHO	6439
VERTENTES/USAR/XAVANTE	
VILA NOVA	1907
XAMBRE	6490
XAPURI	1316
XAVANTE	2613
XAVANTINHO	2615
XERIUNI	1446
XIE	1403
XIMARI	1733
XINGO	4905
XINGU	1808
XIPUA	1232
XUI (ARROIO)	8808
ZANDE	2301
ZUTIUA	3304

8. INDICE NUMÉRICO

8. INDICE NUMÉRICO

1000	AMAZONAS (BACIA)
1001	JAVARI
1002	CURUCA
1003	ITACUAI
1004	ITUI
1005	NEGRO
1006	NOVO
1007	QUI
1100	SOLIMÕES
1101	JANDIATUBA
1102	PACIENCIA
1103	JUTAIZINHO
1104	BACABA
1105	ICA
1106	PUPETE DE PURATA
1107	JAMANARI
1108	PARANA DE JACURAPA
1200	SOLIMÕES
1201	TONANTINS
1202	AUATI PARANA
1203	JUTAI
1204	JURUAZINHO
1205	CURUENA
1206	MUTUM
1207	PATI
1208	BIA
1209	RIOZINHO
1210	CAMPINAS
1211	JURUA
1212	TEJO
1213	AMONEO
1214	OURO PRETO
1215	HUMAITA
1216	JURUA MIRIM
1217	VALPARAISO
1218	MOURA
1219	MOA
1220	AZUL
1221	IPIXUNA
1222	LIBERDADE
1223	GREGORIO
1224	EIRU
1225	TAPAUACA
1226	MURU
1227	EMBIPA
1228	ITUCAMA
1229	TRES BOCAS
1230	PILAO
1231	MAMORI
1232	XIRUA
1233	ANAXIGUAL
1234	UAPINI
1235	CAICAPA
1236	JAPURA
1237	MAIUARI
1238	INA
1239	TOQUIA
1240	PURUE
1241	JUAMI
1242	MAMORITANAS

1243	MIRIM PIRAJAUANA
1244	MOCO
1245	MEUAU
1246	TABOQUINHA
1247	TEFE
1300	SOLIMOES
1301	ARAUA
1302	URUCU
1303	COARI
1304	ITANHUA
1305	JUMA
1306	PIORINI
1307	PURUS
1308	SINDRICHAL
1309	CHANDLESS
1310	SANTA ROSA
1311	IACO
1312	MACAU
1313	CAETE
1314	SAO PEDRO
1315	ACRE
1316	XAPURI
1317	ANDIRA
1318	ANTIMARI
1319	IAUINI
1320	SAO FRANCISCO
1321	TAUINI
1322	PAUINI
1323	SAO VICENTE
1324	MOACO
1325	TAQUARA
1326	ATUCATIQUINI
1327	SERIUNI
1328	MAMORIA
1329	SEPATINI
1330	MAMORIAZINHO
1331	ITUXI
1332	ENDIMARI
1333	COTI
1334	CURUQUETE
1335	CIRIQUIRI
1336	ARAUAN
1337	BACIA
1338	MARI
1339	MUCUIM
1340	ACUA
1341	TAPAUA
1342	SOL
1343	BRANCO
1344	BABONA
1345	PINHUA
1346	CAPITAO
1347	JACARE
1348	ITAPARANA
1349	IPIXUNA
1350	JARI
1400	AMAZONAS
1401	MANACAPURU
1402	NEGRO
1403	XIE

1404 ICANA
1405 AIARI
1406 UAUPES
1407 PAPURI
1408 TIQUIE
1409 CURICURIARI
1410 DJI
1411 MARIE
1412 CAUABURI
1413 CASTANHAL
1414 MARAUJA
1415 TEA
1416 EMBARI
1417 AJUANA
1418 CARAA
1419 URUBAXI
1420 PADAUTRI
1421 ARARIRA
1422 CUTUNI
1423 DEMENI
1424 MAPULAU
1425 ARACA
1426 CUPUDURI
1427 CAURES
1428 PRETO
1429 BRANCO
1430 URURICOERA
1431 UATAS
1432 UAPI
1433 MAJARI
1434 PARIME
1435 TUCUTU
1436 SURUMU
1437 COTINGO
1438 QUITAUAU
1439 MUCAJAI
1440 APIAU
1441 ANANA
1442 IRAQUE
1443 AGUA BOA DO UNIVINI
1444 CATRIMANI
1445 TAPERA
1446 XERIUNI
1447 JAUAPERI
1448 MURAUAU
1449 ALALAU
1450 MUCUCUAU
1451 UNINI
1452 AGUA PRETA
1453 ARAPA
1454 PAUINI
1455 PAPAGAIO
1456 JAU
1457 CARABINANI
1458 CAMANAU
1459 CURIUAU
1460 PADUARI
1461 CUJEIRAS
1462 PRETO DA EVA
1500 AMAZONAS

**BIBLIOTECA
DO
L. B. L. G. T.**

1501	MADEIRA
1502	MAMORE
1503	GUAPORE
1504	ALEGRE
1505	GALERA
1506	GUARITIRE
1507	CABRAL
1508	SAO MIGUEL
1509	CAUTARIO
1510	PACAAS NOVOS
1511	NOVO
1512	OURO PRETO
1513	ABUNA
1514	COTIA
1515	JACIPARANA
1516	FORMOSO
1517	JAMARI
1518	CANDEIAS
1519	GARCAS
1520	PRETO
1521	JACUNDA
1522	JIPARANA
1523	COMEMORACAO
1524	APEDIA
1525	URUPA
1526	JAPU
1527	ACARA
1528	IPIXUNA
1529	SEPOTI
1530	MARMELOS
1531	MAICI
1532	MANICORE
1533	ATININGA
1534	ARAUA
1535	ARIPUANA
1536	ROOSEVELT
1537	BRANCO
1538	MACHADINHO
1539	POMBAS
1540	JAUNA
1541	PRETO DO IGAPO-ACU
1542	LUNA
1543	TUPANA
1544	CANUMA
1545	SUCUNDURI
1546	CAMAIU
1547	ACARI
1600	AMAZONAS
1601	MARIMARI
1602	ABACAXIS
1603	URUBU
1604	MAUES
1605	PARAUARI
1606	PARACARI
1607	AMANA
1608	URUPADI
1609	UATUMA
1610	SANTO ANTONIO
1611	JATAPU
1612	CAPUCAPU

1613	ANDIRA
1614	MAMURU
1615	MARIAQUA
1616	NHAMUNDA
1617	PIRATUCU
1618	TROMBETAS
1619	CAFUINI
1620	ANAMU
1621	CACHORRO
1622	IMABU
1623	MAPUERA
1624	TAUINI
1625	CUMINA
1626	MAPAPI
1627	PARU DE OESTE
1700	AMAZONAS
1701	CURUA
1702	CUMINAPANEMA
1703	MAMIA
1704	TAPAJOS
1705	JURUENA
1706	CAMARARE
1707	DOZE DE OUTUBRO
1708	JUINA
1709	PAPAGAIO
1710	TAURIUINA
1711	SACRE
1712	BURITI
1713	JUINA-MIRIM
1714	SANGUE
1715	SACURIUINA
1716	TREZE DE MAIO
1717	CRAVARI
1718	ARINOS
1719	ANNOS NOVOS
1720	AGUA VERDE
1721	PARECIS
1722	MESTRE FALCAO
1723	PEIXE
1724	TELES PIRES
1725	VERDE
1726	TAPAIUNA
1727	PARADO
1728	PEIXOTO DE AZEVEDO
1729	PARANAITA
1730	SAO VENEDITO
1731	CRISTALINO
1732	ARIACA
1733	XIMARI
1734	SANTA ROSA
1735	CURURU
1736	TROPAS
1737	CREPORI
1738	JAMANXIM
1739	TOCANTINS
1740	CURARI
1741	ACU
1742	ARAPIUNS
1800	AMAZONAS
1801	MAICURU

1802	CURUA-UNA
1803	CURUA DO SUL
1804	URUARA PURUS
1805	PARU
1806	CITARE
1807	URUCUITUBA
1808	XINGU
1809	CULUENE
1810	COUTO DE MAGALHAES
1811	SETE DE SETEMBRO
1812	TANGUDO
1813	CURISEVO
1814	PACUNEIRO
1815	AUTIA
1816	BATОВI
1817	RONURO
1818	JATOBA
1819	STEINEM
1820	FERRO
1821	SUTA-MICU
1822	MANISSAUA-MICU
1823	ARRAIAS
1824	HUAIA-MICU
1825	AUAIA-MICU
1826	LIBERDADE
1827	PAZ
1828	PEPITA
1829	FRESCO
1830	MARURE
1831	PONTA
1832	TRIUNFO
1833	PARDO
1834	ESTRAGADO
1835	IPUXUNA
1836	IRIRI
1837	IPIRANGA
1838	IRIRI NOVO
1839	CHICHE
1840	SOL
1841	CATETE
1842	CURUA
1843	CURUAES
1844	BAU
1845	MALOCA VELHA
1846	CARAJARI
1847	NOVO
1848	BACAJA
1849	TUCURUI
1850	ACARAI
1851	JARAUCU
1900	AMAZONAS
1901	JARI
1902	CUO
1903	MAPARI
1904	IRATAPURU
1905	CAJARI
1906	MARACA
1907	VILA NOVA
1908	PEDREIRA
1909	PARA

1910	ALTO ANAPU
1911	TUERE
1912	PRACUI
1913	PRACUPI
1914	PACAJA
1915	ALTO PACAJA
1916	URIUANA
1917	ARATAU
1918	CAMARAUPI
1919	JACUNDA
1920	ARATICU
1921	OEIRAS
1922	PARACUTI
1923	CAMARA
1924	ARAPI
1925	AFUA
1926	CURURU
1927	ANAJAS
1928	MOCOES
1929	MAPUA
1930	BREVES
2000	TOCANTINS (BACIA)
2001	MARANHAO
2002	VERDE
2003	MONTEIRO
2004	PATOS
2005	ALMAS
2006	SUCURI
2007	URU
2008	PEIXES
2009	SAO PATRICIO
2010	BONITO
2011	TRAIRAS
2012	BAGAGEM
2013	TOCANTIZINHO
2014	PRETO
2100	TOCANTINS
2101	CANA BRAVA
2102	PAPANAN
2103	CRIXAS
2104	PARAIM
2105	CORRENTE
2106	VERMELHO
2107	SANTA MARIA
2108	AGUA QUENTE
2109	SAO MATEUS
2110	PEDRAS
2111	SAO DOMINGOS
2112	SAO VICENTE
2113	ALMAS
2114	SANTANA (RIBEIRAO)
2115	BEZERRA
2116	PALMA
2117	SOBRADO
2118	MOSQUITO
2119	PALMEIRAS
2120	INFERNO
2121	ARRAIAS
2200	TOCANTINS
2201	SANTA TEREZA

2202	OURO
2203	CANA BRAVA
2204	SANTO ANTONIO
2205	SAO VALERIO
2206	MANOEL ALVES DA NATIVIDADE
2207	SURUBIM
2208	CRIXAS
2209	AREIAS
2210	MANGUES
2211	PROVIDENCIA
2212	SONO
2213	SONINHO
2214	CARACOL
2215	BALSAS
2216	FUMAÇA
2217	PONTE ALTA
2218	PRATA
2219	NEGRO
2220	PERDIDA
2300	TOCANTINS
2301	ZANDE
2302	FEIO
2303	CAPIVARA
2304	AREIAS
2305	MANOEL ALVES PEQUENO
2306	MANOEL ALVES GRANDE
2307	VERMELHO
2308	SERENO
2309	LAJES
2310	LAJES DO ARENITO
2311	FARINHA
2312	GRANDE
2313	LAJEADO
2400	ARAGUAIA (SUB-BACIA)
2401	BABILONIA
2402	DIAMANTINA
2403	PEIXE
2404	DIAMANTINO
2405	GARCAS
2406	BARREIRO
2407	CAIAPO
2408	BONITO
2409	PIRANHAS
2410	CLARO
2411	PILOES
2412	SAO DOMINGOS
2413	FARTURA
2500	ARAGUAIA
2501	AGUA LIMPA
2502	VERMELHO
2503	PALMEIRAS
2504	PEIXE
2505	CAVALO
2506	TESOURAS
2507	MATIAS
2508	CRIXAS ACU
2509	ANTAS
2510	BOIS
2511	GREGORIO
2512	CRIXAS MIRIM

2600 ARAGUAIA
2601 CRISTALINO
2602 MORTES
2603 SANGRADOUROZINHO
2604 SANGRADOURO GRANDE
2605 SAMBAMBAIA
2606 FIGUEIRAS
2607 PINDAIBA
2608 PEIXES
2609 CURUA
2610 MIRAPUXI
2611 BARACAJU
2612 SAO JOAO
2613 XAVANTE
2614 TAPIRAPE
2615 XAVANTINHO
2616 CRISOSTOMO
2617 BELEZA
2618 BRACO MENOR DO ARAGUAIA
2619 VERDE
2620 AGUA FRIA
2621 MURERE
2622 FORMOSO
2623 PIAUS
2624 CANASTRA
2625 DUFRE
2626 URUBU GRANDE
2627 PIUM
2628 LEVER
2700 ARAGUAIA
2701 SANTANA
2702 CUMUETE
2703 COCO
2704 INAJA
2705 CAIAPO
2706 PIRANHAS
2707 BANANAL
2708 CUNHAS
2709 JENIPAPO
2710 PAU D'ARCOS
2711 AMIUTE
2712 ARROIOS DO ARAGUAIA
2713 SANTA MARIA
2800 ARAGUAIA
2801 AGUA FRIA
2802 MURICIZAL
2803 LONTRA
2804 CORDA
2805 PIRANHAS
2806 MARTINHO
2900 TOCANTINS
2901 ITACAIUNA
2902 REPARTIMENTO
2903 PARAUPEBAS
2904 VERMELHO
2905 SORORO
2906 ESQUERDA
2907 MEIO
2908 DIREITA
3000 ATLANTICO NORTE-NORDESTE (BACIAS)

3001	OIAPOQUE
3002	MUTAQUERE
3003	MUTURA
3004	ANOTAIE
3005	CASSIPORE
3006	CALCOENE
3007	TARTARUGAL
3008	MACARI
3009	ARAGUARI
3010	TAJAU
3011	FALSINO
3012	AMAPARI
3101	CAJU
3102	MOJU
3103	CAIRARI
3104	ACARA-MIRIM
3105	ACARA
3106	GUAMA
3107	CAPIM
3108	GRANDE
3109	SURUBIU
3110	ARARANDEUA
3111	CAUAXI
3112	CAMAOL
3113	CANDIRUACU
3201	MARAPANIM
3202	MARACANA
3203	CAETE
3204	PIRIA
3205	GURUPI
3206	CAJUAPARA
3207	ITINGA
3208	URAIM
3209	CORACI PARANA
3210	MARACACUME
3211	TURIACU
3212	PARANA
3213	CAXIAS
3214	URU
3215	PERICUMA
3301	PINDARE
3302	BURITICUPU
3303	CARU
3304	ZUTIUA
3305	MEARIM
3306	AGUA BOA
3307	CAPIM
3308	FLORES
3309	SAO BENTO
3310	GRAJAU
3311	SANTANA
3312	ITAPICURU
3313	ALPERCATAS
3314	CORRENTES
3315	BALSEIROS
3316	PUCUMA
3317	ITAPICURUZINHO
3318	SECO
3319	CODOZINHO
3320	PIRITORO

3321	TAPUIO
3322	MUNIN
3323	IGUARA
3324	PRETO
3325	PERIA
3326	ALEGRE
3327	NEGRO
3328	PREGUICAS
3329	BARRO DURO
3330	MAGU
3400	PARNAIBA
3401	URUCUI-VERMELHO
3402	PARNAIBINHA
3403	CLARO
3404	PEDRA FURADA
3405	URUCUI-PRETO
3406	BALSAS
3407	MARAVILHA
3408	COCAL
3409	CACHOEIRA
3410	BALSINHAS
3411	NEVES
3412	GURGUEIA
3413	CONTRATO
3414	PARAIM
3415	FUNDO
3416	CURIMATA
3417	SANTANA
3418	ESFOLADO
3419	CORRENTE
3420	ITAUEIRA
3421	UICA
3422	CANINDE
3423	ITAIM
3424	GUARIBAS
3425	TRANGUEIRA
3426	SALINAS
3427	PIAUI
3428	FIDALGO
3429	MUCAITA
3430	POTI
3431	TOURAO
3432	PINHEIRO
3433	CAPIVARA
3434	PARAFUSO
3435	CAIS
3436	SAO NICOLAU
3437	SAO VICENTE
3438	SONINHO
3439	BERLENGAS
3440	BACURI
3441	LONGA
3442	SURUBIM
3443	JENIPAPO
3444	MATAS
3445	PIRACURUCA
3446	ARABE
3447	CATARINA
3448	JACAPEI
3501	UBATUBA

3502	TIMONHA
3503	CORFAU
3504	ACARAU
3505	JATOBA
3506	GROAIPAS
3507	ARACATIMIRIM
3508	ARACATUACU
3509	CRUXATI
3510	MUNDAU
3511	CURU
3512	CANINDE
3513	ANIL
3514	CEARA
3515	PACOTI
3516	CHORO
3517	CANGATI
3518	PIRANJI
3601	PALHANO
3602	JAGUARIBE
3603	TRICI
3604	CURIUS
3605	BASTIOES
3606	TRUCU
3607	SALGADO
3608	FIGUEIREDO
3609	BANABUTU
3610	QUIXERAMOBIM
3701	MOCORO
3702	APODI
3703	PIRANHAS
3704	PIANCO
3705	GRAVATA
3706	JENIPAPO
3707	ESPINHARAS
3708	SERIDO
3709	ACAU
3710	PATAXOS
3801	AMARGOSO
3802	CEARA-MIRIM
3803	GOIABEIRA
3804	POTENJI
3805	JUNDIAI
3806	TRAIRI
3807	JACU
3808	CURIMATAU
3809	MAMANGUAPE
3810	GUANDU
3811	PARAIBA
3812	TAPEROA
3901	GOIANA
3902	CAPIBARIBE
3903	TAPACURA
3904	SIRINHAEM
3905	IPOJUCA
3906	UNA
3907	JACUIPE
3908	CAMARAJIBE
3909	MUNDAU
3910	PARAIBA
3911	SAO MIGUEL

3912	CORURIBE
4000	SAO FRANCISCO (BACIA)
4001	SAO FRANCISCO
4002	SANTO ANTONIO
4003	SAMBURA
4004	SAO MIGUEL
4005	BAMBUI
4006	SAO MATEUS
4007	JORGE GRANDE
4008	PARA
4009	ITAPECERICA
4010	LAMBARI
4011	MARMELADA
4012	PARAOPEBA
4013	INDAIA
4014	BORRACHUDO
4100	SAO FRANCISCO
4101	ABAETE
4102	VELHAS
4103	TAQUAPACU
4104	JABOTICATUBAS
4105	JEQUITIBA
4106	CIPO
4107	PARAUNA
4108	PARDO
4109	CURIMATAI
4110	BICUDO
4200	SAO FRANCISCO
4201	JEQUITAI
4202	IMBAIACAIA
4203	GUAVINIPA
4204	SAL LAMBERTO
4205	PACUI
4206	PARACATU
4207	SANTA CATARINA
4208	ESCURINHO
4209	PRATA
4210	PRETO
4211	SONO
4212	SANTO ANTONIO
4300	SAO FRANCISCO
4301	GUARIBAS
4302	URUCUIA
4303	SAO DOMINGOS
4304	PIRATINGA
4305	SAO MIGUEL
4400	SAO FRANCISCO
4401	ACARI
4402	PARDO
4403	PANDEIROS
4404	MANGAI
4405	JAPORE
4406	PERUACU
4407	VERDE GRANDE
4408	APORCIN
4409	GURUTUBA
4410	VERDE PEQUENO
4500	SAO FRANCISCO
4501	CALINDO
4502	CARTINHANHA

4503	ITAQUARI
4504	COXA
4505	CASA VELHA
4506	RAS
4507	PAJEU
4508	CORRENTE
4509	GUARA
4510	MEIO
4511	CORRENTINA
4512	ARROJADO
4513	FORMOSO
4514	PRATUDAO
4515	CAVAS
4600	SAO FRANCISCO
4601	SANTO ONOFRE
4602	PARAMIRIM
4603	GRANDE
4604	PORCOS
4605	GALHEIRAO
4606	FEMEAS
4607	RODA VELHA
4608	SAO DESIDERIO
4609	BOA SORTE
4610	TAMANDUA
4611	ONDAS
4612	PEDRAS
4613	BRANCO
4614	JANEIRO
4615	TIJUCUCU
4616	PRETO
4617	SANTO
4618	SAPAO
4619	OURO
4700	SAO FRANCISCO
4701	ICATU
4702	VERDE
4703	PILAO ARCADE
4704	JACARE
4705	JIBOIA
4706	SALITRE
4800	SAO FRANCISCO
4801	PONTAL
4802	CURACA
4803	BRIGIDA
4804	GRAVATA
4805	MACURURE
4806	PAJEU
4807	NAVIO
4900	SAO FRANCISCO
4901	GLORIA
4902	MOXOTO
4903	CURITUBA
4904	CAPIA
4905	XINGO
4906	IPANEMA
4907	TRAIPI
4908	PIAUI
5000	ATLANTICO LESTE (BACIAS)
5001	JAPARATUBA
5002	SERGIPE

5003	VAZA-BARRIS
5004	SALGADO
5005	PIAUI
5006	REAL
5007	ITAPICURU
5008	ITAPICUPUACU
5009	ITAPICURUMIRIM
5010	JUCUPICI
5011	PEIXE
5012	QULJINGUE
5013	MASSACARA
5014	INHAMBUPE
5015	CABUCU
5016	IMBASSAI
5017	SAUIPE
5018	POJUCA
5019	CAMURUGIPE
5020	CATU
5021	QUIRICO PEQUENO
5022	QUIRICO GRANDE
5101	PARAGUACU
5102	SANTO ANTONIO
5103	UTINGA
5104	UNA
5105	CAPIVARI
5106	SARACURA
5107	PEIXE
5108	PARATIJI
5109	JACUIPE
5110	JAGUARIBE
5111	JIQUIRICA
5112	VERDE
5113	ALMAS
5114	PRETO
5200	CONTAS
5201	BRUMADO
5202	SAO JOAO
5203	SANTO ANTONIO
5204	GAVIAO
5205	SINCORA
5206	JACARE
5207	GONCOJI
5208	URUBA
5209	NOVO
5301	CACHOEIRA
5302	COLONIA
5303	MAROIM
5304	SAO PEDRO
5305	PARDO
5306	SAO JOAO DO PARAISO
5307	MANGERONA
5308	CATOLE GRANDE
5400	JEQUITINHONHA
5401	TABATINGA
5402	ITACAMBIPUCU
5403	VACARIA
5404	SALINAS
5405	ARACUAI
5406	ITAMARANDIBA
5407	FANADO

5408	SETUBAL
5409	GRAVATA
5410	ITINGA
5411	SAO JOAO
5412	SAO PEDRO
5413	SAO MIGUEL
5414	SAO FRANCISCO
5415	RUBIM DO SUL
5501	JOAO DE TIBA
5502	BURANHEM
5503	FRADE
5504	CARAIVA
5505	JUCURUCU
5506	BRACO DO JUCURUCU
5507	ITANHEM
5508	PERUIPE
5509	MUTUM
5510	MUCURI
5511	AMERICANA
5512	PAVAO
5513	TODOS OS SANTOS
5514	URUCU
5515	PAMPA
5516	ITAUNAS
5517	ITAUNINHAS
5518	SAO MATEUS
5519	BRACO NORTE DO SAO MATEUS
5520	BRACO SUL DO SAO MATEUS
5521	BARRA
5600	DOCE
5601	PIRANGA
5602	SAO BERNARDO
5603	CHOPOTO
5604	TURVO (RIBEIRAO)
5605	CARMO
5606	MAINARI
5607	GUALAXO
5608	CASCA
5609	MATIPO
5610	SACRAMENTO
5611	PIRACICABA
5612	SANTO ANTONIO
5613	PEIXE
5614	ALIANCA
5615	GUANHAES
5616	CORRENTE GRANDE
5617	SUACUI PEQUENO
5618	TRONQUEIRAS
5619	SUACUI GRANDE
5620	SAO FELIX
5621	URUPUCA
5622	ITAMBACURI
5623	POQUIM
5624	TRAIRAS
5625	CUITE
5626	CARATINGA
5627	PRETO
5628	MANHUACU
5629	JACUTINGA
5630	JOAO PEDRO

5631	GUANDU
5632	PANCAS
5633	SAO JOSE
5701	RIBEIRAO
5702	PIRAQUE
5703	SANTA MARIA DA VITORIA
5704	JUCU
5705	JUCU BRACO NORTE
5706	JUCU BRACO SUL
5707	ITAPEMIRIM
5708	CASTELO
5709	SANTA CLARA
5710	ALEGRE
5711	ITABAPOANA
5712	VEADO
5800	PARAIBA DO SUL
5801	PARAITINGA
5802	JAGUARI
5803	PIRAI
5804	PARAIBUNA
5805	PEIXE
5806	PRETO
5807	PIABANHA
5808	FAGUNDES
5809	PIRAPETINGA
5810	POMBA
5811	BAGRE
5812	NOVO
5813	PINHO
5814	SEM PEIXE
5815	DOIS RIOS
5816	GRANDE
5817	NEGRO
5818	MURIAE
5819	GLORIA
5820	CARANGOLA
5901	MACABU
5902	MACAE
5903	SAO PEDRO
5904	SAO JOAO
5905	BACAXA
5906	ITAGUAI
5907	GUANDU MIRIM
5908	GUANDU
5909	LAJES (RIBEIRAO)
6000	PARANA (BACIA)
6001	PARANAIBA
6002	ESPIRITO SANTO
6003	VERDE
6004	SAO MARCOS
6005	SAMAMBAIA
6006	CRISTAIS
6007	SAO BENTO
6008	DOURADOS
6009	PERDIZES
6010	BAGAGEM
6011	JORDAO
6012	VERISSIMO
6013	BRACO
6014	ARAGUARI

6015	QUEBRA-ANZOL
6016	MISERICORDIA
6017	SÃO JOÃO
6018	SALITRE
6019	UBERABINHA
6020	CORUMBA
6021	DESCOBERTO
6022	SÃO BARTOLOMEU
6023	PIPIRIPAU
6024	PARANOÁ
6025	PIRACANJUBA
6026	VAI E VEM (RIBEIRÃO)
6027	PEIXE
6028	PIRAPITINGA
6029	PIEDADE
6030	MEIA-PONTE
6031	CALDAS
6032	BOIS
6033	TURVO
6034	CAPIVARI
6035	VERDÃO
6036	MONTE ALEGRE
6037	VERDINHO
6038	CABELEIRA
6039	BOM JESUS
6040	TIJUCO
6041	PRATA
6042	DOURADINHO
6043	SÃO JERÔNIMO
6044	SÃO FRANCISCO
6045	PRETO
6046	ALEGRE
6047	CLARO
6048	BONFIM
6049	PARAÍSO
6050	ARIRANHA
6051	DOCE
6052	SÃO DOMINGOS
6053	CORRENTE
6054	JACUBA
6055	FORMOSO
6056	APORE
6057	BARREIRAS
6058	SANTANA
6100	GRANDE
6101	ATUPUOCA
6102	TURVO GRANDE
6103	INGAI
6104	MORTES
6105	ELVAS
6106	CERVO
6107	JACARE
6108	MARIMBONDO
6109	SANTANA
6110	POUSO ALEGRE
6111	VERDE
6112	SANTA MARIA
6113	BAEPENDI
6114	PEIXE
6115	SAPUCAI

6116 ESMERIL
6117 SAPUCAI-MIRIM
6118 LOURENCO VELHO
6119 SAPUCAI-GUACU
6120 DOURADO
6121 MACHADO
6122 CABO VERDE
6123 MUZAMBO
6124 SAO JOAO
6125 CARMO
6126 BANDEIRA
6127 SANTO ANTONIO
6128 UBERABA
6129 PARDO
6130 LAMBARI
6131 CANOAS
6132 TAMANDUA
6133 MOJI-GUACU
6134 SAO PAULO
6135 ELEUTERIO
6136 PANTANO
6137 AGUDO (RIBEIRAO)
6138 ROSARIO (RIBEIRAO)
6139 SAO FRANCISCO
6140 FEIO
6141 VERDE
6142 TURVO
6143 ONCA
6144 SAO DOMINGOS
6145 CACHOEIRINHA
6146 MONJOLINHO
6147 QUILOMBO
6148 PRETO
6149 SANTA RITA (RIBEIRAO)
6200 PARANA
6201 PONTE PENSA
6202 QUITERIA
6203 PANTANO
6204 SAO JOSE DOS DOURADOS
6205 TIETE
6206 JUQUERI
6207 JUNDIAI
6208 CAPIVARI
6209 SOROCABA
6210 PEIXE
6211 PIRACICABA
6212 ATIBAIA
6213 JAGUARI
6214 CORUMBATAI
6215 JACARE-PEPIRA
6216 TORRINHA
6217 JACARE-GUACU
6218 CHIBARRO
6219 SAO LOURENCO
6220 PORCOS (RIBEIRAO)
6221 BATALHA
6222 DOURADO
6223 SANTA BARBARA
6224 AZUL
6225

6300 PARANA
6301 SUCUPIU
6302 SAO LUIZ (RIBEIRAO)
6303 CASCAVEL
6304 INDAIA GRANDE (RIBEIRAO)
6305 CANGALHA
6306 MORANGAS (RIBEIRAO)
6307 PRATA (RIBEIRAO)
6308 BRIOSO (RIBEIRAO)
6309 ABRIGO (RIBEIRAO)
6310 AGUAPEI
6311 TIBIRICA
6312 CAINGANG
6313 VERDE
6314 MOTUCA (RIBEIRAO)
6315 SAO DOMINGOS
6316 BOIS (RIBEIRAO)
6317 MUTUM
6318 POMBO
6319 BOA ESPERANCA (RIBEIRAO)
6320 PEIXE
6321 TAQUARUCU
6322 PARDO
6323 MIMOSO (RIBEIRAO)
6324 DOURADOS
6325 INHANDUI-GUACU
6326 LONTRA (RIBEIRAO)
6327 LONTRINHA (RIBEIRAO)
6328 UERE
6329 SANTO ANASTACIO
6330 QUEBRADO
6331 TRES BARRAS
6400 PARANA
6401 PAPANAPANEMA
6402 ITAPETININGA
6403 APIAI-GUACU
6404 APIAI-MIRIM
6405 TAQUARI
6406 PIRITUBA
6407 CARRAPATOS (RIBEIRAO)
6408 BOA VISTA
6409 ITARARE
6410 JAGUARICATU
6411 JAGUARIAIVA
6412 VERDE
6413 PARDO
6414 CLARO
5415 NOVO
6416 TURVO
6417 SAO JOAO
6418 PIRAI
6419 CINZAS
6420 JACAREZINHO
6421 LARANJINHA
6422 CAPIVARA (RIBEIRAO)
6423 TIBAJI
6224 GUARAUNA
6425 IMBITUVA
6426 ALMAS
6427 PITANGUI

6428 BITUMIRIM
6429 CAPIVARI
6430 IAPO
6431 FORTALEZA
6432 IMBAU
6433 APUCARANA
6434 APUCARANINHA
6435 TAQUARA
6436 TRES BOCAS (RIBEIRAO)
6437 CONGONHAS
6438 LARANJA DOCE
6439 VERMELHO
6440 PIRAPO
6441 BANDEIRANTES DO NORTE
6442 DIABO (RIBEIRAO)
6443 CATUA (RIBEIRAO)
6444 SAMAMBAIA
6445 IVINHEUMA
6446 SANTA MARIA
6447 BRILHANTE
6448 DOURADOS
6449 VACARIA
6450 SERROTE
6451 GUAPEI
6452 CURUPAI
6453 LARANJAL
6454 AMAMBAI
6455 PIRATINI
6456 EMBARACAI
6457 IGUAATEMI
6458 INHOBI
6459 IVAI
6460 PITANGA
6461 ALONSO
6462 PEREIRA
6463 BOM
6464 BULHA
6465 CORUMBATAI
6466 MUQUILAO
6467 FORMOSO
6468 LONTRAS
6469 MOURAO (RIBEIRAO)
6470 MARIALVA
6471 LIGEIRO
6472 PARANHOS (RIBEIRAO)
6473 INDIOS
6474 PARANAVAI (RIBEIRAO)
6475 TAPIRACUI
6476 ANTAS
6477 VEADO (RIBEIRAO)
6478 PIQUIRI
6479 CORRE
6480 CANTU
6481 TOURINHO
6482 TRICOLOR
6483 SUNUNU
6484 REBOUCAS
6485 CARACOL
6486 FAROL
6487 GOIO-EPE

6488	JESUITAS
6489	SILVESTRE
6490	XAMBRE
6491	GUACU
6492	SAO FRANCISCO
6493	CENTRAL
6494	SAO FRANCISCO BRACO NORTE
6495	OCOI
6500	PARANA
6501	IGUACU
6502	VARZEA
6503	NEGRO
6504	PRETO
6505	SAO JOAO
6506	CANDINHA
6507	POTINGA
6508	CLARO
6509	TIMBO
6510	JANGADA
6511	PALMITAL
6512	AREIA
6513	CONCORDIA
6514	IRATIM
6515	CAVO
6516	JORDAO
6517	PINHAO
6518	CAVERNOSO
6519	CHAGU
6520	CHOPIM
6521	SANTANA
6522	GUARANI
6523	JARACOTIA
6524	ADELAIDE
6525	COTEJIPE
6526	ANDRADA
6527	CAPANEMA
6528	GONÇALVES DIAS
6529	SANTO ANTONIO
6600	PARAGUAI (SUB-BACIA)
6601	SANTANA
6602	PARAGUAIZINHO
6603	JOUQUAPA
6604	TENENTE LIRA
6605	JUBA
6606	CABACAL
6607	JAUPU
6608	BUGRE (RIBEIRAO)
6609	AGUAPEI
6610	SANGRADOURO GRANDE
6611	BENTO GOMES
6612	CASSANGE
6613	FEIJAO PRETO
6614	SAO LOURENCO
6615	POJUBA
6616	POXOREU
6617	TOMBADOR
6618	TADARIMANA
6619	JURIGUE
6620	DR. CORREIA
6621	POGUBA-XOREU

6622	CUIABA
6623	MANSO
6624	CASCA
6625	JANGADA
6626	PARI
6627	ARICA-MIRIM
6628	PIRAIM
6629	CUIABA-MIRIM
6630	ITIQUEIRA
6631	PEQUIRI
6632	MELISSA
6633	CORRENTES
6634	PEIXE DE COURO
6635	TAQUARI
6636	COXIM
6637	CAPIVARI
6638	NEGRO
6639	NEGRINHO
6640	MIRANDA
6641	FORMOSO
6642	SALOBRA
6643	AQUIDAUANA
6644	TABOCO
6700	PARAGUAI
6701	NABILEQUE
6702	AQUIDABA
6703	BRANCO
6704	APA
6705	CARACOL
6706	PERDIDO
7000	URUGUAI (BACIA)
7001	PELOTAS
7002	CERQUINHAS
7003	LAVA-TUDO
7004	PELOTINHAS
7005	IBITIRA
7006	BERNARDO JOSE
7100	CANOAS
7101	MAROMBAS
7102	PEDRAS
7103	TIMBO
7104	CAVEIRAS
7200	PELOTAS
7201	INHANDEVA
7202	APUAE
7203	PIRACUCE
7204	APUAE-MIRIM
7205	PEIXE
7206	LEAO
7300	URUGUAI
7301	JACUTINGA
7302	IRANI
7303	PASSO FUNDO
7304	FRECHIM
7305	CHAPECO
7306	CHAPECOZINHO
7307	OURO
7308	BURRO BRANCO
7400	URUGUAI
7401	VARZEA

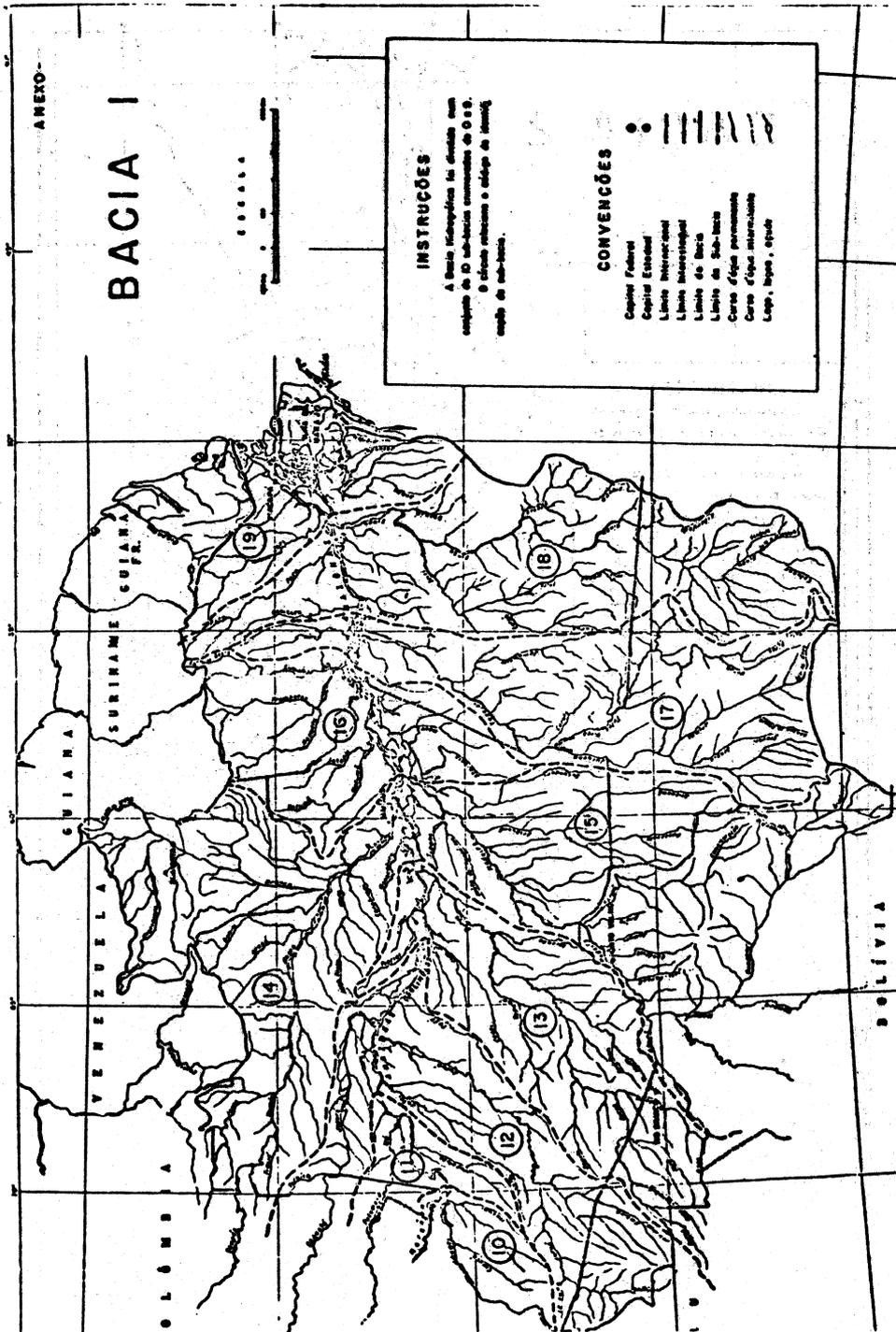
7402	ATIACU
7403	SAO DOMINGOS
7404	ANTAS
7405	SARGENTO
7406	GUARITA
7407	OGAPANTIM
7408	PEPERI-GUACU
7409	FLORES
7410	TURVO
7411	CAA-IARI
7412	BURICA
7413	SANTA ROSA
7414	SANTO CRISTO
7415	AMANDAU
7416	COMANDAI
7500	IRUGUAI
7501	IJUI
7502	POTIRIBU
7503	IJUIZINHO
7504	PIRATINIM
7505	INHACAPETUM
7506	AMANOA
7507	ICAMAQUA
7508	ITACURUBI
7509	IGUARIACA
7510	BUTUI
7600	IBICUI
7601	IBICUI-MIRIM
7602	TOROPI
7603	SANTA MARIA
7604	TAQUAREMBO
7605	IBICUI DA ARMADA
7606	CACEQUI
7607	JAGUARI
7608	JAGUARIZINHO
7609	MIRACATU
7610	ITU
7611	IBIRAPUITA
7612	PAI PASSO
7613	CAVERA
7614	INHANDUI
7615	IBIROCAI
7700	URUGUAI
7701	TOURO PASSO
7702	QUARAI
7703	GARUPA
7900	NEGRO
7901	RIRAI
8000	ATLANTICO SUDESTE (BACIAS)
8001	PURUBA
8002	CAMBORIU
8003	CUBATAO
8004	GUARATUBA
8005	ITAPANHAU
8006	PRETO
8007	ITARIRU
8008	CRASTO
8009	BRANCO
8010	COMPRIDO
8100	RIBEIRA DO IGUAPE

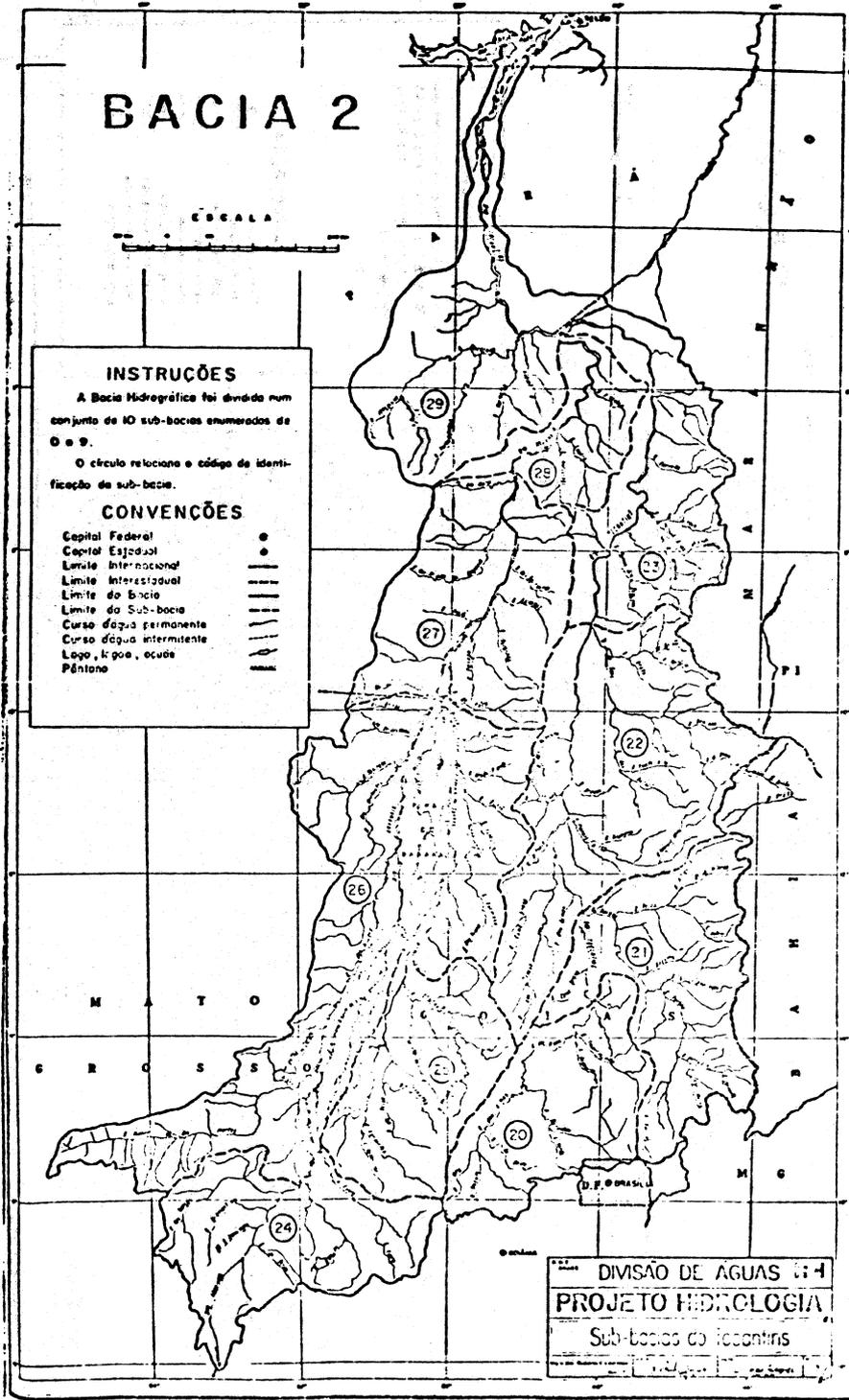
8101	RIBEIRINHA
8102	ACUNGUI
8103	RIBEIRA
8104	SANTANA
8105	CAPIVARI
8106	PARDO
8107	SAO LOURENCO
8108	JUQUIA
8109	JUQUIA-GUACU
8110	JACUPIRANGA
8200	IPIRANGA
8201	CUBATÃO
8202	ARRAIAL
8203	SAO JOAO
8204	ITAPOCU
8205	PIRAI
8300	ITAJAI-ACU
8301	ITAJAI DO OESTE
8302	TAIO
8303	ITAJAI DO SUL
8304	ITAJAI DO NORTE
8305	BENEDITO
8306	ITAJAI-MIRIM
8401	ALTO BRACO
8402	TIJUCAS
8403	GARCIA
8404	TUBARAO
8405	BRACO DO NORTE
8406	URUCANGA
8407	ITOUJAVA
8408	MAE LUZIA
8500	JUCUI (SUB-BACIA)
8501	JUCUI-MIRIM
8502	DIVISA
8503	IVAI
8504	JACUIZINHO
8505	VACAI-MIRIM
8506	VACAI
8507	INGA
8508	SANTA CATARINA
8509	SAO SEPE
8510	ACANGUPA
8511	IRAPUA
8512	BOTUCARAI
8513	PETINGUA
8514	IRUI
8515	PARDO
8516	PARDINHO
8517	FRANCISQUINHO
8600	TAQUARI
8601	ANTAS
8602	CAMISAS
8603	TAINHAS
8604	BURITI
8605	PRATA
8606	HUMAITA
8607	TELHA
8608	CARREIRO
8609	GUAPORE
8610	FORQUETA

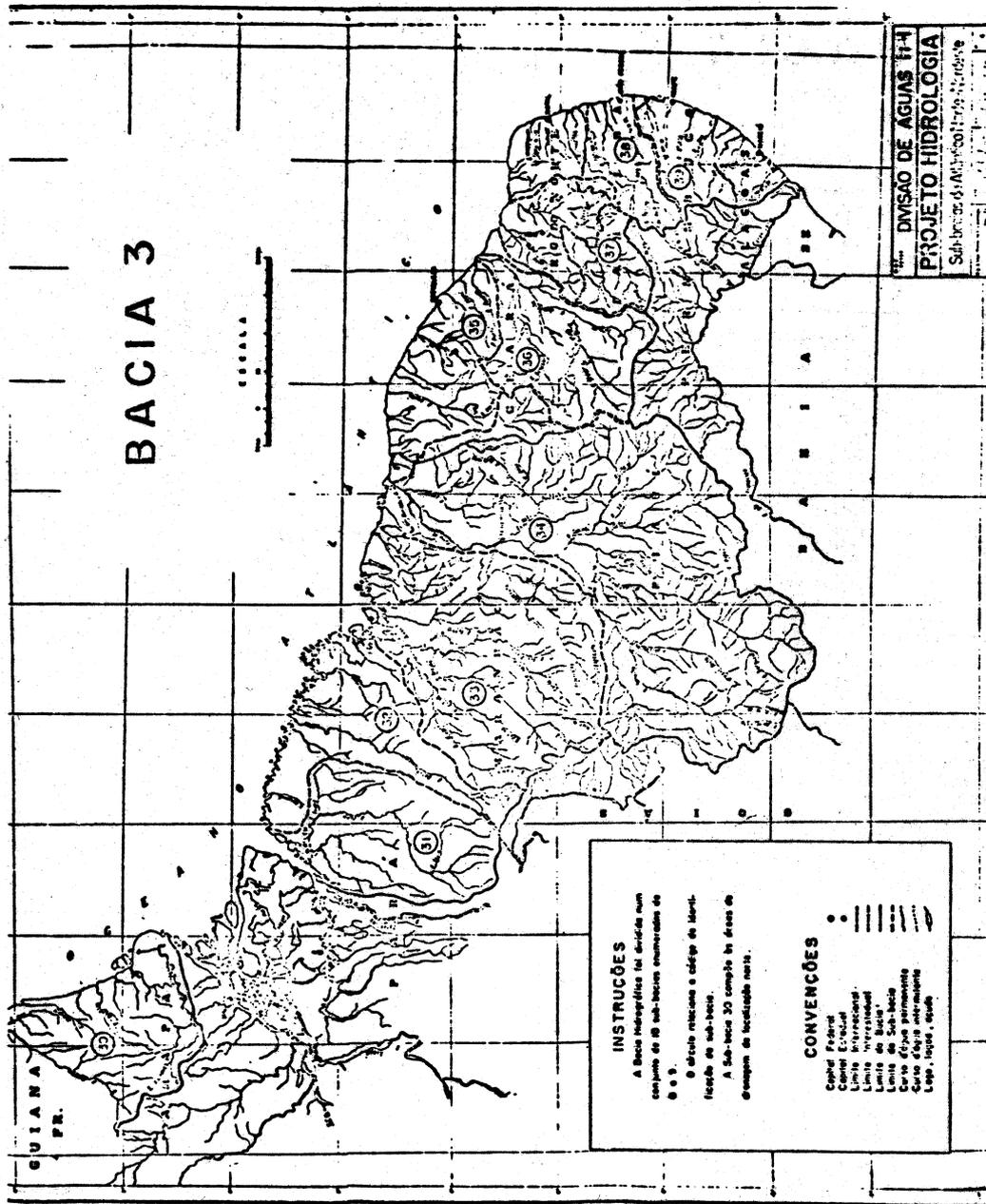
8611	FAO
8612	BOA VISTA
8613	TAQUARIMIRIM
8700	LAGOA DOS PATOS
8701	GUAIBA
8702	JACUI
8703	RATOS
8704	CADEIA
8705	CAI
8706	SINOS
8707	ROLANTE
8708	SANTA CRUZ
8709	VELHACO
8710	CAMACUA
8711	HILARIO
8712	TORRINHA
8713	BOICI
8714	PANTANOSO
8715	ABRANIO
8716	SUTIL
8717	SAPATA
8718	TURUCU
8800	CANAL DE SAO GONÇALO
8801	LAGOA MIRIM
8802	PELOTAS (ARROIO)
8803	PIRATINI
8804	BASILIO (ARROIO)
8805	GRANDE (ARROIO)
8806	JAGUARAO
8807	CANDIOTA (ARROIO)
8808	XUI (ARRROIO)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

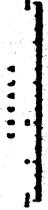
1. BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica - *Projeto Hidrologia* - relatório preliminar I. Rio de Janeiro, 1972. 40p.
2. BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica - *Projeto Hidrologia*; inventário das estações pluviométricas. Belo Horizonte, 1973. 127p.
3. FUNDAÇÃO IBGE. Departamento de Geografia. *Atlas Nacional do Brasil*, parte II regional físico 4311; norte, nordeste, sudeste, sul e centro-oeste. Rio de Janeiro, 1969. Escala 1:4.000.000.
4. FUNDAÇÃO IBGE. Departamento de Cartografia. *Carta do Brasil ao Milionésimo*. Rio de Janeiro, 1972. Escala 1:1.000.000.
5. FUNDAÇÃO IBGE. Departamento de Cartografia. *Carta Topográfica do Distrito Federal*. 2 ed. Rio de Janeiro, 1969. Escala 1:100.000.
6. FUNDAÇÃO IBGE. Departamento de Cartografia. *Estado do Rio de Janeiro 1975*. Rio de Janeiro, 1974. Escala 1:400.000.
7. FUNDAÇÃO IBGE. Departamento de Cartografia - *República Federativa do Brasil*. Rio de Janeiro, 1973. Escala 1:2.500.000.
8. MINAS GERAIS. Departamento Geográfico do Estado. *Estado de Minas Gerais*, mapa geográfico. Belo Horizonte, 1967. Escala 1:1.000.000.







BACIA 3



GUIANA PR.

Div. de Hidrologia
DIVISAO DE AGUAS F-4
PROJETO HIDROLOGIA
 Sub-bacia de Algodão - 1:50.000

INSTRUÇÕES

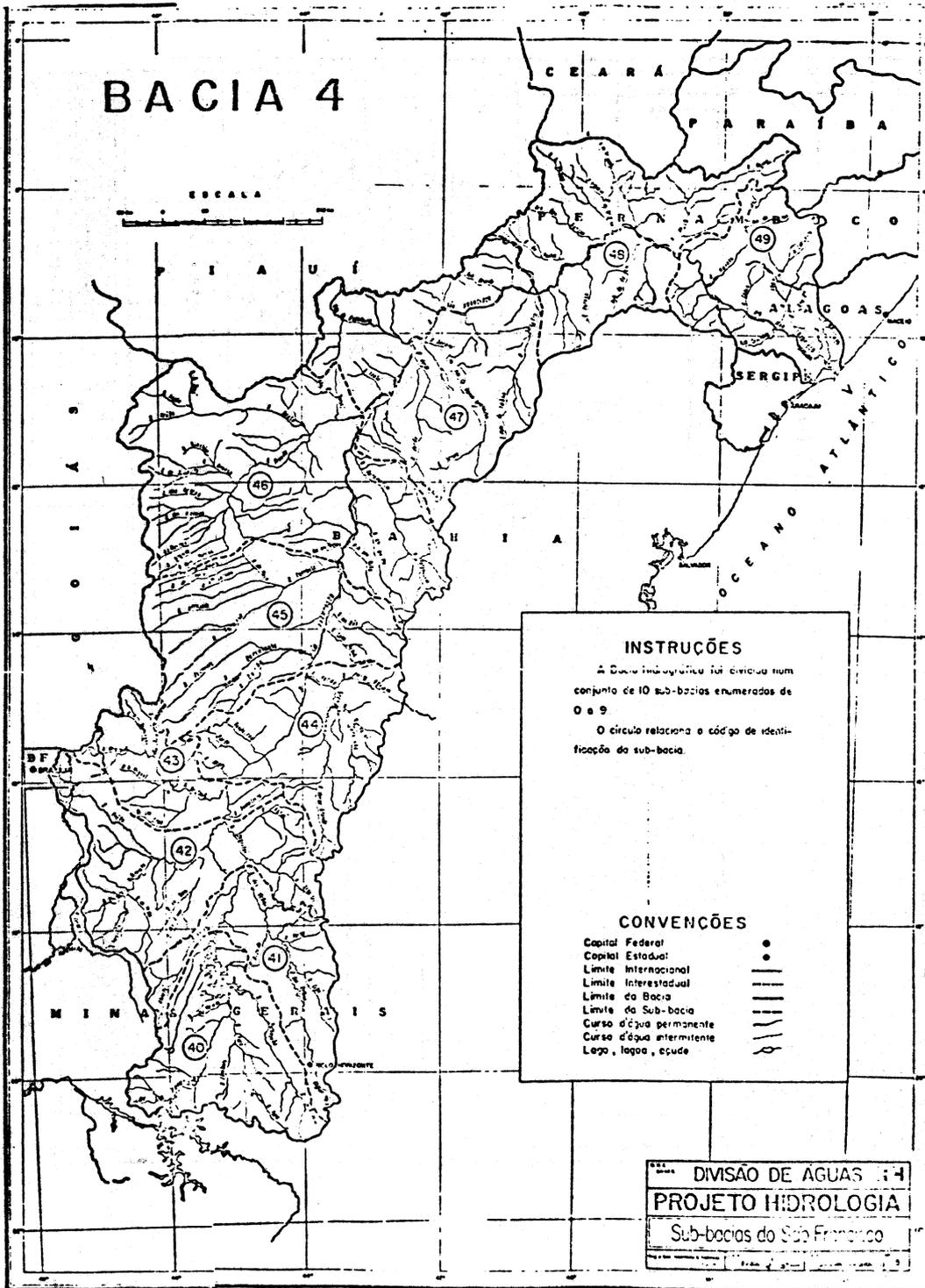
A Bacia Hidrográfica foi dividida num conjunto de 10 sub-bacias numeradas de 01 a 10.

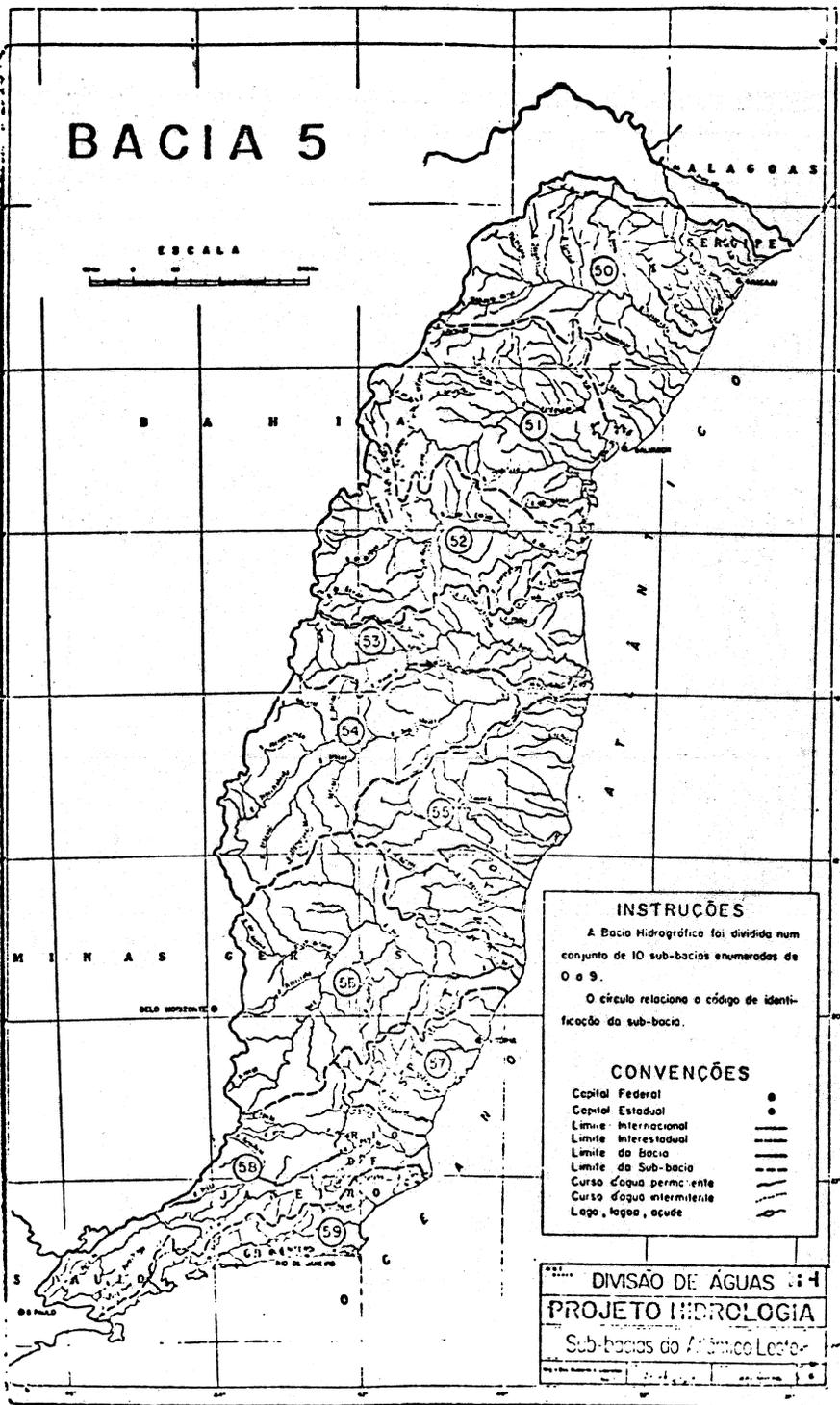
O círculo numerado e o código de identificação de sub-bacia.

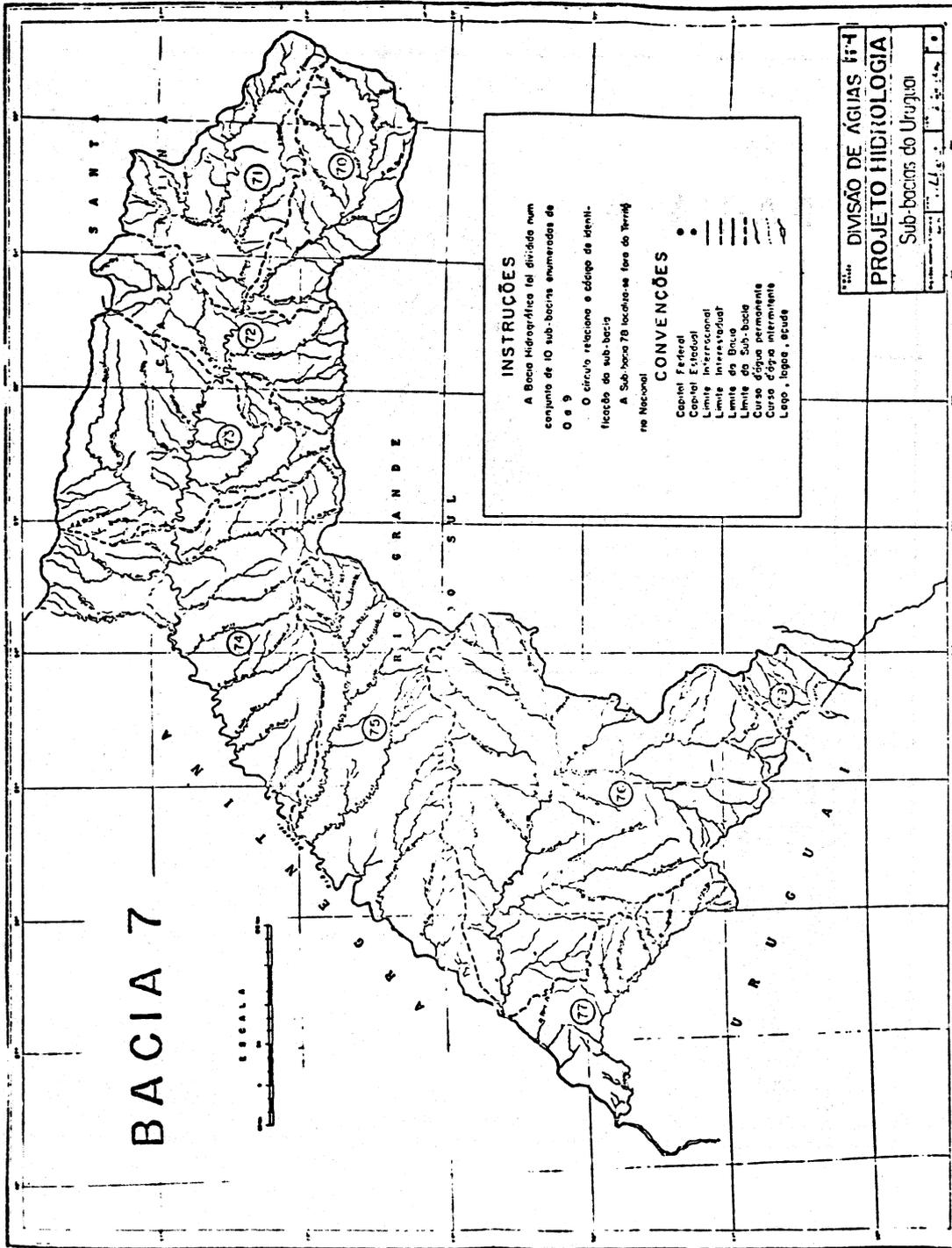
A sub-bacia 30 compreende as áreas de drenagem de localidade marítima.

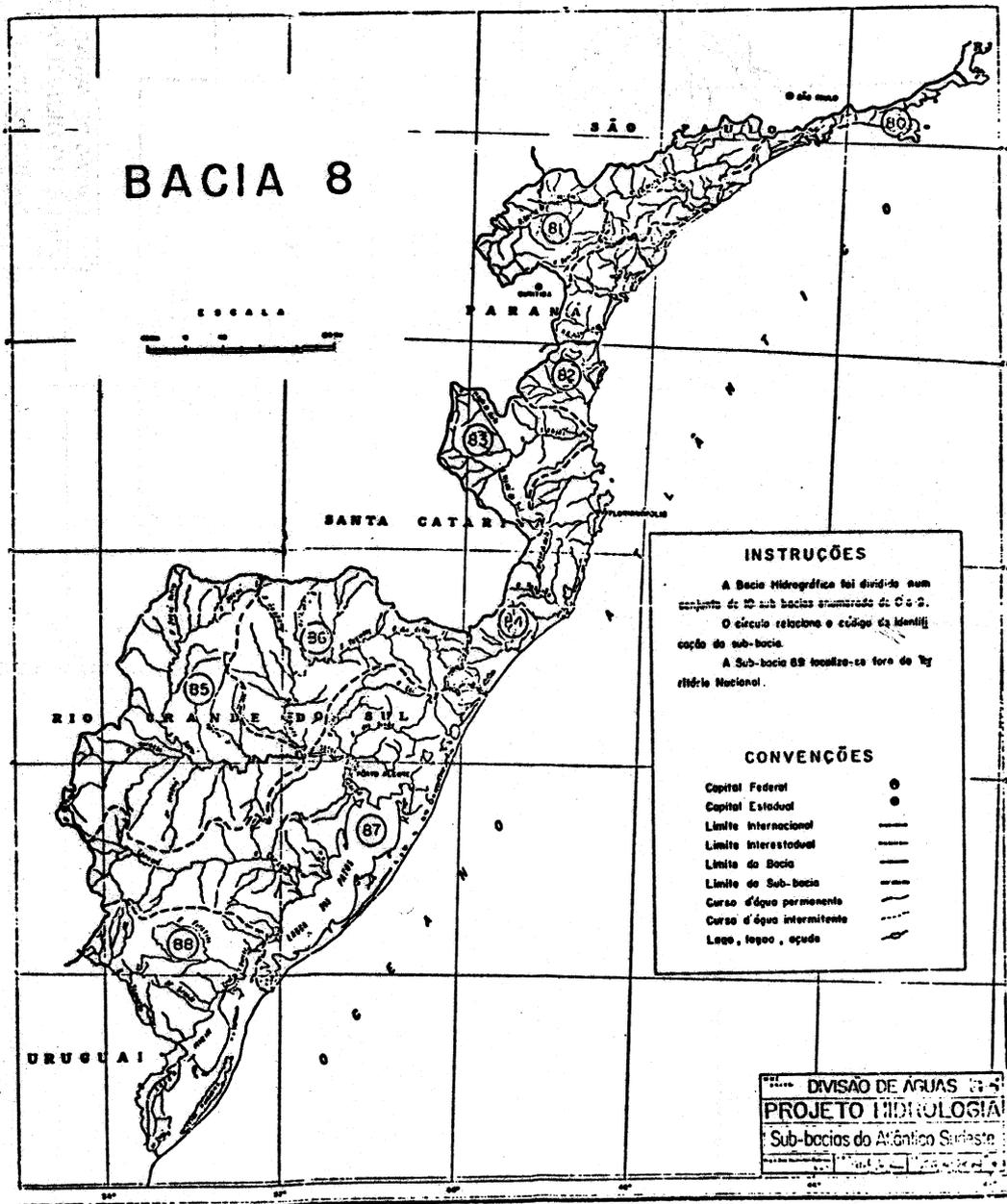
CONVENÇÕES

- Contorno Federal
- Contorno Estadual
- Limite Interseccional
- Limite Interdistrital
- Limite de Sub-bacia
- Curso d'água permanente
- Curso d'água intermitente
- Lago, lagoa, açude









A ATUAÇÃO DO BRASIL NO SISTEMA INTERNACIONAL
DE DADOS SOBRE PUBLICAÇÕES SERIADAS
(ISDS) DO UNISIST

Philippe Damian.

Instituto Brasileiro de Informação
em Ciência e Tecnologia - Rio de Janeiro, RJ

Através do IBICT, o Brasil vem participando do programa UNISIST pelo "Sistema Internacional de Dados sobre Publicações Seriadadas" (ISDS), que inclui a atribuição de um número (ISSN) Internacional Standard Serial Number a cada título de publicação seriada.

O IBICT está executando esse trabalho, no que se refere a periódicos brasileiros, alimentando assim o arquivo internacional sediado em Paris.

Essa função de Centro Nacional do ISDS implica, ainda, informar os editores de revistas brasileiras quais ISSN lhes foram atribuídos e como eles deverão utilizá-los.

Daremos a seguir uma visão resumida do que é o ISDS

Antecedentes

O sistema internacional de Dados sobre Publicações seriadas (ISDS) teve suas origens nos estudos realizados em 1967 pelo Conselho Internacional de Organizações Científicas (ICSU) e pela UNESCO, a fim de estudar a viabilidade de um sistema internacional de informação científica. O resultado deste estudo levou à proposta de um programa internacional que atuaria como ponto focal de esforços cooperativos para o desenvolvimento do intercâmbio internacional de informação científica, que viria a ser conhecido como UNISIST.

Um dos vários grupos de trabalho encarregados do projeto UNISIST, em atividade conjunta com o ICSU abstracting Board (ICSU/AB), ficou responsável pelos problemas de normalização no campo da descrição bibliográfica. Dentre o conjunto de propostas desenvolvidas, uma era relativa ao controle de publicações seriadas: "Um registro internacional dos periódicos científicos deveria ser estabelecido como base de um sistema para normalização das citações da literatura periódica em ciência e tecnologia". Esse registro seria o primeiro passo para o controle internacional de publicações seriadas através de um sistema centralizado para a criação e a manutenção de informação normalizada sobre publicações seriadas dentro do conceito de Controle Bibliográfico Universal (UBC).

O Sistema Internacional de Dados sobre Publicações Seriadas (ISDS), estabelecido de acordo com a estrutura de programas do UNISIST, é uma rede internacional de centros operacionais responsáveis, em conjunto, pela criação e manutenção de bancos de dados gerenciados por computador, contendo as informações necessárias a identificação das publicações seriadas. O sistema foi estabelecido em dois níveis:

- (1) - Centro Internacional (CI) - para implantação de linhas gerais, e
- (2) - Centros Nacionais e Regionais para que cada país fosse responsável pelo registro de suas publicações.

Tendo sido ultrapassadas as fases de concepção e implantação, o ISDS passou à fase operacional, quando a 6 de Novembro de 1972, o Diretor Geral da UNESCO anunciou a criação do Centro Internacional, situado em Paris, e convidou todos os estados-membros a cooperarem através do estabelecimento de centros nacionais de ISDS.

Objetivos

Os objetivos do ISDS são: primeiro, desenvolver e manter o registro internacional de publicações seriadas contendo toda a informação necessária para identificação das mesmas; segundo, definir e promover o uso de um código normalizado (ISSN) para identificação única de cada publicação seriada; terceiro, facilitar a recuperação de informação científica e técnica nas publicações seriadas; quarto, tornar esta informação disponível para todos os países, organizações ou usuários individuais; quinto, estabelecer uma rede de comunicações en

tre bibliotecas, serviços de informação secundária, editores de literatura periódica e organizações internacionais; e, sexto, promover normas internacionais de descrição bibliográfica, formato de comunicação e intercâmbio de informação.

Dada a própria natureza dos periódicos, sujeitos tão frequentemente a mudanças no título, na periodicidade e no formato, aliado ao volume sempre crescente de publicações, tornou-se necessário o desenvolvimento de um código normalizado para identificação, como foi referido no segundo objetivo citado. Cada vez mais a adoção de computadores se faz necessária na medida em que o volume e a complexidade do produto aumentam. Esta tendência para a automação, e as implicações de desenvolvimentos futuros envolvendo o intercâmbio de informações sobre publicações periódicas entre sistemas de computador em todos os níveis, levaram à atribuição de códigos numéricos que identifiquem concisa e precisamente títulos específicos. Arquivos de computador são de mais rápido acesso desde que usado endereçamento numérico, o qual simplifica a manipulação dos registros.

O ISSN

Várias possibilidades de codificação foram consideradas por um subcomitê estabelecido em 1968 pelo American National Standards Institute /Z-39 Committee. Desde o início foi reconhecido que um acordo internacional para um código normalizado seria vital e, conseqüentemente, o anteprojeto de norma americana foi apresentado ao International Organization for Standardization/Technical Committee (ISO TC - 46). Em seu devido tempo, um anteprojeto de norma da ISO para criação do International Standard Serial Number (ISSN) foi esboçado. A norma definitiva tem o número ISO 3297.

O ISSN consiste de 8 dígitos, sendo que o último é um dígito verificador. Esses 8 dígitos são impressos em 2 grupos de 4 dígitos separados por um hífen. Ao contrário do ISBN, o ISSN não tem outra significação a não ser a identificação de uma publicação seriada.

O ISSN é atribuído aos títulos estabelecidos pelos centros do ISDS de acordo com as normas recomendadas, e, não se pode atribuir mais de um ISSN a uma publicação seriada, qualquer que seja a quantidade de títulos ou variações que figurem nesta publicação. Uma vez anulado, um ISSN deverá ser retirado definitivamente de circulação.

Por razões de controle decidiu-se, a nível internacional, que é indispensável eleger para cada publicação um título normalizado, chamado título-chave, e lhe associar o ISSN de maneira indissolúvel. O título-chave é estabelecido pelo centro nacional do ISDS responsável pelo registro da publicação e tirado do título que aparece na capa da mesma, na língua original, e transliterado, se for o caso, para alfabeto latino.

Para que se possa atribuir o ISSN a uma publicação é necessário preencher uma folha de entrada, cujos dados irão alimentar o arquivo do Centro Internacional. Para essa folha de entrada são necessários os seguintes elementos extraídos da publicação.

- Data de início da publicação;
- Data de término da publicação;
- Estado da publicação (significando: em curso, interrompida, desconhecida);
- Periodicidade;
- Tipo de publicação (por exemplo: jornais, série monográfica ou outro tipo);
- Número de classificação (CDD ou CDU);
- Notas tipográficas: local (cidade) e editor;
- Títulos anteriores;
- Títulos posteriores;
- Se é editado em outras línguas;
- Se tem edições em outras línguas;
- Se é suplemento ou *inserção* de outra publicação;
- Se tem suplemento ou *inserção*;

Todos esses dados vão entrar no arquivo do Centro Internacional. Para manter a atualização deste arquivo o Centro Nacional deve indicar as cessações e as mudanças de título que vão ocasionar atribuições de um novo título-chave e conseqüentemente de um novo ISSN, quando houver as seguintes modificações no título:

- Substantivos ou adjetivos substituídos, suprimidos, ou anexados;
- Mudanças na ordem das palavras;
- Mudança do nome da instituição editora quando ele faz parte do título-chave;
- Quando a instituição editora está ligada gramaticalmente ao resto do título-chave e há uma mudança na forma deste nome; por exemplo, a substituição de iniciais por um nome extenso ou vice-versa;

- Mudança na ortografia das palavras, quando esta mudança se efetua na primeira letra ou modifica o sentido da palavra; toda mudança de sigla e de iniciais.

No sentido da atualização do arquivo do Centro Internacional, o IBICT está controlando as entradas já feitas anteriormente seja pelo ULRICH, seja pelo NST (New Serial Titles), seja pelo Centro Internacional, a fim de evitar duplicações (mais de um ISSN para a mesma publicação) e erros relativos aos dados já mencionados. Ao mesmo tempo, o IBICT está enviando ao Centro Internacional os dados coletados aqui no Brasil com o objetivo de que todos os periódicos brasileiros sejam introduzidos no Banco de dados do ISDS.

Para que essa tarefa seja plenamente realizada, o IBICT necessitará da colaboração de todos que sejam responsáveis por bibliotecas ou edição de publicações. A fim de conseguir o mais rapidamente possível enriquecer o arquivo do Centro Internacional com os dados dos periódicos brasileiros, é preferível que o trabalho seja descentralizado. Os responsáveis citados anteriormente poderão mandar os dados já mencionados ao IBICT que deverá fazer o devido controle. Assim a atribuição de um ISSN se fará com rapidez e este número poderá ser impresso na publicação num lugar de destaque.

A LINGUAGEM DE INDEXAÇÃO DO SISTEMA
DE INFORMAÇÕES DE TRANSPORTES

Comunicação à Conferência Brasileira de
Classificação Bibliográfica pelo Centro
de Informática do Ministério dos Trans-
portes.

Waldyr Camillo de Mattos,

Serviço de Documentação do Centro de
Informática do Ministério dos Transportes

Acha-se em início de implantação, no Ministério dos Transportes, um sistema de informações de transportes. Deste fazem parte os órgãos de documentação e pesquisa dos diferentes órgãos modais do Ministério. E a ele podem aderir outros, como por exemplo, os das Secretarias de Transportes dos Estados e os de universidades brasileiras. De passagem, lembra-se que já existiam, no Ministério dos Transportes, vários órgãos de documentação e pesquisa especializados em assuntos de transportes, alguns dos quais dispondo de centros de computação eletrônica, o que dá grande consistência inicial ao sistema de cuja implantação se cuida.

Entre os primeiros trabalhos a fazer por este, acha-se a *indexação analítica* dos documentos existentes em seus órgãos. Daí a necessidade de se elaborar uma linguagem de indexação, em forma de *thesaurus*. Este objetiva, acima de tudo, a realização desse trabalho, em linguagem da comunidade de transportes. Respeitar-se-ão, portanto, os sistemas de classificação e catalogação já adotados, em geral CDD e CDU, nos setores tradicionais de documentação.

O primeiro esboço de *thesaurus* foi editado pelo Centro de Documentação do Ministério dos Transportes em princípio de 1975. A segunda edição já está no prelo e deve ser distribuída em outubro próximo.

A linguagem comum de indexação, expressa no *thesaurus* deverá ser empregada conforme *metodologia de análise*, também uniforme para todo o sistema. Uma proposta neste sentido está consubstanciada nos *manuals* elaborados pelo Diretor do Centro de Informática do Ministério dos Transportes, resultantes ou desenvolvidos em cursos práticos de formação de analistas operacionais de documentação de transportes, realizados, entre 1974 e 1976, no Centro de Documentação e Publicação do Ministério dos Transportes (antecessor do seu Centro de Informática).

Embora não visando especificamente a organização de documentação, o *thesaurus* poderá ser empregado na classificação e catalogação de documentos, se assim o desejar o órgão de documentação. Isso será mesmo aconselhável, se o acervo estiver sendo organizado ou vai ser organizado. Tal aplicação acha-se exemplificada na introdução à tabela de Planejamento de Transporte.¹

A flexibilidade dos thesauri

É principalmente nesse aproveitamento que se evidencia a grande superioridade dos *thesauri* sobre os sistemas convencionais de classificação de assuntos.

Partindo de suas necessidades organizacionais ou funcionais, o órgão de documentação ou elemento interessado na organização de um acervo documental, poderá, com base na terminologia dos *thesauri*, *organizar outra tabela ou elaborar nova com acréscimo de novos termos*. Suponhamos que a Divisão de Segurança e Informações do Ministério dos Transportes ou o Instituto de Pesquisas Hidroviárias, queiram elaborar tabelas próprias. Partindo do gabarito básico.

Formas gerais

Documentos

Pessoas (físicas e jurídicas)

Funções

¹ Essa tabela, assim como as demais relativas aos diferentes assuntos de transportes, poderá ser consultada na obra a que se refere esta comunicação, ora em fase final de impressão, com divulgação prevista a partir de outubro próximo.

Atributos comuns (adjetivos e substantivos)

Formas gerais de ação

Assuntos específicos (que formulará)

A Divisão ou o Instituto arrumará os termos já existentes no *thesaurus*, colocando sua notação à direita. Os termos novos, por ventura incorporados, seriam levados ao conhecimento do órgão central do sistema de informações de transportes, o qual, através de seu catálogo central, os homologaria, os incluiria nas áreas competentes do *thesaurus* e os incorporaria em edição posterior deste.

Poderiam, os mesmos órgãos adotar outro gabarito, desde que seguissem o procedimento preconizado para adoção e desenvolvimento da terminologia.

Composta, assim, a tabela, atribuir-se-iam notações a todos os termos, ficando as dos termos antigos entre parênteses, as dos novos sem parênteses, porém na sequência adotada. A organização da tabela de Planejamento dos Transportes, já referida, é um bom exemplo do procedimento focalizado.

Generalizando, dizemos que a terminologia do *thesaurus* pode ser rearrumada, de modo integral, ou parcialmente, da maneira que mais convenha ao órgão ou elemento interessado. Igualmente, podem ser criadas tabelas para assuntos ainda não desenvolvidos, utilizando-se, em parte, terminologia já incorporada, como por exemplo, a dos conceitos abstratos. Para atender a essa criação, preocupamo-nos em abrir o maior número possível de "canais", expressos em termos novos incluídos nas tabelas da edição do *thesaurus* prestes a vir a lume.

O Centro de Informática do Ministério dos Transportes acolherá com prazer toda e qualquer contribuição que lhe seja apresentada, quanto à inclusão de novos termos em tabelas já existentes, e relativamente a tabelas de assuntos ainda não desenvolvidos ou insuficientemente desenvolvidos.

Assim estaremos todos contribuindo para a elaboração de uma linguagem nacional de indexação, instrumento primordial para a pesquisa integrada de assuntos brasileiros. Tal linguagem está em largos traços esboçada no trabalho objeto desta comunicação e cremos, já definitiva no caso dos assuntos de Transportes Brasileiros, além de alguns outros.

DESARROLLO DEL 312 DEL DEWEY PARA DEMOGRAFIA

Mónica Ferrer J.
Documentalista

Desarrollo del 312 del Dewey para Demografía Mónica Ferrer J., Documentalista do Centro latinoamericano de Documentación Económica y Social - CLADES, Santiago.

INTRODUCCION

Partiendo de la base que en la Ed. 17 del Dewey no habia un desarrollo detallado para Demografía y por lo tanto habia que tener una adaptación si que quería aplicar la clasificación para una biblioteca especializada en población se tomo como punto de partida la clase 312, Estadísticas demográficas, y se le denominó Demografía.

En la Ed. 18 la parte de Demografía viene mas desarrollada, pero aun es insuficiente, como lo es también la parte de Estadística.

La Demografía se ha convertido en una ciencia de vital importancia para las Ciencias Sociales. Estimo que no es suficiente haberle asignado el 301.32 (ed. 18) sino que debe tener una subclase entera para ella como es la 312.

Este trabajo lo realizé durante los 4 años que me desempeñe como bibliotecaria (catalogadora y clasificadora) en la Biblioteca "Giorgio Mortara" del Centro Latinoamericano de Demografía, CELADE. Actualmente trabajo como Documentalista del Centro Latinoamericano de Documentación Económica y Social, CLADES, de Naciones Unidas. De-

bo dejar en claro que este trabajo representa mis opiniones personales y no las del CIADES.

En la realización de este trabajo me basé en una adaptación existente en la Biblioteca del CELADE para el 312 que se había hecho años atrás con los demografos del Centro, en el Population Index, Diccionario Demográfico de Naciones Unidas e innumerables textos básicos de Demografía general, Fecundidad, Migración, etc.

- 312 *DEMOGRAFIA*
- 312.001 Metodología demográfica
- 312.016 Bibliografías sobre población
- 312.02 Manuales
- 312.03 Diccionarios, enciclopedias, glosarios de población
- 312.04 Ensayos
- 312.05 Publicaciones periódicas
- 312.058 Directorios
- 312.06 Organizaciones
- 312.061 Organizaciones gubernamentales
- 312.062 Organizaciones no-gubernamentales
- 312.063 Conferencias y congresos
- 312.07 Estudio y enseñanza de la Demografía
- 312.08 Colecciones
- 312.09 DEMOGRAFIA HISTORICA
- 312.1 *DINAMICA DE LA POBLACION*
- 312.11 Teorías de población
- 312.111 Demografía matemática (matemáticas de la población, modelos)
- 312.12 Crecimiento de la población
- 312.13 Proyecciones de población
- 312.14 Estimaciones de población
- 312.15 Tasas de crecimiento
- 312.16 Sobrepoblación (overpopulation) - explosión demográfica
- 312.17 Crecimiento cero (Zero Population growth)
- 312.18 Población mundial
- 312.181 Población mundial y planificación familiar
- 312.19 Población optima
- 312.2 *ESTUDIOS DEMOGRAFICOS*
- 312.21 Africa

312.22	Asia
312.23	Europa
312.24	América Latina
312.25	América Central
312.26	América del Norte
312.27	
312.28	
312.29	
312.3	<i>DADOS BASICOS</i>
312.31	Censos de población (Incl. los censos de población y viviendas que hacen juntos)
312.311	Censos de vivienda (sêlos)
312.312	Censos agropecuarios o agrícolas
312.313	Censos industriales o manufactureros
312.314	Otros censos
312.32	Encuestas
312.321	Encuestas de fecundidad
312.322	Encuestas de mortalidad
312.323	Encuestas de migración (interna e internacional)
312.324	Encuestas de población activa
312.33	Muestreo
312.34	Estadísticas vitales
312.35	Estadísticas demográficas
312.36	Análisis demográfico
312.37	
312.38	
312.39	
312.4	<i>FECUNDIDAD - NATALIDAD (Reproducción, Uniones Libres, etc.)</i>
312.41	Fecundidad diferencial (clases, educación, etc.)
312.42	Tasas y encuestas
312.43	Planificación familiar, control de la natalidad
312.431	Programas de planificación familiar
312.432	Evaluación de programas de planificación familiar
312.433	Estadísticas de servicio
312.434	Contraceptivos - anticonceptivos
312.435	
312.44	Matrimonio - nupcialidad - Uniones libres
312.441	Divorcio - separación
312.442	Viudez

- 312.443
- 312.444
- 312.45 Esterilidad
- 312.46 Aborto
- 312.461 Aborto inducido
- 312.462
- 312.47 Ilegitimidad
- 312.48 KAP, estudios de conomimiento, actitud y práctica
- 312.5 *MORTALIDAD - MORBILIDAD*
- 312.51
- 312.52 Causas de muerte
- 312.53 Clasificación internacional de enfermedades
- 312.54 Mortalidad infantil
- 312.541 Mortalidad neonatal
- 312.542 Mortalidad perinatal
- 312.55 Mortalidad materna
- 312.56 Tablas de vida
- 312.561 Tablas abreviadas de vida
- 312.57 Descenso de la mortalidad
- 312.58 Morbilidad
- 312.59 Estabilidad - población inerte
- 312.6 *DISTRIBUCION DE LA POBLACION*
- 312.61 Migración internacional
- 312.611 Fuga de cerebros (brain drain)
- 312.612 Aspectos económicos (mercado de trabajo de los migrantes, etc.)
- 312.613 Aspectos sociales (problemas de asimilación e integración)
- 312.614 Refugiados
- 312.62 Migración interna
- 312.621 Rural-rural
- 312.622 Rural-urbana
- 312.623 Urbana
- 312.63 Urbanización - Metropolización (estudios sobre la ciudad)
- 312.64 Industrialización
- 312.65 Distribución geográfica o por regiones
- 312.66 Distribución política
- 312.67 Distribución de la población por sexo
- 312.68 Distribución de la población por edad

- 312.681 Niños (0-14)
- 312.682 Adoslescentes, juventud .
- 312.683 Adultos
- 312.684 Viejos (incl. jubilados)
- 312.685
- 312.69 Analfabetismo - alfabetismo
- 312.7 *POBLACION ECONOMICAMENTE ACTIVA (PEA)*
(incl. participación, mano de obra, recursos humanos, fuerza
za de trabajo)
- 312.71
- 312.721 PEA femenina
- 312.722
- 312.73 Desempleo (inactivos, cesantia)
- 312.731 Subempleo
- 312.74 PEA urbana
- 312.741 PEA urbana - industrials (incl. classificaciones ocupacionales
nales e industriales)
- 312.742
- 312.75 PEA rural
- 312.76 Recursos humanos
- 312.77
- 312.78
- 312.79
- 312.8 *POLITICAS DE POBLACION*
- 312.81 Legislación en fecundidad
- 312.811 Legislación en aborto
- 312.82 Legislación migración interna
- 312-83 Legislación sobre migración internacional
- 312.84 Legislación sobre empleo
- 312.85 Resoluciones de población
- 312.86
- 312.87
- 312.88
- 312.89

I N D I C E

A		B	
Aborto	312,46	Bibliografías	312.016
inducido	312.461	Brain drain	
legislación	312.811	v. fuga de cerebros	
Adolescentes	312.682		
Adultos	312,683	C	
Agrícola v. rural		Causas de muerte	312,52
Africa, Est. dem	312.21	Censos	
América Central	312.25	población	312.31
América Latina	312,24	agrícola	312.312
América del Norte	312.26	vivienda	312.311
Análisis demográfico	312,36	industrial	312.313
Asia	312.22	manufacturero	312.313
Aspectos económicos		Ciudad	312.63
demográficos	312.91	Clasificación	
migraciones	312,612	industrial	312.741
Aspectos sociales		ocupacionales	
generales	312.92	Colecciones	312,08
migración	312.613	Conferencias	312.063
Aspectos culturales	312.96	Congresos	312.063
Aspectos salud	312.93	Control de la natalidad	312.43
Aspectos médicos	312.94	Contraceptivos	312.433
Aspectos educaciona-		Composición de la	
les	312,95	población	312.6
Aspectos psicológicos	312.97	por sexo	312.67
Anticonceptivos	312.432	por edad	312.68
Analfabetismo	312.69	Crecimiento de la	
Asistencia técnica	312,98	población	312.12
		cero	312,17
		D	
		Datos básicos	312,3
		Defunción	312.5

Demografía		América del Norte	312.26
económica	312.91	Asia	312.22
histórica	312.09	Europa	312.23
social	312.92	Estudio y enseñanza de	
matemática	312,111	la Demografía	312.07
Descenso mortalidad	312.57	Europa, Estudios dem.	312.23
Desempleo	312.73	Estadísticas vitales	312.34
Densidad	312.19	Estadísticas domográfi-	
Diccionarios demogr.	312.03	cas	312.35
Directorios demogr.	312.058	Explosión demográfi-	
Dinámica de la pobl.	312.1	ca	312.12
Distribución			
por edad	312.68	F	
por sexo=	312.67	Fecundidad	312.4
geográfica	312.65	diferencial	312.41
política	312.66	encuestas	312.42
Divorcio	312.441	legislación	312.81
		tasas	312.42
		Fuerza de trabajo	312.7
E		Fuga de cerebro	312.611
Encuestas	312.32		
Edad, distribución	312.68	G	
Educación	370	Glosarios de pobalción	312.03
aspectos educ.	312.95	Grupos de edades	
Ensayos demográficos	312,04		
Enciclopedias pobl.	312.03	H	
Empleo		Habitación v. Vivienda	
v. Ocupación			
Población activa		I	
Emigrante	312.61	Inactivos	312.73
Estabilidad	312,59	Indígena, prob.	
Esterilidad	312.45	Infantil	
Estimaciones	312.14	mortalidad	312.54
Estudios demográficos			
Africa	312.21		
América Central	312.25		
América Látina	312.24		

mortalidad	312.56
Tasas de crecimiento	312.15
Técnicas	
Teorías de población	312.11
Trabajo	312.7

U

Uniones	312.44
Urbanización	312,63
Urbanismo	
Urbano	
población	312.622
población activa	312.74
PEA - industrias	312.741
Urbe v. ciudad	312.63

V

Vejez	312.684
Vidad	
tablas de	312.56
tablas abreviadas	312.561
Viejos	312.684
Vitales, estadísticas	
Viudez	312.442
Vivienda	

ENCABEZAMIENTOS DE MATERIAS PARA UNA
BIBLIOTECA DE POBLACION

Mónica Ferrer J.

Documentalista do Centro Latinoamericano de
Documentación Economica y Social
CLADES, Santiago

ENCABEZAMIENTOS DE MATERIAS PARA DEMOGRAFIA

Los encabezamientos de materias que aqui se mencionan son para ser usados en bibliotecas especializadas en Demografia.

Al elaborar esta lista se ha tenido en cuenta las nesidades básicas para América Latina, con el objeto de ayudar de alguna manera a uniformar el lenguaje demográfico latinoamericano.

Se tomaron en cuenta todas las ciencias que tienen relación con la Demografía, por lo tanto es bastante exhaustiva. La lista no puede ser considerada como algo definitivo ya que con el tiempo se necesita perfeccionarla y enriquecerla con nuevos encabezamientos de materias que las necesidades requieran.

La lista está basada en los encabezamientos usados en la Biblioteca "Giorgio Mortara" de CELADE, en diccionarios, glosarios, libros y manuales básicos de Demografía, índices, obras de referencias, etc.

Los encabezamientos aceptados van en letras mayusculas.

Ej.: AGRICULTURA
ABORTO
ABORTO INDUCIDO
FECUNDIDAD

Los encabezamientos no usados van en letras minusculas, seguidos de v. que significa véase seguido del encabezamiento usado en letra mayuscula.

Ej.: Anticonceptivos v. CONTRACEPTIVOS

Los subencabezamientos (encabezamientos que pueden subordinarse o relacionarse con cualquiera de los principales) van en letras minúsculas seguidos (subenc.)

Ej.: Asia (subenc.)

Aspectos sociales (subenc.)

Metodología (subenc.)

Esto significa que se puede poner Asia bajo cualquier encabezamiento principal, pero no puede ser usado éste como principal

FECUNDIDAD - ASIA

MORTALIDAD - ASIA

FECUNDIDAD - METODOLOGIA

A pesar que el subencabezamiento está escrito en minúscula, este debe ser usado en mayúsculas en las fichas secundarias.

Cuando el encabezamiento puede subdividirse geográficamente está indicado entre parentesis (subdiv. geogr.)

Ej.: ABORTO - (Subdiv. geogr.)

MARGINALIDAD - (Subdiv. geogr.)

En realidad casi todos los encabezamientos pueden subdividirse geográficamente siempre que las necesidades así lo requieran.

Los encabezamientos que se relacionan unos con otros o que indican ideas afines llevan una referencia de va. que significa véase además.

Ej.: ECONOMIA (Subdiv.) va. PLANIFICACION ECONOMICA

POBLACION Y DESARROLLO ECONOMICO

POBLACION ACTIVA va. OCUPACIONES

TRABAJO

RECURSOS HUMANOS

Los encabezamientos que van seguidos (materias) indican que se puede agregar cualquiera de los encabezamientos principales.

Ej.: DIRECTORIOS - (Materias)

DIRECTORIOS - ESTADISTICA

DIRECTORIOS - POBLACION

INGRESOS - (Materias)

INGRESOS - AGRICULTURA

INGRESOS - EDUCACION

Está permitido usar nombres propios como encabezamientos cuando sea necesario.

Ej.: MALTHUS
KEYNES
MORTARA

Las subdivisiones bajo MATEMATICAS quedaron muy desarrolladas en cambio las de COMPUTACION necesitan aun de un mayor desarrollo.

ABORTO (subdiv. geogr.)
ABORTO - Legislación
ABORTO INDUCIDO

ADMINISTRACION
ADMINISTRACION DE ENPRESAS
ADMINISTRACION DE GOBIERNO
ADMINISTRACION RURAL

AFRICA (subencabezamiento)
AFRICA ECUATORIAL (subenc.)
AFRICA OCCIDENTAL (subenc.)
AFRICA OCCIDENTAL FRANCESA (subenc.)
AFRICA TROPICAL (subenc.)

AFRICULTURA (subdiv. geogr.)

ALFABETIZACION (subdiv. geogr.)

ALIMENTACION v. NUTRICION

AMERICA CENTRAL
AMERICA DEL NORTE
AMERICA DEL SUR
AMERICA LATINA

Análisis demográfico v. DEMOGRAFIA - ANALISIS

ANALISIS DE DATOS
ANALISIS DE SISTEMAS
ANALISIS ECONOMICO
ANALISIS MATEMATICO
ANALISIS ESTADISTICO

ANALFABETISMO (subdiv. geogr.)

Anticonceptivos v. CONTRACEPTIVOS

ANTROPOLOGIA (subdiv. geogr.)

ANTROPOLOGIA SOCIAL (subdiv. geogr.)

Asambleas (subenc.)

Asia (subenc.)

ASISTENCIA TECNICA (subdiv. geogr.)

Asistencia tecnica - Población v. POBLACION - ASISTENCIA TECNICA

Aspectos sociales (subenc.)

Aspectos demográficos

Aspectos biológicos

Aspectos psicológicos

Aspectos económicos

Aspectos étnicos

Aspectos socio-económicos

Aspectos educacionales

Aspectos financieros (subenc.)

Aspectos geográficos

Aspectos legales

Aspectos políticos

Aspectos técnicos

Aspectos médicos

Aspectos culturales

ATLAS (subdiv. geogr.)

Bibliografías (subenc.)

BIBLIOTECOLOGIA (subdiv. geogr.)

BIBLIOTECOLOGIA-ALFABETIZACION

BIBLIOTECOLOGIA-CATALOGACION

BIBLIOTECOLOGIA-DIRECTORIOS

BIBLIOTECOLOGIA-ENCABEZAMIENTOS DE MATERIA

BIBLIOTECOLOGIA

Bioestadística v. ESTADISTICAS VITALES

CAMBIOS SOCIALES

Cálculo matemático v. MATEMATICAS - CALCULO

CARIBE

CENSOS (subdiv. geogr.)
 CENSOS (asunto)
 CENSOS - DATOS
 CENSOS - ENUMERATION
 CENSOS - ERRORES
 CENSOS - POBLACION
 CENSOS - TABULACIONES
 CENSOS - ESTIMACIONES
 CENSOS - METODOS
 CENSOS - VIVIENDA
 CENSOS - POBLACION Y VIVIENDA
 CENSOS - RESULTADOS
 CENSOS INDUSTRIALES
 CENSOS AGROPECUARIOS
 CENSOS ESCOLARES

Centroamerica v. AMERICA CENTRAL

CIENCIAS MEDICAS
 CIENCIAS MEDICAS - ESTUDIO Y ENSEMANZA
 CIENCIAS POLITICAS
 CIENCIAS SOCIALES (subdiv. geogr.)
 CIENCIAS SOCIALES - COMPUTACION
 CIENCIAS SOCIALES - ESTUDIO Y ENSEMANZA
 CIENCIAS SOCIALES - METODOLOGIA

Clasificación industrial v. INDUSTRIAS - CLASIFICACION

CODIGOS

Colección y calidad de los datos básicos v. METODOLOGIA ESTADISTICA
 METODOLOGIA DEMOGRAFICA
 ESTADISTICAS DEMOGRAFICAS

COMPUTACION
 COMPUTACION - ENSEMANZA
 COMPUTACION - METODOLOGIA
 COMPUTACION - PROCESAMIENTO

COMPUTACION - PROGRAMAS
 COMPUTACION - SIMULACION
 COMPUTACION - SISTEMAS
 COMPUTACION - LENGUAJES

COMUNICACION o COMUNICADORES (subenc.)

CONFERENCIAS Y CONGRESOS - Ciudad, País

CONTRACEPTIVOS

CONTRACEPTIVOS INTRAUTERINOS

CUENTAS NACIONALES

Consecuencias economicas (subenc.)

Consecuencias sociales (subenc.)

Crecimiento economico v. ECONOMIA - CRECIMIENTO

Crecimiento demográfico v. POBLACION - CRECIMIENTO

Datos - Elaboración v. ELABORACION DE DATOS

Datos - Recolección v. " "

Datos censales v. CENSOS - DATOS

Datos demográficos v. ELABORACION DE DATOS

DEMOGRAFIA (subdiv. geogr.)

DEMOGRAFIA - ANALISIS

DEMOGRAFIA - COMPENDIOS ESTADISTICOS

DEMOGRAFIA - ESTADISTICAS v. ESTADISTICAS DEMOGRAFICAS

DEMOGRAFIA - ESTUDIO Y ENSEÑANZA

DEMOGRAFIA - INSTITUCIONES

DEMOGRAFIA - TRANSICION

DEMOGRAFIA - INVESTIGACION

Demografia - Metodologia v. METODOLOGIA DEMOGRAFICA

DEMOGRAFIA - PLANEAMIENTO

DEMOGRAFIA Y ECONOMIA

DEMOGRAFIA Y SALUD PUBLICA

DEMOGRAFIA Y SOCIOLOGIA

DEMOGRAFIA Y SEGURIDAD SOCIAL

DEMOGRAFIA Y DESARROLLO

DEMOGRAFIA HISTORICA

DEMOGRAFIA MATEMÁTICA

DEMOECONOMIA

Demometria v. POBLACION - MATEMATICAS

DERECHOS HUMANOS

DESEMPLEO

DESARROLLO (subdiv.geogr.)

DESARROLLO ECONOMICO

DESARROLLO ECONOMICO Y SOCIAL

DESARROLLO SOCIAL

DESARROLLO REGIONAL (subdiv.geogr.)

DESARROLLO RURAL (subdiv.geogr.)

DESARROLLO URBANO (subdiv.geogr.)

DESARROLLO Y EDUCACION

DESARROLLO Y SUBDESARROLLO

Descriptores (subenc.)

DICCIONARIOS (idiomas)

DICCIONARIOS (materias)

DICCIONARIOS - SINONIMOS Y ANTONIMOS

DIRECTORIOS (Materias)

Distribución del ingreso v. INGRESO - DISTRIBUCION

DISTRIBUCION ESPACIAL (subdiv.geogr.)

DISTRIBUCION ESPACIAL - RURAL

DISTRIBUCION ESPACIAL - URBANA

DIVISION POLITICA ADMINISTRATIVA (subdiv.geogr.)

DIVORCIO (subdiv.geogr.)

DIVORCIO - ESTADISTICAS

DIVORCIO - TENDENCIAS

DOCUMENTACION

DOCUMENTACION - DESCRIPTORES

ECOLOGIA (subdiv. geogr.) va. GEOGRAFIA HUMANA, MEDIO AMBIENTE

ECOLOGIA ANIMAL

ECOLOGIA HUMANA

ECOSISTEMAS

ECONOMETRIA

ECONOMIA (subdiv.geogr.) va. PLANIFICACION ECONOMICA; POBLACION Y

DESARROLLO ECONOMICO

ECONOMIA - ANALISIS
 ECONOMIA - ENSEÑANZA
 ECONOMIA - METODOLOGIA
 ECONOMIA - NUMEROS INDICES
 ECONOMIA - PROBLEMAS
 ECONOMIA - SISTEMA MONETARIO
 ECONOMIA - POLÍTICAS
 ECONOMIA - TEORIAS
 ECONOMIA - TEORIAS - CAPITALISMO
 ECONOMIA - TEORIAS - MARXISMO
 ECONOMIA AGRARIA
 ECONOMIA FINANCEIRA
 ECONOMIA HISTORICA
 ECONOMIA INDUSTRIAL
 ECONOMIA INTERNACIONAL
 ECONOMIA POLÍTICA
 ECONOMIA SANITARIA
 ECONOMIA Y EDUCACION v. EDUCACION Y ECONOMIA
 ECONOMIA Y RECURSOS NATURALES
 ECONOMIA Y SALUD PUBLICA
 ECONOMIA Y POBLACIÓN v. POBLACION Y ECONOMIA
 EDUCACION (subdiv. geogr.)
 EDUCACION - METODOLOGIA
 EDUCACIÓN - ESTADISTICAS EDUCACIONALES
 EDUCACION - RECURSOS HUMANOS V. RECURSOS HUMANOS EDUCACION
 EDUCACION - ESTIMACIONES
 EDUCACION - PLANEAMIENTO
 EDUCACION - MODELOS MATEMATICOS
 EDUCACION - PROYECCIONES
 EDUCACION DE ADULTOS
 EDUCACION PROFESIONAL
 EDUCACION Y DESARROLLO v. DESARROLLO Y EDUCACION
 EDUCACION Y ECONOMIA
 EDUCACION Y ESTRATIFICACION SOCIAL v. ESTRATIFICATION SOCIAL Y
 EDUCACION
 EDUCACION Y MATRIMONIO
 ELABORACION DE DATOS
 EMPLEO v. OCUPACIONES
 ENCICLOPEDIAS

ECONOMIA - MACROECONOMIA

ENCUESTAS - (Materias) - Subdiv. geogr.
ENCUESTAS - ANALISIS
ENCUESTAS - ERRORES
ENCUESTAS - LEWIS-FANNING
ENCUESTAS MUESTREO
ENCUESTAS - TECNICAS
Encuestas - Opinion pública v. ENCUESTAS SOCIALES
ENCUESTAS DEMOGRAFICAS
ENCUESTAS EDUCACIONALES
Encuestas hogares v. ENCUESTAS DEMOGRAFICAS
ENCUESTAS INDUSTRIALES
ENCUESTAS OCUPACIONALES
ENCUESTAS SOCIALES
ENCUESTAS SOCIOECONOMICAS

Enumeración v. CENSOS - ERRORES
Errores en encuestas v. ENCUESTAS - ERRORES

ESTADISTICA - (subdiv. geogr.)
ESTADISTICA - ESTUDIO Y ENSEÑANZA
ESTADISTICA - INSTITUCIONES Y ORGANIZACIONES
ESTADISTICA - METODOS GRAFICOS
ESTADISTICA - ANALISIS
Estadística - Metodología v. METODOLOGIA ESTADISTICA
ESTADISTICA - PROGRAMAS SOCIALES
ESTADISTICA - TABLAS
ESTADISTICA - INTRODUCCION
ESTADISTICA - TEORIAS
ESTADISTICA APLICADA
ESTADISTICA ACTUARIAL
ESTADISTICA DEMOGRAFICA
ESTADISTICA ECLESIASTICA
ESTADISTICA ELEMENTAL
ESTADISTICA ELEMENTAL - ANALISIS
ESTADISTICA EDUCACIONAL
ESTADISTICA GEOGRAFICA
ESTADISTICA GUBERNAMENTAL
ESTADISTICA MATEMATICA
ESTADISTICA MATEMATICA - PROBABILIDADES
ESTADISTICA MEDICA
ESTADISTICA SANITARIA

FECUNDIDAD Y MORTALIDAD INFANTIL

FERTILIDAD (subdiv. geogr.)

FUERZA DE TRABAJO v. POBLACION ACTIVA

Fuga de cerebros v. MIGRACION - FUGA DE CEREBROS

GENETICA (subdiv. geogr.)

GENETICA HUMANA

GENETICA Y SALUD PUBLICA

GEOGRAFIA (subdiv. geogr.)

GEOGRAFIA AGRARIA

GEOGRAFIA ECONOMICA

GEOGRAFIA HISTORICA

GEOGRAFIA HUMANA va. ECOLOGIA; MEDIO AMBIENTE

GEOGRAFIA INDUSTRIAL

GEOGRAFIA POBLACIONAL

GEOGRAFIA POLÍTICA

GEOGRAFIA REGIONAL

GEOGRAFIA URBANA

GEOGRAFIA URBANA Y REGIONAL

GERONTOLOGIA (Subdiv. geogr.)

HAMBRE

Herencia v. GENETICA

Hispancamerica (subenc.)

Historia de la Población v. DEMOGRAFIA HISTORICA

HISTORIOGRAFIA

Indios v. POBLACION INDIGENA

INDICADORES ECONÓMICOS

INDICADORES SOCIALES

INDUSTRIAS

INDUSTRIAS - CLASIFICACION

INDUSTRIALIZACION (subeiv. geogr.)

INGRESOS (subdiv. geogr.)

INGRESOS - DISTRIBUCION (subdiv. geogr.)

INGRESOS - (Materias) (Agricultura, Educación, etc.)

Instituciones y Organizaciones (subenc.)

INVESTIGACION CIENTIFICA

INVESTIGACION SOCIAL

INVESTIGACION SOCIAL Y DEMOGRAFIA

JUVENTUD

JUVENTUD - PROBLEMAS

KAP

KEYNES

Legislación (subenc.)

Lejano Oriente (subenc.)

Leyes sociales v. SEGURIDAD SOCIAL

LOGARITMOS

LOGARITMOS - REGLAS

MAPAS (subdiv. geogr.)

MALTHUS

Mano de obra v. POBLACION ACTIVA

MARGINALIDAD (subdiv. geogr.)

MARGINALIDAD URBANA

MATEMATICAS

MATEMATICAS - ALGEBRA

MATEMATICAS - ANALISIS NUMERICO

MATEMATICAS - BIOMETRIA

MATEMATICAS - CALCULO

MATEMATICAS - CALCULO - FUNCIONES

MATEMATICAS - DETERMINANTES

MATEMATICAS - ECUACIONES MATEMATICAS tiene demasiadas

MATEMATICAS - ECUACIONES DIFERENCIALES

MATEMATICAS - ECUACIONES DIFERENCIALES

MATEMATICAS - ECUACIONES INTEGRALES

MATEMATICAS - FUNCIONES

MATEMATICAS - GEOMETRIA

MATEMATICAS - INTEGRACION NUMERICA

MATEMATICAS - INTERPOLACION

MATEMATICAS - MATRICES

MATEMATICAS - METODOLOGIA

MATEMATICAS - TABLAS

MATEMATICAS - TOPOLOGIA

MATEMATICAS ACTUARIALES

MATEMATICAS APLICADAS

MATEMATICAS FINANCEIRAS

MATRIMONIO (subdiv. geogr.)

MATRIMONIO - EDUCACION

MATRIMONIO - ESTADISTICAS

MEDICINA

MEDIO AMBIENTE (subdiv. geogr.) va. ECOLOGIA; GEOGRAFIA HUMANA

Metodologia (subenc.)

METODOLOGIA DEMOGRAFICA

METODOLOGIA ESTADISTICA

METODOLOGIA SOCIAL

Metodologia censal v. CENSOS - METODOLOGIA

Métodos gráficos v. ESTADISTICA - METODOS GRÁFICOS

MIGRACION (subdiv. geogr.)

MIGRACION (subdiv. geogr.)

MIGRACION - FUGA DE CEREBROS

MIGRACION - LEGISLACION

MIGRACION - PROYECCIONES

MIGRACION - REGUGIADOS

MIGRACION - TASAS

MIGRACION DIFERENCIAL

MIGRACION INTERNA (subib. geogr.)

MIGRACION INTERNA - ESTIMACIONES

MIGRACION INTERNA - PROBLEMAS

MIGRACION INTERNA Y URBANIZACION

MIGRACION INTERNACIONAL

MIGRACION Y EDUCACION

MIGRACION Y FECUNDIDAD

MIGRACION ITALIANA - CHILE (Italianos em Chile. Se puede usar con
qualquier país).

MORBILIDAD (subdiv. geogr.)

MORBILIDAD - ESTADISTICAS

MORTALIDAD (subdiv. geogr.)

MORTALIDAD - CAUSAS

MORTALIDAD - ESTIMACIONES

MORTALIDAD - PROYECCIONES

MORTALIDAD - TABLAS

MORTALIDAD - TABLAS ABREVIADAS

MORTALIDAD - TASAS

MORTALIDAD - TENDENCIAS

MORTALIDAD - CARACTERÍSTICAS SOCIO-ECONOMICAS

MORTALIDA DIFERENCIAL

MORTALIDAD FETAL

MORTALIDAD INFANTIL (subdiv. geogr.)

MORTALIDAD MATERNA
MORTALIDAD MUNDIAL
MORTALIDAD PRENATAL Y PERINATAL
MORTALIDAD RURAL
MORTALIDAD URBANA

MOVILIDAD OCUPACIONAL
MOBILIDAD SOCIAL
NUESTREO
NUESTREO - TEORIAS Y TECNICAS
NUESTREO - PROBLEMAS Y METODOS
Mujeres (subenc. bajo asuntos)
NATALIDAD (subdiv. geogr.)
Natalidad - CONTROL v. PLANIFICACION FAMILIAR
NATALIDAD - ESTADISTICAS
NATALIDAD - TASAS
NATALIDAD DIFERENCIAL

NUPCIALIDAD (subdiv. geogr.)
NUPECIALIDAD - ANALISIS
NUPCIALIDAD - TABLAS
NUPCIALIDAD FEMENINA

NUTRICION (subdiv. geogr.)
NUTRICION Y POBLACION

Oriente (subenc.)
Oriente Medio (subenc.)

OCUPACIONES (subdiv. geogr.)
OCUPACIONES - INDUSTRIAS

Pacifico (subenc.)

Países Socialistas (subenc.)
Países Subdesarrollados (subenc.)

PLANIFICACION FAMILIAR (subdiv. geogr.)
PLANIFICACION FAMILIAR - ASISTENCIA TECNICA
PLANIFICACION FAMILIAR - ASPECTOS RELIGIOSOS
PLANIFICACION FAMILIAR - COMUNICADORES
PLANIFICACION FAMILIAR - ENSEÑANZA
PLANIFICACION FAMILIAR - ESTADISTICAS
PLANIFICACION FAMILIAR - ESTIMACIONES
PLANIFICACION FAMILIAR - HISTORIA
PLANIFICACION FAMILIAR - LEGISLATION

PLANIFICACION FAMILIAR - MUNDIAL
PLANIFICACION FAMILIAR - PROGRAMAS
PLANIFICACION FAMILIAR - PROGRAMAS - EVALUACION
PLANIFICACION FAMILIAR - COMPUTACION
PLANIFICACION FAMILIAR Y SALUD PUBLICA

PLANIFICACION (subdiv. geogr.)
PLANIFICACION ECONOMICA
PLANIFICACION ECONOMICA Y SOCIAL
PLANIFICACION NACIONAL
PLANIFICACION REGIONAL
PLANIFICACION URBANA
PLANIFICACION SOCIAL

POBLACION (subdiv. geogr.)
POBLACION - ASISTENCIA TÉCNICA
Poblacion Censos v. CENSOS - POBLACION
POBLACION - ESTADISTICAS
Poblacion - Historia v. DEMOGRAFIA HISTORICA
POBLACION - RESOLUCIONES
POBLACION - CALCULO
POBLACION - CAMBIOS
POBLACION - COMPOSICION
POBLACION - CRECIMIENTO
POBLACION - CRECIMIENTO CERO
POBLACION - CRECIMIENTO Y ALIMENTACION
POBLACION - DISTRIBUCION
POBLACION - ENVEJECIMIENTO
POBLACION - ESTIMACIONES
POBLACION - MATEMATICAS
POBLACION - POLITICAS
POBLACION
POBLACION - PROYECCIONES - METODOLOGIA
POBLACION - TASAS
POBLACION - TEORIAS
POBLACION - TENDENCIAS
POBLACION Y DESARROLLO
POBLACION Y DESARROLLO ECONOMICO
POBLACION Y ECONOMIA
POBLACION Y EDUCACION

RECURSOS NATURALES (subdiv. geogr.)
 REGISTRO CIVIL (subdiv. geogr.)
 REGISTRO CIVIL - LEYES Y REGLAMENTOS
 REPRODUCCION (subdiv. geogr.)
 REPRODUCCION - TASAS

Resoluciones v. POBLACION - RESOLUCIONES

Salarios v. INGRESOS

SALUD PUBLICA (subdiv. geogr.)
 SALUD PUBLICA - EPIDEMIOLOGIA
 SALUD PUBLICA - PLANES NACIONALES

SEGURIDAD SOCIAL (subdiv. geogr.)

Seguridad Social y Demografia v. DEMOGRAFIA Y SEGURIDAD SOCIAL

Seguros v. SEGURIDAD SOCIAL

SEMINARIOS - CIUDAD, PAIS (Subdiv. geogr. del lugar donde se realizó el Seminario, poniendo la ciudad y después el país)

SIMULACION

SOCIOLOGIA (Subdv. geogr.)
 Sociología - Cambios Sociales v. CAMBIOS SOCIALES
 SOCIOLOGIA - CULTURA Y CAMBIO SOCIAL
 SOCIOLOGIA - CULTURA Y SOCIEDAD
 Sociología - Desarrollo Social v. DESARROLLO SOCIAL
 Sociología - Desarrollo económico v. DESARROLLO ECONOMICO Y SOCIAL
 SOCIOLOGIA - ENSEÑANZA
 SOCIOLOGIA - ENSEÑANZA - PROGRAMAS
 Sociología - Estadísticas v. ESTADISTICAS SOCIAL
 SOCIOLOGIA - ESTUDIO Y ENSEÑANZA
 Sociología - Gerontología v. GERONTOLOGIA
 Sociología - Encuestas v. ENCUESTAS SOCIALES
 Sociología - Investigación social v. INVESTIGACION SOCIAL
 Sociología - Metodología v. METODOLOGIA SOCIAL
 Sociología - Movilidad social v. MOVILIDAD SOCIAL
 SOCIOLOGIA - PROBLEMAS SOCIALES
 Sociología - Psicología social v. PSICOLOGIA SOCIAL
 SOCIOLOGIA - INTRODUCCION
 SOCIOLOGIA - TEORIAS

SOCIOLOGIA POLITICA

SOCIOLOGIA RURAL

SOCIOLOGIA SUBURBANA

SOCIOLOGIA URBANA (Subdiv. geogr.)

Sociología y Demografía v. DEMOGRAFIA Y SOCIOLOGIA

SOCIOLOGIA Y EDUCACION

SOCIOMETRIA

SUBDESARROLLO (Subdiv. geogr.)

SUBEMPLEO (Subdiv. geogr.)

Tablas de moralidad v. MORTALIDA - TABLAS

TABLAS DE VIDA (Subdiv. geogr.)

Tabulaciones v. CENSOS - TABULACIONES Y ESTADISTICAS - METODOS
GRAFICOS

TECNICAS va. METODOLOGIA DEMOGRAFICA; METODOLOGIA ESTADISTICA; y
METODOLOGIA SOCIAL

TRABAJO (Subdiv. geogr.)

TRABAJO - ESTADISTICAS

TRABAJO - SALARIOS

TRABAJO - MUJERES

Uniones Libres v. NUPCIALIDAD

URBANISMO (Subdiv. geogr.)

URBANIZACION (Subdiv. geogr.)

URBANIZACION MUNDIAL

VIVIENDA (Subdiv. geogr.)

VIVIENDA - ESTADÍSTICAS

VIVIENDA - FINANZAS

VIVIENDA - PROBLEMAS

VIVIENDA - PROGRAMAS

LISTA DE PARTICIPANTES

<u>NOME E ENDEREÇO</u>	<u>ÓRGÃO</u>
Abigail de Oliveira Carvalho Rua Fernandes Tourinho, 818/202 30000 - Belo Horizonte, MG	CNPq
*Adelaide Ramos e Côrte SQN/410 - Bloco N/211 70865 - Brasília, DF	CONSIDER/MIC
Adelaide Soares de Oliveira HIGS 704 - Bloco M casa 55 70331 - Brasília, DF	
*Adelia dos Santos Silveira Rua Aristides Lobo, 80 88000 - Florianópolis, SC	UFSC
*Adir Rodrigues Pereira Av. Copacabana, 723/807 22050 - Rio de Janeiro, RJ	INT
Agostinha de Abreu Lima Av. Gen. Justo, 171/4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Aguri Sawatani Av. Miguel Stefano, 3900 04301 - São Paulo, SP	IEA
*Alcione Gonçalves Vieira de Melo Est. dos Remédios, 2186/202 50000 - Recife, PE	SUDENE/DRN
Alda Gregório Piazza Rua Silva Bueno, 863/97 04208 - São Paulo, SP	SENAC
Alda Maria da Conceição Rua Gen. Cardoso de Aguiar, 201 22290 - Rio de Janeiro, RJ	EMBRATUR
*Alda Maria da Rocha Calvão Rua das Laranjeiras, 280/504 22240 - Rio de Janeiro, RJ	IEHASC
Alfredo Souza Pereira Rua Tereza Cristina, 59 88000 - Florianópolis, SC	BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO
*Alice Elna Tanscheit Rua Cristovão Colombo, 2040/71 90000 - Porto Alegre, RS	BRDE

(*) Os asteriscos indicam os participantes quem têm direito a um desconto na aquisição dos Anais, por terem se inscritos na categoria de Congressista Individual.

*Alice Seixas Martins Rua do Catete, 222/1104 22220 - Rio de Janeiro, RJ	
*Amélia Maria Ferreira Borges Rua Gen. Polidoro 316 22280 - Rio de Janeiro, RJ	NUCLEBRÁS
*Amélia Shizuko Kojō Rua Raul Barreira, 37 12500 - Guaratinguetã, SP	FEG
Ana Clara Granja Villela Rua Pires de Almeida, 7/402 22240 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Ana Helena Goulart de A.B. Mesquita 30000 - Belo Horizonte, MG	UFMG
*Ana Lucia Alencar da Conceição Est. do Galeão, 1595/207 21931 - Rio de Janeiro, RJ	SSA
Ana Lucia Cabral Duarte, Pereira Rua Nascimento Silva, 299 22421 - Rio de Janeiro, RJ	SENAC/DN
*Ana Lucia Drumond Alegria Rua das Laranjeiras, 328/603 22240 - Rio de Janeiro, RJ	RFFS/A
*Ana Lucia Melo Rua Uruguai, 380 - Bloco "A" apto. 306 20150 - Rio de Janeiro, RJ	SERPRO
*Ana Maria Campio Gomes Rua Gen. Glicério, 355/303 22251 - Rio de Janeiro, RJ	RFFS/A
*Ana Maria Ferracin Av. Sampaio Vidal, 473/205 17500 - Marília, SP	FACULDADE DE FILOSOFIA
*Ana Maria Ferreira de Freitas Rua Mozart Pinto, 566 60000 - Fortaleza, CE	DMF/CEARÁ
Ana Maria de Gões e Vasconcelos Av. Copacabana, 245/1211 22020 - Rio de Janeiro, RJ	NUCLEBRÁS
*Ana Maria de Mattos Lemos Praça Duque de Caxias 86/89 andar 20221 - Rio de Janeiro, RJ	GEIPOT
Ana Maria Mayr de Araújo Rua Paula Freitas, 16/301 22040 - Rio de Janeiro, RJ	

*Ana Maria dos Santos Souza Rua José Bonifácio, 1007 65000 - São Luiz, MA	SIC
Ana Maria Siano da Cunha Av. Pres. Vargas, 1020/1434 20071 - Rio de Janeiro, RJ	EMBRATEL S/A
Angel Fernandes Buenos Aires, Argentina	UNIVERSIDADE DE BUENOS AIRES
Angela Helena Teixeira Affonso Praia do Flamengo, 60/601 22210 - Rio de Janeiro, RJ	FGV
*Angela Mara Machay de Assis Pereira SQS-204 Bloco "H" apto. 104 70234 - Brasília, DF	SIDERBRAS S/A
*Angela Maria de Almeida Gomes Rua São Luiz Gonzaga, 565 - casa 9-A 20910 - Rio de Janeiro, RJ	STANDAR ELÉTRICA S/A
Angela Maria Crespo Queiroz Neves SHIS CH 6, Lote 11 71600 - Brasília, DF	MINTER
Angela Maria Dias Peixoto Rua 19 de Fevereiro, 75/305 22280 - Rio de Janeiro, RJ	IME
*Angela Maria Felício Pinho Rua João Cordeiro, 1596 60000 - Fortaleza, CE	UFCE
*Angela Maria Ledo Fernandes Rua Oswaldo Cruz, 35/702 24230 - Niterói, RJ	
*Angela Maria Viana da Cruz Rua Nilo Peçanha, 126/601 24240 - Niterói, RJ	SESC
*Angela Salles Rua Conde de Bonfim, 484/601 20520 - Rio de Janeiro, RJ	BLOCH EDITORES
*Angelina Guedes Combat Rua Antonio Alves, 118/306 24400 - São Gonçalo, RJ	PREFEITURA MUNICIPAL
*Anibal Rodrigues Coelho SQS-205 - Bloco "J" Apto. 306 70235 - Brasília, DF	CD
*Anice Anin Rua João Lira, 102/201 22430 - Rio de Janeiro, RJ	ENGEVIX S/A

*Anna Celeste Moraes Rua Alvaro de Menezes, 132 04007 - São Paulo, SP	IPT
Anna Justina Vogel T. de Arcanjo Ilha do Fundão 21910 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
*Anna Maria Pantoja Freire Rua Xavier da Silveira, 34/402 22061 - Rio de Janeiro, RJ	INPI
*Anna Maria Salazar Venâncio Rua Alfredo Osório, 363 50000 - Recife, PE	SUDENE
*Antonina de Mello Leal Rua Senador Vergueiro, 81/602 22230 - Rio de Janeiro, RJ	SESC
Antonio Agenor Briquet de Lemos Agência Postal 15 70000 - Brasília, DF	UNB
Antonio Caetano Dias Rua Washington Luis 13 20230 - Rio de Janeiro, RJ	FEFIERJ
*Antonio Gabriel Caixa Postal 11.014 01000 - São Paulo, SP	DAEE/CTH
Antonio Valentim da Silva Rua Prof. Boscoli, 159 20781 - Rio de Janeiro, RJ	
*Antonira Saramago Bastos Rua Carvalho Alvim, 606/403 20510 - Rio de Janeiro, RJ	MF
*Aracy Machado de Campos Av. Tiradentes, 1509 01102 - São Paulo, SP	PRODESP
*Ariana Varela Velho Rua Fernando Machado, 761/93 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS
Arleida Penha Badke Rua Graciano Neves, 266/201 29000 - Vitória, ES	UFES
Arlete Muniz Pereira	
Aruza de Idolanda Cavalcanti Ed. Petrobrás, 8º andar 70040 - Brasília, DF	MME

Astério Tavares Campos Av. W.3 - 702-A 70000 - Brasília, DF	UNB
*Atenêa Felistoffa Galo Rua 136, nº 36 96200 - Rio Grande, RS	FURG
*Aurora da Graça Almeida Rua dos Afogados, 616 65000 - São Luis, MA	UFMA
Auta Rojas Barreto Rua Paissandú, 35/901 22210 - Rio de Janeiro, RJ	ANM
Avani Gonçalves de Carvalho Est. Velha da Tijuca, 509 20531 - Rio de Janeiro, RJ	BIBLIOTECA ESTADUAL
*Beatriz Coelho Caiado SQS-409 - Bloco "A" apto. 104 70258 - Brasília, DF	EMBRAPA/DID
*Beatriz Helena Rech Rua Os 18 do Forte, 1207 95100 - Caxias do Sul, RS	BIBLIOTECA PÚBLICA
*Bella Kozminsky Pedrosa Rua Fernando Ferrari, 75 22231 - Rio de Janeiro, RJ	USU
Benedicto Silva Praia de Botafogo 190, 7º andar 22250 - Rio de Janeiro, RJ	FGV
*Berenice Corrêa da Silva Rua Tonelero, 186/1002 22030 - Rio de Janeiro, RJ	CNEN
*Bernadete de Lourdes de A. Oliveira Av. Floriano Peixoto, 12 58000 - João Pessoa, PB	POLÍCIA MILITAR DA PARAÍBA
*Bilitis Guimarães Rua Lauro Müller, 81/101 22290 - Rio de Janeiro, RJ	SERPRO
*Carlos Burata Rua Des. Isidro, 4/302 20521 - Rio de Janeiro, RJ	SERPRO
*Carmem Carvalho de Lena Rua Mato Grosso, 417/903 30000 - Belo Horizonte, MG	UFMG

*Carmem Lucia Mondini Rua Joinvilli, 637 04008 - São Paulo, SP	ITAÚ S/A
*Carmem Rejane de Carvalho Bargetzi Rua do Futuro, 513/502 50000 - Recife, PE	SUDENE
Carmosina Novaes Ferreira Rua Alnte. Gonçalves, 23/302 22070 - Rio de Janeiro, RJ	IPEA
*Cecília Andreotti Atienza Rua Antero Mendes Leite, 166 04108 - São Paulo, SP	CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
*Cecília Licia Silveira R. e M. Fabiano Rua Gumerindo de Souza, 100 86100 - Londrina, PR	UEL
Cecilia Malizia Alves Av. Paula Souza, 226 20271 - Rio de Janeiro, RJ	PUC
*Cecilia Safir Rua Felipe Camarão, 601/204 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS
*Celia L. Pereira	
*Célia Maria Peres Lacerda Rua Costa Carvalho, 1711 80000 - Curitiba, PR	CELEPAR
*Celina Rodrigues Alves Belhan Steffan Rua Dom Emanuel Gomes 129/201 21940 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
Cícera Henrique da Silva Praia de Botafogo, 524/405 22250 - Rio de Janeiro, RJ	ELETROSUL
*Cigiê Bins Pinto Rua Dr. Nascimento, 98/201 96200 - Rio Grande, RS	FURG
Cineida Moreira Monteiro de Castro Av. 13 de Maio, 13/8º andar 20031 - Rio de Janeiro, RJ	CSN
*Clara Dolores Pieres da Pôça Rua Genebra, 177/63 04782 - São Paulo, SP	TRIBUNAL DE ALÇADA CIVIL
Clara Maria Galvão Caixa Postal 399 66000 - Belém, PA	MPEG

*Clarice Muhlethaler de Souza Faria Rua Leonor Saramago, 64 24120 - Niterói, RJ	CCN
*Claudete Sorrentino Perlingeiro Rua Gen. Pereira da Silva, 197/204 24220 - Niterói, RJ	SNA
*Cláudia Maria Luz Machado Rua Prudente de Moraes, 762/304 22420 - Rio de Janeiro, RJ	IBS
*Cláudia Negrão Conte Rua Viuva Lacerda, 300/302 22261 - Rio de Janeiro, RJ	DNPM/99 DISTRITO
*Cláudia Pompeu de Souza Brasil Av. General Justo, 307 20021 - Rio de Janeiro, RJ	CNC
*Claury Costa Horylka Rua Corrêa Dutra, 99/809 22210 - Rio de Janeiro, RJ	CEBRACE/MEC
Conceição de Maria Beleza Rua Guimarães Passos, 6 65000 - São Luis, MA	UFMA
Conceição Scott Figueira Rua Nida, 16 20720 - Rio de Janeiro, RJ	MUSEU NACIONAL
Cordélia Robalinho Cavalcanti Agência Postal 15 70000 - Brasília, DF	UNB
*Cybele Villares Coelho SQS-202 - Bloco "I" apto. 201 70232 - Brasília, DF	UNB
Cynthia Ines de Gentil Cabral Av. Pres. Vargas, 642 20071 - Rio de Janeiro, RJ	ELETROBRÁS
*Dalva Estela Moreira Pereira Av. Pres. Vargas, 1261 20071 - Rio de Janeiro, RJ	APB/RJ
*Damares Bacellar dos Santos Bragança Rua Rio Grande do Sul, 53 c/1 apto. 301 20771 - Rio de Janeiro, RJ	FIOCRUZ
Déa Coutinho Amadeo Rua Visconde de Pirajá 147/402 22410 - Rio de Janeiro, RJ	FEFIERJ

Deisi Loureiro Giacometti Caixa Postal 11040 01000 - São Paulo, SP	IEA
Denise Benchimol de Resende Av. Joaquim Nabuco, 6628 69000 - Manaus, AM	ACAR
*Denise Hauser Valério Rua Isaías Beviláqua, 212/401/A 80000 - Curitiba, PR	COMEC
*Denise Helena Farias de Souza Rua 14 de Março, 1726 66000 - Belém, PA	UFPA
Denise Maria de Almeida Nery Av. 18 do Forte, 753 24400 - São Gonçalo, RJ	CEG
*Denise Maria Braga Rua Ribeiro de Almeida, 16 22240 - Rio de Janeiro, RJ	MONTREAL ENGENHARIA S/A
Dilza Bastos Baptista Rua Raul Pompéia, 95/404 22080 - Rio de Janeiro, RJ	SENAI/DR/RJ
*Dilza Fonseca da Motta Rua Conde de Bonfim, 479/303 20520 - Rio de Janeiro, RJ	CNI
*Dimas José Ferraz da Silva Rua Frederico Abranches, 168/114 01225 - São Paulo, SP	FEI
*Dinalva Gomes de Paiva Rua Antonio Maria Coleho, 552 78000 - Cuiabá, MT	UFMT
*Dinorá Luna de Assis Quaresma Rua Areial de Cima, 37/202 40000 - Salvador, BA	UFBA
*Diva Carrado de Andrade Rua Homem de Melo, 740 05007 - São Paulo, SP	USP
*Dolores Benites Rua Deputado Lacerda Franco, 290 05418 - São Paulo, SP	FUNDAÇÃO BRADESCO
*Dolores Rodrigues Perez Rua Marquês de São Vicente, 29/309 22451 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ

Domingo Gonzalez Cruz Rua Peixoto de Carvalho, 228 21930 - Rio de Janeiro, RJ	FCRB
Donald Lehnus Forest Press Porto Rico	ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA
Dora Regina Seben Av. Salgado Filho, 171 Caixa Postal 1493 80000 - Curitiba, PR	IAPAR
Doralice Valentina Cavalcanti Praia do Flamengo, 70/316 22210 - Rio de Janeiro, RJ	MEB
*Doris Müller Wilhelm Rua 24 de Outubro, 1149/501 90000 - Porto Alegre, RS	FACULDADE DE FILOSOFIA
Dulce Codeço dos Santos Rua Dr. Souza Soares, 49 24130 - Niterói, RJ	BACEN
*Dulcinéia Gomes Delattre Av. Getúlio Vargas, 1957/40 80000 - Curitiba, PR	UFPR
*Edgard Abreu Farias da Silva Est. da Vitória, 3029 65000 - São Luis, MA	UFMA
*Edilma Coutinho dos Santos Rua General Aguiar 72, Casa Forte 50000 - Recife, PE	IJNPS
*Edilze Bonavita Martins Mendes Rua 10 de Setembro, 17 - apto. 3 13100 - Campinas, SP	ESCOLA PROF. ANIBAL FREITAS
Edna Gondim de Freitas SQS-208 - Bloco "H" - apto. 407 70254 - Brasília, DF	CD
Edson Nery da Fonseca Agência Postal 15 70000 - Brasília, DF	UNB
Eduardo Aguayo Munizaga Rua Marques de Abrantes 77/48 22230 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Elaine Alciati Thomé Rua 15 de Novembro, 416 11300 - São Vicente, SP	FUNDAÇÃO LUZIADA

*Elenice Oliveira de Carvalho Praça Santos Andrade, 183/1501 80000 - Curitiba, PR	ETF/PR
*Eli de Lourdes Vasconcelos Rua Espírito Santo, 107 86100 - Londrina, PR	UEL
*Eliana de Carvalho Arruda Rua Conde do Pinhal, 2253 13560 - São Carlos, SP	CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS
*Eliana Coutinho Rua Lacerda Countinho, 21 22041 - Rio de Janeiro, RJ	RFFS/A
Eliana Taborda Garcia Av. Maracanã, 1470/503 20511 - Rio de Janeiro, RJ	PROJETO XISTOQUÍMICA
Eliane Conceição Martins Lopes Rua Calmon Cabral, 28 fundos 21231 - Rio de Janeiro, RJ	SOCIEDADE EDUCACIONAL PROF. NUNO LISBOA
Eliane Josete Almeida de Souza Rua Tonelero, 301/404 22030 - Rio de Janeiro, RJ	INPS
*Eliane Oliveira Perrone Rua Felipe de Oliveira, 19/906 22011 - Rio de Janeiro, RJ	EMAC
Eliane de Oliveira Saboia Ribeiro Rua Xavier da Silveira, 40/1207 22061 - Rio de Janeiro, RJ	
*Eliete Leite Bastos de Oliveira Rua Paul Muller, 336 21070 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
Elisa da Silva Amaral Rua Cezar Zama, 106/201 20721 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
*Elisabete Kazar Schmidt Rua das Laranjeiras, 314/603 22240 - Rio de Janeiro, RJ	IBS
*Elisabeth Amaral Bonavita Rua Sacramento, 905 13630 - Pirassununga, SP	EEPSG
*Elisabeth M.S. Vasconcelos SQS-203 - Bloco "C" - apto. 303 70233 - Brasília, DF	CONSIDER

*Elisabeth Schneider de Sá Rua Nilo Peçanha, 1/1504 24210 - Niterói, RJ	UFF
*Elizateth Barros Rua do Catete, 344/503 22220 - Rio de Janeiro, RJ	FCRB
*Elizabeth Brandão Rua Senador Vergueiro, 266/604 22230 - Rio de Janeiro, RJ	PETROBRÁS S/A
*Elizabeth Haddad Rua Teodoro Sampaio, 833 05405 - São Paulo, SP	SECRETARIA DE SAÚDE
Elizabeth Rolim Rodrigues Rua Conde de Bonfim, 790/B/Ap. 5 20530 - Rio de Janeiro, RJ	FENAME
*Elizabeth Ruffo Miguel da Silva Rua Fernando Ferrari, 75 22231 - Rio de Janeiro, RJ	USU
Elizabeth de Serpa Pinto Trav. Da. Julia, 30 23000 - Rio de Janeiro, RJ	INPM
Elizabeth da Silva Martins Praça Fonseca Ramos 24030 - Niterói, RJ	CPDERJ
*Eloisa Franzen Rua Sto. Antonio, 876/23 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS
*Elyana de Niemeyer Mesquita Rua Gastão Bahiana, 400/404 22071 - Rio de Janeiro, RJ	MF
Elvia de Andrade Oliveira Av. Gen. Justo, 171/4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Elza Lima e Silva Maia Av. General Justo, 171 - térreo 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Elza Maria Simas Rua Emb. Edmundo da Luz Pinto, 9 88000 - Florianópolis, SC	SEE
*Elza de Oliveira dos Santos Rua Riachuelo, 257/1010 20230 - Rio de Janeiro, RJ	BIBLIOTECA ESTADUAL RIO DE JANEIRO

Emma Linhares Peru 263/39 andar Buenos Aires, Argentina	FUNDACION ARAGON
*Enian Garcia Araujo Feio Av. Pres. Vargas 2560, s.l.013 20210 - Rio de Janeiro, RJ	TELERJ
*Ermelinda Acerenza Tristán Narvaja 1427 Montevideo, Uruguai	ESCUELA UNIVERSITÁ- RIA BIBLIOTECOLOGIA Y CIENCIAS AFINES
*Esfie Rosy Riskalla Rua Duque de Caxias, 333 80000 - Curitiba, PR	SESC
*Esmeralda Teixeira de Resende Rua Leopoldo Bulhões, 529 20911 - Rio de Janeiro, RJ	COBAL
*Esmeralda Maria de Aragão Rua Pernambuco, 16/04 40000 - Salvador, BA	UFBA
Esmeralda Silveira e Reis SQS-406 Bloco 62/103 70847 - Brasília, DF	MRE
*Esther Cerqueira Valle Av. Rainha Elizabeth, 613/602 22081 - Rio de Janeiro, RJ	SESI/DN
Esther Hermes Lück Rua Piauí, 1359 86100 - Londrina, PR	AREL
Eva Langer Av. Henrique Dumont, 85/507 22410 - Rio de Janeiro, RJ	IBS
Evangelina de Azevedo Veiga Rua República, 88 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS
*Fátima Maria Vale Evangelista Rua Nunes Valente, 2530 60000 - Fortaleza, CE	MF
*Fernando I. Piochi Rua Antonio Gouveia Giudici, 121 01000 - São Paulo, SP	USP
*Floripes Castilho Salzano Rua Francisco Muratori, 5/302 20230 - Rio de Janeiro, RJ	FGV

*Francisca Aurinete Girão Barreto Praça André de Albuquerque, 564 59000 - Natal, RN	UFRN
Francisca Buarque de Almeida Rua Humaitã, 71/204 22260 - Rio de Janeiro, RJ	IPEA
*Francisca Pessoa Coelho Moreira Rua Anísio de Abreu, 1433-N 64000 - Terezina, PI	MF
Francisco Figueiredo Luna de Albuquerque Rua Voluntários da Pátria, 107 22270 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Frida Issler de Andrade Rua Cesário Alvin, 55 casa 402 22261 - Rio de Janeiro, RJ	PETROBRÁS
*Geni Casemiro Lourenço SQS-115 - Bloco "D" apto. 304 70385 - Brasília, DF	STM
Gentil Noronha Av. Ataufo de Paiva 50 bl. 82 apt. 302 22440 - Rio de Janeiro, RJ	ABI
George Schwachheim Av. Wenceslau Braz, 71 22290 - Rio de Janeiro, RJ	CNPq
*Geraldina Monteiro Fleck Rua Afonso Maia, 298/11 01000 - São Paulo, SP	MF/SP
*Gertrudis Tietz Al. Sarutaia, 103/192 01403 - São Paulo, SP	HOECHST DO BRASIL S/A
*Geysa Aparecida Lopes de Ceia	
*Gilda Gama de Queiroz Rua do Catete, 116/204 22220 - Rio de Janeiro, RJ	CNPq
*Gilda Massari Coelho Av. Ataufo de Paiva, 209/701 22440 - Rio de Janeiro, RJ	IBS
Gilda de Menezes Baronto e Silva Rua Coelho Neto, 36/404 22231 - Rio de Janeiro, RJ	NUCLEBRÁS
*Gilse Thereza de Oliveira Av. Pres. Vargas, 1261 20071 - Rio de Janeiro, RJ	APBRJ

*Gisela Vicente de Azevedo Rua Albano de Almeida Lima, 463 13100 - Campinas, SP	UNICAMP
Gladston Genuino da Silva Holanda Rua do Resende, 127/313 20231 - Rio de Janeiro, RJ	DIGIBRAS S.A.
*Glaucia Helena Barbosa Pereira de Souza Rua Corcovado, 57/1.004 22460 - Rio de Janeiro, RJ	
*Gláucia Maria Ayres Brandão Av. Campos Sales, 864 - apto. 901 13100 - Campinas, SP	UNICAMP
Glória Maria Teixeira Grego Rua Belizário Augusto, 96/102 24230 - Niterói, RJ	FGV
Glyce Gonçalves de Freitas Rua Clovis Beviláqua, 25 50000 - Recife, PE	SUDENE
*Gracinda Celia Mendes da Silva Rua Justina Bulhões, 26 24210 - Niterói, RJ	INSTITUTO DE PESQUI SAS DO BRASIL
Hagar Espanha Gomes Praia do Flamengo 200 22210 - Rio de Janeiro, RJ	CNPq
*Heduviges de Sousa Fontes Av. Princesa Isabel, 104/106 40000 - Salvador, BA	IBOPC
*Helen Beatriz Frota Rozados Av. Jacuí, 508/408 90000 - Porto Alegre, RS	SUDESUL
*Helena Andrade da Silveira Caixa Postal, 399 66000 - Belém, PA	MPEG
*Helena Maria de Oliveira Vita Rua Atilio Bório, 584 80000 - Curitiba, PR	COPEL
*Helena Osório Lehnen Rua Conde de Porto Alegre, 595 - apto. 8 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS
Helena Pessoa Cantarino SQS-411 Bloco "H" - apto. 102 70866 - Brasília, DF	

*Helenice de Alvarenga Rua Gen. Cristóvão Barcelos, 255/301 22251 - Rio de Janeiro, RJ	INPI
*Helenyr Coutinho Rua Leopoldo Miguez, 32 c/3 22060 - Rio de Janeiro, RJ	IBGE
*Heliana Brandão Vitor Foreaux Av. 10, nº 10 - Timirim 35180 - Acesita, MG	CAEI
*Helid Budian Rua Prof. João Cândido Ferreira, 290 86800 - Apucarana, PR	
Heloisa Benetti Schreiner Rua Lucas de Oliveira, 1656/604 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS
Heloisa Maria Costa Leite Ottoni Est. do Galeão, 1285 21931 - Rio de Janeiro, RJ	BN
*Heloisa Marie Donnard Av. dos Astronautas, 1758 12200 - São José dos Campos, SP	INPE
Heloisa Tardin Christovão Rua Timbiras, 424 24250 - Niterói, RJ	IBICT
*Hilda Barata de Araújo Rua Barata Ribeiro, 539/101 22040 - Rio de Janeiro, RJ	ITAIPU BINACIONAL
Hilda Therezinha Puoba Lisboa Rua Sena Madureira, 515 04021 - São Paulo, SP	FPZ/SP
Hilva Moraes Pessoa Rua das Trincheiras, 775 58000 - João Pessoa, PB	RÁDIO TABAJARA
*Hortência Silva Av. Chile 20031 - Rio de Janeiro, RJ	PETROBRÁS
*Hulda Olail de Carvalho Rua 105, nº 441 - Jardim Satélite 12200 - São José dos Campos, SP	INPE
*Iane Vallin de Albuquerque Lins CS.4 - Qd. 13 - Lts. 13 a 17 70300 - Brasília, DF	TELEBRÁS

*Iara Conceição Neves Machado Av. Paulo Gama, s/n - Reitoria 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS
*Iara Moussatche Rua Visconde Pirajá, 229/402 22410 - Rio de Janeiro, RJ	ANM
*Ida Maria Soares Braga Av. Princesa Isabel, 54/69 andar 29000 - Vitória, ES	BANDES
Ideliza Amélia de Araújo Av. W.3, HIGS-706 - Bloco "P" c/12 70350 - Brasília, DF	CODEVASF
Ignácia Jabotã Ramos SQN-105, Bloco "E" apto. 103 70734 - Brasília, DF	MJ
Ilse D'impem Cesar Av. General Justo, 171 - 49 andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Ilza Leite de Azevedo Santos Lopes Av. General Justo, 171 - 49 andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Ingetraut Dahlberg D-6 Frankfurt/M.50 Woogstrate 36a., Germany	FID/CR
*Ione de Souza Av. Ataulfo de Paiva, 209/302 22440 - Rio de Janeiro, RJ	RIO DOCE ENGENHARIA E PLANEJAMENTO
*Iracema Rodrigues de Moraes Rua Visconde de Pirajá, 605/202 22410 - Rio de Janeiro, RJ	CODIN
Irany de Araújo Vasconcelos Av. Nilo Peçanha, 50/289 andar 20020 - Rio de Janeiro, RJ	
Ireda Conceição dos Santos Silva Rua 17 de junho, 629/203 Menino Deus 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS
*Irene Faria G. de Mesquita Rua General Polidoro, 99 - 49 andar 22280 - Rio de Janeiro, RJ	TELERJ
*Irene Josefa Czajkowska Praça Santos Andrade, 183/404 80000 - Curitiba, PR	SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO

Irene de Menezes Dória Av. Copacabana 75 apto. 903 22020 - Rio de Janeiro, RJ	ABNT
Iria Marly Gustinelli Rodrigues Coelho Rua Sta. Cruz, 557 13400 - Piracicaba, SP	BIBLIOTECA MUNICIPAL
*Iride Líbera Ahlfeldt Rua Julia Wanderley, 1788 80000 - Curitiba, PR	FACULDADE CATÓLICA CIÊNCIAS EXATAS
Isaura Campos Rodrigues Rua Venceslau, 14/205 20731 - Rio de Janeiro, RJ	SUAM
Isaura Maria Sardinha Di Martino Av. General Justo 171 - 3º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Isaura de Souza Av. General Justo 171 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Ivete Sampaio de Vasconcelos Rua Luiz Barbosa, 130/107 20560 - Rio de Janeiro, RJ	SERPRO
*Iza Antunes Araújo SQS-112, Bloco "G" - apto. 204 70375 - Brasília, DF	EMFA
Jacira Gil Bernardes Rua Otávio de Farias, 62 90000 - Porto Alegre, RS	UFRS
Jacy Escolástica dos Santos Av. Graça Aranha, 26 20030 - Rio de Janeiro, RJ	CVRD
Jaime Robredo SEP/Norte W.3, Q.515 Lote 03 70770 - Brasília, DF	PROJETO PNUD/FAO/ BRA-72/020
Jandira Batista de Assunção Rua Samanta 661 01000 - São Paulo, SP	UFMG
*Jane Meyer Cosme Av. Sto. Amaro, 1817/102 04505 - São Paulo, SP	IPT
*Janeti L. Bombini de Moura Rua Br. de Piracicamirin, 540 13400 - Piracicaba, SP	CENA

Janny Linhares Fortes Rua Oliveira da Silva, 15/101 20530 - Rio de Janeiro, RJ	UERJ
Jeannette Marquerite Kremer Rua Timbiras 2349 30000 - Belo Horizonte, MG	USIMINAS
Joana Leonor Hardman Araujo Moreira SQS-408 - Bloco "R" - apto. 103 70257 - Brasília, DF	GEIPOT
*João Laurentino de Sousa Palácio do Planalto, Serviço de Documentação 70150 - Brasília, DF	PRESIDÊNCIA DA RE- PÚBLICA
*João Orestes Fagherazzi Av. Bento Gonçalves, 4314 90000 - Porto Alegre, RS	PUC/RS
José Adolfo Vencovsky Av. Graça Aranha 145/1.401 20030 - Rio de Janeiro, RJ	SISORG
José Carlos Silva Av. General Justo 171 - 4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*José Claudio Fama Toledo Al. Barros, 200/504 01332 - São Paulo, SP	UNESP
*Josinei Guimarães da Silva Conj. Cohama-Rua 8, Qd. 7 c/18 65000 - São Luis, MA	FUMA
*Julia Eliana Tabordã de Figueiredo Rua Aristides Espínola, 32/101 22440 - Rio de Janeiro, RJ	EBD/FEFIERJ
*Juliana Vianna Rosa Rua Garibaldi, 989/112 90000 - Porto Alegre, RS	BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO
*Juliana Zart Rua Fernandes Vieira, 155/302 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS
Julietta Maria Tapajós Rozo Av. Graça Aranha, 26 20030 - Rio de Janeiro, RJ	CVRD
*Jussara Rodrigues Pimentel Av. Ataulfo de Paiva, 1004/305 22440 - Rio de Janeiro, RJ	NUCLEBRAS

Juvenilia Dias Ferreira Ed. Petrobrás, 8º andar - SAN 70040 - Brasília, DF	MME
Kira Tarapanoff SQN-408, Bloco "L" - apto. 302 70856 - Brasília, DF	UNB
*Klytia de Souza Brasil Dias da Costa Rua Barão de Itapagipe, 368/203 20261 - Rio de Janeiro, RJ	MOBRAL
*Laci das Neves Rua Marcos Andreatta, 9 - S. Braz 80000 - Curitiba, PR	FACULDADE CATÓLICA CIÊNCIAS MÉDICAS
Lais Pinto de Castro Rua Marquês de Abrantes, 118/701 22230 - Rio de Janeiro, RJ	FGV
*Laura Corrêa Oliveira Rua Cel. Bordini, 1252/501 90000 - Porto Alegre, RS	CONSULTORIA GERAL DO ESTADO
Laura de Lira e Oliveira Rua João Rodrigues, 18 20960 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Laura Maia de Figueiredo Av. General Justo 171 - 4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Laurida Normélia Costa Rua General Bittencourt, 113 88000 - Florianópolis, SC	FACULDADE DE EDUCA- ÇÃO
Lêa Almeida Chaves Av. Pres. Antonio Carlos 20020 - Rio de Janeiro, RJ	MF
Lêa Tânia Albuquerque de Aquino Av. General Justo 171 - 4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Leda Maria Abês Rua Joaquim Távora, 153/201 24230 - Niterói, RJ	CBEE
*Leda Ventura Carneiro Av. Marechal Floriano, 168/1º andar 20080 - Rio de Janeiro, RJ	LIGHT
*Leda Wiebbelling Loureiro Rua Duque de Caxias, 1478/902 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS

*Leila Magalhães Zerlotti Mercadante
Rua Pirajãs, 243
7500 - Marília, SP

Leila Soares dos Santos
Rua Xavier dos Pássaros, 114/102
20740 - Rio de Janeiro, RJ

DATAPREV

*Leny Helena Rodrigues Petersen
Praça Conde de P. Alegre 22/1102
90000 - Porto Alegre, RS

FEE

Letícia Maria Machado
Rua 7 de Setembro, 11
88000 - Florianópolis, SC

DNER

*Lia Temporal Avena
Av. Marechal Câmara, 350/79 andar
20020 - Rio de Janeiro, RJ

SECRETARIA DE CULTU
RA

Liane Maria Pires
Rua Carlos Ferreira, 305/204
90000 - Porto Alegre, RS

BIBLIOTECA PÚBLICA
DO ESTADO

*Liane Maria Wolf
Rua Riachuelo, 1031
90000 - Porto Alegre, RS

SECRETARIA DE ADMI-
NISTRAÇÃO

*Liane Moraes da Rocha
Rua Castro Alves, 155
20771 - Rio de Janeiro, RJ

BIBLIOTECA REGIONAL
DO MEIER

*Liene Campos
Rua Fulvio Aducci, 930
88000 - Florianópolis, SC

UFSC/UDESC

Ligia Labrouse Tinoco
Rua Washington Luiz, 13
20230 - Rio de Janeiro, RJ

FEFIERJ

Lila R. Trujillo Cerda
Torre 6, Depto. 95 Rem. S. Borja
Santiago, Chile

CIA CHILENA DE ENER
GIA NUCLEAR

*Lilian Ribeiro de Moraes
Av. Chile, 230/169 andar
20031 - Rio de Janeiro, RJ

BNH

*Liola Cavalcanti Miranda de Abreu
SQS-110, Bloco "D" - apto. 307
70.373 - Brasília, DF

MF

*Loida Vaz Teixeira
Av. Pres. Vargas, 1261
20000 - Rio de Janeiro, RJ

BIBLIOTECA ESTADUAL
RIO DE JANEIRO

Louis Joseph Le Cocq D'Oliveira Ed. Venâncio V - 1º andar 70302 - Brasília, DF	SEPLAN
Lourdes Mesquita Siqueira 12200 - São José dos Campos, SP	ITA
*Luba Lichtenszajn Av. 9 de Julho, 1967/134 01406 - São Paulo, SP	COSIPA
*Lucia Cavalcanti Popadiuk Av. Silva Jardim, 921/22 80000 - Curitiba, PR	ETF/PR
Lucia Helena Medeiros Rua Silva Jardim, 369/11 90000 - Porto Alegre, RS	SUDESUL
*Lucia Helena de Oliveira Duffrayer Rua Joaquim Rêgo, 38/303 21021 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
*Lucia Marcatti Couto Ferreira Rua Senador Vergueiro, 107/501 22230 - Rio de Janeiro, RJ	
*Lucia Maria Alves Rua Timbiras, 2349 30000 - Belo Horizonte, MG	USIMINAS
Lucia Maria Califfa Av. Borges de Medeiros, 3371/601 22470 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
*Lucia Maria Lage Melo Rua Candelária, 60 20091 - Rio de Janeiro, RJ	USIMINAS
*Lucia Mendes Ribeiro Rua São José, 35/15º andar 20010 - Rio de Janeiro, RJ	SETRAN
*Luciene Damico Agarez Rua Candelária, 60/409 20091 - Rio de Janeiro, RJ	BRASCAN
Lucilla Diniz Vianna Born Rua Gen. Polidoro, 316 22280 - Rio de Janeiro, RJ	NUCLEBRÁS
*Luiza Castro das Chagas Av. Pres. Vargas, 197/409 66000 - Belém, PA	SUDAM

*Lusia Alberto de Moura Rua Padre Severino, 430/22 30000 - Belo Horizonte, MG	ICEX/UFMG
*Lusimar Silva Ferreira Rua Quito, 26/306 65000 - São Luis, MA	FUMA
*Luzia Aparecida de Carvalho Rua Mato Grosso, 417/903 30000 - Belo Horizonte, MG	
*Luzia Penha de Oliveira e Souza Rua Itabaiana, 226/203 20561 - Rio de Janeiro, RJ	SERPRO
*Lybia de Magalhães Garcia Rua Eduardo Guinle, 6/402 22260 - Rio de Janeiro, RJ	MEC/INPE/CBPE
Lydia de Queiroz Sambaquy Av. Atlântica 3916 apto. 808 22070 - Rio de Janeiro, RJ	FGV
*Lygia Padilha Gomes da Silva Av. Pres. Vargas, 1261 20071 - Rio de Janeiro, RJ	APBRJ
Maeve Lis Marques Av. Getúlio Vargas, 1957/40 80000 - Curitiba, PR	UFPR
Magali Renato Van Dijk Vergolino Núcleo Pioneiro do Gamã - Bibl. Central 66000 - Belém, PA	UFPA
*Magaly de Barros Maia Serrão Rua Senador Verqueiro, 70/90A 22230 - Rio de Janeiro, RJ	FCRB
*Magda Almeida Castro Rua José Antonio Coelho, 435/41B 04011 - São Paulo, SP	TRIBUNAL DE CONTAS
*Magda de Oliveira Guimarães Rua Angustura, 53/308 30000 - Belo Horizonte, MG	FUNDAÇÃO JOÃO PI- NHEIRO
*Magda Schieck Chaves Lopes Rua Nascimento Silva, 175/103 22421 - Rio de Janeiro, RJ	FEFIERJ
*Makico Saito Av. 9 de Julho, 1952/206 01312 - São Paulo, SP	AMB

Malvina Vianna Rosa Rua Garibaldi 989/122 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS
Manoel Adolpho Wanderley Rua Gen. Ribeiro da Costa, 32/302 22010 - Rio de Janeiro, RJ	BN
Manuel Soares Caldas Rua Real Grandeza, 171/201 22281 - Rio de Janeiro, RJ	MEB
*Marcia Angela Cruz Hulle Rua José de Alencar, 483 - Vila Maria 29000 - Vitória, ES	CESAM
*Marcia Cortese Barreto Av. Prudente de Moraes, 68 14800 - Araraquara, SP	
Marcia Japor de Oliveira Garcia Tua Tapuias, 26 24250 - Niterói, RJ	UFF
Marcia Maria Batista Fernandes Rua Azevedo Pimentel, 7/1101 22011 - Rio de Janeiro, RJ	CBCISS
Marcia Vaz de Mello Rua Cesário Alvim, 14 22261 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
*Margareth Torres Perez Rua Buarque de Macedo, 45/203 22221 - Rio de Janeiro, RJ	SERPRO
Margarida Cintra Av. General Justo 171 - 3º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Margarida Helena Rosa QNA-06, Lote 16 72000 - Brasília, DF	INAN
*Margarida Maria Carneiro Marques Rua Miguel Couto, 358 24230 - Niterói, RJ	SESC
*Margarida Maria Pacheco de Araújo Rua São Francisco Xavier, 30/503 20550 - Rio de Janeiro, RJ	CAPRE
Margarida Martins Velloso Rua Ministro Godoy, 1103 05015 - São Paulo, SP	SECRETARIA DE TRANS PORTE

*Maria Alice Guimarães Borges SQS-313, Bloco "A" - apto. 206 70382 - Brasília, DF	EMBRATER
Maria Alice Soares Rua Figueiredo Magalhães, 950/707 22031 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
Maria Aliette Peixoto Wanderley Rua Bolivar, 159/802 22061 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Maria Aline Noronha Rua Herculano de Freitas, 307/68 01308 - São Paulo, SP	MF
*Maria Alzemira de Araujo Cunha Rua Tavares de Macedo, 197/1105 24220 - Niterói, RJ	CBEE
*Maria Alzemira Tavares de Oliveira Rua Marechal Floriano, 168 fds. 20080 - Rio de Janeiro, RJ	LIGHT/S.A.
*Maria Angela da Costa Izabel Rua Marechal Deodoro, 295/302 24030 - Niterói, RJ	UFF
*Maria Angela Guaranã Filgueiras Lima Rua Conde de Bonfim, 577/202 20520 - Rio de Janeiro, RJ	MOBRAL
*Maria Angelica Rodrigues Quemel Al. Santos, 581/6/D 01419 - São Paulo, SP	USP
*Maria Antonia Ribas Pinke B. de Mattos Rua Bartira, 429 02651 - São Paulo, SP	PUCR
*Maria Antonieta Figueiredo Bezerra Rua Barão de Studart, 204/201 60000 - Fortaleza, CE	BNB
*Maria Aparecida Esteves Caldas Rua Amintas Barros, 2209 59000 - Natal, RN	UFRN
Maria Aparecida Prederigo Av. General Justo, 171 - 4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Maria Aparecida Trindade Cabral Rua Augusto Nunes, 265/301 20781 - Rio de Janeiro, RJ	RFF S/A

*Maria Auxiliadora de Carvalho Rua Ronald de Carvalho, 166/68 22021 - Rio de Janeiro, RJ	CONDEPE
Maria Beatriz G. Pontes de Carvalho Av. Marechal Câmara 350 - sobreloja 20020 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Maria Bernadete Monjardim Ayres Rua Marechal Câmara, 171 - s/4 20020 - Rio de Janeiro, RJ	INSTITUTO DE PESQUI SAS DO BRASIL
*Maria do Carmo de Almeida Av. Pres. Vargas, 642 - 7º andar 20071 - Rio de Janeiro, RJ	ELETROBRÁS
*Maria do Carmo Fonseca S. Afonso Rua Alberto de Campos, 65/404 22471 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
Maria Carolina Motta Minelli Rua 13 de Maio, 44/8º andar 20031 - Rio de Janeiro, RJ	SECRETARIA DE ESTA- DO DE SAÚDE
*Maria Cecília de G. Froes da Fonseca Rua das Acácias, 157 22451 - Rio de Janeiro, RJ	SERPRO
Maria Celeste José Ribeiro SQS-108, Bloco "D" - apto. 308 70347 - Brasília, DF	FEDF
*Maria Celia Dias Rua Da. Veridiana, 521/96 01238 - São Paulo, SP	E.E. ARNOLFO AZEVEDO
*Maria Celia Maranhão Biscaia Rua Brasilino Moura, 899 80000 - Curitiba, PR	BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Maria Célia da Matta Av. Ary Parreiras, 10/301 24230 - Niterói, RJ	BN
*Maria Christina Girão Pirolla Rua 7 de Setembro, 3655 13560 - São Carlos, SP	EBDSC
*Maria Claudia Ferraz Rua Venezuela, 410 - Sion 30000 - Belo Horizonte, MG	CDI
Maria de Cleofas Faggion Rua Martin Francisco, 420/52 01226 - São Paulo, SP	INSTITUTO DE MATEMÁ TICA

*Maria da Conceição Ruffeli Moreira Bras de Aguiar, 716 66000 - Belém, PA	CEPA/PA
Maria da Conceição Vila Pouca Leones Rua Frco. Xavier da Motta, 120 28800 - Rio Bonito, RJ	
Maria Cristina de Andrade Ribeiro Rua Barão da Torre, 189/302 22411 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
*Maria Cristina Bocater Rua Senador Vergueiro, 200/1413 22230 - Rio de Janeiro, RJ	IRB
*Maria Cristina Silveira da Mota H-19/A, nº 106 12200 - São José dos Campos, SP	ITA
*Maria da Cruz Santos Rua Djalma Ulrich, 217/206 22071 - Rio de Janeiro, RJ	IAA
Maria Dagmar de Lima Av. General Justo 171 - 4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Maria Edith Giusti Serra Rua Carlos Vicari, 124 05033 - São Paulo, SP	
Maria Elisa Magalhães Correia Rua Marquês de Olinda, 10/406 22251 - Rio de Janeiro, RJ	UERJ
*Maria Elisa Teixeira Thevenet Rua Aimorê, 377 93300 - Novo Hamburgo, RS	ESCOLA POLIVALENTE
*Maria Eliza Nogueira Loddo Pça. dos 3 Poderes 70160 - Brasília, DF	SF
*Maria Elizabeth Ferreira de Carvalho Rua Moraes Barros, 609 13400 - Piracicaba, SP	ESCOLA SUPERIOR DE SÃO PAULO
*Maria Elizabeth D'Oliveira Luande Passagem Ramos, 70/301 - Nazaré 66000 - Belém, PA	UFPA
*Maria Elzanira Barros Fonteles Rua Antonio Drumond, 804 60000 - Fortaleza, CE	UNIFOR

*Maria Emília Amaral de Mello e Cunha Rua Barão de Lucena 8 - apto. 4 22260 - Rio de Janeiro, RJ	ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA DO BRASIL
Maria Eunice Anffe Nunes Villar Rua 5 de Julho, 409/202 24220 - Niterói, RJ	MEC
Maria Eunice Rocha Rua José Ortiz, 60/530/A 20721 - Rio de Janeiro, RJ	FGV/IBRE/GIA
*Maria de Fátima Barreto Rua 8, Ed. Pegassus, B/11/202 29000 - Vitória, ES	UFES
Maria de Fátima P. Raposo Ed. Centro de Tecnologia Bloco B, 2º andar - Ilha do Fundão 21910 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
*Maria de Fátima Pereira Rua Sertãozinho, 78 04538 - São Paulo, SP	IPT
*Maria de Fátima Ribeiro dos Santos Rua Joaquim Távora, 68 65000 - São Luis, MA	EAM
*Maria Fernanda B.L.T. Marcelino Rua São Clemente, 134 22260 - Rio de Janeiro, RJ	FCRB
*Maria da Glória Paiva Quast Rua Gen. Bruce, 586 20921 - Rio de Janeiro, RJ	CNPq
*Maria da Glória Tavares Price Rua Jardim Botânico, 622/304-B 22461 - Rio de Janeiro, RJ	DNPM/9º DISTRITO
Maria da Graça Araujo Penna Duarte Rua São Clemente, 120/503 22260 - Rio de Janeiro, RJ	IMPA
*Maria da Graça B. Figueiredo Km. 11 - Rodovia Washington Luis Caixa Postal 1181 25000 - Duque de Caxias, RJ	PETROBRÁS
Maria da Graça Barcellos Rodrigues SQS-408 - Bloco "A" - apto. 103 70257 - Brasília, DF	
Maria da Graça de Sousa Rua Santo Antonio, 60 88100 - São José, SC	TRIBUNAL DE CONTAS

*Maria das Graças Barros Fonteles Rua Antonio Drumond, 804 60000 - Fortaleza, CE	COLÉGIO MARIA GORETTI
*Maria das Graças Beviláqua Comarú Rua 2 de Dezembro, 62/402 22221 - Rio de Janeiro, RJ	SERPRO
*Maria das Graças Bueno Brandão Rua Constante Ramos, 85/701 22051 - Rio de Janeiro, RJ	
Maria das Graças de Freitas Navegantes Rua Joaquim Nabuco, 41 66000 - Belém, PA	BASA
Maria das Graças Freitas Souza Filho Av. Nazaré, 51/1801 66000 - Belém, PA	UFPA
*Maria das Graças Leite Targino Rua Pedro Almeida, 663 64000 - Teresina, PI	UFPI
*Maria das Graças Miranda Ribeiro Rua Pe. Miguelino, 14/102 40000 - Salvador, BA	UFBA
*Maria Helena Gomes de Paiva Av. Franklin Roosevelt, 164 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBGE
*Maria Helena Moris Azevedo Rua Da. Eponina Afonseca, 116 04720 - São Paulo, SP	CONSULTORES GERAIS LTDA.
*Maria Helena Nicoletti Gunieiro Rua Pereira Barreto, 352 13100 - Campinas, SP	UNICAMP
*Maria Helena Paula de Oliveira Rua Da. Antonia de Queiroz, 436/155 01307 - São Paulo, SP	FIEO
Maria Helena Souza Muniz Rua General Polidoro, 99 - 4º andar 22280 - Rio de Janeiro, RJ	TELERJ
Maria Helena Vasconcelos Lirio Pça. Gen. Tiburcio Praia Vermelha 22290 - Rio de Janeiro, RJ	IME
Maria Herbenia de Oliveira Braz Av. General Justo, 171 - 4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT

*Maria Hilda Cunha Schondermark Praça da Bandeira, s/n 88000 - Florianópolis, SC	ASSEMBLÉIA LEGISLA- TIVA
Maria Ibiapina C. Macedo Mattos Trav. Souza Franca 1288 66000 - Belém, PA	IDESP
Maria Ignez Azambuja de Lemos Av. General Justo 171 - 4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Maria Irene Leite QE-4, Cj. "D" - c/205 - Guarã I 71000 - Brasília, DF	MINTER
*Maria Isabel Gomide Ribeiro Ibrahim Rua Fortunato, 208/81 01224 - São Paulo, SP	COSIPA
*Maria Isabel Meneghin Rua Timbiras, 2349 30000 - Belo Horizonte, MG	USIMINAS
*Maria Izabel Pimentel Araújo SQN-416, Bloco "N" - apto. 304 70879 - Brasília, DF	MINTER
*Maria de Jesus Fonseca Rua Tapira, 1300 30000 - Belo Horizonte, MG	UFMG
*Maria José de A. Rios	MAGNESITA
*Maria José Calmon Magalhães de Oliveira Rua Miguel Lemos 56/404 22071 - Rio de Janeiro, RJ	EGN
*Maria José de Souza Macedo Leal Rua Min. Viveiro de Castro, 20/1104 22021 - Rio de Janeiro, RJ	SRRF/7º RF
*Maria José Trisóglia Rua Oscar Rodrigues Alves, 1281 16100 - Araçatuba, SP	
Maria José Veloso da Costa Santos Quinta da Boa Vista 20940 - Rio de Janeiro, RJ	MUSEU NACIONAL
*Maria Leticia de Andrade Lima Rua das Fronteiras, 215 50000 - Recife, PE	UFPE
Maria Lourdes Armstrong de Medeiros Av. General Justo, 171 - 3º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT

*Maria de Lourdes de Arruda Melo Rua Santos Dumont, 99 58000 - João Pessoa, PB	
Maria Lourdes Blatt Rua Frei Caneca, 12 20211 - Rio de Janeiro, RJ	FATMA
*Maria de Lourdes Sanchos Fernandes Rua Alvaro Ribeiro, 86 13100 - Campinas, SP	UNICAMP
Maria de Lourdes Tavares Cidade Universitária 80000 - Curitiba, PR	UFPR
Maria Lúcia de Almeida Ramos Rua Pinheiro da Cunha, 45/202 20530 - Rio de Janeiro, RJ	MRE
Maria Lucia Diniz Nunes SQS-409 - Bloco "M" - apto. 101/D 70258 - Brasília, DF	SENADO FEDERAL
*Maria Lucia Metri Medici Rua Aires Saldanha, 104/702 22060 - Rio de Janeiro, RJ	SERPRO
*Maria Lucia Muller Redi Av. Iguaçú, 1471 80000 - Curitiba, PR	ETF DO PARANÁ
Maria Lucia Poubel Bastos Av. General Justo 171 - 4ª andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Maria Lucia R. Pacheco de Toledo Av. Carlos Botelho, 2247 13560 - São Carlos, SP	
*Maria Lucia dos Santos Guimarães Rua dos Pinheiros, QD. 15 - C/7 65000 - São Luis, MA	
Maria Lucia de Souza Alencar Rua Angelo Neves, 91/103 21920 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
*Maria Lucia Vilar de Lemos UNB. Bloco "A" - apto. 33 70910 - Brasília, DF	SF
Maria Luiza Dias Av. General Justo, 171 - 3ª andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT

*Maria Luiza do Espírito Santo Silva Av. José Bonifácio, 780 13100 - Campinas, SP	UNICAMP
*Maria Luiza Linhares dos Santos Rua Uruguai, 371 20510 - Rio de Janeiro, RJ	PUC/RJ
*Maria Luiza Lourdes Rocha Perota Rua Eugênio Neto, 506/403 29000 - Vitória, ES	UFES
*Maria Luiza de Magalhães Cordeiro Jardim Paulista, Qd. 10 - C/7 69000 - Manaus, AM	UA
Maria Luiza Monteiro da Cunha Caixa Postal 8191 05508 - São Paulo, SP	USP
*Maria Luiza Pereira de Souza Lima Rua da Consolação, 2920/11 01416 - São Paulo, SP	DAEE/SP
*Maria Luzia Reis Camargo SQN-314, Bloco "I" apto. 411 70767 - Brasília, DF	GEIPOT
Maria Marlene de Souza Rodrigues Rua Jitaúna, 52/304 21211 - Rio de Janeiro, RJ	SUAM
*Maria Marta de Moura Reis Av. Pres. Vargas, 642/10º andar 20071 - Rio de Janeiro, RJ	ELETRORBRÁS
Maria de Nazaré Freitas Pereira Av. General Justo 171 - 3º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Maria Nazareth Fassini Praia da Rosa, 2 21920 - Rio de Janeiro, RJ	EMAQ
*Maria Neide da Silva Av. Cinquentenária, 1307/204 45600 - Itabuna, BA	CEPLAC
Maria Neile de Oliveira Bezerra Praça André Albuquerque, 564 59000 - Natal, RN	UFRN
Maria das Neves M. Tavares Cavalcanti Rua Senador Vergueiro, 200/1003 22230 - Rio de Janeiro, RJ	SECRETARIA DE ESTAD- DO DA SAÚDE

*Maria Nina S. de Azevedo Marques Al. Fernão Cardim, 317 - apto. 1 01403 - São Paulo, SP	FEPASA
*Maria Olivia Bandeira Martha Rua Jerônimo Coelho, 30/83 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS
*Maria Olympia Guedes de Souza Pinto Rua Itália, 1557 14800 - Araraquara, SP	
*Maria da Paz Lins Rodrigues Rua Senador João Pedro, 165 65000 - São Luis, MA	IPEI
*Maria do Rocio Teixeira Jung Rua Dr. Voltaire Pires, 375 90000 - Porto Alegre, RS	CIA. UNIÃO DE SEGU- ROS GERAIS
*Maria do Rosario Duarte de Menezes W-3 Sul Qd. 709 Bloco "K" - apto. C/54 70360 - Brasília, DF.	MRE
*Maria do Rosário de Quadros Junqueira Rua Conrado Niemeyer, 23/504 22021 - Rio de Janeiro, RJ	TJ
Maria Salete Carvalho Reis SQS-210, Bloco "G" - Apto. 606 70273 - Brasília, DF	MRE
*Maria Stella Cesar de Oliveira Rua Mq. de Itú, 977/32 01223 - São Paulo, SP	IPT
*Maria Tereza Bezerra de Menezes Fontenele Av. Barão de Studart, 2735 60000 - Fortaleza, CE	CEPA/CE
*Maria Thereza B. Lacerda Rua Augusto Stelfeld, 159 80000 - Curitiba, PR	UFPR
*Maria Thereza Botelho Padim Rua Sarandi, 34 01414 - São Paulo, SP	
Maria Thereza G. Ferreira Albuquerque Rua Voluntários da Pátria, 181/502 22270 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
*Mariangela Macedo Cunha Poni Rua da Candelária, 60 20091 - Rio de Janeiro, RJ	USIMINAS

*Mariangela Pisoni Rua 9 de Julho, 237 13280 - Vinhedo, SP	UNICAMP
*Marie Hirota Rua Marechal Deodoro, 365 12280 - Caçapava, SP	ITA
*Marie Luz Marques	
*Marieta Pestana Novack Al. Lorena, 965/132 01424 - São Paulo, SP	TRIBUNAL DE ALÇADA
*Marilda Batista de Oliveira Praça Pio X, 119/129 andar 20040 - Rio de Janeiro, RJ	PETROBRÁS
*Marileide Dias Lima Rua Castro Alves, 248/405 20771 - Rio de Janeiro, RJ	HOSPITAL SALGADO FILHO
*Marilene Zaruch Dom Alberto Gonçalves, 344 80000 - Curitiba, PR	PREFEITURA MUNICIPAL
*Marilia Alvarenga Rocha Rua Machado, 451 30000 - Belo Horizonte, MG	UFMG
Marilia Amaral Mendes Alves Rua Bambina, 19 22251 - Rio de Janeiro, RJ	PLANTEL
Marília G. Canetti Av. Pres. Vargas 1012 Caixa Postal 2586 20071 - Rio de Janeiro, RJ	TELEBRÁS
Marilia Júnia Almeida Gardini 30000 - Belo Horizonte, MG	UFMG
Marilis Martins de Aguiar Rua Demétrio Ribeiro, 961/41 90000 - Porto Alegre, RS	SUDESUL
*Marilisa Facioli Latuf Rua Campos Sales, 1994 14400 - Franca, SP	
*Marilu Ferreira Av. Dom José Gaspar, 500 30000 - Belo Horizonte, MG	UCMG
Marina dos Santos Almeida Rua Afonso Celso, 143/81 04119 - São Paulo, SP	USP

Mariza de Oliveira Prestes Av. Mal. Floriano, 227/3º andar 24400 - São Gonçalo, RJ	SECRETARIA DE ESTA- DO JUSTIÇA
Marlene Fiche Seabra QI-8/5 - C/6 - Norte Brasília 71500 - Brasília, DF	MJ
Marlene Theodoro dos Santos Rua Salviano Brandão, 117 38400 - Uberlândia, MG	
Marli Pereira Viana Rua 13 de Maio, 691 58000 - João Pessoa, PB	SECRETARIA DE EDUCA- ÇÃO CULTURA
*Marly Borini Rua Internacional, 262 05054 - São Paulo, SP	
Marta Maria Sampaio de Lacerda Rua Miguel Angelo, 96 20781 - Rio de Janeiro, RJ	FENAME
Marta Tried San José, 1092 Montevideo, Uruguai	CINTERFOR
Marysia Malheiros Fiuza 30000 - Belo Horizonte, MG	UFMG
*Matiê Nogi SQS-402, Bloco "F" - apto. 212 70236 - Brasília, DF	MME
*Maurila Bentes de Mello e Silva Av. Gen. Deodoro, 993 66000 - Belém, PA	MPEG
Mercia Maria Teles de Castro Av. General Justo 171 - 4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Milton A. Nocetti Av. H. Valadares, 35/206 20231 - Rio de Janeiro, RJ	EMBRAPA
*Miraci de Arruda Câmara Pontual SQS-409, Bloco "A" apto. 104 70258 - Brasília, DF	EMBRAPA
Miralda Helena Lemos	
Miriam Cunha de Aquino Rua Antonio Rangel, 99 50000 - Recife, PE	BANORTE

- *Miriam Dalva Lima Martins
SQS-312, Bloco "H" - apto. 205
70365 - Brasília, DF

EMBRAPA

- Miriam da Fonseca Menezes
Rua Voluntários da Pátria, 231/201
22270 - Rio de Janeiro, RJ

INPM

- *Miriam Rushansky Falcão
Rua Francisco da Cunha, 936/201
50000 - Recife, PE

CHESF

- *Miriam Sirangelo do Valle
Av. Protásio Alves, 2761
90000 - Porto Alegre, RS

UFRGS

- *Moema Cruz Perrone
Rua Senador Vergueiro, 103 apto. Cob.
22230 - Rio de Janeiro, RJ

INT

- *Mônica Cardoso Pittella
Rua Montes Claros, 1540
30000 - Belo Horizonte, MG

UFMG

- Murilo Severino
Av. General Justo, 171 - 4º andar
20021 - Rio de Janeiro, RJ

IBICT

- Myriam Ayres Domingues
Av. Beira Mar s/n
Anexo ao MAM
20021 - Rio de Janeiro, RJ

IBMEC

- Myrtila Cavalcanti Pereira da Silva
Rua Mariz e Barros, 252/602
24220 - Niterói, RJ

UFF

- *Nadia Azevedo Carvalho
Av. Contorno, 7041/101
30000 - Belo Horizonte, MG

USIMINAS

- Nadir Regina Titton
Rua Belfort Roxo, 394/1102
22020 - Rio de Janeiro, RJ

EMBRATUR

- Nanci da Nóbrega Soares
Biblioteca
Quinta da Boa Vista
20940 - Rio de Janeiro, RJ

MUSEU NACIONAL

- Neide Alves de Paiva
Av. Pedro II, 400
20941 - Rio de Janeiro, RJ

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

- Neide Galdino da Silva Jauveja
Av. W-3N - Qd. 514 Bloco "B" Lote 1
70760 - Brasília, DF

CFP

*Nelma Cavalcanti Bonifácio SQS-108, Bloco "B" - apto. 406 70347 - Brasília, DF	MC
Nely Murad Av. Copacabana 1246/301 22070 - Rio de Janeiro, RJ	SEPLAN
*Nereida Salazar Bergo de Lacerda Av. Pres. Vargas, 1261 20071 - Rio de Janeiro, RJ	BIBLIOTECA ESTADUAL RIO DE JANEIRO
Neusa do Nascimento Kuhn Av. Henrique Dumont, 25/301 22410 - Rio de Janeiro, RJ	IPAM/MEC
Neuze Martins Franca Av. Itaóca, 838 21061 - Rio de Janeiro, RJ	SUAM
*Neyde dos Santos Soto Rua do Rosário 157/2º andar 20041 - Rio de Janeiro, RJ	INPS
*Nilcéa Piedade Braga Rua Egydio Martins, 7 - apto. 3 11100 - Santos SP	
*Nilma Helena França Rua Jesuino de Arruda, 2444 13560 - São Carlos, SP	FACULDADE DE BIBLIO TECONOMIA SÃO CARLÓS
Nilton Ferreira de Mello 50000 - Recife, PE	
Nilza Lopes de Souza Rua 41/C - nº 361/309 27180 - Volta Redonda, RJ	CSN
Nitzia Gicela Barrantes Serrano Rua Alnte. Tamandaré, 41/409 22210 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Nivalda Helena Lemos de Santana Av. Chile 20031 - Rio de Janeiro, RJ	PETROBRÁS
Nomeia Lentino	IBICT/CDU
*Noemisia Maria de Machado Rego Av. Chile 20031 - Rio de Janeiro, RJ	PETROBRÁS
Nolka Nascimento de Freitas Rua Washington Luis, 13 20230 - Rio de Janeiro, RJ	FEFIERJ

*Noreth Calmon Ribeiro Av. Chile 20031 - Rio de Janeiro, RJ	PETROBRÁS
*Nylma Thereza de Salles Velloso Amarantes Rua Siqueira Campos, 239/602 22031 - Rio de Janeiro, RJ	MF
*Nysia Oliveira de Sã Rua Visconde de Abaeté, 109/104 20551 - Rio de Janeiro, RJ	UERJ
*Odete Corrêa de Azevedo Coutinho Rua Gen. Severiano, 90 22290 - Rio de Janeiro, RJ	CNEN
*Ondina Maio da Silva Av. Augusto Severo, 244/401 20021 - Rio de Janeiro, RJ	MJ
Orlando Almeida Rua Washington Luis, 13 20230 - Rio de Janeiro, RJ	INPS
*Osvaldo Santos Feliciano Rua Isabel Dias, 175 - c/14 03119 - São Paulo, SP	INSTITUTO BOTÂNICO
Otavio Machado Godinho Rua Carlos Simões, 11/a 25600 - Petrópolis, RJ	SILGAR
*Paulo Cesar Bastos SQS-115, Bloco "D" - apto. 401 70385 - Brasília, DF	STM
*Pedro José Ferreira da Silva Rua Mauã, 5 20240 - Rio de Janeiro, RJ	BB
Philippe D'Amian Av. General Justo 171 - 4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
Rachel Motta Pires Rua Teixeira de Melo, 47/701 22410 - Rio de Janeiro, RJ	IMPA
Rahile Escalera (Acad.) Rua Manoel Jacinto, 813 05624 - São Paulo, SP	IPT
*Raimunda Augusta de Queiroz Av. Vitória, 3044/101 29000 - Vitória, ES	

Raimunda Dourado Av. General Justo 171 - Térreo 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Regina de Barros Cianconi Rua Teófilo Rodrigues, 22/304 24210 - Niterói, RJ	SERPRO
*Regina Celia Montenegro de Lima Praia das Palmeiras, 342 88000 - Florianópolis, SC	UFSC e UDESC
*Regina Célia de Oliveira Rua Mons. Rosa, 1837/83 14400 - Franca, SP	
Regina Celia Pereira da Rosa Rua Carlos Maximiano, 239 24120 - Niterói, RJ	UFF
*Regina Dick Rua Herotides de Oliveira, 81/301 24230 - Niterói, RJ	MPAS
Regina Lúcia Najan Fontes Rua Barão de Mesquita, 26/503 20540 - Rio de Janeiro, RJ	MOBRAL
Regina Marcia Castro Av. General Justo 171 - 4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Regina Maria Gaio Batista Rua João Lira, 135/302 22430 - Rio de Janeiro, RJ	MEC/PREMEN
*Regina Maria de São Neves Monteiro Av. Pres. Vargas, 1261 20071 - Rio de Janeiro, RJ	APBRJ
Regina Maria Seabra Bronstein Rua Sta. Clara, 368/301 22041 - Rio de Janeiro, RJ	DATAPREV
Regina Maria Soares de Oliveira Av. General Justo 171 - 4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Regina Ruth Pinto Mota Rua Alcindo Cacela, 1490 C/147 66000 - Belém, PA	UFPA
*Renate Vera Harff Sindermann Rua Da. Sebastiana, 471/301/D 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS

Rita de Cássia Pereira Monteiro de Castro Av. General Justo 171 - 4º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Roberto Benedito de Oliveira Av. 9 de Julho 481 - apto. 27 01050 - São Paulo, SP	COPEME
Roberto Garcia Goudinho Rua Gonçalves Dias, 670 25600 - Petrópolis, RJ	SILGAR
*Roberto José Nogueira Rua Dias da Rocha 44/102 22051 - Rio de Janeiro, RJ	CNEN
Rosa Inês de Novais Cordeiro Rua José Higino, 225/301 20520 - Rio de Janeiro, RJ	ICRJ
*Rosa Maria de Oliveira Varella Rua Alnte. Guilhem, 401/103 22440 - Rio de Janeiro, RJ	SERPRO
Rosa Maria Villares de Souza Rua Luiz Coelho, 53/11/D 01309 - São Paulo, SP	
*Rosa Tereza Camargo Rua Cons. Ramalho, 82/31 01325 - São Paulo, SP	EAESP
*Rcsali Pacheco Fernandez Rua Citiso, 118 20261 - Rio de Janeiro, RJ	CLAF
Rosalice Dadú Gouveia Av. General Justo 171 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBICT
*Rosane Simas SQS-102, Bloco "I" - apto. 503 70330 - Brasília, DF	BB
*Roseana do Carmo Silva Ferreira Rua do Outeiro, 630 65000 - São Luis, MA	DEPE/SAGRIMA
*Rosemary Rheinheimer Pelhs Rua Nóbrega, 474 90000	CEEE
*Rosemary Salgado Av. Chile 20031 - Rio de Janeiro, RJ	PETROBRÁS

*Rosi Slaviero Porath Av. Rep. Argentina, 4032 80000 - Curitiba, PR	ACARPA
Rosina Alice Pruetez Pazin Caixa Postal 1331 80000 - Curitiba, PR	UFPR
*Sandra Bordallo Robilotta Rua Serzedelo Corrêa, 594/1003 66000 - Belém, PA	
*Sandra Maria Almeida Moraes Rua Voluntários da Pátria, 416/802 22270 - Rio de Janeiro, RJ	UERJ
Sandra Maria Silva Lima Av. Graça Aranha, 26 20030 - Rio de Janeiro, RJ	CVRD
*Satie Sakai Rua Cel. Rennó 7 37500 - Itajubá, MG	ESCOLA FEDERAL DE ENGENHARIA
*Satiko Morita Rua Riachuelo, 115/5º andar 01007 - São Paulo, SP	DEPARTAMENTO ENERGIA ELÉTRICA
*Sebastião de Souza SQN-402 - Bloco "K" apto. 205 70834 - Brasília, DF	SUDECO
Selma Elias Dias Rua Martinho Gomes, 21 29000 - Vitória, ES	CESAN
*Selma Terezinha Chi Barreira Soares Rua General Severiano, 90 22290 - Rio de Janeiro, RJ	CNEN
*Sheila Gomes Rua General Polidoro, 99 - 3º andar Caixa Postal 450 22280 - Rio de Janeiro, RJ	TELERJ
Silvana Lúcia R.S. de Matos Caixa Postal 1639 Cidade Universitária 20000 - Rio de Janeiro, RJ	ELETRORÁS
*Silvia Bech De-Gan Av. Mariland, 298/302 90000 - Porto Alegre, RS	
*Silvia H.S. Leme Rua Raul Pompéia, 14/203 22080 - Rio de Janeiro, RJ	

*Silvia Regina de Oliveira e Silva Rua Cons. Lafayette, 104/302 22081 - Rio de Janeiro, RJ	OAB
*Silvio Leopoldo Lima Costa Av. Magalhães Barata, s/n 68370 - Altamira, PA	EMBRAPA
*Sinêzia Cecília Côrtes de Araújo Rua. Barão de São Boya, 321/302 50000 - Recife, PE	ETF/PE
*Sofia Aparecida Gomes da Cruz Rua Piauí, 923 30000 - Belo Horizonte, MG	ACESITA
Solange Fernandes Martinez Av. Graça Aranha, 26 20030 - Rio de Janeiro, RJ	CVRD
*Solange Maria Calissi Av. Amador B. da Veiga, 103 - apto. 11 03653 - São Paulo, SP	TELESP S/A
*Solange Meira Justa de Sá Leitão Rua Rio Grande do Sul, 1545 58000 - João Pessoa, PB	BIBLIOTECA PÚBLICA PARAÍBA
*Solange Oliveira Albuquerque Rua Conde Pereira Marinho, 42 40000 - Salvador, BA	UFBA
*Sonia de Campos Mello Rua Barata Ribeiro, 407/1003 22040 - Rio de Janeiro, RJ	DEMA
*Sonia Maria dos Santos Carneiro Rua Desemb. Lima Castro, 341 24120 - Niterói, RJ	CCN
*Sonia Regina Allevato Rua Prof. Gastão Bahiana, 127/402 22071 - Rio de Janeiro, RJ	RADAMBRASIL
Sonia Regina Carreirão Praça Gen. Osório, 31 88000 - Florianópolis, SC	UDESC
*Suzana Ramos Borges Av. W.3 N. Qd. 514 - Bloco "B" Lote 7 70760 - Brasília, DF	CFP
*Suzette Levy Rua Prof. Duplan, 25/63 90000 - Porto Alegre, RS	AÇOS FINOS PIRATINI S/A

*Suzy de Souza Queiroz Rua Campanha, 58 30000 - Belo Horizonte, MG	CEDEPLAR/UFMG
*Sylvia Maria Gurgel Nogueira da Franca Av. Copacabana, 756/401 22060 - Rio de Janeiro, RJ	SNA
*Sylvia Maria Rabay Najjar Av. Euclides da Cunha, 23/606 40000 - Salvador, BA	UFBA
*Tania Mara Botelho Rua Teixeira de Freitas, 31 - 9º andar 20021 - Rio de Janeiro, RJ	SERPRO
Tânia Jannuzzi Magdalena Rua do Riachuelo, 239/1004 20230 - Rio de Janeiro, RJ	MOBRAL
*Tânia Regina Cabral Amorim Rua Pe. Dias Martins, 223 50000 - Recife, PE	UCP
Telma Leal Vieira Rua Graciano Neves, 231/302 29000 - Vitória, ES	IDEIES
*Teresa Carvalho Silva Av. Almte. Tamandaré, 487 30000 - Belo Horizonte, MG	UCMG
*Teresa de Jesus Sousa Couto Rua Tavares de Macedo, 20/1103 24220 - Niterói, RJ	IBS
Teresa Ione Souza Filho Moura Rua Boaventura da Silva, 996 66000 - Belém, PA	IDESP
*Tereza de Jesus de Castro Lobato Praça Brasil, 20 66000 - Belém, PA	UFPA
*Thelma Maria Figueiredo Albuquerque Praia de Botafogo, 96/404 22250 - Rio de Janeiro, RJ	PUC/RJ
Themis Ferreira Gomes Av. Wenceslau Braz, 11 22290 - Rio de Janeiro, RJ	CNPq
*Thereza João Werle Al. dos Arapanês, 390/63 04524 - São Paulo, SP	OSEC

*Toba Bajla Orensztajn Rua Toneleros, 89/1004 22030 - Rio de Janeiro, RJ	INT
Ulf Gregor Baranow Universidade de Brasília 70910 - Brasília, DF	UNB
Valci Augus Tinho Av. Gov. Ivo Silveira, s/n 88000 - Florianópolis, SC	SEE
*Valcyr Breder Av. Paulo de Frontin, 251/402 20260 - Rio de Janeiro, RJ	DATAMEC S/A
Valeria Rosito Ferreira Rua Saint Hilaire, 305 21050 - Rio de Janeiro, RJ	CNI
Valnia Pombo Conceição Rua Pereira da Silva, 307 24220 - Niterói, RJ.	UFF
*Vania Lando de Carvalho Rua Maria Monteiro, 1100 13100 - Campinas, SP	UNICAMP/PUC
Vânia Lúcia de Rezende França Rua México, 119 - 12º andar 20031 - Rio de Janeiro, RJ	FUNDAÇÃO MUDES
*Vania Maria de Almeida Rabello Rua Manoel Leitão, 16/101 20260 - Rio de Janeiro, RJ	TECNOSOLO S/A
Vania Regina Peres Drumond Av. Augusto de Lima, 609/1201 30000 - Belo Horizonte, MG	
*Vânia Ribeiro Praia do Flamengo, 322 - 4º andar 22210 - Rio de Janeiro, RJ	UCA/OER
*Vera Lúcia da Costa Mouren Rua Julio de Castilhos, 89/101 22081 - Rio de Janeiro, RJ	UFRJ
Vera Lucia da Cunha Brito Rua Rafael Bandeira, 47/203 88000 - Florianópolis, SC	ESAG
*Vera Lucia Paracampos Pataco Av. Beira Mar, s/nº Anexo ao MAM 20021 - Rio de Janeiro, RJ	IBREC

*Vera Lucia Soares de Oliveira Cidade Universitária Ilha do Fundão 20000 - Rio de Janeiro, RJ	
Vera Lucia T.N. Magalhães Rua Peixoto Gomide, 51/33 01409 - São Paulo, SP	CPFL
Vera Maria Brandão Av. Sto. Amaro 4000 - passagem Ic/116 04556 - São Paulo, SP	MF
*Vera Maria Holler Rua General Teles, 1219 14400 - Franca, SP	
Vera Maria Leite de Castro Martin Praça Santos Dumont 6/601 22470 - Rio de Janeiro, RJ	NUCLEBRAS
*Vera Maria Moniz de Aragão Rua Prof. Gabizo, 20/202 20271 - Rio de Janeiro, RJ	RFFS/A
*Vera Maria Silva de Carvalho Rua Barão da Torre, 82/107 22411 - Rio de Janeiro, RJ	INSTITUTO BENNETT DE ENSINO
*Vera Regina Candido Willig Av. Independência, 190/1004 90000 - Porto Alegre, RS	SESI
Victor Rozenberg California, USA	
Vilma Andrade de Lemos Cordeiro	UFRJ
*Vilma Moreira dos Santos Av. Cristovão Colombo, 157/302 30000 - Belo Horizonte, MG	COBRAPI
*Virginia de Castro Rodrigues Caixa Postal 4067 80000 - Curitiba, PR	UFPR
*Virginia Guimarães Bahia Rua Rio de Janeiro, 1848 30000 - Belo Horizonte, MG	BD/MC
Waldir Camillo de Mattos Biblioteca SQN-105, Bloco "J" - apto. 607 70734 - Brasília, DF	CEDOP

*Wanda Coelho e Silva Rua Visconde de Abaeté, 109/104 Bloco II 20551 - Rio de Janeiro, RJ	UERJ
*Wanda Lucia Schmidt e Sousa Al. Barros, 101/401 01232 - São Paulo, SP	SENAI
*Wanda Maria Maia da Rocha Paranhos Rua São Luiz, 927 80000 - Curitiba, PR	UFPR
*Wilma Neiva Luna Rua Manoel Barreto, 82/01 40000 - Salvador, BA	PROCURADORIA GERAL JUSTIÇA
Xavier Placer Rua Cel. Moreira Cesar, 38/704 24230 - Niterói, RJ	FEFIERJ
*Yacy Damiani Pinto Rua Vitor Hugo, 296 90000 - Porto Alegre, RS	UFRGS
*Yara Soeli Bassani Veiga Rua Fco. Alves Guimarães, 525 80000 - Curitiba, PR	SANEPAR
*Yaramara de Castro Araújo Rua Dodolfo Dantas, 16/904 22020 - Rio de Janeiro, RJ	TJ
*Yeda Maria Santalucia Maximino Rua Caraçã, 67 05447 - São Paulo, SP	FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
*Yeda de Moraes Carneiro	
*Ynah Bittencourt Rua 9 de Julho, 1168 14800 - Araraquara, SP	
Yone Chastinet 70000 - Brasília, DF	
*Yoriko Morita Rua Alfredo Marcondes Cabral, 500 05625 - São Paulo, SP	AMB
*Yoshiko Yamazato Rua Dr. Rodrigues de Azevedo, 158 12600 - Lorena, SP	
Yukio Nakamura Sasaki Bldg. 5-7, Koisikawa 2 Bunkyo-Ku Tokyo - Japão	FID/CCC